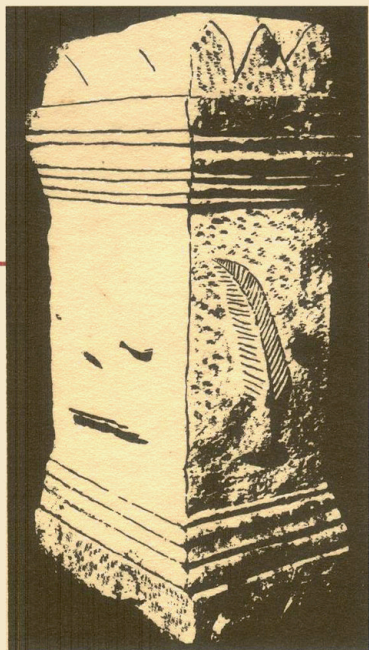


DIVINDADES INDIGENAS SOB O DOMINIO ROMANO EM PORTUGAL



JOSÉ D'ENCARNAÇÃO

2ª EDIÇÃO

COIMBRA • 2015

DIVINDADES



INDÍGENAS

FICHA TÉCNICA

TÍTULO

DIVINDADES INDÍGENAS SOB O DOMÍNIO ROMANO EM PORTUGAL
SUBSÍDIOS PARA O SEU ESTUDO

AUTOR

JOSÉ D'ENCARNAÇÃO

1ª EDIÇÃO

IMPRENSA NACIONAL - CASA DA MOEDA, LISBOA 1975

2ª EDIÇÃO

(REVISTA E AUMENTADA)

FACULDADE DE LETRAS | INSTITUTO DE ARQUEOLOGIA
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA, ESTUDOS EUROPEUS, ARQUEOLOGIA E ARTES
SECÇÃO DE ARQUEOLOGIA

SUPORTE: ELECTÓNICO (E-BOOK) | FORMATO: PDF

ISBN

978-972-9004-29-2

COIMBRA 2015

UNIVERSIDADE DE COIMBRA
FACULDADE DE LETRAS

DIVINDADES
INDIGENAS
SOB O DOMINIO
ROMANO
EM
PORTUGAL

SUBSÍDIOS PARA O SEU ESTUDO

JOSÉ D'ENCARNAÇÃO



INSTITUTO DE ARQUEOLOGIA
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA, ESTUDOS EUROPEUS, ARQUEOLOGIA E ARTES
SECÇÃO DE ARQUEOLOGIA

2015

A minha mulher

PREFÁCIO

A filosofia das religiões somente no século XVIII, a partir de Kant, começou a despertar interesse muito particular no mundo culto. A influência atribuída pelo filósofo germânico aos estudos sobre a religião ligada à vida espiritual humana bastaria para justificar a expansão que as suas ideias tiveram neste pormenor. Abrindo-a, assim, à discussão, outro filósofo, Schleimeier, alargou o campo de investigação de Kant quando considerou, na essência, que cada homem representa a humanidade de um modo muito particular. Finalmente, Hegel, na segunda metade do século XIX, ao tratar a sua filosofia da história, provocou o aparecimento da jovem ciência das religiões quando afirmou «desenvolver-se a religião a par e passo com a história da humanidade»: pois existe inteira concordância entre a ideia religiosa e os fenómenos por ela traduzidos. A história da civilização passou, assim, a lançar mão de mais um valioso auxílio.

As achegas que a sua ajuda pode dar são variadíssimas. Os teónimos, por exemplo, são fonte ines-

gotável para os filólogos; com eles, podem ser estabelecidas relações entre divindades com atributos afins ou idênticos, sejam elas veneradas em regiões distantes ou próximas. Essas divindades, mesmo designadas por palavras aparentemente diferentes, permitirão, talvez, revelar estreitas afinidades. A linguística, a mitologia, a etnografia, a geografia, etc., muito têm lucrado com os conhecimentos fornecidos pelo estudo das religiões. A arqueologia e a epigrafia, por sua vez, têm-na largamente auxiliado.

O grande filólogo e arqueólogo que foi Leite de Vasconcelos compreendeu imediatamente o interesse da nova ciência e lançou-se, com afinco, ao seu estudo. Aproveitou a passagem do «Quarto Centenário do Descobrimento do Caminho Marítimo da Índia pelos Portugueses» para levar ao congresso a realizar pela Sociedade de Geografia de Lisboa, e que seria consagrado a comemorar o feito de Vasco da Gama, uma «humilde» contribuição literária; assim classificou o Mestre aquele dos seus trabalhos, que viria a ser, depois de ampliado, uma das suas obras mais notáveis! Escrevera-o (transcreveremos algumas frases incluídas na introdução à obra definitiva sobre o assunto «numa hora de profundo abatimento do Povo Português», que ainda sofria a tragédia provocada pelo ultimato da velha aliada), «como estímulo para não deixar abismar-se completamente o que ainda resta dos sentimentos puros na alma nacional». Acrescia, ainda, ser o assunto a

tratar na obra «uma das matérias mais obscuras e mais desconhecidas da nossa antiga história».

O texto da primitiva comunicação ao congresso referido viria a aparecer desenvolvido em três volumes, sob o título: *Religiões da Lusitânia, na Parte Que Principalmente Se Refere a Portugal*. O 1.º volume saiu do prelo da Imprensa Nacional em 1897; era Leite de Vasconcelos professor na Biblioteca Nacional de Lisboa e director do Museu Etnológico Português, criado a instâncias suas. O grande sucesso que a obra obteve no País não foi menor nos meios cultos internacionais e animou o autor, bem como a editora, a publicarem o 2.º volume em 1905. O 3.º e último volume apareceu em 1913; já então o seu autor era professor da recém-criada Faculdade de Letras de Lisboa, continuadora do Curso Superior de Letras.

Como demonstração do bom acolhimento da obra basta consultar qualquer trabalho sobre o assunto, seja ele nacional ou estrangeiro: as *Religiões da Lusitânia* são citadas ainda hoje, invariavelmente, como compete aos respectivos autores.

Os tempos passam, algumas ideias amarelecem, surgem coisas novas, pois já lá vão passados quase oitenta anos sobre o aparecimento do 1.º volume. Muito se tem escrito entre nós de então para cá sobre divindades indígenas, pré-romanas e romanas, recolhidas em território português. Praticamente, esses escritos são notícias mais ou menos desenvol-

vidas sobre um novo teónimo (é raro o ano em que não aparecem vários), tentativas de interpretação do nome, atributos, indicação da área ou áreas onde surgiu, etc. Torna-se assim necessário que alguém, suficientemente informado, se abalance a ir mais longe, isto é, a actualizar a obra monumental de Leite de Vasconcelos.

Para início desse trabalho aparece este volume, da autoria do meu caro colega e antigo aluno na Faculdade de Letras, o Dr. José d'Encarnação; trata-se de uma obra séria e erudita, onde o escritor, com espírito metódico e conhecedor do assunto, por a ele de há muito se ter dedicado, conseguiu reunir tudo quanto actualmente existe e apareceu depois das *Religiões da Lusitânia*.

A base deste volume é a tese de licenciatura do autor; fui seu arguente na prova prestada e propus-lhe, imediatamente, preparar o trabalho para publicação, dado o seu interesse e boa elaboração do texto.

Revisto, anotado e alargado convenientemente pelo autor, o que lhe levou mais alguns anos de estudo, o público acolhê-lo-á com o interesse que a obra realmente encerra, por ser mais uma contribuição válida para o conhecimento da nossa história. Citando mais uma vez o Mestre inegável nestes assuntos, direi com ele: «ninguém duvida que no viver de um povo um dos elementos mais importantes é a religião». E, portanto, conhecendo-se melhor a religião do povo lusitano, o seu vasto

panteão, melhor e mais correctamente poderá ser elaborada a sua história.

O estudo do Dr. José d'Encarnação sobre «Divindades Indígenas» é um trabalho para muito louvar não só o autor, mas também a Imprensa Nacional, sua editora, que assim continua a bem servir a cultura portuguesa.

Lisboa, Janeiro de 1974.

D. Fernando de Almeida.

NOTA PRÉVIA

A redescoberta da ara dedicada a Aracus Aranius Niceus, por nós identificada, sugeriu-nos o tema deste trabalho: as divindades indígenas em território português.

Pouco a pouco o entusiasmo foi-se avolumando, à medida que novos elementos se nos apresentavam, dispersos aqui e ali. Bastas sendas calcorreámos para concluirmos afinal, muitas vezes, que novidades as não havia. Este, parece-nos, o primeiro fruto da nossa modesta pesquisa: distinguir o novo do velho, o inovador da pura transcrição. Muita bibliografia se poderá, por vezes, apontar para determinada divindade ou inscrição e, se nos detivermos numa ligeira análise, de pronto nos saltará à vista a mera repetição sem interesse. A nossa primeira finalidade foi, portanto, evitar perdas de tempo aos investigadores destes assuntos, apresentando uma bibliografia — tanto quanto possível completa — acrescida de pequena nota realçando o seu valor.

Outro objectivo nos propusemos também: destrinçar o hipotético do que é menos, no que respeita aos nomes das divindades e seus atributos.

Não era tarefa complicada em demasia. Tínhamos apenas a superar as dificuldades usuais: museus em vias de organização; correspondentes atarefados; citações bibliográficas inexactas; perda ou demasiada deterioração das lápides; carência de elementos de estudo.

Há, no entanto, muito de positivo a contrabalançar — largamente — esses aspectos menos interessantes. E seja-nos permitido recordar aqui o apoio solícito que recebemos.

Em primeiro lugar, ao Sr. Prof. D. Fernando de Almeida, nosso Mestre, a quem a arqueologia romana em Portugal tanto deve, queremos agradecer os seus conselhos e sugestões. É um bem-haja que envolve igualmente todos os professores da Faculdade de Letras de Lisboa que, de uma forma ou de outra, nos possibilitaram o estudo empreendido.

À Fundação Calouste Gulbenkian o nosso muito obrigado pelo subsídio que se dignou conceder-nos para a sua elaboração.

Salientamos também, com grande reconhecimento, o auxílio dispensado pelos Srs. Prof. António Tovar, D. Domingos de Pinho Brandão, Dr. J. A. Pinto Ferreira, Coronel Mário Cardozo, António Victor Guerra, Dr.ª Adília Alarcão, Dr. Jorge Alarcão, Dr. José Rodrigues, Arquitecto Rogério Azevedo, Dr.ª Maria Lourdes Albertos, presidentes de vários municípios do País, e outros a que aludimos ao longo desta dissertação.

Após termos dado por findo este primeiro esboço de uma tarefa longa que, segundo esperamos, será progressivamente levada a termo — tão rica de perspectivas e aliciantes ela é —, uma convicção profunda se quedou em nosso espírito: estreitando cada vez mais os laços entre os investigadores peninsulares, maiores serão as possibilidades de êxito, nomeadamente no campo da epigrafia.

INTRODUÇÃO

Propomo-nos estudar em que ponto se encontra a *problemática relativa ao nome e atributos das divindades indígenas, de cujo culto foram encontrados vestígios epigráficos no território actualmente português*.

As inscrições votivas possuem características ímpares no seu formulário, onde normalmente se inclui o nome da divindade a quem o *voto* (pois que de *voto* se trata normalmente) foi dedicado. É justamente sobre essa palavra que incidirá fundamentalmente a nossa investigação, aludindo a outros aspectos (nome do dedicante, fórmula votiva, leitura da epígrafe em geral, descrição do monumento) apenas quando eles não estiverem suficientemente claros na bibliografia consultada.

Indígenas é, ainda, uma designação, por assim dizer, convencional, que serve para indicar que uma divindade tem culto local, uma vez que só há vestígios dele em determinado ponto, onde a epígrafe se encontrou. A quantidade de «divindades» já detectadas milita igualmente a favor desta asserção. Mas — importa frisá-lo — não dispõe ainda a ciência de suficientes garantias para afirmar peremptoriamente a inexistência do culto à mesma divindade noutras zonas do Globo, talvez com outro nome, talvez até com o mesmo. A não ser que se considere localismo a simples diferença de nome.

A falta de vestígios não pode ser tida em conta; no nosso meio, vemos aumentar de ano para ano o número dos deuses, e, por isso, nem nos é lícito considerar completa a nossa resenha, na medida em que, entretanto, podem ter sido publicadas outras inscrições cujas referências não conseguimos encontrar, outras estarão até a ser estudadas agora. De resto, somos forçados a admitir que são limitados os nossos conhecimentos acerca das novas divindades que certamente também irão aparecendo na França, na Alemanha, na Inglaterra, por todo o Velho Mundo, em suma.

Pela nossa parte, consideramos *indígenas* as divindades cujos nomes possuam qualquer característica passível de ser julgada tipicamente regional. Daí que, por exemplo, tratemos de *Jupiter Assaecus*, de *Hermes Devorix*, por via dos seus epítetos, e que excluamos *Auga*, porque há uma divindade grega com este nome¹.

* * *

A dissertação obedece ao seguinte plano: depois do quadro das abreviaturas, apresentamos duas listas bibliográficas que mutuamente se completam: uma, por autores, acrescida de brevíssima anotação do interesse que a obra reveste para o nosso tema; outra, de publicações periódicas e obras de conjunto, onde se referem os artigos assinalados na primeira. Pareceu-nos que, desta sorte, ganhávamos muito em clareza e exactidão. Também com esse objectivo incluímos, sempre que possível, a cota da obra na Biblioteca Nacional de Lisboa (BNL).

¹ Posteriormente, versámos com mais pormenor este problema na comunicação «O conceito de divindade indígena sob o domínio romano na Península Ibérica», apresentada ao II Congresso Nacional de Arqueologia (*Actas*, II, 347).

Em seguida, entramos directamente no assunto: o «dicionário» das divindades, onde cada divindade constitui, por assim dizer, um «capítulo» à parte. Faz-se, por ordem cronológica, a transcrição das *inovações* trazidas por cada autor em relação aos precedentes. Deixamos, pois, de lado referências que reputamos sem interesse. Tal transcrição relaciona-se sempre com uma ou outra das listas: depois da data, indica-se o *apelido* do autor, seguido da primeira palavra do nome da obra (caso se trate de um livro, opúsculo, separata) ou seguido de *in* e a abreviatura da publicação periódica (no caso de ser um artigo). Exemplificando:

1.º caso (referência à lista por autores):

1744 — ARGOTE, *Memórias*, III, p. VIII.

2.º caso (referência à 2.ª lista):

1961 — MICHELENA, in *Zeph.*, XII, p. 200.

À primeira vista, este critério afigurou-se-nos pouco prático; mas depressa mudámos de opinião quando verificámos a quantidade de artigos que tínhamos de compulsar, muitos dos quais com designações idênticas — o que poderia induzir em erro.

Quando necessário, fazemos um pequeno comentário particular a certas opiniões dos autores; contudo, geralmente, deixaremos as observações para o fim de todas as referências a uma divindade.

A «Conclusão final» traz algumas reflexões sobre o tema (os resultados obtidos, problemas e perspectivas da futura investigação histórica e linguística) que achámos bem só focar no fim, porquanto só então, após se ter apreciado a panorâmica geral, se apreenderão melhor.

Vêm depois os apêndices: a distribuição geográfica das aras (por concelhos e freguesias, e no mapa), o local actual do monumentos, a lista dos antropónimos e o guia fotográfico.

Pretendemos ser objectivos, claros e práticos, debruçando-nos sobre um aspecto que reputamos básico para ulteriores estudos sobre as divindades indígenas sob o domínio romano em Portugal — o da análise directa e pensada dos vestígios concretos. As considerações linguísticas, os estudos hierológicos e de religiosidade dos povos pré-romanos do nosso País, a análise do significado social das divindades — só a partir desta base (que tentámos lançar o melhor possível) se poderão fazer ¹.

¹ O volume que ora se publica difere nalguns pormenores da nossa tese de licenciatura apresentada em Dezembro de 1969: foi acrescentada posterior bibliografia (de que tivemos conhecimento) e suprimiram-se referências a autores cujo testemunho e opinião pouco adiantavam. Tiveram-se em conta as observações feitas pelos investigadores amigos, nomeadamente os Srs. Profs. Fernando de Almeida, António Tovar e Maria Lourdes Albertos.

QUADRO DAS ABREVIATURAS BIBLIOGRÁFICAS (1)

<i>ACFABA</i>	<i>Anuário del Cuerpo Facultativo de Archiveros, Bibliotecarios y Arqueólogos.</i>
<i>ADA</i>	<i>Arquivo do Distrito de Aveiro.</i>
<i>AEArq.</i>	<i>Archivo Español de Arqueología.</i>
<i>AIVP</i>	<i>Anais do Instituto do Vinho do Porto.</i>
<i>AP</i>	<i>O Archeologo Português.</i>
<i>Arqu.</i>	<i>Arquivos do Seminário de Estudos Galegos.</i>
<i>BA</i>	<i>Beira Alta.</i>
<i>BAA</i>	<i>Boletim de Architectura e de Archeologia.</i>
<i>BAACAP</i>	<i>Boletim da Associação dos Architectos Civis e Archeologos Portuguezes.</i>
<i>BAAP</i>	<i>Boletim da Associação dos Archeologos Portuguezes.</i>
<i>BAFN</i>	<i>Boletim da Associação de Filosofia Natural.</i>
<i>BC</i>	<i>Boletim Cultural (C. M. do Porto).</i>
<i>BEP</i>	<i>Bulletin des Études Portugaises et de l'Institut Français au Portugal.</i>
<i>Bracara</i>	<i>Bracara Augusta.</i>
<i>BRAE</i>	<i>Boletín de la Real Academia Española.</i>

¹ Para uma indicação mais pormenorizada, cf. a «Bibliografia das publicações periódicas» (pp. 61-76).

BRAG	<i>Boletín de la Real Academia Gallega.</i>
BRAH	<i>Boletín de la Real Academia de la Historia.</i>
CHE	<i>Cuadernos de Historia de España.</i>
CIAAP	<i>Congrès International d'Anthropologie et d'Archeologie Préhistoriques.</i>
CIL	<i>Corpus Inscriptionum Latinarum.</i>
CST	<i>O Conselho de Santo Tirso.</i>
DL	<i>Douro Litoral.</i>
EE	<i>Ephemeris Epigraphica.</i>
HAE	<i>Hispania Antiqua Epigrafica.</i>
HE	<i>Historia de España.</i>
Holder	<i>HOLDER, Alt-Celtischer Sprachschatz.</i>
HP	<i>História de Portugal (Portucalense Editora).</i>
MLP	<i>Memorias de Litteratura Portuguesa.</i>
Misc.	<i>Miscelânea de Filologia, Literatura e História Cultural à Memória de F. A. Coelho, II.</i>
PAM	<i>Portugal Antigo e Moderno.</i>
RA	<i>Revista de Arqueologia.</i>
RAH	<i>Revista Archeológica e Histórica.</i>
Rel.	<i>Religiões da Lusitânia.</i>
RFL	<i>Revista da Faculdade de Letras de Lisboa.</i>
RG	<i>Revista de Guimarães.</i>
RL	<i>Revista Lusitana.</i>
RM	<i>Revista Municipal (C. M. de Lisboa).</i>
RPH	<i>Religiones Primitivas de Hispania, vol. 1.</i>
Révue	<i>Révue Archéologique.</i>
VM	<i>A Vida Moderna.</i>
Zeph.	<i>Zephyrus.</i>

Outras abreviaturas e sinais

A.	Autor <i>ou</i> autora.
AA.	Autores <i>ou</i> autoras.
BM	BLÁZQUEZ MARTINEZ (José Maria).
l.	linha <i>ou</i> linhas.
LV	LEITE DE VASCONCELLOS (José).
*	termo duvidoso
[...]	suprimiram-se palavras na transcrição
[]	na leitura das inscrições, reconstituíram-se as letras indicadas.

BIBLIOGRAFIA POR AUTORES *

ABADE DE BAÇAL — ver ALVES (Francisco Manuel).

ABREU (Thomé de Távora e), *Noticias Geographicas e Historicas da Provincia de Tras-os-Montes*, 1722-1723. Ms. da BNL (FG 221).

São cartas e notas originais remetidas pelo secretário das armas de Trás-os-Montes a Argote, a Manuel Caetano de Sousa e outros. A data acima indicada vem na primeira página da «colectânea», mas não é rígida; de um modo geral, podemos considerar estes dados pertencentes à década de 20, antecedendo imediatamente a obra de Argote, que os utilizou. Abreu traz desenhos com a leitura das inscrições a: * *Lares Tarmucenbaeci Ceceaiçi*, * *Lares Findenetici*, * *Lares Erredici*, * *Banda Raeicus*, * *Hermes Devorix*, * *Lares Cusicelenses*. A consulta da obra de Argote dispensa, em nosso entender, a leitura destes manuscritos. Tivemos ensejo de verificar que Argote é fiel na transcrição.

ALARCÃO (J.), R. ÉTIENNE e G. FABRE, «Le Culte des Lares à Conimbriga (Portugal)», in *Comptes Rendus de l'Académie des Inscriptions et Belles Lettres*, Paris, 1969, pp. 213-236.

A propósito do culto dos Lares em Conímbriga e na Península em geral estuda as inscrições ao *Genius Conimbricae*, aos *Lares Flaviae Conimbricae* e aos *Lares Lubanc* ... Trabalho com interesse, nomeadamente sob o aspecto da romanização.

ALBERTOS (M.^a Lourdes), «Mercurio, Divinidad Principal de los Celtas Peninsulares?», in *Emerita*, t. xxiv, 1956, pp. 294-297.

Artigo importante sobre a interpretação do teónimo *Hermes Devorix*.

* Os artigos do mesmo autor vão indicados por ordem alfabética.

ALBERTOS (M.^a Lourdes), «Nuevas Divinidades de la Antigua Hispania», in *Zeph.*, III, 1952, pp. 49-63.

Complemento ao trabalho de Tovar e Navascués de 1950, dele nos interessam particularmente as referências a *Hermes Devorix*, a *Jupiter Assaecus* e a *Frovida*, cujos teónimos são interpretados linguisticamente.

ALBERTOS (M.^a Lourdes), «Nuevos Antropónimos Hispánicos», in *Emerita*, t. XXXII, 1964, pp. 209-252, t. XXXIII, 1965, pp. 109-143.

Suplemento às obras de onomástica anteriormente publicadas. Elaborado cuidadosamente, é precioso auxílio para os epigrafistas, nomeadamente na reconstituição dos antropónimos, quando a lápide não permite uma leitura clara. M.^a L. Albertos acrescenta umas notas à obra de BM, *RPH*, referindo-se, por exemplo, a *Rannelpicius*. O «ruego final» merece toda a atenção.

ALMEIDA (Carlos Alberto F. de), «Um Aspecto do Culto dos Rios na Lusitânia (Sua Divindade, Castigo e Rito Expiatório para Todos Que os Atravessassem)», in *DL*, 8.^a série, vol. IX, 1958, pp. 873-887.

Síntese da polémica sobre a ara a *Durius*. Referências epigráficas e de etnografia sobre *Tameobrigus*.

ALMEIDA (D. Fernando de), «Aras Inéditas, Igeditanas, Dedicadas a Marte», in *RFLl*, III série, n.º 6, 1962, pp. 68-78.

Insere a primeira referência e o primeiro estudo, completo, da ara a *Mars Borus*.

ALMEIDA (D. Fernando de), *Egitânia, História e Arqueologia*, Lisboa, 1956 (BNL: HG 19 568 V).

Descrição, leitura e bibliografia das inscrições, provenientes do território igeditano, dedicadas a *Munis Igeditanu*, a *Reva Langanitaecus*, *Arentius*, *Lares Cairiases* e *Trebaruna*. Para o tema que nos prende interessa-nos como pista de trabalho, porquanto não traz novidade de maior em relação aos autores precedentes. Exceptue-se, porém, a referência aos *Lares Cairiases*, cuja inscrição, inédita até então, é estudada com a meticulosidade habitual, e a leitura da epígrafe a *Arentius Cronisensis*. «É raro encontrar um livro tão completo e ordenado como o de F. de Almeida, *Egitânia*» (Albertos, in *Emerita*, XXXIII, 142).

ALMEIDA (D. Fernando de), «Igaedus, Divindade Lusitana, e a Senhora do Almortão», in *RFLl*, III série, n.º 8, 1964, pp. 65-73. Consultámos a separata (BNL: HG 24 101 V).

A primeira notícia desta importante divindade. O A. teve o cuidado de a relacionar com o actual culto à Senhora do Almortão, o que não deixa de ser uma perspectiva curiosa tendente a fazer relevar a continuidade cultural. De hipóteses bem

formuladas quando a certeza seria ousadia, o artigo alia o rigor científico à forma esbelta e desembaraçada da arte de narrar. Deixando de lado a extensa referência ao culto e à romaria em honra da Senhora do Almortão, transcrevemos a parte fundamental deste trabalho.

ALMEIDA (D. Fernando de), «Mais Divindades Lusitanas do Grupo Banda», in *RFL*, III série, n.º 9, 1965, pp. 19-31.

Importante síntese, cuja consulta é indispensável para uma compreensão mais adequada deste grupo de divindades. Foram as observações contidas neste artigo que nos levaram às conclusões que procurámos deduzir. «Divindades» novas estudadas: *Bandis Isibraia* e *Banda Brialeacus*.

ALMEIDA (D. Fernando de), *Trebaruna Deusa Lusitana*, separata de *Estudos de Castelo Branco (Revista de História e Cultura)*. Castelo Branco, 1962 (BNL: HG 22 945 V).

Pequena síntese com interesse para o estudo de *Trebaruna*.

ALVELOS (M.), «A Ara das Vendas de Cavernães», in *BA*, ano XI, 1952, fasc. III, pp. 263-266.

Notícia da ara a *Lurunis*, em que se critica a versão de Hübner e se refere o reaparecimento da ara. O A. propõe nova leitura.

ALVELOS (M. da Cunha e), «O Deus Lurunio», in *Distrito de Viseu*, n.º 355, 29-VII-1936.

A recolha e identificação da ara de Cavernães. O conteúdo desta notícia foi refundido posteriormente.

ALVELOS (M. da Cunha e), *Luru, Divindade Lusitano-Romana das Vendas de Cavernães*, Viseu, Julho de 1967.

Completa as indicações anteriores. Comenta o artigo de Untermann. No fim, uma pequena lista de deuses desta zona, possivelmente baseada em Maluquer de Motes.

ALVES (Francisco Manuel), *Chaves (Apontamentos Arqueológicos)*, Chaves, 1931 (BNL: HG 13 956 V).

Conferência lida em Chaves a 22-XI-1930. Interessa para o estudo de *Larocus*.

ALVES (Francisco Manuel), «Um Grande Achado Arqueológico», in *A Voz*, ano IV, n.º 1382, 15 de Dezembro de 1930, p. 4. Primeira notícia, muito breve, da ara a *Laesus*.

ALVES (Francisco Manuel), *Memórias Archeologico-Historicas do Districto de Bragança*, Porto, vol. I, 1909, vol. IX, 1934 (BNL: Co G 75-81).

Obra escrita meticulosamente, tem referências a inscrições que nos interessam, de modo particular nos volumes indicados. Dela

- transcrevemos passos quando tratamos de *Aernus, Bandua, Laesus, Vibonis, Lárocus, Genium Civitatis Baniensium*.
- ALVES (Francisco Manuel), «Monumento Inédito ao Deus Aernus», in *AP*, XIII, 1908, pp. 184-186.
- Trata da lápide de Malta.
- ARAGÃO (Maximiano Pereira da Fonseca e), *Vizeu (Apontamentos Historicos)*, I, Viseu, 1894 (BNL: Trunc 1806).
- Transcreve, sem inovação, o que diz Pereira sobre as inscrições a *Lurunis*.
- ARGOTE (D. Jerónimo Contador de), *Memorias para a Historia Ecclesiastica do Arcebispado de Braga, Primaz das Espanhas*, Lisboa, t. I, 1732, t. II, 1734, e t. III, 1744 (BNL: H 5568/71 A).
- Embora seja, a maior parte das vezes, uma fonte em segunda mão, traz sempre inovações e interpreta os dados que colhe. Transcrevemos tudo o que considerámos essencial a propósito de *Tongus Nabiagus*, * *Numina Lapitearum*, *Hermes Devorix*, * *Lares Findenetici*, * *Lares Cusicelenses*, *Lares Cerenaeci*, * *Lares Erredici*, * *Lares Tarmucenbaeci*, *Lares Turolici*, * *Iuno Meirurnarum*, *Ocaera*, * *Banda Raëicus*, * *Cosunea*.
- AZEVEDO (Pedro A. de), «Extractos Arqueológicos das 'Memorias Parochias de 1758'», in *AP*, VI, 1901, pp. 103-112.
- Seria a primeira indicação da existência da lápide de Pedrógão Pequeno dedicada a *Nabia*, a qual passou despercebida a Hübner.
- AZEVEDO (Rogério), «A 'Ara de Burgães' e a 'Ara de Ervedosa'», Porto, 1957, separata de *CST*, vol. V, n.º 3, 1957, pp. 293-301 (BNL: HG 20068 V).
- São as lápides a *Cusus Neneoecus*. As noções aqui apresentadas serão desenvolvidas mais tarde, tornando desnecessário consultar este artigo.
- AZEVEDO (Rogério) e FIGUEIREDO (Moreira de), «Uma Excursão Arqueológica ao Caramulo (Três Notáveis Inscrições Inéditas do Concelho de Vouzela)», in *BA*, XIV, 1955, pp. 209-214.
- Notícia da inscrição a * *Paisicaicus* (que, aliás, não estava inédita). A interpretação do nome do deus foi corrigida posteriormente por Azevedo.
- AZEVEDO (Rogério), «Onomástico Ibérico (Tentativa Etimológica), Teogonia», in *BC*, XXI, fasc. 3-4, 1958, pp. 337-389.
- Nos fasc. 1-2 tentara interpretar os antropónimos. Na introdução ao trabalho escrevera R. Azevedo, a propósito das suas afirmações: «Rogo, assim, fervorosamente, que se lhes apendicule no final, ainda que subjectivamente, um ? cujo tamanho esteja

na razão directa da própria incredulidade» (p. 89). Começa por enunciar as «Regras do chamado 'Sufixo ibérico' para compreensão das palavras e da sua formação». Depois estuda vários deuses, possivelmente com base no *CIL*, segundo nos pareceu, interpretando-lhes os nomes pelo grego. Esta «tentativa», plena de ousadia, deixa atrás de si bastantes dúvidas, que, aliás, procurámos resolver cartecendo-nos com o seu autor. Sendo uma pista de trabalho, o artigo está incompleto, porque não esclarece suficientemente como se explica que todos os teónimos «indígenas» venham do grego e, em segundo lugar, porque R. Azevedo se ficou na semelhança vocabular sem ter ido ao fundo detectar os atributos daquela divindade cujo nome interpretou. Oxalá um dia o faça. O seu tom geral é ironicamente polémico — contra a «pretensa» celticidade da teogonia ibérica. Parece-nos que o Sr. Arquitecto R. Azevedo atacou essa «celticidade» sem reparar que se pode entender por «celticidade» uma cultura indo-europeia, de raiz céltica provavelmente, que se difundiu por toda a Europa. Há influências gregas, não o negamos, na cultura pré-romana em Portugal; provam-no as inscrições em grego, provam-no algumas divindades de características helénicas; mas que o fundo da cultura pré-romana possua muitos pontos de contacto com os indo-europeus supomo-lo já bastante assente. No entanto, a discussão mantém-se em aberto.

BALMORI (C. Hernando), «Ataecina, Adaegina», in *Emerita*, t. III, 1935, pp. 214-224.

Considerações linguísticas a propósito desta divindade.

BAPTISTA (Augusto Soares de Sousa), «Talábrica», in *ADA*, vol. XIV, 1948, pp. 214-230.

Com base na ara ao *Genius Tiauranceicus*, o A. procura localizar *Talábrica*. Considera que Camala identificou seu pai como Talabrigense, «para o distinguir dos outros, pois é o mesmo que dissesse que seu pai era de fora, não era dali; nasceu noutra cidade que se chamava Talábrica» (p. 230).

BARATA (António Francisco), *Catálogo do Museu Archeológico da Cidade de Évora*, Lisboa, 1903.

Referência às lápides a *Runesocesius* e a *Atégina*. Tem o interesse de um ... catálogo. Sem indicações bibliográficas.

BARREIROS (Cónego Manuel de Aguiar), *A Igreja de S. Pedro da Lourosa*, Porto, 1934 (BNL: BA 11 833.)

Traz, apenas, o desenho da ara a *Picius*. É a primeira indicação publicada sobre esta divindade.

BARROS (Francisco de), «Museu Regional», in *Era Nova*, n.º 424, 19-VII-1936.

Apelo a que se ponha a resguardo a lápide a *Larocus*.

BELLIDO — ver GARCÍA Y BELLIDO (A.).

BELLINO (Albano), «Cidades Mortas (Estudo Póstumo) (Relatório das Minhas Explorações nas Estações Arqueológicas Suburbanas de Braga, e nomeadamente no Monte Redondo)», in *AP*, xiv, 1909, pp. 1-28.

Lê a lápide a • *Antiscreus*.

BELLINO (Albano), *Inscrições Romanas de Braga — Inéditas*, Braga, 1895.

Transcreve a notícia do aparecimento da ara a *Frovida*. Repete anteriores referências às inscrições votivas a *Bormanicus* e *Genius Laquiniensis*, sem trazer inovações.

BELLINO (Albano), «Novo Deus Bracarense», in *AP*, viii, 1903, pp. 46-47.

Primeira leitura da ara ao deus • *Ameipicer*.

BLAZQUEZ MARTINEZ (José Maria), «Aportaciones al Estudio de las Religiones Primitivas de España», in *AEArq.*, xxx, 1957, pp. 15-86.

É uma síntese da tese de doutoramento *Religiones Primitivas de Hispania*, publicada cinco anos depois. Interessam-nos particularmente as pp. 45-66, que versam o tema «Inscrições», onde o A. adopta já o critério de ordenação, que depois utilizará. Refere-se a quase todos os deuses de que tratará na tese; apresenta mapas de localização das epígrafes e, no final (p. 86), dois parágrafos sobre as características da religião ibérica.

BLAZQUEZ MARTINEZ (José Maria), *Religiones Primitivas de Hispania*, vol. 1 — *Fuentes Literarias y Epigraficas*, Roma, 1962.

Ainda não foi publicado o vol. II.

«O presente livro tem por finalidade colocar ao dispor dos estudiosos as duas principais fontes para o conhecimento das religiões dos povos antigos de Portugal e Espanha», esclarece o A. a p. xxvii. Obra meritória, a de Blázquez. Enferma, contudo, de diversos defeitos, que talvez se pudessem ter evitado. Além da classificação das divindades — reparo feito por todos os críticos —, há a falta de separação clara entre as suas opiniões e as alheias, o desconhecimento (pelo menos aparente) de alguns dos problemas surgidos na leitura das epígrafes e nas interpretações dos autores. Várias vezes ficámos com a impressão de que BM não lera a bibliografia que aponta. Outras inexactidões são assinaladas no decorrer desta dissertação. Para já, importa

ainda frisar que BM desconhece frequentemente quem por primeiro publicou as lápides. Cumpre, porém, dizer que num volume tão denso os deslizes são ... desculpáveis. As *Religiones* marcam, sem dúvida, um grande passo em frente no estudo da religiosidade ibérica. Nós palmilhámos o caminho em boa hora prosseguido por Blázquez, tentando corrigir-lhe as «passadas», objectivar o que possa ter ficado no domínio do hipotético — em suma, procurando completá-lo.

BOAVENTURA (Manuel de), «Ara Votiva a Dafa», in *Lucerna*, vi, 1965, pp. 270-273.

Comunicação ao III Colóquio Portuense de Arqueologia (Maio de 1964). Alusão à deusa *Dafa*, com outra leitura da epígrafe.

BOAVENTURA (Manuel de), «Uma Ara Votiva em S. Lourenço», in *O Cávado*, 24-X-1954.

Repetição do que dissera no *Correio do Minho* sobre **Dafa*.

BOAVENTURA (Manuel de), «Uma Ara Votiva no 'Castro' de S. Lourenço», in *Correio do Minho*, 21-X-1954.

Primeira referência à inscrição dedicada a **Dafa*.

BORGES (José Cardoso), *Descrição Topografica da Cidade de Bragança*, 1721-1724.

É o códice n.º 248 da Colecção Pombalina (BNL, secção de manuscritos).

Dá notícia de algumas inscrições, interessando-nos a dedicada a *Aernus*. Borges trata igualmente de outras inscrições, que não conseguimos encontrar no manuscrito da BNL: *Bandua*, *Vibonis*. ALVES, no vol. I das *Memórias* (pp. 352 e seg.), dá «a resenha das lápides por ele apontadas e ainda não conhecidas».

BOUZA-BREY (Fermin), *A Deidade Galaica Cusuneneoeco*, separata de *CST*, vol. v, n.º 2, 1957 (BNL: HG 19 947 V).

Artigo que consideramos importante para a interpretação de todos os deuses começados por *Coso* (*Cosunea*, *Cusus Neneoecus*).

O A. opta pela identidade *Neneoecus-Cusuneneoecus*, hipótese que abraçámos como válida.

BRAGA (Teófilo), *Estudos da Idade Média*, Porto-Braga, 1870.

Segue a opinião de Visitação Freire a respeito de Endovélico.

Referência ao deus *Neton*.

BRANDÃO (D. Domingos de Pinho), «Denso — Uma Nova Divindade Bárbara do Panteão Lusitano», in *Lucerna*, I, 1961, pp. 26-28.

A primeira notícia da ara a *Densus*.

BRANDÃO (D. Domingos de Pinho), *Issibeus — Uma Nova Divindade do Panteão Lusitano-Romano*.

Comunicação apresentada às Primeiras Jornadas Arqueológicas (Lisboa, Novembro de 1969), em que se refere à inscrição dedicada a esta divindade.

BRANDÃO (D. Domingos de Pinho) — ver RODRIGUES (Adriano Vasco).

CAGNAT (René), *Cours d'Épigraphie Latine*, Paris, 1889.

Manual clássico da ciência epigráfica. Precisava actualizado: as inscrições peninsulares trazem elementos novos, normalmente desconhecidos por tratadistas doutros quadrantes.

CALDAS (J. J. da Silva Pereira), «Decifração Plausível de uma Inscrição Luso-Romana de Briteiros», in *RG*, xix, 1902, pp. 157-172.

A inscrição que diz *Coru... abe*.

CALDAS (J. J. da Silva Pereira), «Lápide Romana Inédita», in *O Commercio do Minho*, 8-IX-1885.

A primeira notícia da lápide a *Frovida*.

CALDAS (J. J. da Silva Pereira), *Noticia Archeologica das Caldas de Visella*, Braga, 1853 (BNL: HG 16 204).

Referência à lápide dedicada a *Castaecae* e à inscrição votiva a *Bormanicus*.

CAMPOS (Manuel Joaquim de), «Nova Lápide Funerária dos Subúrbios de Olisipo», in *AP*, ix, 1904, pp. 59-60.

Simples notícia da descoberta da lápide a *Aturrus*, sem desenho nem qualquer referência ao seu conteúdo epigráfico.

CANAIS — ver CASTELO BRANCO (José Barbosa Canais de Figueiredo).

CARDOSO (P. Luís), *Diccionario Geographico*, Lisboa, vol. 1, 1747 (BNL: HG 2542-3).

No artigo «Anzinheira» traz uma leitura da lápide a *Hermes Devorix*; no artigo a «S. Anna» refere a inscrição *Carneo Calanticensi*. Alusões sem grande rigor, que documentam a enorme dificuldade em ler as epígrafes e, por outro lado, o interesse que elas já então despertavam.

CARDOZO (Mário), *Algumas Inscrições Lusitano-Romanas da Região de Chaves*, Chaves, 1943.

Interessam-nos as referências às lápides a *Hermes Devorix*, a *Larocus* e aos «*Lares Tarmucenbiaeci Oeceaici*». Apanhado sumário das anteriores opiniões sobre estes deuses, bibliografia, indicação pormenorizada da localização actual dos monumentos.

CARDOZO (Mário), *Cartas de Leite de Vasconcelos a Martins Sarmento (1879-1899)*, Guimarães, 1958 (BNL: HG 20 504 V).

Obra de real valor, sobretudo porque enriquecida com fotografias das lápides e com as ajustadas notas de rodapé do organizador. Tanto Sarmento como LV (e este de um modo acutilante, ciosamente) costumavam publicar todas as suas hipóteses — daí a importância relativa desta colectânea para o assunto que nos prende. M. Cardozo publicou-a primeiramente na *RG*, LXV, 1955, sem as notas.

CARDOZO (Mário), *Catálogo do Museu de Arqueologia da Sociedade Martins Sarmento*, vol. I — *Secção Lapidar e de Escultura*, Guimarães, 1935.

A primeira nota «importante» (p. xvii) diz que se segue, geralmente, nesta obra, a lição do *CIL*. Acrescenta o A.: «Diga-se, porém, que muitas das epígrafes reunidas nesta colectânea monumental carecem de revisão, pois nem sempre se encontram registadas com a exactidão precisa [...]»

O cap. II reúne: «*Aras Votivas e Outros Monumentos Consagrados a Divindades Indígenas Romanizadas*». Em cada lápide indica: nome da divindade, inscrição, dimensão vertical das letras, leitura, versão, dimensões da lápide, proveniência, condições de entrada no Museu, bibliografia.

CARDOZO (Mário), *Correspondência Epistolar entre Emílio Hübner e Martins Sarmento (1879-1899)*, Guimarães, 1947 (BNL: HG 17 619 V).

Repositório de bastantes elementos de consulta, mormente para o estudo das lápides que foram objecto da atenção de Sarmento, como são as existentes no Museu de Guimarães. Cardozo soube recheiar o texto com excelentes notas explicativas e fotografias das inscrições. Trata-se, evidentemente, de um volume cujas indicações nem sempre nos interessam, porque foram publicadas ou por Hübner ou por Sarmento.

CARDOZO (Mário), «Uma Nova Divindade Pré-Romana Venerada na Lusitânia», in *Conímbriga*, vols. II-III, 1960-1961, pp. 223-229.

Só conhecemos este artigo depois de elaborado o nosso trabalho. As opiniões do seu A. coincidem com as nossas acerca da lápide a *Tabudicus*.

CARDOZO (Mário), «Novas Inscrições Romanas do Museu Arqueológico de Odrinhas» (Sintra), in *RG*, LXVIII, 1958, pp. 355-376.

A primeira notícia sobre a ara a *Mandiceus*. Traz foto.

CASTELO BRANCO (José Barbosa Canais de Figueiredo), «Apontamentos acerca da vila de Soure», in *Historia e Memórias da*

Academia Real das Sciencias de Lisboa, 2.^a série, t. III, parte 1, 1851, pp. 45-59.

Traz gravura da ara a **Vasecus* e interpreta a inscrição «inventando» abreviaturas. A propósito da origem romana de Soure — em latim, *Saurium* —, faz algumas observações que talvez nos possam esclarecer um pouco sobre a divindade **Saurium*.

CASTELO BRANCO (José Barbosa Canais de Figueiredo), «Diferentes Inscrições», in *Actas das Sessões da Academia Real das Sciencias de Lisboa*, vol. 1, 1849, pp. 385-395.

Refere as inscrições que diz terem pertencido à colecção de António Joaquim Moreira. Hübner, no prefácio do *CIL*, verbera a atitude de Canais, por este não lhe ter facultado a consulta desta colecção. Interessa-nos a referência a *Netus*, a primeira que conhecemos e que serviu de base a Hübner.

COELHO (F. Adolfo), «Nomes de Deuses Lusitanicos», in *RL*, 1, 1887-1889, pp. 351-378.

«Nestas notas [...] não tenho de modo algum a pretensão louca de tudo explicar: junto a propósito de cada nome o material comparativo que me foi possível colher, apresento as hipóteses que se me afiguram mais razoáveis e afirmo só quando os dados põem fora de dúvida a afirmação. Por enquanto o meu fim principal é determinar a parte do elemento céltico no antigo onomástico peninsular [...]» (p. 351).

Estuda os teónimos: *Aernus*, *Bormanicus*, *Brigus*, *Coronus*, *Cusus* *Neneoecus*, *Durbedicus*, *Tameobrigus*, *Turiacus*. São os deuses focados nessa mesma revista por Martins Sarmento.

COELHO (F. Adolfo), «Sur les Cultes Péninsulaires Antérieurs à la Domination Romaine», in *CIAAP*, 1884, pp. 438-451 (BNL: SA 7947).

Análise sucinta dos testemunhos dos cultos: as passagens dos escritores gregos e latinos, as inscrições, os usos e crenças populares modernos, os topónimos ligados à existência de um monumento religioso, de um bosque, fonte, etc. Demonstra a celticidade de *Bormanicus*, *Tameobrigus*; analisa os nomes de *Banderaeicus* (**Banda Raeicus*), *Bandiarbariaicus* (**Bandis Arbariaicus*), *Banduae* (*Bandua*). Na última parte detém-se a examinar os vestígios actuais da *suovetaurilia* ariana.

COELHO (F. Adolfo), «Vestígios das Antigas Línguas da Península Ibérica — Nomes em aico», in *RG*, III, 1886, pp. 169-188.

«O sufixo *-aico* ou *-aeco* é ao mesmo tempo dos mais frequentes e dos mais característicos do antigo onomástico penin-

sular, tal como ele se acha representado no II vol. do *CIL*» (p. 180).

Apresenta-se como discípulo do celtista Zeuss. Enumera os argumentos da escola deste investigador.

COELHO (José), «A Inscrição Latina da 'Pedra Escrita' do 'Castro dos Três Rios'», in *O Instituto*, vol. c, 1942, pp. 576-580.

Artigo entusiástico sobre a inscrição aos deuses *Peintici, deixa muitas dúvidas por resolver, as quais o A. nem sequer aponta. Reproduz sensivelmente as indicações de 1941.

COELHO (José), *Memórias de Viseu (Arredores)*, Viseu, 1941 (BNL: Co G 5248 V).

Estuda a inscrição aos deuses *Peintici.

COELHO (José), «Notas Arqueológicas — 'Cidades Mortas' (Contribuição para o Estudo Arqueológico e Artístico da Beira), in *Ethnos*, III, 1948, pp. 281-298.

Referência à lápide ao *Genius Cor.

COELHO (José), «Notas Epigráficas, Cinco Inscrições Latinas (De Viseu e Imediações)», in *Associação Portuguesa para o Progresso das Ciências, XXIII Congresso Luso-Espanhol*, t. VIII, 7.^a secção, Coimbra, 1956, pp. 241-257.

Perfaz a leitura da inscrição aos deuses *Peintici, de que traz foto e gravura.

CORREIA (Virgílio), «O Domínio Romano», in *HP*, I, 1928, pp. 215-290.

Nas pp. 248-254 refere os deuses indígenas então conhecidos, sem, no entanto, trazer quaisquer inovações relativamente a seus mestres. Na p. 248, um «mapa dos cultos indígenas». Artigo de síntese, onde as referências são sumárias, mais de divulgação de anteriores descobertas que de achegas críticas aos dados já obtidos.

CORREIA (Virgílio), *Museu Machado de Castro — Secções de Arte e Arqueologia — Catálogo-Guia*, Coimbra, 1944.

Referência à lápide *Lares Lubanc* e à que diz *Remetibus Aug.* Não apresenta bibliografia. Dá leitura (sem interpretar), local do achamento, data e dimensões.

CORTÉS GARCÍA (Benigno), «Un Cipo Romano Encontrado en Seavia», in *BRAG*, VI, 1912-1913, pp. 140-143.

Uma lápide ao deus *Cosus*, relacionável com *Cusus Neneocetus*.

CORTEZ (F. Russell), «A Ara Greco-Romana do Castro de Fontes (Novos Subsídios para o Estudo dos Cultos Orientais na Região do Douro)», in *AIVP*, 1948, pp. 45-95.

Estuda a ara a *Auga*. Consideramos esta uma divindade oriental ou, pelo menos, de origem oriental, e, por isso, não a in-

cluimos nesta dissertação, embora M.^a L. Albertos formule a hipótese de que esta deusa «esconda sob um nome grego uma divindade hispânica» (*Emerita*, xxxiii, 137).

CORTEZ (F. Russell), «Contributo para o Estudo da Hierologia Pré-Romana da Beira», in *Viriatis*, I, 1957, pp. 33-42.

Salientamos algumas passagens: «A síntese da religião pré-romana, em Portugal, não foi feita e, por enquanto, não poderemos encarar esta importante questão da nossa proto-história, senão sob a forma de uma exposição de alguns dos seus diversos aspectos, das suas manifestações várias» (p. 33).

«Apesar de conhecermos quase duas centenas de invocações a divindades indígenas, raramente poderemos estabelecer confrontos entre estas e aquelas outras pertencentes ao panteão greco-romano» (p. 34).

A predilecção pelas penedias: «Da preferência vincada na eleição dos grandes penedos para assinalar a existência de santuários [...] pode saltar a ilação da grande extensão do culto a divindades ctónicas [...] similares aos heróis e semideuses cultuados nos primitivos tempos helénicos. O nosso património mítico, ainda, tal corrobora e testemunha» (p. 34).

«Afirma-se, por excessiva generalização, uma profunda celticização de Portugal, de que, como sabem, eu começo a discordar» (p. 35).

Refere as epígrafes a **Bandis Tatibeaicus*, *Nabia*, *Netus*, *Ilurbeda*, **Paisticaicus*, **Peintici*.

CORTEZ (F. Russell), «O Culto do Imperador no 'Conventus Bracaraugustanus'», in *Bracara*, II, 1951, pp. 368-382, e III, 1951, pp. 16-30 e 147-165.

Referência accidental à lápide dedicada a *Hermes Devorix*.

CORTEZ (F. Russell), *Das Populações Pré-Celtas do Norte de Portugal*, separata do *BAFN*, II, n.º 21, 1951, pp. 161-184 (BNL: BA 2421.ºV).

Interesse reduzido. Referência a *Cosunea* e *Bormanicus*.

CORTEZ (F. Russell), «Divinités des Pyrénées et du Portugal», in *IV Congresso de Ciências Prehistoricas e Protohistoricas em Madrid*, 1954, Saragoça, 1956, p. 974.

Nesta comunicação, citada por BM (RPH 239), Cortez referir-se-ia às divindades *Ilurbeda* e **Bandis Tatibeaicus*.

CORTEZ (F. Russell) «A Fonte do Ídolo e o Culto de Asklépius em Bracara», in *Bracara*, IV, 1952, pp. 32-45 e 265-280, e V, 1953-1954, pp. 90-103.

Extenso artigo sobre o deus **Tongus Nabia*gus, de consulta fundamental. Refere, de passagem, as lápides a *Nabia*, **Nabicca* e *Toga*. Não nos foi possível contactar com o A., a fim de resolver alguns pontos obscuros a que aludiremos no devido lugar.

CORTEZ (F. Russell), «Lápides Romanas do Museu de Chaves», in *Viriatis*, I, 1957, pp. 99-113.

Um inventário em que se incluem as epígrafes dedicadas aos *Lares Tarmucenbaeci Oeceaici* e a *Munis*. Interessa-nos, sobretudo, esta última.

CORTEZ (F. Russell), «Panóias Cidade dos Lapiteas (Subsídios para o Estudo dos Cultos Orientais e da Vida Provincial Romana na Região do Douro)», in *AIVP*, 1947, pp. 237-307.

Considera *Lapiteas* um etnónimo. Estudo interessante no seu conjunto, embora ultrapasse os limites do nosso tema.

CORTEZ (F. Russell), «Picius — Divindade Pré-Romana de S. Pedro de Lourosa (Oliveira do Hospital)», in *Viriatis*, I, 1957, pp. 52-54.

Sucinto e completo trabalho sobre a ara votiva a *Picius*.

CRAESBECK (Franc.º Xavier da Serra) *Memorias Resucitadas da Provincia de Entre Douro e Minho*, 1726 (manuscrito da BNL: FG 217).

Fonte de Argote para várias inscrições, nomeadamente para as dedicadas aos *Lares Cerenaei* e a **Iuno Meirurnarum*. Argote, sempre metódico, transcreve com exactidão as indicações de Craesbeck; por isso, limitámo-nos a citar Argote por ser mais acessível a sua obra.

CUEVILLAS — ver LÓPEZ CUEVILLAS (Florentino).

CUNHA (Cón. Arlindo Ribeiro da), «A Ara do 'Castro de S. Lourenço'», in *O Cávado*, 28-XI-1954.

Transcrição do *Correio do Minho*, de 4-XI-1954. A inscrição a **Dafa*.

DAREMBERG (Ch.) e SAGLIO (E.), *Dictionnaire des Antiquités Grecques et Romaines*, Paris, 1877-1918 (BNL: H 7088/7101 A).

Obra monumental (14 vols.), que nos esclarece sobre importantes aspectos da Antiguidade Clássica. Interesse relativo para a problemática epigráfica peninsular.

DAUZAT (Albert), *Les Noms de Lieux*, Paris, 1947.

Traz-nos possibilidades de comparação dos teónimos com outros nomes indo-europeus.

DEONNA (W.), «Quand Dieu Roule Ses Tonneaux», in *Genava*, xxiv, 1946.

Interpretação dos túmulos em forma de pipa. Citado por Lambrino (*BEP*, xv, 132), a propósito de Endovélico.

DESSAU (H.), «Additamenta Nova ad Corporis Volumen II», in *EE*, ix, 1903, pp. 12-185.

É um novo suplemento ao *CIL*, II, na sua grande parte elaborado por Hübner e continuado por Dessau após a morte daquele epigrafista. Refere os deuses **Antiscreus*, **Bandis Oilienicus*, **Runesus Cesius*.

ENCARNAÇÃO (José d'), «O Conceito de Divindade Indígena sob o Domínio Romano na Península Ibérica», in *II Congresso Nacional de Arqueologia, Actas*, vol. II, Coimbra, 1971, pp. 347-351.

Breve estudo sobre a designação a dar às divindades «pré-romanas» peninsulares.

ENCARNAÇÃO (José d'), «O Deus Arêncio», in *A Voz da Figueira*, ano XVIII, n.º 912, 25-VI-1970, pp. 1 e 3.

Pequena síntese sobre as características do deus *Arentius*, com referência especial à lápide do Museu da Figueira da Foz.

ENCARNAÇÃO (José d'), «A Divindade Lusitana Ilurbeda», in *A Comarca de Arganil*, 30-VI-1970.

Resumo e apreciação das interpretações feitas às aras dedicadas a esta divindade. Tentativa de determinação das suas características.

ENCARNAÇÃO (José d'), «Duas Importantes Aras Romanas de Vila da Feira», in *Aveiro e o Seu Distrito*, n.º 11, Aveiro, 1971, pp. 59-61.

Estudo que julgamos importante para a compreensão dos teónimos indígenas, sobretudo de **Banda*. Debruçamo-nos sobre as aras dedicadas a *Tueraeus* e a **Banda Velugus Toiraecus*.

ENCARNAÇÃO (José d'), «Inscrições Romanas de Cascais», in *Museu-Biblioteca do Conde de Castro Guimarães — Boletim n.º 2*, Cascais, 1971, pp. 89-112.

Corpus de todas as inscrições romanas do concelho, onde se refere — sem inovações — a lápide dedicada a *Aracus Aranius Niceus* (pp. 105-107).

ENCARNAÇÃO (José d'), «Lápides a Divindades Indígenas no Museu de Guimarães», in *RG*, LXXX, 1970, pp. 207-238.

Estudo pormenorizado, onde procurámos chegar a conclusões que nos pareçam correctas. Trata-se de uma ampliação do que sobre essas divindades escrevemos no presente trabalho.

ENCARNAÇÃO (José d'), «Sensacional Descoberta Arqueológica», in *Jornal da Costa do Sol*, 23-XI-1968.

É a primeira notícia, sumária, do reaparecimento da ara a *Aracus Aranius Niceus*.

ENCARNAÇÃO (José d'), «Urgente Apelo à Imprensa, mormente à Imprensa Regional», in *Jornal da Costa do Sol*, 11-I-1969.

Apelo a que se procurem salvaguardar os vestígios arqueológicos e epigráficos do passado. Alusão, sem importância, à epígrafe a *Aracus*.

ENCARNAÇÃO (José Manuel dos Santos), *Notas sobre Alguns Vestígios Romanos no Concelho de Cascais*, Estoril, 1968.

O primeiro estudo da ara a *Aracus Aranius Niceus*, após o seu reaparecimento. Refundimos aqui e completamos essas indicações iniciais.

ESPANCA (P.* Joaquim José de Rocha), «O Deus Endovellico dos Celtas do Alentejo», in *Boletim da Sociedade de Geografia*, II, 1882, pp. 253-256 e 274-296.

Trata-se de uma extensa comunicação à Sociedade de Geografia, que pretende ser o apanhado de tudo o que foi escrito sobre o deus Endovéllico. Dá notícia de novas inscrições. Interessa-nos, pois, como resenha bibliográfica e de opiniões. «O que diz no capítulo 5.º sobre a significação etimológica do nome do deus é inteiramente fantástico. O capítulo mais importante deste artigo, e com o qual contribuiu para o conhecimento da história do deus, é o 6.º, em que o A. publica pela primeira vez nove inscrições que ele encontrou numa visita que fez ao monte em 1874. Alguns dos outros capítulos são também curiosos» (LV, in *AP*, III, 132).

ESPANCA (Túlio), *Inventário Artístico de Portugal*, vol VII — *Distrito de Évora*, Lisboa, 1966.

Sob a epígrafe «Museu Regional», enumera «as peças fundamentais de cada núcleo, porquanto os catálogos especiais do Museu, a publicar oportunamente, exemplificarão, em pormenor, os valores globais da sua existência» (p. 119).

Tem referências — e só referências — à inscrição a **Runesus Cesius* e a *Atégina*. Não adianta a sua consulta.

ÉTIENNE (Robert), *Le Culte Impérial dans la Péninsule Ibérique d'Auguste à Dioclétien*, Paris, 1958.

Embora não se prenda directamente com o nosso tema, quisemos citar esta obra, porque Étienne dá um quadro bastante completo e bem documentado das populações pré-romanas peninsulares. Da introdução sobre as fontes epigráficas, respigamos a seguinte passagem, cuja doutrina partilhamos incondicionalmente e procurámos pôr em prática: «Ainda que já reine um pouco de ordem na recensão das inscrições espanholas [Étienne decerto queria dizer hispânicas] — e nós ainda disso duvidamos, perante

certas confusões da HAE —, de qualquer modo impõe-se uma revisão geral das inscrições. As leituras pessoais de Hübner têm de ser vistas com cautela; as publicações recentes não se encontram isentas de censuras, sobretudo a de Vieira [refere-se a *Epigrafa de Olisipo*, de Vieira da Silva]. A verificação das leituras deve ser feita mediante um regresso à pedra; os inventários de museu devem ser consultados, revistos, e desta forma se encontrarão epígrafes consideradas perdidas e se resolverão sem custo as dificuldades de interpretação [...]» (p. 9).

«Analisar a mentalidade indígena é tarefa delicada. Para já, os capítulos precedentes contribuíram para dissipar o que a palavra indígena podia apresentar de abstracto; a cada momento da pesquisa torna-se necessário precisar a que espécie de indígenas pertence este hábito ou aquele costume característico» (p. 67).

FERREIRA (G. L. Santos), *Breves Observações acerca do Methodo Seguido no 2.º Volume das «Religiões da Lusitania» para a Leitura de Certas Inscrições Latinas*, Lisboa, 1913 (BNL: Res. 666 P).

«Em poucas palavras resumo as origens da minha dúvida: a facilidade e a frequência com que o Sr. LV descobre novos deuses da velha Lusitânia e a felicidade com que se lhe deparam monumentos únicos, justificativos ou indiciadores de tais descobertas. Seria para invejar, se fosse para crer» (p. 6).

«E esta disparidade de resultados provém, simplesmente, de o Sr. LV não querer ler os seus documentos, fascinado como está pelos estereis processos de Hübner, que foi, sobretudo, insigne em não ler inscrições romanas; porque uma coisa é publicar livros luxuosos com a reprodução delas, e outra coisa é lê-las» (p. 6).

«[...] O que apenas se pretende demonstrar é a insuficiência do método seguido» (p. 24).

LV responder-lhe-á com o seu *Deuses da Lusitânia* e F. Alves Pereira com um artigo no *BAAP*, XIII, pp. 1-15. Este opusculo polémico de Ferreira é, apenas, mais uma interpretação possível, documentada como a dos seus antagonistas, embora, valha a verdade, menos verosímil, mais rebuscada, enfermado algumas vezes de evidentes erros de leitura. Trata do «grupo Band-», de «*Reva Langanitaecus*, *Coronus*, «*Tongus Nabiagus*, *Aernus*, *Arentius*.

FERREIRA (J. A. Pinto), «Antiguidades de Numão», in *BC*, XVI, 1953, pp. 193-281.

É o texto de uma conferência proferida em 1950, acrescentado de notas e documentos. Transcreve do *CIL* as inscrições a «*Iuno Veamuaeaeum*, aos *Lares Turolici* e aos *Dii Deaeque Coniunbri-*

censium (foto desta última). Este estudo também foi publicado pelo Centro de Estudos Humanísticos (anexo à Universidade do Porto), Porto, 1953.

FERREIRA (J. A. Pinto), «Numão — Notável Estação Arqueológica», in *Studium Generale*, ix, t. 1.º, 1962, pp. 118-124.

Reproduz a foto do trabalho anterior.

FERREIRA (O. da Veiga), «Ara Votiva de Lousã», in *RG*, LXII, 1952, pp. 192-195.

Bom estudo sobre a primeira lápide dedicada a *Ilurbeda*.

FIGUEIREDO (A. C. Borges de), *Ara Romana Descoberta em Castro Daire*, in *RAH*, I, 1887, pp. 52-57.

A inscrição a *Arus*.

FIGUEIREDO (A. C. Borges de), «O Supposto Brigantium em Castro de Avellãs», in *RAA*, I, 1887, pp. 85-93.

Traz uma referência, sem interesse, a *Aernus*.

FIGUEIREDO — ver CASTELO BRANCO (José Barbosa Canais de Figueiredo).

FIGUEIREDO (Moreira de) e AZEVEDO (Rogério) — ver AZEVEDO (R.).

FIGUEIREDO (Moreira de), «Subsídios para o Estudo da Viação Romana das Beiras», in *BA*, xi, 1952, pp. 299-330, xii, 1953, pp. 27-63 e 153-206.

«[...] Vamos a seguir indicar o traçado de várias vias romanas, estradas medievais, simples caminhos antigos de transumância ou de comércio da antiga Beira [...] Este trabalho modesto, de compilação por vezes de estudos já feitos, honra muitos dos autores citados e só por ignorância de matéria poderá atribuir-se a quem não pertença. Contém, no entanto, bastantes achegas ou notas inéditas nossas, designadamente as que se referem a nomes de povoações e estações arqueológicas existentes nos percursos referidos» (p. 318).

Interessa-nos a bibliografia. Consulta dispensável. Refere os seguintes teónimos: *Lurunis*, **Bandoga*, **Bandis Tatibeaicus*, **Genius Depenoris*, *Dii Deaeque Coniumbricensium*, *Arentia et Arentius*, **Peintici*, *Ilurbeda*.

FITA (Fidel), «Nuevas Inscripciones Romana y Visigotica», in *BRAH*, LXIV, 1914, pp. 304-313.

Refere, incidentalmente, a lápide a **Reva Langanitaecus*.

GARCÍA Y BELLIDO (A.), «El Culto a Sárapis en la Península Ibérica», in *BRAH*, CXXXIX, 1956, pp. 293-355.

- Interessa-nos o § 6 (Santuário de Panóias), pp. 327-343, onde refere os *Numina Lapitearum*.
- GARCIA Y BELLIDO (A.), «La Latinización de Hispania», in *AEArq.*, XL, 1967, pp. 3-29.
- Um quadro linguístico da primitiva Hispânia.
- GARCIA (A. Elias), «As Moedas Visigódas de Monécipion», in *Subsidios para a História Regional da Beira-Baixa*, I, 1940, pp. 97-108 (BNL: Co G 943 V).
- Interpreta a lápide dedicada a *Munis Igaeditana*.
- GIRÃO (Aristides de Amorim), *Antiguidades Pré-históricas de Lafões*, Coimbra, 1921 (BNL: HG 11 886 ¹⁵ V).
- A primeira referência à inscrição a **Paisicaicus*.
- GOMES (Sousa), «Divindades do Porto», in *BC*, xv, fasc. 1-2, 1952, pp. 192-194.
- Interpretação hipotética da inscrição a *Durius*.
- GUIMARÃES (Oliveira), «Catalogo do Museu Archeologico», in *RG*, xviii, pp. 38-72.
- Sistematização das lápides de Guimarães: a base da leitura é o *CIL*, mas o A. aponta, por vezes, leituras novas.
- GUIMARÃES (Oliveira), «O Museu Archeologico», in *RG*, xxiv, 1907, pp. 79-86.
- Traz a primeira notícia da lápide a **Abna*. Refere também a epígrafe a **Antiscreus*.
- GUIMARÃES (Oliveira), «Tagilde (Memoria Historico-Descriptiva)», in *RG*, xi, 1894, pp. 5-42.
- Ninfas Lupianas*.
- GUSMÃO (Francisco Rodrigues de), «Apontamentos Archeologicos», in *BAA*, t. I, n.º 3, 1874, pp. 45-46.
- Descreve uma medalha com o nome «PITIO», relacionável talvez com os deuses *Picius* e *Rannelpicius*.
- HOLDER (Alfred), *Alt-Celtischer Sprachschatz*, Leipzig, vol. I (A-H), 1896, vol. II, 1904, e vol. III (que inclui também um suplemento até à letra C), 1907.
- Dicionário da escola celtista, onde são elencados os nomes considerados celtas, com as fontes donde foram extraídos. Baseia-se, segundo pudemos depreender, no *CIL*, na sua maior parte. Serve-nos como termo de comparação e traz notícia de muitas inscrições da Lusitânia portuguesa. Um pouco desactualizado, como é de ver, tem sido completado por várias obras de onomástica, mormente em Espanha; salientemos os trabalhos de M. Palomar Lapesa e M.ª L. Albertos (que está a preparar nova lista de nomes pessoais).

HUBNER (Emílio), «Additamenta Nova ad Corporis Volumen II», in *EE*, VIII, 1899, pp. 315-515.

Referência aos deuses *Tutela Tiriensis*, **Tongus Nabiaugus* e *Frovida*.

HUBNER (Emílio), *Corpus Inscriptionum Latinarum*, vol. II, Berlim, 1869. *Supplementum ad Volumen II*, Berlim, 1892 (BNL: Co G 2386 A).

É o que poderemos chamar uma obra de desbravamento, porquanto, recolhendo todas as indicações epigráficas de que dispôs, Hübner adoptou um espírito crítico, propondo hipóteses que, apesar de inaceitáveis hoje algumas delas, marcam um novo rumo na epigrafia. Este é — a nosso ver — o primeiro grande interesse do *Corpus*. O segundo — de não menor importância para nós — é o de nos dar a conhecer quase exhaustivamente a bibliografia portuguesa referente a inscrições. Evidentemente, o *CIL* precisa actualizado e revisto, mas tal necessidade não diminui, de forma nenhuma, o enorme alcance que teve. O índice de autores, repetimos, merece a maior atenção.

HUBNER (Emílio), *Noticias Archeologicas de Portugal*.

Versão portuguesa de A. S. publicada nas «Memorias da Academia Real das Sciencias de Lisboa — Classe de Sciencias Moraes, Politicas e Bellas-Letras», nova série, t. IV, parte I, 1872. Relatório apresentado à Academia Real das Ciências de Berlim, em 1861, da sua visita de estudo a Portugal. Na introdução, Hübner refere com certo pormenor a bibliografia que utilizou. Faz citações bibliográficas a respeito do Endovélico (pp. 50-52) e aponta muitas inscrições sobre que se debruçará, no *CIL*.

JALHAY (P.^o Eugénio), «Ara Romana Inédita de Fontes (Santa Marta de Penaguião)», in *Brotéria*, XLIX, 1950, pp. 473-478.

Trabalho bem ponderado, essencial para o estudo da divindade *Auga*, de origem oriental. Sai, por isso, fora do nosso âmbito.

JALHAY (P.^o Eugénio), «Epigrafia Amaense. Contribuição para o Estudo de Aramenha Romana (Concelho de Marvão)», in *Brotéria*, XLV, 1947, pp. 615-633.

Trabalho cuidadoso, ilustrado com fotos. O A. procurou documentar e justificar na pedra a sua leitura. *Ocrimira* e *Toga* são as divindades por ele estudadas que nos interessam.

JALHAY (P.^o Eugénio), «Lápides Romanas dos Arredores de Mação (Beira Baixa)», in *Brotéria*, XLVIII, 1949, pp. 226-236.

Estuda cuidadosamente a lápide a *Rannelpicius*, de que apresenta foto, embora não compare este teónimo com *Picius* (cons-

tante da inscrição de Lourosa, conhecida desde 1934), certamente porque não soube da sua existência.

JORDÃO (Levy Maria), *Portugalliae Inscriptiones Romanae*, vol 1, Lisboa, 1859 (BNL: HG 4149 A).

É um *Corpus* das inscrições romanas encontradas em Portugal. Refere somente a leitura de cada uma delas sem qualquer interpretação, sendo indicada no final a fonte bibliográfica. No princípio vem uma extensa lista das abreviaturas mais comuns. Não referiremos todas as inscrições tratadas por Jordão, porquanto, em geral, ele não traz inovações relativamente à fonte em que se baseia. Como antecedeu de pouco a obra de Hübner, este investigador sentiu-se um tanto logrado por Jordão lhe não ter ministrado os dados que já recolhera: «Melhor fora não ter escrito o seu livro» (*CIL*, II, p. XXV).

JUNIOR (F. Tavares de Proença), «Inscrições Romanas de Castelo Branco», in *AP*, XII, 1907, pp. 172-178.

Refere a lápide a *Arentia* e *Arentius*; traz uma nota que LV reproduzirá no vol. III das *Rel*.

LAMBRINO (T. Scarlat), «La Déesse Celtique Trebaruna», in *BEP*, nova série, XX, 1958, pp. 87-109.

Lambrino revê a problemática em torno de *Trebaruna* e dá a sua opinião, bem documentada e, quanto nos parece, convincente.

LAMBRINO (T. Scarlat), «Le Dieu Lusitanien Endovellicus», in *BEP*, nova série, XV, 1951, pp. 93-146.

Trata-se do trabalho mais completo que conhecemos sobre esta divindade. Uma obra base. Revê criteriosamente os pontos de vista de LV e dá a Endovélico largas perspectivas culturais. Estruturalmente bem concebido, este trabalho é um modelo acabado do estudo que se pode fazer de cada uma das divindades indígenas, desde que o material de base aumente. Só há a acrescentar-lhe as referências linguísticas ao nome da divindade. O A. refere-se também a Atégina. Algumas opiniões do Prof. Lambrino são criticadas por BM.

LAMBRINO, (T. Scarlat), «Les Divinités Orientales en Lusitanie et le Sanctuaire de Panoias», in *BEP*, XVII, 1953, pp. 93-129.

Trata da epígrafe onde se nomeiam os *Numina Lapitearum*.

LAMBRINO (T. Scarlat), «Les Germains en Lusitanie», in *I Congresso Nacional de Arqueologia — Actas e Memórias*, I, 1959.

É uma comunicação ao referido Congresso, efectuado em Lisboa (Dezembro de 1958). Embora as referências ao *Genius*

Toncobrigensium, a *Ocrimira* e a *Mirobieus* sejam utilizadas apenas como argumento para uma tese, e não como fim, elas são-nos de muito interesse.

LAMBRINO (T. Scarlat), «Inscriptions Latines du Musée Dr. Leite de Vasconcelos», in *AP*, nova série, I, 1951, pp. 37-61.

É o primeiro grupo de inscrições, as de Lisboa, a que junta quatro outras, do Alentejo, «que precisaram de uma correcção e de comentário novo». Refere-se a *Aturrus* e *Endovellicus* (embora sobre este último nada diga que grandemente nos interesse). Sobre *Aturrus*, cremos ser o estudo mais completo. Referência à deusa *Nabia*.

LAMBRINO (T. Scarlat), «Les Inscriptions Latines Inédites du Musée Leite de Vasconcelos», in *AP*, nova série, III, 1956, pp. 6-73.

Deste grupo de inscrições de Idanha, cuidadosamente revistas pelo Prof. Lambrino, prendeu-nos a atenção a primeira, dedicada a *Munis Igaeditana*. O autor documenta a sua leitura, embora não se demore em largas considerações.

LAMBRINO (T. Scarlat), «Les Inscriptions de S. Miguel d'Odrinhas», in *BEP*, nova série, t. XVI, 1952, pp. 134-176.

Referências a *Aturrus*, **Nemetius*, **Mercurius Chortalis*, para demonstrar os caracteres célticos das populações primitivas da zona de Lisboa.

LAPESA — ver PALOMAR LAPESA (Manuel).

LEVY — ver JORDÃO (Levy Maria).

LÓPEZ CUEVILLAS (Florentino), *La Civilización Céltica en Galicia*, Santiago de Compostela, 1956.

Não conseguimos encontrar esta obra, que é citada por muitos autores espanhóis, embora nos pareça que inovações de vulto as não deve trazer. Será, provavelmente, uma refundição do que o A. escreveu em 1934, elaborando a lista das divindades célticas encontradas na primitiva Galiza. Cremos interessarem sobretudo as pp. 394-438.

LÓPEZ CUEVILLAS (Florentino), «O Culto das Fontes no Noroeste Hispânico», in *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*, VII, 1935, pp. 73-104.

Referência a *Bormanicus* e a *Tongus Nabiagus*.

LÓPEZ CUEVILLAS (Florentino) e PINTO (Rui de Serpa), «Estudos sobre a Idade do Ferro no Noroeste da Península — A Relixión», in *Arqu.*, VI, 1933-1934, pp. 295-367.

Artigo de bastante interesse. As divindades são agrupadas pelos seus possíveis atributos. Utiliza-se a arqueologia e o folclore, o que nos parece muito positivo. «Nada poderemos dizer acerca

das ideias cosmogónicas dos galegos, nem [...] sobre muitos aspectos do papel que os deuses representavam na sua vida. E, embora evitemos as generalizações e tratemos de abranger somente horizontes restritos, limitando-nos a ordenar as notícias de que dispomos, muitas destas notícias hão-de parecer estéreis [...], na medida em que bastas vezes os nomes das divindades não passam de nomes e as pedras esculpturadas nada mais são que pedras, cujo verdadeiro significado não conseguimos detectar com precisão, e ainda porque nos expomos a classificar erradamente [...] diversos aspectos de um mesmo nome» (p. 298).

MADAHIL (A. G. da Rocha), «Estação Luso-Romana do Cabeço do Vouga», in *ADA*, VII, 1941, pp. 227-258 e 313-369.

Simples referência ao artigo de F. A. Pereira (*AP*, XII, 36) sobre a ara ao *Genius Tiauranceiacus*.

MALKIEL (Y.), *The Hispanic Suffix -iego*, University of California Publications in Linguistics, vol. 4, 3. Berkeley, 1951.

Citado por Untermann (*AEArq.*, XXXVIII, 1965), a propósito do epíteto *Tanginiciaeus*.

MALUQUER DE MOTES (J.), «Pueblos Celtas», in *HE*, t. I, vol. III, 2.ª edição, 1963, pp. 5-194.

Traz em nota, pp. 188-191, uma lista das divindades indígenas tendente a actualizar a que fora elaborada em 1950 por Tovar e Navascués. Indicações bibliográficas.

MATTOS (Armando de), «Inventário das Incrições do Douro-Litoral», in *DL*, 2.ª série, vol. VI, 1946, pp. 60-79, vol. VII, 1947, pp. 56-76, e vol. VIII, 1947, pp. 60-75.

Elenca as aras a **Abna*, *Cusus Neneoecus*, *Banda Velugus Toiraecus*, *Tameobrigus*, *Tueraeus*, **Genius Toncobricensium*.

As fotos estão avivadas a carvão. Sem grande interesse para nós.

MICHELENA (Luís), «Religiones Primitivas de Hispania» (recensão crítica), in *Zeph.*, XII, 1961, pp. 197-202.

Nesta recensão, Michelena pareceu-nos apontar convenientemente o alcance e as fragilidades da obra de BM. Rapidamente — como o exige a índole de uma recensão crítica, e é pena —, o A. faz algumas observações de pormenor sobre as etimologias sugeridas por BM. O pouco que nos traz dá-nos a sensação de que grande interesse teria um artigo, mais extenso, onde Michelena expusesse com maior vagar as suas hipóteses discordantes com BM. Esperemos que um dia o faça. Conquanto as *RPH* só tenham surgido em 1962, e esta recensão esteja datada de 1961, colocá-la-emos sempre depois daquelas, como é lógico, ao tratarmos de cada divindade.

MONTEIRO (António), «As Pontes de Canaveses», in *DL*, 3.^a série, 1, 1948, pp. 50-64.

Referência bibliográfica, com algum interesse, à ara dedicada aos *Lares Cerenaeci*.

MONTEIRO (José Alves), «Ara e Cipo Miliário Inéditos», in *Novidades*, 30-VIII-1942 e 6-IX-1942.

Primeira notícia da ara a *Bandis Vorteaecus*.

MORÁN (P. César), «Toros y Verracos de la Edad del Hierro», in *AEArq.*, n.º 48, 1942, pp. 249-251.

Artigo a ter em conta para o estudo da religiosidade pré-romana.

MOREIRA (António Joaquim), *Colecção de Inscrições*.

Manuscrito de que Jordão extraiu muitas inscrições.

NETO (José Diogo Mascarenhas), «Memoria sobre Antiguidades das Caldas de Vizela», in *MLP*, t. III, 1792, pp. 93-110.

Primeira notícia das lápides a *Bormanicus* e ao *Genius Laquiniensis*.

NEVES (Francisco Ferreira), «Talábriga e a Descoberta da Ara de Esturãos», in *ADA*, xv, 1949, pp. 39-47.

Interesse muito relativo para o estudo da ara ao *Genius Tiaurancæicus*.

NUNES (João de Castro), «Materiais Arqueológicos do Concelho de Góis. II — Nova Ara Dedicada a Ilurbeda», in *Arquivo Histórico de Góis*, n.º 5, Março de 1957, pp. 208-212.

Artigo muito cuidado, escrito em 1956. Fazemos dele uma larga transcrição, porquanto nos parece de grande importância para o estudo de *Ilurbeda*.

PALOMAR LAPESA (Manuel), *La Onomástica Personal Pre-Latina de la Antigua Lusitania (Estudio Lingüístico)*, Salamanca, 1957.

Obra de grande interesse para o estudo da onomástica.

PEREIRA (Félix Alves), «Ara Celtiberica da Epoca Romana (Um novo 'Genio')», in *AP*, XII, 1906, pp. 36-52.

Estudo bastante exaustivo sobre a lápide ao *Genius Tiaurancæicus*.

PEREIRA (F. Alves), «Os Deuses Igeditanos Arentius e Revelangantæcus», in *BAAP*, t. XIII, n.º 1, 1913, pp. 1-15.

Defende-se do modo «fundamentalmente desacertado» como G. L. Santos Ferreira interpretara as epígrafes a estas divindades.

PEREIRA (F. Alves), «Elenco da Epigrafia Lusitano-Romana», in *AP*, XIV, 1909, pp. 169-197.

Trata das inscrições de Idanha, que lê, traduz e comenta. Interessa para as seguintes divindades: *Munis*, **Reva Langani-*

taecus e *Arentius*. Fez-se deste artigo uma separata com o título «Ruínas de Ruínas ou Estudos Igeditanos. I — Elenco da Epigrafia Lusitano-Romana. A) Inscrições Hierológicas».

PEREIRA (F. Alves), «Hierologia de Um Povo da Lusitânia (O Deus 'Arentius')», in *ACFABA*, vol. II, 1934, pp. 279-288.

Não conseguimos encontrar a revista onde este artigo vem inserto. Cremos, porém, não dever trazer novidades em relação ao artigo homónimo seguinte.

PEREIRA (F. Alves), «Hierologia de Um Povo da Lusitânia (O Deus 'Arentius')», in *Memórias da Academia das Ciências de Lisboa*, classe de Letras, I, 1936, pp. 441-449.

É uma comunicação apresentada à Academia, em 14-III-1935. Trata especificamente dos Igeditanos. Uma das partes da comunicação versa «O deus Arentius, revelado em quatro lápides do mesmo território».

PEREIRA (F. Alves), «Nova Ara do Deus 'Arentius' dos Igeditanos», in *RA*, I, 1932, pp. 16-22, 60-64 e 86-92.

É a primeira notícia pormenorizada da ara dedicada a *Arantius Tangeliciaecus*. Estudo sério. Traz foto. Hipóteses bem formuladas. Uso do método comparativo para se deduzirem conclusões acerca da natureza do deus.

PEREIRA (Gabriel), *Estudos Eborenses*, vol. I, Évora, 1885 (BNL: HG 5175-78 A).

No capítulo «Évora Romana» repete sensivelmente o que escrevera no *BAA*, IV.

PEREIRA (Gabriel), «Évora Romana — As Lápides Romanas — O Museu-Cenáculo», in *BAA*, IV, n.º 5, 1884, pp. 73-77.

Elenca as inscrições. Interessa pela referência à ara dedicada a *Atégina Turobrigense*.

PEREIRA (Gabriel), «Mithologia Iberica (Inscrições Endovellicas de Villa-Viçosa)», in *A Renascença*, Porto, 1878, pp. 42-43 e 54-55.

Algumas observações sobre Endovéllico.

PEREIRA (Gabriel), «O Santuario de Endovellico», in *RAH*, III, 1889, pp. 145-149.

Cita bibliografia e faz outras referências que não interessam para o nosso tema, ou porque vagas ou porque já tratadas por outros com mais exactidão.

PEREIRA (Manuel Botelho Ribeiro), *Dialogos Moraes e Politicos* ..., edição da Junta de Província da Beira Alta, Viseu, 1955, 1.ª edição, 1630 (BNL: HG 21 231).

As primeiras referências às lápides dedicadas a *Lurunis* e a
• *Cabar*.

PESSOA (Manuel de Paiva), «Ara Inédita de Trebaruna», in *AP*, XXIX,
1930 e 1931, pp. 163-168.

Artigo escrito em 1931. Descreve, lê e traz foto da ara da
Lardosa.

PHILIBON (Édouard), *Les Peuples Primitifs de l'Europe Méridionale*
(*Recherches d'Histoire et de Linguistique*), Paris, 1925.

Propõe vários elementos que podem ser colhidos para termos
de comparação, embora já um tanto desactualizados.

PINHEIRO (José Henriques), «Relatório sobre as Ruínas Romanas
Descobertas junto da Povoação de Castro d'Avellãs no Mez de
Fevereiro de 1887 e sobre o Reconhecimento Que nas Referidas
Ruínas Fez José Henriques Pinheiro por conta da Sociedade Mar-
tins Sarmiento», in *RG*, v, 1888, pp. 71-96.

Transcrito na obra *Estudo da Estrada Militar Romana de*
Braga a Astorga, do mesmo autor, Porto, 1895, pp. 75-94 (BNL:
HG 19 538 V). Trabalho interessante, que refere as pesquisas des-
tinadas a encontrar de novo as lápides dedicadas a *Aernus* e a
Bandua. Transcrições bibliográficas.

PINHO LEAL (Augusto Soares d'Azevedo Barbosa de), *Portugal An-
tigo e Moderno*, Lisboa, 1873-1890 (12 vols.).

Repositório de elementos sempre úteis, esta obra tem um
carácter quase de divulgação; por isso, as suas referências aos
Dii Deaeque Coniumbricensium (artigo «Numão») e a *Aernus* (ar-
tigo «Castro de Avelãs»), visivelmente decalcadas em Viterbo, que,
aliás, cita, não têm para nós grande importância.

PINHO (José de), *A Ara de Marecos*, separata de *Penha-Fidelis*,
Penafiel, 1928 (BNL: HGr 9126 °V).

A primeira referência à inscrição a *Nabicca*. Carecem de
confirmação os elementos fornecidos por este A.

POKORNY (J.), *Indogermanisches Etymologisches Wörterbuch*, 1949-
1950.

Obra de linguística muito citada pelos tratadistas.

POWELL (T. G. E.), *Os Celtas*, vol. 1.º da Coleção *Historia Mundi*,
Editorial Verbo, tradução portuguesa, Lisboa, 1965.

Embora de carácter geral, esta obra tem passagens que nos
interessam, mormente as que se relacionam com a *interpretatio*
romana e com as esculturas de varrões, que, segundo Powell,
«parece terem tido relação com a fertilidade e prosperidade dos
rebanhos e achavam-se situadas em cercados para o gado ou em

posições que os dominavam, logo abaixo das próprias cidadelas» (p. 152). Lambrino relaciona os varrões com o culto a Endovélico.

RAMBERTUS (Benedictus), *Epitaphia a Diversis Orbis Terrae Partibus* ..., 1561.

Manuscrito da Biblioteca do Seminário de Pádua. Na p. 268 referiria a inscrição a *Durius* (indicação de Hübner).

RIBEIRO (João Pedro), *Dissertações Chronologicas e Criticas sobre a Historia e Jurisprudencia Ecclesiastica e Civil de Portugal*, Lisboa, vol. I, 1860 (BNL: HG 15 513-17 V).

Traz a primeira notícia da inscrição a *Tameobrigus*.

ROCHA (António dos Santos), *O Museu Municipal da Figueira da Foz, Catálogo Geral* (aditamento n.º 2), Figueira da Foz, 1909 (BNL: BA 2463 P).

Refere a inscrição a *Arentius Cronisensis*.

ROCHA (A. dos Santos), «Ara Luso-Romana Consagrada ao Deus Arentio», in *Boletim da Sociedade Archeologica Santos Rocha*, t. I, n.º 10, 1909, pp. 289-290.

É a primeira notícia da ara a *Arentius Cronisensis*.

RODRIGUES (Adriano Vasco) e BRANDÃO (Domingos de Pinho), «Missão de Estudo Arqueológico na Região da Vilarica — Moncorvo», in *Studium Generale*, vol. IX, t. 1.º, 1962, pp. 336-351.

Comunicação ao 1.º Colóquio Português de Arqueologia (Junho de 1961), com uma referência à ara dedicada a *Densus* e uma outra à inscrição do *Genius Civitatis Baniensium*. Sem interesse de maior.

RODRIGUES (José), *O Couto de Aguiçim — Subsídios para a Sua História*, Anadia, 1959 (BNL: HG 21 234 V).

A primeira referência à ara dedicada a *Tabudicus*. Com foto.

RODRIGUES (M. de Lurdes), «Inscrições Romanas do Museu Machado de Castro», in *Humanitas*, nova série, vols. VIII-IX, 1959-1960, pp. 112-132.

«O meu intento é apenas dar a conhecer em conjunto as lápides, até mesmo porque algumas são inéditas» (p. 113).

Refere a lápide aos *Lares Lubanc*..., uma das ainda não estudadas, segundo pensamos¹.

¹ Como já referimos atrás, esta inscrição foi estudada em trabalho, publicado posteriormente, de autoria de J. Alarcão e outros, in *Comptes Rendus* ..., 1969, pp. 221-222.

RODRIGUEZ HERNANDEZ (José), «Dos Nuevas Aras en Coria a Dos Divinidades Gemelas», in *Zeph.*, xvii, 1966, pp. 121-130.

Arentia e *Arentius Amrunaecus* são as divindades de que trata este artigo, que traz as fotos das aras. As referências de Rodriguez são importantes para o estudo de *Arentius*.

RUSSELL — ver CORTEZ (F. Russell).

SAMPAIO (Francisco Xavier Ribeiro de), «Memoria sobre as Ruínas do Mosteiro de Castro de Avelans, e do Monumento, e Inscrição Lapidar, que se Acha na Capela-Mor da Antiga Igreja do Mesmo Mosteiro», in *Jornal Encyclopedico*, vol. ix, 1790, pp. 191-201.

Transcrito in *MLP*, t. v, 1793, pp. 258-263. É a segunda referência às lápides a *Aernus*.

SAMPAIO (Rosa do Carmo), «Bracara Augusta — Notas para a Sua História e Arqueologia», in *Lucerna*, vol. iii, 1963, pp. 260-267.

Comunicação ao II Colóquio Portuense de Arqueologia.

A A. refere as interpretações de LV e de R. Cortez das inscrições dedicadas a **Tongus Nabiagus* e a *Nabia*. Sem interesse.

SANTA MARIA (P.^o Fr. Agostinho de), *Santuário Mariano*, Lisboa, t. v, 1716 (BNL: H 1899-1908 P).

A primeira referência à inscrição dedicada a *Bandua* (considera-a um «epitáfio» e deve ter erros de leitura) e uma outra dedicada a **Vibonis*.

SANTAREM (Carlos Manuel Faya), *Duas Incrições Romanas Inéditas do Concelho de S. Tirso*, Porto, 1953, separata de *CST*, vol. ii, n.^o 3, pp. 397-401 (BNL: HG 19 063 V).

O primeiro estudo da segunda ara dedicada a *Cusus Neneocus*. Muito interesse.

SANTAREM (C. M. Faya), *Incrições Romanas do Concelho de Santo Tirso*, Porto, 1956, separata de *CST*, vol. v, n.^o 1, pp. 61-72 (BNL: HG 19 623 V).

«Não é um estudo [...], mas um simples inventário» (p. 1).

«Na leitura e reconstituição do texto aproveitaremos, na generalidade, a lição de Hübner no *CIL*, devendo, no entanto, ter-se em consideração que muitas das inscrições registadas nessa colecção carecem de ser revistas. São de nossa responsabilidade as leituras das inscrições que, encontradas posteriormente àquela publicação, dela não constam» (p. 2).

Incrições a **Saurium*, *Cusus Neneocus*, **Abna*, *Turiacus*. Sem interesse de maior.

SANTOS JUNIOR (J. R. dos) e CARDOZO (Mário), «Ex-votos às Ninfas em Portugal», in *Zeph.*, iv, 1953, pp. 53-68.

Artigo importante, mas sem relação directa com o nosso tema, porquanto só a epígrafe às Ninfas Lupianas tem características de indígena e os AA. limitam-se a indicar-lhe a bibliografia.

S. LOURENÇO (Fr. José de):

Hübner extraiu algumas inscrições dos manuscritos deste autor, mormente a referência à inscrição votiva a *Nabia*, de Monte Baltar.

SARMENTO (Francisco Martins), carta a Martins Capela, in *RG*, XL, 1930, p. 8. Datada de Junho de 1883.

Refere a lápide a *Turicus*. Sem interesse.

SARMENTO (F. M.), carta ao P.^o Martins Capela, in *RG*, XL, 1930, pp. 83-87. Sem data.

Referências, sem grande interesse, às lápides a *Durbedicus*, *Cusus Neneoecus*, *Brigus*, *Coronus*, **Genius Toncobricensium*.

SARMENTO (F. M.), carta ao Prof. Pereira Caldas, in *RG*, xxxv, 1925, p. 137. Datada de 7-VIII-1879.

Crítica a leitura de Hübner à inscrição de Burgães, lamenta o estado dos estudos arqueológicos e aprecia o *Boletim dos Architectos e Archeologos*.

SARMENTO (F. M.), cartas ao Prof. Pereira Caldas, in *RG*, xxxvii, 1927, pp. 97-100. Datadas de 19, 22 e 27 de Agosto de 1879.

A leitura da inscrição a *Coru...abe*.

SARMENTO (F. M.), «Cidade Velha' de Monte-Cordova», in *AP*, I, 1895, n.º 6, pp. 145-151.

Transcrito em *Dispersos*, pp. 423-427. A leitura de Argote do penedo a **Cosunea*.

SARMENTO (F. M.), «O Deus Bormânico», in *Museu Illustrado*, vol. I, 1878, p. 155.

Transcrito em *Dispersos*, pp. 10-11. Sem grande interesse para nós.

SARMENTO (F. M.), «O Deus Bormanico (Subsidio para o Estudo da Mythologia dos Lusitanos)», in *RG*, I, n.º 2, Abril de 1884, pp. 57-67.

Transcrito em *Dispersos*, pp. 183-190. Relaciona *Bormanicus* com a mitologia ariana.

SARMENTO (F. M.), «O Deus Brigo», in *Nova Alvorada*, 1894, 4.º ano, n.º 2.

Transcrito em *Dispersos*, pp. 420-421. Interessa para o estudo de *Brigus*.

SARMENTO (F. M.), «O Deus Tameóbrion», in *VM*, 1887, VIII, n.º 10.

Transcrito em *Dispersos*, p. 296. Leitura do nome do deus *Tameobrigus*.

SARMENTO (F. M.), *Dispersos*.

Artigos publicados desde 1876 a 1899, coligidos pela Sociedade Martins Sarmento. Edição da Imprensa da Universidade de Coimbra, 1933 (BNL: Res 1111 A).

De interesse para o nosso tema recolhe os seguintes artigos: «O Deus Bormânico» (pp. 10-11); «A Propósito de Castros» (pp. 165-172); «O Soldado que Venceu Viriato» (pp. 173-174); «Materiais para a Arqueologia do Concelho de Guimarães» (pp. 191-281); «A Inscrição de Burgães» (pp. 288-289); «O Deus Tameóbrion» (p. 296); «O Deus Brigo» (pp. 420-421); «A Inscrição de Santo Tirso» (p. 422); «'Cidade Velha' de Monte-Cordova» (pp. 145-151), e «O Deus Bormanico (Subsidio para o Estudo da Mythologia dos Lusitanos)» (pp. 183-190).

SARMENTO (F. M.), «A Inscrição de Burgães», in *VM*, 1885-VI, n.º 6.

Transcrito em *Dispersos*, pp. 288-289. Referência a *Cusus Neneoecus*.

SARMENTO (F. M.), «A Inscrição de Santo Tirso», in *VM*, 1895-XVI, n.º 17.

Transcrito em *Dispersos*, p. 422. *Turiacus*. Sem interesse.

SARMENTO (F. M.), «Inscrições Inéditas», in *BAA*, t. IV, n.º 4, 1883, pp. 58-59; n.º 5, 1884, pp. 69-70; n.º 7, 1884, pp. 105-106.

Transcrito em *Dispersos*, pp. 175-180. Não tem grande interesse, porque Sarmento aperfeiçoará mais tarde a sua opinião. Elenca as aras a *Durbedicus*, * *Genius Toncobricensium*, * *Cosunea* e *Turiacus*, além de outras.

SARMENTO (F. M.), «Materiaes para a Archeologia do Concelho de Guimarães», in *RG*, I, n.º 4 (Outubro de 1884), pp. 161-189.

Transcrito em *Dispersos*. A indicação de Argote relativa às «ninfas» *Castaecae*.

SARMENTO (F. M.), «Materiaes para a Archeologia do Concelho de Guimarães», in *RG*, XVIII, pp. 8-29.

Refere o achamento da lápide ao *Genius Laquiniensis*, cita o da inscrição às *Ninfas Lupianas* e descreve como encontrou a ara a *Durbedicus*.

SARMENTO (F. M.), «Para o Pantheon Lusitano», in *RL*, I (1887-1889), pp. 227-240.

Transcrito em *Dispersos*, pp. 297-308. Interessa porque discute a leitura das epígrafes a *Aernus*, *Bormanicus*, *Coru...abe*, *Bri-*

gus, Coronus, Cusus Neneoecus, Turiacus, Durbedicus, *Genius Toncobrigensium, Tameobrigus.

SARMENTO (F. M.), «A Propósito de Castros», in *O Panorama Contemporâneo*, 1883-1884, 1.º ano, pp. 9, 17 e 25.

Transcrito em *Dispersos*, pp. 165-172. Referência ao *Genius Toncobrigensium.

SARMENTO (F. M.), «O Soldado que Venceu Viriato», in *VM*, 1884, n.º 6.

Transcrito em *Dispersos*, pp. 173-174. Referência a Turiacus.

SCHELEIERMACHER (Wilhelm), «Les Surnoms des Divinités Celtiques et Germaniques en Rhénanie», in *Celticum*, III, 1962, pp. 269-272.

Interessa-nos pelas referências à *interpretatio romana*, muito oportunas, embora sintéticas, como se impunha num colóquio. As observações feitas a propósito dos epítetos das divindades célticas na Renânia cremo-las aplicáveis a Portugal. Salientamos:

«Há, no entanto, uma série de inscrições que não podemos silenciar, pois nos demonstra que não se trata de uma acumulação de divindades locais, mas muito simplesmente da notação das diversas qualidades de uma única divindade» (p. 271).

«[...] Procurámos apenas provar que a religião encontrada pelos Romanos no Reno não estava assim tão fragmentada em cultos locais como frequentemente se supôs» (p. 271).

Que diremos do território português? Esperamos poder demonstrar com este trabalho que diversas divindades abrangeram uma zona de culto maior do que aquela até aqui considerada: os deuses *Banda*, *Nabia*, *Arentius* e *Cosus*, além de *Endovélico* e *Atégina*, são cultuados em vastas regiões.

SCHUCHARDT (H.), *Die Iberisch Deklination*, Viena, 1907.

Obra muitas vezes citada para base de interpretação filológica dos nomes das divindades indígenas.

SERRA — ver CRAESBECK (Francisco Xavier da Serra).

SILVA (António Pires da), *Chronographia Medicinal das Caldas de Alafoens*, Lisboa, 1696 (BNL: SA 6251).

A primeira notícia da lápide a *Aernus* dedicada pela *Ordo Zoelarum*.

SILVA (Augusto Vieira da), *Epigrafia de Olisipo*, Lisboa, 1944.

Não isenta de erros, é uma obra que nos traz preciosas indicações — um «livro consciencioso», chama-lhe o Prof. Lambrino (*AP*, I, 1951, p. 37).

Interessam-nos as lápides a *Aturrus*, *Aracus*, *Jupiter Assaecus*, *Aponianicus Poliscinius* e *Mercurius Chortalis*.

SILVA (A. Vieira da), «Uma Estação Lusitano-Romana no Sítio de Poço de Côrtes», in *RM*, n.º 20 e 21, pp. 37-41.

Descreve, interpreta e traduz as lápides inéditas dedicadas a *Iupiter Assaecus* e a *Aponianicus Poliscinius*.

SILVA (A. Vieira da), «Mais Descobertas no Castelo de S. Jorge», in *Olisipo*, n.º 11, 1940, pp. 80-84.

Referência sumária às lápides a *Nemetius* (?) e a *Mercurius Chortalis*. Traz gravuras.

SOUSA (Arlindo de), «Langóbriga», in *ADA*, VIII, n.º 30, 1942, pp. 129-152; n.º 31, 1942, 206-221.

Refere as interpretações de LV relativamente às lápides dedicadas a *Banda Velugus Toiraecus* e *Tueraeus*.

SOUSA (Arlindo de), «Vila da Feira Lusitano-Romana», in *DL*, 2.ª série, vol. VIII, 1947, pp. 52-59.

Observações muito a propósito sobre os nomes de deuses começados por *Turo-* (*Tueraeus*, *Toiraecus*, *Turolici*) e por *Band-*.

SOUTO (Dulce Alves), «Subsídios para Uma Carta Arqueológica do Distrito de Aveiro no Período da Romanização», in *ADA*, XXIV, 1958, pp. 241-276.

Referências, sem interesse, às lápides votivas a *Tueraeus*, *Banda Velugus Toiraecus* e *Genius Tiauranceaicus*.

TABOADA (Jesus), «Epigrafia Romana da Região Espanhola do Tâmega», in *RG*, LXII, 1952, pp. 286-298.

Sem interesse. Traz uma nota sobre *Bandua*, decalcada em L. Cuevillas.

TÁVORA (Fernando de Tavares e), *O Castelo da Feira*, Porto, 1917 (BNL: H 21 874 P).

«É lícito supor que fossem os Romanos quem primeiro alicerçou o originário monumento, fosse ele um castelo ou fosse um templo. Esta segunda hipótese é razoavelmente sugerida pelo aparecimento» da ara a *Tueraeus* e de uma outra a *Banda Velugus Toiraecus*.

TÁVORA — ver ABREU (Thomé de Távora e).

TEIXEIRA (Carlos), «Subsídios para o Estudo da Arqueologia Bracarense (A Fonte do Ídolo e o Culto de Nabia)», in *Prisma*, ano II, n.º 3, 1938, pp. 145-153.

Interpretação curiosa do monumento bracarense (**Tongus Nabia* e *Nabia*).

TOUTAIN, *Les Cultes Païens dans l'Empire Romain*, vol. III, Paris, 1920.

«Este autor é, sem dúvida, um grande conhecedor da religião romana; mas no que concerne à da Lusitânia e, poderia dizê-lo,

- da Ibéria, não somente não acrescenta no seu livro nada de novo ao que já se sabia, como comete erros e omissões, o que é muito lamentável» (LV, *Opúsculos*, v, 1938, p. 157; ver *ibidem*, pp. 131-172, a crítica a esta obra).

TOVAR (A.), e NAVASCUES (J. M.), *Algunas Consideraciones sobre los Nombres de Divinidades del Oeste Peninsular*, in *Misc.*, 1950, pp. 178-191.

Trabalho meritório: a primeira tentativa de elencar as divindades, situando no mapa a sua área de culto. Pena é que os AA. não procedam a investigações etimológicas. Tovar faz, a propósito dos teónimos, considerações linguísticas de interesse geral, salientando que «a imensa maioria dos nomes divinos do Oeste peninsular são adjectivos e muitas vezes aludem simplesmente à situação geográfica do centro do seu culto» (p. 188).

TOVAR (A.), *Estudios sobre las Primitivas Lenguas Hispánicas*, Buenos Aires, 1949.

O capítulo XIII, «Sobre los Nombres de Divinidades del Oeste Peninsular», pp. 184-193, reproduz sensivelmente o artigo anterior, embora sem a lista dos deuses e sem o mapa. Os *Estudios* são uma compilação de artigos de interesse linguístico, onde afloram, aqui e além, considerações sobre a forma de um nome divino.

TOVAR (A.), «La Sonorización y Caída de las Intervocálicas, y los Estratos Indoeuropeos en Hispania», in *BRAE*, xxviii, 1948, pp. 265-280.

Referências linguísticas a vários teónimos.

TOVAR (A.), «Topónimos com -nt- en Hispania y el Nombre de Salamanca», in *Actas del V Congreso Internacional de Ciencias Onomásticas*, Salamanca, 1958, t. II, pp. 95 e seg.

Artigo citado pelos autores a propósito da forma *Arentius*.

TOVAR (A.), «Les Traces Linguistiques Celtiques dans la Péninsule Hispanique», in *Celticum*, vi, 1963, pp. 381-403.

Um pequeno dicionário das sobrevivências célticas nas línguas da Península.

UNTERMANN (Jürgen), «Miscelaneas Epigrafico-Lingüísticas», in *AEArq.*, xxxviii, 1965, pp. 8-25.

Um trabalho de muito interesse, que trata das lápides a *Lurunis* e da inscrição aos deuses «*Peintici*».

VASCONCELLOS (José Leite de), «Antiguidades Alentejanas», in *AP*, xxix, 1934, pp. 173-185.

Uma lápide a *Júpiter Repulsor*, entre outras. Não nos interessa directamente.

VASCONCELLOS (J. L. de), «Antiguidades do Sul de Portugal ... Novo Deus do Panteão Lusitânico», in *AP*, v, 1899-1900, pp. 330-334.

É **Runesus Cesius*. Transcrição de um boletim parisiense. Artigo posteriormente inserido nas *Rel.*

VASCONCELLOS (J. L. de), «Archeologia Bracaraugustana», in *AP*, viii, 1903, pp. 296-297.

Referência, sem importância, à lápide votiva a **Ameipicer*.

VASCONCELLOS (J. L. de), «Bibliografia», in *AP*, ii, 1896, pp. 116-134.

Crítica ao livro *Inscrições Romanas de Braga (Inéditas)*, de A. Bellino. Referência a *Frovida*.

VASCONCELLOS (J. L. de), *Borges de Figueiredo e a Archeologia Portuguesa*, Lisboa, 1890 (BNL: SA 15 320 2P).

Notícia necrológica lida na Sociedade de Geografia. Traz, no final, uma nota interpretativa de parte da inscrição a **Arus*.

VASCONCELLOS (J. L. de), «Catalogo do Museu Archeologico da Cidade de Evora Anexo à Sua Biblioteca», in *AP*, ix, 1904, pp. 43-48.

Recensão crítica. Traz importantes correcções a esta obra. Transcrevemos a referente a *Atégina*.

VASCONCELLOS (J. L. de), «Cultos Luso-Romanos em Igeditania — Duas Inscrições Inéditas», in *AP*, i, 1895, pp. 225-232.

Foi transcrito integralmente nas *Rel.*; trata das aras a *Trebaruna* e a *Vitória*.

VASCONCELLOS (J. L. de), «O Deus Bracarense Pongoenabiagus (Contribuição para o Conhecimento das Religiões Antigas da Lusitânia)», in *RL*, iii, 1895, pp. 307-315.

Transcrito em *Opúsculos*, v, 1938, pp. 179-195. Comunicação à Academia das Ciências em Maio de 1894. Interesse relativo, porque LV aperfeiçoará mais tarde as ideias aqui expendidas a propósito de **Tongus Nabiaigus*.

VASCONCELLOS (J. L. de), «O Deus Bracarense 'Tongoenabiagus'», in *RL*, iv, Lisboa, 1896, p. 284.

Rectificação ao artigo anterior.

VASCONCELLOS (J. L. de), «O Deus Igeditano 'Revelanganitaecus'», in *AP*, xxi, 1916, pp. 318-319.

Crítica ao artigo de F. Fita (*BRAH*, lxiv, p. 311). Interessa.

VASCONCELLOS (J. L. de), *O Deus Lusitano Endovellico (Notícia Succinta)*, separata de *O Dia*, n.º 848 (BNL: HG 16 204).

Transcrito em *Opúsculos*, v, 1938, pp. 197-206. Cinco inscrições inéditas. Considerações de interesse, posteriormente repetidas.

VASCONCELLOS (J. L. de), «A Deusa Nabia», in *AP*, x, 1905, pp. 399-400.

Notícia de que se reencontrara a ara a *Nabia* (Pedrógão Pequeno). A gravura confirma a correcção das anteriores leituras.

VASCONCELLOS (J. L. de). «A Deusa Nabia», in *AP*, xi, 1906, pp. 280-284.

Transcrito em *Opúsculos*, v, 1938, pp. 173-179. Tece considerações a propósito desta divindade, baseado no aparecimento de mais duas epígrafes a ela dedicadas na Galiza. Este artigo e o anterior serão inseridos nas *Rel.*, III.

VASCONCELLOS (J. L. de), «A Deusa Trebaruna», in *Novidades*, 24-X-1892.

Precedida de uma pequena introdução da redacção do jornal, esta nota sublinha sucintamente o interesse dos monumentos (a Vitória e a Trebaruna) entrados no dia anterior na BNL.

VASCONCELLOS (J. L. de), *Deuses da Lusitânia (Resposta às Fantasia de um Censor)*, Lisboa, 1913.

Transcrito em *Opúsculos*, v, 1938, pp. 213-239. O censor é Ferreira (G. L. Santos). Tonalidade grandemente polémica.

LV repisa a argumentação adoptada nas *Rel.*, II.

VASCONCELLOS (J. L. de), «Entre Tejo e Odiana», in *AP*, XXI, 1916, pp. 152-195.

Alusão a *Endovellicus*.

VASCONCELLOS (J. L. de), «Epigrafia do Museu Etnológico (Belém)», in *AP*, xxx, 1956.

Leitura de algumas lápides a Endovéllico.

VASCONCELLOS (J. L. de), «Idées Religieuses des Lusitaniens», in *Révue*, xvi, 1922.

Transcrito em *Opúsculos*, v, 1938, pp. 131-172. Artigo escrito em Julho de 1921. Na primeira parte discute «algumas afirmações» de Toutain na sua obra *Les Cultes Païens* ...; na segunda, transcreve as pp. 84-94 do vol. III das *Rel.* («Considerações gerais sobre as religiões proto-históricas da Lusitânia»). LV repisa a argumentação anterior frente aos ataques de Toutain, verberando as opiniões deste escritor.

VASCONCELLOS (J. L. de), «Inscrição Romana de Moncorvo», in *AP*, II, 1896, pp. 168-169.

Lê diversamente de Hübner (*CIL*, II) a inscrição ao Génio da Cidade dos Banienses.

VASCONCELLOS (J. L. de), «Monumento do Deus Endovellico», in *AP*, I, 1895, pp. 43-46.

Voltará ao tema nas *Rel.* Refere-se a E. como deus da saúde e génio da montanha e às relações Endovélico-S. Miguel.

VASCONCELLOS (J. L. de), «Notas Epigráficas», in *AP*, VI, 1901, pp. 133-134.

Tece algumas considerações a respeito de *Nabia*.

VASCONCELLOS (J. L. de), «Novas Inscricções de Endovellico», in *Aurora do Cávado*, 1890.

Transcrito em *Opúsculos*, v, 1938, pp. 206-213.

VASCONCELLOS (J. L. de), *Opúsculos*, v, parte I, Lisboa, 1938.

Compilação de artigos sobre Etnologia. Tem, entre outros, os seguintes: «Sur les Religions de la Lusitanie» (pp. 123-131); «Idées Religieuses des Lusitaniens» (pp. 131-172); «A Deusa Nabia» (pp. 173-179); «O Deus Bracarense Tongoenabiagus ou Tongus Nabiagus» (pp. 179-195); «O Deus Lusitano Endovellico» (pp. 197-206); «Novas Inscricções de Endovellico» (pp. 206-213), e «Deuses da Lusitânia» (pp. 213-239).

VASCONCELLOS (J. L. de), «P. Joaquim José da Rocha Espanca», in *AP*, III, 1897, pp. 129-137.

Comentário à comunicação de R. Espanca sobre Endovélico.

VASCONCELLOS (J. L. de), «Por Trás-os-Montes», in *AP*, XXII, 1917, pp. 1-53.

Inscrição a *Larocus*.

VASCONCELLOS (J. L. de), «Religiões da Lusitânia na Parte Que principalmente Se Refere a Portugal», Lisboa, vol. II, 1905, e vol. III, 1913.

Torna-se-nos difícil classificar convenientemente esta obra monumental. Pelo acervo de indicações que traz, *Religiões da Lusitânia* é um trabalho de inesgotáveis incidências, cuja consulta é estritamente obrigatória para quem se queira dedicar a este assunto. Muitas das hipóteses lançadas por LV ainda hoje se consideram válidas — e bastantes progressos tem feito a epigrafia e a linguística; outras, porém, mercê desses mesmos progressos, vão sendo revistas aos poucos — confirmadas, aperfeiçoadas ou negadas. Rastreámos cuidadosamente os vols. II e III, donde transcrevemos o que achámos de interesse para a determinação do nome e atributos das divindades indígenas. «Os estudos de LV foram, é certo, um primeiro e sério intento de, pelo menos, colocar as bases do problema acumulando documentos. Mas, apesar da grande erudição do autor, o seu denso livro *R. da L.* não satisfaz os desejos do investigador moderno. E não satisfaz

por ter apresentado o problema sobre uma área muito limitada e por ter insistido relativamente pouco nos cultos indígenas pré-romanos. Mas, além disso, porque não decorreu em vão já meio século, o bastante para que, graças aos modernos métodos de investigação e ao novo material arqueológico e epigráfico surgido ulteriormente, o investigador sinta anelo de mais e melhor, tanto em doutrina como em conclusões» (García y Bellido, p. ix do prólogo a *RPH*, de BM). As *Rel.* constituem «até à actualidade o intento mais ambicioso e mais conseguido de estudar a religião de uma zona da Península. Hoje este estudo [...] é insuficiente, não porque se haja podido corrigir, mas sim porque [...] se circunscreveu a uma zona determinada da Península, a antiga província Lusitana, e grande número de aras [...] apareceram posteriormente [...]» (BM, *RPH*, p. xxvi).

VASCONCELLOS (J. L. de), *Sur les Religions de la Lusitanie*, Lisboa, 1892.

Transcrito em *Opúsculos*, v, 1938, pp. 123-131 (BNL: R 11 095 17V). Um opúsculo de carácter genérico.

VASCONCELLOS (J. L. de), *Trebaruna (Deusa Lusitana), Ode Heróica*, Barcelos, 1895.

Esta ode, sem grande interesse directo para o nosso tema, foi transcrita e comentada pelo Sr. D. Fernando de Almeida no seu trabalho *Trebaruna Deusa Lusitana*.

VASCONCELOS (Manuel de), «Apontamentos Arqueológicos do Concelho de Marco de Canaveses», in *AP*, xxi, 1916, pp. 319-331.

A restituição da ara ao «*Genius Toncobricensium*» feita por M. Sarmento.

VILELA (Sá), «Lápide Luso-Romana», in *BAA*, II, 1887, pp. 52-54.

A epígrafe a *Arus*.

VITERBO (Fr. Joaquim de Santa Rosa de), *Elucidário das Palavras, Termos e Frases Que em Portugal antigamente Se Usaram ...*, Lisboa, 1798, 2.^a edição, 1865, dois tomos (A-F, G-Z) (BNL: L 2880 A).

Artigo «Bemquerença», referência a *Aernus*; artigo «Numan», referência aos *Dii Deaeque Coniunbricensium*.

BIBLIOGRAFIA DAS PUBLICAÇÕES PERIÓDICAS E OBRAS DE CONJUNTO

Actas das Sessões da Academia Real das Sciencias de Lisboa, Lisboa.
[Publicadas desde 1849 a 1851]. (BNL: PP 231):

Vol. I (1849), pp. 385-395: CASTELO BRANCO (José Barbosa
Canais de Figueiredo), «Differentes Inscriptões».

Actas del V Congreso Internacional de Ciencias Onomásticas, Sala-
manca, 1958:

T. II, pp. 95 e seg.: TOVAR (A.), «Topónimos com -nt- em
Hispania y el Nombre de Salamanca».

Anais do Instituto do Vinho do Porto, Porto. (BNL: Co G 5267 V):

1947, pp. 237-307: CORTEZ (F. Russell), «Panóias Cividade
dos Lapíteas (Subsídios para o Estudo dos Cultos Orientais
e da Vida Provincial Romana na Região do Douro)».

1948, pp. 45-95: CORTEZ (F. Russell), «A Ara Greco-Romana
do Castro de Fontes (Novos Subsídios para o Estudo dos
Cultos Orientais na Região do Douro)».

*Anuario del Cuerpo Facultativo de Archiveros Bibliotecarios y Arqueolo-
gos*, Madrid:

Vol. II, 1934, pp. 279-288: PEREIRA (F. Alves), «Hierologia
de um Povo de Lusitania (O Deus 'Arentius')».

O Archeologo Português, Lisboa. (BNL: J 2558 B). (Nova série — BNL: PP 68 V):

- Vol. I, 1895, pp. 43-46: VASCONCELLOS (J. Leite de), «Monumento do Deus Endovellico», pp. 145-151: SARMENTO (F. Martins), «'Cidade Velha' de Monte-Cordova», e pp. 225-232: VASCONCELLOS (J. Leite de), «Cultos Luso-romanos em Igeditania — Duas Inscrições Inéditas».
- Vol. II, 1896, pp. 116-134: VASCONCELLOS (J. Leite de), «Bibliografia», pp. 168-169: VASCONCELLOS (J. Leite de), «Inscrição Romana de Moncorvo».
- Vol. III, 1897, pp. 129-137: VASCONCELLOS (J. Leite de), «P. Joaquim José da Rocha Espanca».
- Vol. V, 1899-1900, pp. 330-334: VASCONCELLOS (J. Leite de), «Antiguidades do Sul de Portugal... Novo Deus do Panteão Lusitânico».
- Vol. VI, 1901, pp. 103-112: AZEVEDO (Pedro A. de), «Extractos Arqueológicos das 'Memórias Parochiaes de 1758'», pp. 133-134: VASCONCELLOS (J. Leite de), «Notas Epigráficas».
- Vol. VIII, 1903, pp. 46-47: BELLINO (Albano), «Novo Deus Bracaraense», pp. 296-297: VASCONCELLOS (J. Leite de), «Archeologia Bracaraugustana (Inscrições Romanas. Projecto de Museu)».
- Vol. IX, 1904, pp. 43-48: VASCONCELLOS (J. Leite de), «Catálogo do Museu Archeologico da Cidade de Évora Anexo à Sua Biblioteca (Recensão Crítica)», pp. 59-60: CAMPOS (Manuel Joaquim de), «Nova Lápide Funerária dos Subúrbios de Olisipo».
- Vol. X, 1905, pp. 399-400: VASCONCELLOS (J. Leite de), «A Deusa Nabia».
- Vol. XI, 1906, pp. 280-284: VASCONCELLOS (J. Leite de), «A Deusa Nabia».
- Vol. XII, 1907, pp. 36-52: PEREIRA (F. Alves), «Ara Celtiberica da Epoca Romana (Um novo 'Genio')», pp. 172-178: JUNIOR (F. Tavares de Proença), «Inscrições Romanas de Castelo Branco».
- Vol. XIII, 1908, pp. 184-186: ALVES (Francisco Manuel), «Monumento Inédito ao Deus Aerno».
- Vol. XIV, 1909, pp. 1-28: BELLINO (Albano), «Cidades Mortas (Estudo Póstumo)», pp. 169-197: PEREIRA (F. Alves), «Elenco da Epigrafia Lusitano-Romana».

- Vol. xxi, 1916, pp. 152-195: VASCONCELLOS (J. Leite de), «Entre Tejo e Odiana», e pp. 319-331: VASCONCELLOS (Manuel de), «Apontamentos Arqueológicos do Concelho de Marco de Canavezes».
- Vol. xxii, 1917, pp. 1-53: VASCONCELLOS (J. Leite de), «Por Trás-os-Montes», e pp. 318-319: VASCONCELLOS (J. Leite de), «O Deus Igeditano 'Revelanganitacculus'».
- Vol. xxix, 1934, pp. 163-168: PESSOA (Manuel de Paiva), «Ara Inédita de Trebaruna», e pp. 173-185: VASCONCELLOS (J. Leite de), «Antiguidades Alentejanas».
- Vol. xxx, 1956, pp. 118-125: VASCONCELLOS (J. Leite de), «Epigrafia do Museu Etnológico (Belém)».

Nova série:

- Vol. I (1951), pp. 37-61: LAMBRINO (T. Scarlat), «Inscriptions Latines du Musée Dr. Leite de Vasconcelos».
- Vol. III (1956), pp. 6-73: LAMBRINO (T. Scarlat), «Les Inscriptions Latines Inédites du Musée Leite de Vasconcelos».

Archivo Español de Arqueología, publicação do Consejo Superior de Investigaciones Científicas, Madrid, (BNL: RE 472 V):

- Vol. 48, 1942, pp. 249-251: MORÁN (P. César), «Toros y Verracos de la Edad del Hierro».
- Vol. xxx, 1957, pp. 15-86: BLÁZQUEZ MARTINEZ (José María), «Aportaciones al Estudio de las Religiones Primitivas de España».
- Vol. xxxviii, 1965, pp. 8-25: UNTERMANN (Jürgen), «Miscelaneas Epigrafico-Lingüísticas».
- Vol. xl, 1967, pp. 3-29: GARCÍA Y BELLIDO (A.), «La Latinización de Hispania».

Arquivo do Distrito de Aveiro, Junta do Distrito de Aveiro, Aveiro:

- Vol. vii (1941), pp. 227-258, 313-369: MADAHIL (A. G. da Rocha), «Estação Luso-Romana do Cabeço do Vouga».
- Vol. viii (1942), pp. 129-152 e 206-221: SOUSA (Arlindo de), «Langóbriga».
- Vol. xiv (1948), pp. 214-230: BAPTISTA (Augusto Soares de Sousa), «Talábrica».

Vol. xv (1949), pp. 39-47: NEVES (Francisco Ferreira), «Talábriga e a Descoberta da Ara de Esturãos».

Vol. xxiv (1958), pp. 241-276: SOUTO (Dulce Alves), «Subsídios para Uma Carta Arqueológica do Distrito de Aveiro no Período da Romanização».

Arquivo Histórico de Góis, Torres Vedras (BNL: *contrôle A 1770*):

N.º 5, Março de 1957, pp. 208-212: NUNES (João de Castro), «Materiais Arqueológicos do Concelho de Góis. II — Nova Ara Dedicada a Ilurbeda».

Arquivos do Seminário de Estudos Galegos, Santiago de Compostela:

Vol. vi, 1934, pp. 295-367: LÓPEZ CUEVILLAS (Florentino) e PINTO (Rui de Serpa), «Estudos sobre a Edade do Ferro no Noroeste da Península — A Relixión».

Associação Portuguesa para o Progresso das Ciências — ver Congresso Luso-Espanhol.

Aurora do Cávado, Barcelos:

1890: VASCONCELLOS (J. L. de), «Novas Inscrições de Endovellico».

Aveiro e o seu Distrito, publicação semestral da Junta Distrital de Aveiro, Aveiro:

N.º 11, 1971, pp. 59-61: ENCARNAÇÃO (José d'), «Duas Importantes Aras Romanas de Vila da Feira».

Beira Alta, Boletim da Junta Distrital da Beira Alta, Viseu. (BNL: J 5326):

Vol. xi (1952), pp. 263-266: ALVELOS (M.), «A Ara das Vendas das Cavernães».

Vol. xi (1952), pp. 299-330, e vol. xii (1953), pp. 27-63 e 153-206: FIGUEIREDO (Moreira de), «Subsídios para o Estudo da Viação Romana das Beiras».

Vol. xiv (1955), pp. 209-214: AZEVEDO (Rogério) e FIGUEIREDO (Moreira de), «Uma Excursão Arqueológica ao Caramulo».

Boletim Cultural, Câmara Municipal do Porto, Porto. (BNL: PP 94 V):

Vol. xv, fasc. 1-2, 1952, pp. 192-194 (Sousa), «Divindades do Porto».

Vol. xvi, fac. 1-2, 1953, pp. 193-281: FERREIRA (J. A. Pinto), «Antiguidades de Numão».

Vol. xxi, fasc. 3-4, 1958, pp. 337-389: AZEVEDO (Rogério), «Onomástico Ibérico — Tentativa Etimológica — Teogonia».

Boletim de Architectura e de Archeologia, Real Associação dos Architectos e Archeologos Portuguezes, 2.ª série, Lisboa (BNL: Co G 358 A):

T. I, n.º 3, 1874, pp. 45-46: GUSMÃO (Francisco Rodrigues de), «Apontamentos Archeologicos».

T. II, n.º 4, 1877, pp. 52-54: VILELA (Sá), «Lápide Luso-Romanas».

T. IV, n.º 4, 1883, pp. 58-59, n.º 5, 1884, pp. 69-70, e n.º 7, 1884, pp. 105-106: SARMENTO (F. Martins), «Inscrições Inéditas», e n.º 5, 1884, pp. 73-77: PEREIRA (Gabriel), «Évora Romana — As Lápides Romanas — O Museu-Cenáculo».

Boletim da Associação da Filosofia Natural, publicação do Centro de Estudos de Etnologia Peninsular, Porto:

Vol. II, n.º 21, 1951, pp. 161-184: CORTEZ (F. Russell), «Das Populações Pré-Celtas do Norte de Portugal».

Boletim da Associação dos Archeologos Portuguezes, Lisboa:

T. XIII, n.º 1, 1913, pp. 1-15: PEREIRA (F. Alves), «Os Deuses Igeditanos Arentius e Revelanganitaecus».

Boletim do Museu-Biblioteca Condes... — ver *Museu-Biblioteca*.

Boletim da Sociedade Archeologica Santos Rocha, Figueira da Foz:

T. I, n.º 10, 1909, pp. 289-290: ROCHA (Santos), «Ara Luso-Romana Consagrada ao Deus Arcencio».

Boletim da Sociedade de Geografia, Lisboa:

Vol. II, 1882, pp. 253-256 e 274-296: ESPANCA (P. Joaquim José da Rocha), «O Deus Endovellico dos Celtas do Alentejo».

Boletín de la Real Academia de la Historia, Madrid (BNL: RE 498 V):

T. LXIV, 1914, pp. 304-313: «Nuevas Inscripciones Romana y Visigótica».

T. CXXXIX, 1956, pp. 293-355: GARCÍA Y BELLIDO (A.), «El Culto a Sárapis en la Península Ibérica».

Boletín de la Real Academia Española, Madrid (FL: P 437 V):

T. XXVIII, 1948, pp. 265-280: TOVAR (A.), «La Sonorización y Caída de las Intervocálicas y los Estratos Indoeuropeos en Hispania».

Boletín de la Real Academia Gallega, Corunha:

T. VI, 1912-1913, pp. 140-143: CORTÉS GARCÍA (Benigno), «Un Cipo Romano Encontrado en Seavia».

Bracara Augusta, Revista Cultural da Câmara Municipal de Braga, Braga:

Vol. II, 1951, 368-382, e vol. III, 1951, pp. 16-30 e 147-165: CORTEZ (F. Russell), «O Culto do Imperador no 'Conventus Bracaraugustanus'».

Vol. IV, 1952, pp. 32-45 e 265-280, e vol. V, 1953-1954, pp. 90-103: CORTEZ (F. Russell), «A Fonte do Ídolo e o Culto de Asklepius em Bracara».

Vol. V, 1953-1954: «Relação dos objectos expostos por ocasião do III Congresso Espanhol de Arqueologia (Julho 1953)».

Brotéria, Revista Contemporânea de Cultura, Lisboa:

Vol. XLV, 1947, pp. 615-633: JALHAY (P.^o E.), «Epigrafia Amaense. Contribuição para o Estudo de Aramenha Romana (Concelho de Marvão)».

Vol. XLVIII, 1949, pp. 226-236: JALHAY (P.^o E.), «Lápides Romanas dos Arredores de Mação (Beira Baixa)».

Vol. XLIX, 1950, pp. 473-478: JALHAY (P.^o E.), «Ara Romana Inédita de Fontes (Santa Marta de Penaguião)».

Bulletin des Etudes Portugaises et de l'Institut Français au Portugal, Coimbra (BNL: Co G 3988 V):

Nova série:

Vol. XV, 1951, pp. 93-146: LAMBRINO (T. Scarlat), «Le Dieu Lusitanien Endovellicus».

Vol. xvi, 1952, pp. 134-176: LAMBRINO (T. Scarlat), «Les Inscriptions de S. Miguel d'Odrinhas».

Vol. xvii, 1953, pp. 93-129: LAMBRINO (T. Scarlat), «Les Divinités Orientales en Lusitanie et le Sanctuaire de Panoias».

Vol. xx, 1958, pp. 87-109: LAMBRINO (T. Scarlat) «La Déesse Celtique Trebaruna».

Catálogo do Museu Machado de Castro (Secções de Arte e Arqueologia), Coimbra, 1944 — ver CORREIA (Virgílio) (BNL: BA 989).

O Cávado, Esposende (BNL: J 2378 M):

Ano 38, n.º 1761, 24-X-1954: BOAVENTURA (Manuel de), «Uma Ara Votiva em S. Lourenço».

Ano 38, n.º 1766, 28-XI-1954: CUNHA (Cón.º Arlindo Ribeiro da), «A Ara do 'Castro de S. Lourenço'».

Celticum, Ogam, Rennes:

III (*Actes du Second Colloque International d'Études Gauloises, Celtiques et Protoceltiques — Mediolanum Biturigum*, 1961), 1962, pp. 269-272: SCHELEIERMACHER (Wilhelm), «Les Surnoms des Divinités Celtiques et Germaniques en Rhénanie».

VI (*Actes du Troisième Colloque International d'Études Gauloises, Celtiques et Protoceltiques — Mediolanum Biturigum*, 1962), 1963, pp. 381-403: TOVAR (A.), «Les Traces Linguistiques Celtiques dans la Péninsule Hispanique».

Colecção dos Documentos e Memórias da Academia Real da História Portuguesa, Lisboa (BNL: HG 1895). [É a primeira publicação feita pela Academia, de 1721 a 1736]:

Vol. xiv, 1734, n.º xvi — Notícias da conferência de 1-IV-1734. [Alusão à epígrafe dedicada a *Carneus*].

A Comarca de Arganil, Arganil:

Ano LXX, n.º 6607, 30-VI-1970, pp. 1 e 5: ENCARNÇÃO (José d'), «A Divindade Lusitana Ilurbeda».

O Commercio do Minho, Braga (BNL: J 3112):

Ano XIII, n.º 1865, 8-IX-1885: CALDAS (J. J. da Silva Pereira), «Lápide Romana Inédita».

Comptes Rendus de L'Académie des Inscriptions et Belles-Lettres,
Paris:

1969, pp. 213-236: ALARCÃO (J.), ÉTIENE (R.) e FABRE (G.),
«Le Culte des Lares à Conímbriga (Portugal)».

O Concelho de Santo Tirso, Boletim Cultural, Câmara Municipal de
Santo Tirso, Porto:

Vol. II, 1953, n.º 3, pp. 397-401: SANTAREM (C. M. Faya),
«Duas Inscrições Romanas Inéditas do Concelho de S. Tirso».

Vol. V, n.º 1, 1956, pp. 61-72: SANTAREM (C. M. Faya),
«Inscrições Romanas do Concelho de S. Tirso», n.º 2, 1957,
BOUZA BREY (Fermin), «A Deidade Galaica Cusune-
neoco», e n.º 3, 1957, pp. 293-301: AZEVEDO (Rogério),
«A 'Ara de Burgães' e a 'Ara de Ervedosa'».

IV Congreso de Ciencias Prehistoricas e Protohistoricas em Madrid,
Saragoça, 1956:

P. 974: CORTEZ (F. Russell), «Divinités des Pyrénées et du
Portugal».

Congresso Luso-Espanhol para o Progresso das Ciências:

T. VIII, 7.ª secção, Coimbra, 1956, pp. 241-257: COELHO (José),
*Notas Epigráficas — Cinco Inscrições Latinas (De Viseu e
Imediações)*.

I Congresso Nacional de Arqueologia — Actas e Memórias, Lisboa
(BNL: CG 8944 V):

Vol. I, 1959: LAMBRINO (T. Scarlat), «Les Germains en
Lusitanie».

II Congresso Nacional de Arqueologia — Actas, Coimbra, 1971:

Vol. II, pp. 347-351: ENCARNAÇÃO (José d'), «O Conceito
de Divindade Indígena sob o Domínio Romano na Península
Ibérica».

Congrès International d'Anthropologie et d'Archéologie Préhistoriques
(9.ª sessão, em Lisboa, 1880), Lisboa, 1884 (BNL: SA 7947 V):

Vol. 438-451: COELHO (Francisco Adolfo), «Sur les Cultes
Péninsulaires Antérieures à la Domination Romaine».

Conimbriga, Revista do Instituto de Arqueologia da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra (BNL: PP 11 251 V):

Vols. II e III, 1960-1961, pp. 223-229: CARDOZO (Mário), «Uma Nova Divindade Pré-Romana Venerada na Lusitânia».

Correio do Minho, Braga (BNL: J 3358 G):

21-X-1954: BOAVENTURA (Manuel de), «Uma Ara Votiva no 'Castro' de S. Lourenço».

4-XI-1954: CUNHA (Cón.º Arlindo Ribeiro da), «A Ara do 'Castro' de S. Lourenço».

O Dia, Lisboa:

10-V-1890: VASCONCELLOS (J. Leite de), «O Deus Lusitano Endovellico (Notícia Sucinta)».

Distrito de Viseu, Viseu (BNL: J 3908 G):

29-VII-1936 (n.º 355): ALVELOS (M.), «O Deus Lurunio».

Douro-Litoral, Boletim da Comissão de Etnografia e História, Junta de Província do Douro Litoral—Porto (BNL: CG 5227 V):

2.ª série, vol. VI, 1946, pp. 60-79; vol. VII, 1947, pp. 56-76, e vol. VIII, 1947, pp. 60-75: MATTOS (Armando de), «Inventário das Inscrições do Douro-Litoral».

2.ª série, vol. VIII (1947), pp. 52-59: SOUSA (Arlindo de), «Vila da Feira Lusitano-Romana».

3.ª série, vol. I, 1948, pp. 50-64: MONTEIRO (António), «As Pontes de Canavezes».

8.ª série, vol. IX, 1958, pp. 873-887: ALMEIDA (Carlos Alberto F. de), «Um Aspecto do Culto dos Rios da Lusitânia (Sua Divindade, Castigo e Rito Expiatório para Todos Que os Atraçassem)».

Emerita, Revista de Linguística y Filología Clásica, Consejo Superior de Investigaciones Científicas, Madrid (BNL: RE 281 V):

T. III, 1935, pp. 214-224: BALMORI (C. Hernando), «Ataecina, Adaegina».

T. XXIV, 1956, pp. 294-297: ALBERTOS (María Lourdes), «Mercurio, Divinidad Principal de los Celtas Peninsulares?».

T. XXXII, 1964, pp. 209-252, t. XXXIII, 1965, pp. 109-143: ALBERTOS (María Lourdes), «Nuevos Antroponimos Hispánicos».

Ephemeris Epigraphica, Instituto Arqueológico de Roma, Berlim (FDL: A/XIII/3):

Vol. VIII, 1899, pp. 351-528: HÜBNER (E.), «Additamenta Nova ad Corporis Volumen II».

Vol. IX, 1903, pp. 12-185: DESSAU (H.), «Additamenta Nova ad Corporis Volumen II».

Era Nova, Chaves (BNL: J 3900 G):

N.º 24, 19/VII/1936: BARROS (Francisco de), «Museu Regional».

Ethnos, Revista do Instituto Português de Arqueologia, História e Etnografia, Lisboa:

Vol. III, 1948, pp. 281-298: COELHO (José), «Notas Arqueológicas — 'Cidades Mortas' (Contribuição para o Estudo Arqueológico e Artístico da Beira)».

Genava:

Vol. XXIV, 1946: DEONNA (W.), «Quand Dieu Roule Ses Tonneaux» (pp. 118-124).

Hispania Antiqua Epigraphica, Madrid:

[Colecção de inscrições hispânicas publicadas].

Historia de España, dir. p/ R. Menéndez Pidal, Madrid:

Vol. I, t. III, 1954, pp. 5-194: MALUQUER DE MOTES (J.), «Pueblos Celtas».

Historia de Portugal, dir. p/ Damião Peres, Portucalense Editora, Barcelos:

Vol. I, pp. 215-290: CORREIA (Vergílio), «O Domínio Romano».

Historia e Memórias da Academia Real das Sciencias de Lisboa, Lisboa. [É a 2.ª série das Memórias, publicada em três tomos, de 1843-1856]:

T. III, parte 1, 1851, pp. 45-59: CASTELO BRANCO (José Barbosa Canais de Figueiredo), «Apontamentos acerca da Vila de Soures».

Humanitas, Instituto de Estudos Clássicos, Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, Coimbra (BNL: J 5422 B).

Nova série, vols. VIII-IX, 1959-1960, pp. 112-132: RODRIGUES (M. de Lourdes), «Inscrições Romanas do Museu Machado de Castro».

O Instituto, Coimbra:

Vol. c, 1942, pp. 576-580: COELHO (José), A Inscrição Latina da 'Pedra Escrita' do 'Crasto dos Três Rios'.

Jornal da Costa do Sol, Cascais:

23-XI-1968: ENCARNAÇÃO (José d'), «Sensacional Descoberta Arqueológica».

11-I-1969: ENCARNAÇÃO (José d'), «Urgente Apelo à Imprensa, mormente à Imprensa Regional».

Jornal Encyclopedico, Lisboa (BNL: J 3):

Vol. ix, Maio de 1790, pp. 191-201: SAMPAIO (Francisco Xavier Ribeiro de), «Memorias sobre as Ruínas do Mosteiro de Castro de Avelãs ...».

O Liberal, Viseu:

N.º 23, 3-X-1885: «Altar Luso-Romano Encontrado em Castro-Daire em 1877». [Sem indicação de autor. Será Vitorino da Silva Araújo? Borges faz referência a um artigo deste senhor, transcrevendo justamente as interpretações da inscrição a Arus, que vêm aqui consignadas. Não nos pareceu suficientemente documentado].

Lucerna, Cadernos de Arqueologia do Centro de Estudos Humanísticos do Porto, Porto:

Vol. I, 1961, pp. 26-28: BRANDÃO (D. Domingos de Pinho), «Denso — Uma Nova Divindade Bárbara do Panteão Lusitano».

Vol. III, 1963, pp. 260-267: SAMPAIO (Rosa do Carmo), «Bracara Augusta — Notas para a Sua História e Arqueologia».

Vol. VI, 1965, pp. 270-273: BOAVENTURA (Manuel), «Ara Votiva a Dafas».

Memórias da Academia das Ciências de Lisboa, Lisboa (BNL: PP 229 V):

Vol. I, 1936, classe de Letras, pp. 441-449: PEREIRA (F. Alves), «Hierologia de Um Povo da Lusitânia (O Deus 'Arentius')».

Memorias da Academia Real das Sciencias de Lisboa, nova série, Lisboa (BNL: P 1199-1250 A). (Esta nova série foi iniciada em 1854):

T. IV, parte I, 1872: HÜBNER (Emílio), «Noticias Archeologicas de Portugal» (versão portuguesa de A. S.) (BNL: P 1231 A).

Memorias de Litteratura Portugueza, Academia Real das Sciências de Lisboa, Lisboa. [8 vols., distintos das *Memórias da Academia*, publicados de 1792 a 1821]. (BNL: HG 4294-4301 V):

T. III, 1792, pp. 93-110: NETO (José Diogo Mascarenhas), «Memoria sobre Antiguidades das Caldas de Vizela».

T. V, 1793, pp. 258-263: SAMPAIO (Francisco Xavier Ribeiro de), «Memoria sobre as Ruinas do Mosteiro de Castro de Avelans . . .».

Miscelânea de Filologia, Literatura e Historia Cultural à Memória de F. A. Coelho, Lisboa:

Vol. II, 1950, pp. 178-191: TOVAR (A.) e NAVASCUES (J. M.), «Algunas Consideraciones sobre los Nombres de Divinidades del Oeste Peninsular».

Museu-Biblioteca do Conde de Castro Guimarães, Cascais:

Boletim n.º 2, 1971, pp. 89-112: ENCARNAÇÃO (José d'), «Inscrições Romanas de Cascais».

Museu Illustrado, Porto:

Vol. I, 1878, pp. 155-156: SARMENTO (F. Martins), «O Deus Bormânico».

Nova Alvorada, Famalicão:

1894 (4.º ano), n.º 2: SARMENTO (F. Martins), «O Deus Brigo».

Novidades, Lisboa:

- 1892 (24-X): VASCONCELLOS (J. Leite de), «A Deusa Trebaruna».
1942 (30-VIII e 6-IX): MONTEIRO (José Alves), «Ara e Cipo Miliário Inéditos».

Olisipo, Boletim do Grupo Amigos de Lisboa, Lisboa:

- N.º 11, 1940, pp. 80-84: SILVA (Augusto Vieira da), «Mais Descobertas no Castelo de S. Jorge».

O Panorama Contemporâneo, Coimbra:

- 1883-1884 (1.º ano), pp. 9, 17 e 25: SARMENTO (F. Martins), «A Propósito de Castros».

Prisma, Revista de Filosofia, Ciência e Arte, Porto (BNL: J 5298 B):

- Ano II, n.º 3, 1938, pp. 145-153: TEIXEIRA (Carlos), «Subsídios para o Estudo da Arqueologia Bracarense (A Fonte do Ídolo e o Culto de Nabia)».

A Renascença, Porto (BNL: J 691 B):

- 1878, pp. 42-43 e 54-55: PEREIRA (Gabriel), «Mithologia Iberica (Inscrições Endovellicas de Villa-Viçosa)».

Revista Archeologica e Historica, Lisboa (BNL: J 2232 B):

- Vol. I (1887), pp. 52-57: FIGUEIREDO (A. C. Borges de), «Ara Romana Descoberta em Castro Daire», e pp. 85-93: FIGUEIREDO (A. C. Borges de), «O Supposto Brigantium em Castro de Avellãs».
Vol. III, 1889, pp. 145-149: PEREIRA (Gabriel), «O Santuario de Endovellico».

Revista da Faculdade de Letras de Lisboa, Lisboa (BNL: J 2243 B):

- 3.ª série, n.º 6, 1962, pp. 68-78: ALMEIDA (D. Fernando de), «Aras Inéditas, Igeditanas, Dedicadas a Marte — Um Templo de Marte em Idanha-a-Velha».
3.ª série, n.º 8, 1964, pp. 65-73: ALMEIDA (D. Fernando de), «Igaedus, Divindade Lusitana, e a Senhora do Almortão».
3.ª série, n.º 9, 1965, pp. 19-31: ALMEIDA (D. Fernando de), «Mais Divindades Lusitanas do Grupo Band».

Revista de Arqueologia, Lisboa (BNL: J 2244 B):

Vol. I, 1932, pp. 16-22, 60-64 e 86-92: PEREIRA (F. Alves), «Nova Ara do Deus 'Arentius' dos Igeditanos».

Revista de Guimarães, Sociedade Martins Sarmento, Guimarães (BNL: J 5003 B):

Vol. I, 1884, pp. 57-67: SARMENTO (F. Martins), «O Deus Bormanico (Subsidio para o Estudo da Mythologia dos Lusitanos)», e pp. 161-189: SARMENTO (F. Martins), «Materiaes para a Archeologia do Concelho de Guimarães».

Vol. III, 1886, pp. 169-188: COELHO (F. Adolfo), «Vestígios das Antigas Línguas da Península Ibérica — Nomes em aico».

Vol. V, 1888, pp. 71-96: PINHEIRO (José Henriques), «Relatório sobre as Ruínas Romanas Descobertas junto da Povoação de Castro d'Avellãs ...».

Vol. XI, 1894, pp. 5-42: GUIMARÃES (Oliveira), «Tagilde — Memória Historico-Descriptiva».

Vol. XVIII, 1901, pp. 8-29: SARMENTO (F. Martins), «Materiaes para a Archeologia do Concelho de Guimarães», e pp. 38-72: GUIMARÃES (Oliveira), «Catalogo do Museu Archeologico».

Vol. XIX, 1902, pp. 157-172: CALDAS (J. J. da Silva Pereira), «Decifração Plausível de uma Inscrição Luso-Romana de Briteiros».

Vol. XXIV, 1907, pp. 79-86: GUIMARÃES (Oliveira), «O Museu Archeologico».

Vol. XXXV, 1925, pp. 137 e 235: cartas de M. Sarmento ao Prof. Pereira Caldas.

Vol. XXXVII, 1927, pp. 97-100: cartas de M. Sarmento ao Prof. Pereira Caldas.

Vol. XL, 1930, pp. 83-87: SARMENTO (F. Martins), carta ao P. Martins Capela.

Vol. LX, 1950, pp. 349 e seg.: BOSCH-GIMPERA, «Los Iberos».

Vol. LXII, 1952, pp. 192-195: FERREIRA (O. da Veiga), «Ara Votiva de Lousã», e pp. 286-298, TABOADA (Jesus), «Epigrafia Romana da Região Espanhola do Tâmega».

Vol. LXVIII, 1958, pp. 355-376: CARDOZO (Mário), «Novas Inscrições Romanas do Museu Arqueológico de Odrinhas (Sintra)».

Vol. LXXX, 1970, pp. 207-238: ENCARNACÃO (José d'), «Lápides a Divindades Indígenas no Museu de Guimarães».

Revista Lusitana, Archivo de Estudos Philologicos e Ethnologicos Relativos a Portugal Publicado por J. Leite de Vasconcellos:

- Vol. I, Porto, 1887-1889, pp. 227-240: SARMENTO (F. Martins), «Para o Pantheon Lusitano», e pp. 351-378: COELHO (F. Adolfo), «Nomes de Deuses Lusitanicos».
- Vol. III, Porto, 1895, pp. 307-315: VASCONCELLOS (J. Leite de), «O Deus Bracarense Pongoenabiagus (Contribuição para o Conhecimento das Religiões Antigas da Lusitânia)».
- Vol. IV, Lisboa, 1896, p. 284: VASCONCELLOS (J. Leite de), «O Deus Bracarense 'Tongoenabiagus'».

Revista Municipal, Publicação Cultural da Câmara Municipal de Lisboa, Lisboa:

- Vols. XX-XXI, 1944, pp. 37-41: SILVA (A. Vieira da), «Uma Estação Lusitano-Romana no Sítio de Poço de Côrtes».

Révue Archéologique, Paris:

- T. XVI, 1922: VASCONCELLOS (J. Leite de), «Idées Religieuses des Lusitaniens».
- 6.^a série, t. XXXVI, 1950, pp. 251-252: traz a recensão crítica ao livro *Epigrafa de Olisipo*, de A. Vieira da Silva, e apresenta novas leituras das epígrafes a *Nemetius* e a *Aponianicus*.

Studium Generale, Boletim do Centro de Estudos Humanísticos, Porto:

- Vol. IX, t. 1.^o, 1962, (*Actas do 1.^o Colóquio Portuense de Arqueologia*, Junho de 1961), pp. 118-124: FERREIRA (J. A. Pinto), «Numão — Notável Estação Arqueológica», e pp. 336-351: RODRIGUES (A. Vasco) e BRANDÃO (Domingos de Pinho), «Missão de Estudo Arqueológico na Região de Vila-riça — Moncorvo».

Subsídios para a História Regional da Beira-Baixa, edição da Junta Provincial da Beira Baixa, Castelo Branco:

- Vol. I, 1940, pp. 97-108: GARCIA (A. Elias), «As Moedas Visigódas de Monecipio».

Trabalhos de Antropologia e Etnologia, Porto:

- Vol. VII, 1935, pp. 73-104: LÓPEZ CUEVILLAS (Florentino), «O Culto das Fontes no Noroeste Hispânico».

A Vida Moderna, Porto:

- 1884, n.º 6: SARMENTO (F. Martins), «O Soldado Que Venceu Viriato».
1885, VI, n.º 6: SARMENTO (F. Martins), «A Inscrição de Burgães».
1887, VIII, n.º 10: SARMENTO (F. Martins), «O Deus Tameóbrio».
1895, XVI, n.º 17: SARMENTO (F. Martins), «A Inscrição de Santo Tirso».

Viriatis, Boletim do Museu de Grão-Vasco, Viseu:

- Vol. I, 1957, pp. 33-42: CORTEZ (F. Russell), «Contributo para o Estudo da Hierologia Pré-Romana da Beira»; pp. 52-54: CORTEZ (F. Russell), «Picius — Divindade Pré-Romana, de S. Pedro de Lourosa (Oliveira do Hospital)», e pp. 99-113: CORTEZ (F. Russell), «Lápides Romanas do Museu de Chaves».

A Voz, Lisboa. (BNL: J 2524 G):

- Ano LV, n.º 1382, 15-XII-1930: ALVES (F. Manuel), «Um Grande Achado Arqueológico».

A Voz da Figueira, Figueira da Foz:

- Ano XVIII, n.º 912, 25-VI-1970, pp. 1 e 3: ENCARNACÃO (José d'), «O Deus Arêncio».

Zephyrus, Crónica del Seminario de Arqueología y de la Sección Arqueológica del Centro de Estudios Salamantinos — Facultad de Filosofía e Letras de la Universidad de Salamanca, Salamanca:

- Vol. III, 1952, pp. 49-63: ALBERTOS (M.ª Lourdes), «Nuevas Divinidades de la Antigua Hispania».
Vol. IV, 1953, pp. 53-68: SANTOS JUNIOR (J. R. dos) e CARDOZO (Mário), «Ex-votos às Ninfas em Portugal».
Vol. XII, 1961, pp. 197-202: MICHELENA (Luis), «Religiones Primitivas de Hispania» (recensão crítica).
Vol. XVII, 1966, pp. 121-130: RODRIGUEZ HERNANDEZ (José), «Dos Nuevas Aras en Coria a Dos Divinidades Gemelas».

DICIONÁRIO DAS DIVINDADES

* ABNA

(Foto 1)

A ara dedicada a esta «divindade» foi encontrada na freguesia de S. Martinho do Campo (Santo Tirso) em 1901; está no Museu de Guimarães¹.

1907 — GUIMARÃES, in *RG*, xxiv, pp. 81-82:

«A sua leitura, apesar de bastante obliterados em parte os caracteres, creio ser: FVSCIN/VS FVSCI / D·D·A/FA-TONII. Na face lateral: M·L·A·P·» (p. 82).

«Os caracteres da 3.^a linha não oferecem dúvidas. A dificuldade está na última l.; a leitura que damos não nos deixa inteiramente tranquilos. A 3.^a e 4.^a letras são sobretudo as de maior dúvida. O traço horizontal da parte superior do T não é completo e demais um outro na parte inferior, que vai ligar com o carácter que supomos o minúsculo, agrava

¹ Sempre que indicamos «Museu de Guimarães» queremos referir-nos ao Museu da Sociedade Martins Sarmento.

a dificuldade. *Afatone* (os dois II=E são conhecidos) será o nome da divindade a quem foi dedicado o monumento?» (p. 82).

«Em conclusão, teremos, pois: *Fuscinus Fusci (filius) d(onum) d(edit) Afatone. M(erito) L(ibens) a(nimo) p(osuit)*» (p. 82).

1913 — LV, *Rel.*, III, pp. 214-215:

Fuscinus Fusci d(eae) d(ominae) a(ugustae?) Abne (=Abnae) m(erito) l(ibens) a(nimo) p(osuit).

«Seja, porém, esta ou não a leitura verdadeira, a inscrição dá [...] testemunho da existência de mais uma divindade [...] provavelmente tópica [...]: ABNA» (p. 215).

1962 — BM, *RPH*, p. 219:

Divindade de carácter desconhecido. Lê como LV — FVS(i), em vez de FVSC(i), por gralha tipográfica talvez — sem aludir às dificuldades de interpretação.

Observações

Vimos a inscrição no Museu de Guimarães (n.º 19 do catálogo).

A lápide, de granito esboraável, não nos permite mais que uma leitura hipotética. A interpretação de LV é, ainda, a melhor.

Que dizer, pois, desta divindade? Enquanto outra inscrição menos deteriorada não nos venha elucidar com mais clareza sobre a grafia do nome, são prematuras quaisquer deduções linguísticas para lhe esclarecer os atributos.

Holder não regista o vocábulo nem outro parecido ou com ele relacionável.

* **ABRICUS** — ver **BRIGUS**

AERNUS

(Fotos 2 e 3)

A esta «divindade» foram dedicadas três lápides: duas encontradas em Castro de Avelãs (Bragança) e a terceira na igreja de Malta (Macedo de Cavaleiros). Actualmente, estão: uma no Museu de Guimarães e outra no de Bragança; a última foi transformada em mausoléu.

1696 — SILVA, *Chronografia*, p. 23:

«Deo Eterno Ordo Zoelar ex voto».

1721-1724 — BORGES, *Descrição*, p. 168:

«Deo Aeterno Ordo zoelatur ex voto. O Senado por voto se dedica ou zela os cultos para Deus Eterno».

1790 — SAMPAIO, in *Jornal Encyclopedico*, pp. 196-198:

«Não podemos duvidar que seja uma dedicatória aquela ara. *A Deus Eterno*: pois AERNO não pode deixar de ser abreviatura de AETERNO. Porém, que se entende por ORDO ZOELARUM?

A inscrição é romana, mas a que propósito foi trazida para a igreja do mosteiro e ali conservada? Onde achada e em que tempo para ele trazida? Aumenta a dúvida não ser esta a única pedra com inscrição quase semelhante; pois na parede de uma casa particular do dito lugar de Castro de Avelãs se acha outra pedra, que me conduziram a obser-

var [...], e na qual se deixa unicamente perceber o seguinte: DEO AR/NO M / ACIDI.

O dono da casa [...] me informou que ele a achara em uma parede velha do mosteiro; [...] e que também constava que se tinha achado outra igual em uma antiga igreja de S. Sebastião em um outeiro junto àquele lugar».

1861 — HÜBNER, *Notícias*, pp. 88-89:

«A 2.^a inscrição mostra, porém, que nada se deve alterar no nome do deus: DEO AeR/NO M/ACIDI.

Insiro unicamente um E que podia estar ligado ao A. O final parece também inexactamente copiado».

1869 — CIL, II, 2606:

«Julgo que, neste lugar, se faz referência a *Aernus* ou *Arnus* [cf. 2607], deus dos Galaicos ou Astures».

CIL, II, 2607:

«Em vez de ARNO, talvez se deva escrever AERNO, conforme a anterior inscrição».

1887 — SARMENTO, *Carta a Hübner*, 2-X-1887:

«Não se pode ler DEO AER/NO M/ ACIDI sem mais cerimónias. [...] Quer dizer que, embora na 3.^a l. haja ACIDI, antes destas letras cabem muito bem um P e um L, por exemplo» (*Correspondência*, p. 107).

Sarmiento baseou-se, sem dúvida, na informação de *Pi-nheiro* (ver adiante).

1887 — SARMENTO, in *RL*, 1, pp. 227-229:

«Sobre a leitura de AERNO não pode haver a menor hesitação [...]» (p. 227). «A existência de um deus AERNO é incontestável; e, pelo que se vê, era ele o deus por excelência de Castro de Avelãs» (p. 228).

1887 — COELHO, in *RL*, 1, pp. 352-358:

«*Aernus* pode ser derivado de *aer* com o sufixo *-no*. Nesse caso, *aer*, *air* seria a raiz. De um radical *aer* derivam alguns nomes europeus no domínio e fora do domínio céltico; tais são: *Aerecura* [...], *Aericusa* [...], *Aeria* [...], *Aeropus* [...], *Aerenosii* [...], *Aeronius* [...], etc. Como se vê, estas indicações não nos levam longe. Nem tão-pouco tiraremos luz clara da consideração das raízes indo-europeias de que possa ter saído a forma *aer*, como a sânscrita e zende *ir* (pôr-se em movimento, levantar-se, apressar-se), ou de um tema *ai+ro* significando 'que toma', 'escolhe' [...] Ficamos sempre no vago.

Se ao menos soubéssemos qual o carácter desse deus *Aernus*, teríamos um ponto de apoio. Era um deus fontanário, como outros da Lusitânia e tantos da Gália? Muito perto de Castro de Avelãs há o Banho, cujas águas mineiras, escassas, são procuradas como remédio a vários males. Seria *Aernus* o deus dessas águas?» (pp. 352-353).

Considerando possível a hipótese de Viterbo, o A. conclui: «Apesar de todos esses factos, não pode asseverar-se pela falta de elementos que *Aernus* esteja realmente por **Avernus*: temos aqui apenas uma hipótese, ponto de partida para uma outra: esse **Avernus* seria, não o clássico *Avernus*, mas o nome de um deus céltico, derivado de uma raiz *av* ou de uma das raízes da forma *av*, se há mais de uma, de que derivam outros nomes célticos antigos» (p. 356).

«* *Avernus* seria um derivado contendo o mesmo sufixo -*erno* que se encontra noutros nomes célticos [...]» (p. 357).

1888 — PINHEIRO, in *RG*, v, pp. 71-96:

Notícia o destino da ara da *Ordo Zoelarum* e lê a outra inscrição:

palma
palma palma
DEO AER
NO·M
·ACIDI

«O monumento está partido pelo meio das letras da 3.^a l., e antes do A cabia ainda outra letra, pelo menos» (p. 75). As ruínas do Outeiro da Torre Velha «são inegavelmente restos de um antigo monumento, e é bem possível que ali fizesse milagres o deus Aerno» (p. 80). Relaciona o culto de *Aernus* com o de S. Sebastião, que provavelmente o veio substituir.

1905 — LV, *Rel.*, II, pp. 109-110 e 338-340:

No cipo, vêem-se «três ramos, ou talvez mais três arbustos, dispostos com simetria e em lugar proeminente, pois ocupam o frontão; no Museu de Bragança existe um cipo funerário, também proveniente de Castro de Avelãs, no qual se vêem três ramos ou arbustos análogos, embora aqui, a julgar do desenho, pareça ver-se uma lande em cada um dos laterais: se não fosse o segundo monumento, poderíamos pensar que o primitivo culto de *Aernus* seria comparável ao de [...] *Arduinna*, deusa da floresta *Arduenna*, na Gália [...], cujo nome «vem acompanhado de duas árvores;

todavia, o segundo monumento leva a crer que, se os ramos ou arbustos eram simbólicos, o símbolo se referia ao culto dos mortos» (pp. 109-110). «Da coexistência das duas inscrições de *Aernus* em um só lugar [...], podemos concluir que o deus tinha ali um santuário. Pena é que não saibamos quais eram os atributos da divindade. A investigação filológica do nome é muito difícil» (p. 340).

1907 — ALVES, in *AP*, XIII, pp. 184-186:

Outra epígrafe: DEO / [A]ERNO / ¹ LUCR(etius)/ VA-
LENS / EX / VOTO. «A inscrição está toda muito clara e legível, letras bem gravadas. Apenas no princípio da 2.^a l. se nota uma depressão [...]» (p. 184). «A imagem de Cristo que se venera nesta igreja de Malta é de muita devoção entre os fiéis, que a ela acorrem de muitas léguas de distância, invocando-a debaixo do título de Senhor de Malta; principalmente nas grandes estiagens e chuvas. Herdar-lhe-ia os atributos?» (p. 185).

1934 — LOPEZ, in *Arqu.*, VI, p. 309:

Referência a um quarto monumento encontrado em Libo-
reiro (território espanhol), que traz AR (iniciais de *Aernus*).
«[...] A mesma localização de três epígrafes parece indicar
que *Aernus* era o deus ou um dos deuses da *civitate* dos
Zoelas».

¹ Segundo nos parece, pode haver, no princípio desta linha, uma
outra letra indicativa do *nomen* do dedicante.

Compara os ornatos floráceos da lápide a *Aernus* com os da lápide funerária e com os de um monumento de Cárcere (AP, xxviii, 216 e 220). «Estes ornatos fazem lembrar o símbolo da legião romana nas suas fracções de Manipulos e Coortes, pois algo se aproximam da figura apresentada por Rich (*Dictionnaire des Antiquités Romaines*, artigo 'Manipulus')» (p. 48). «Vem a dizer: ao deus Aerno Lucr(écio) Valente por voto [...]» (p. 62). Inclui, na p. 161, vasta bibliografia relativa à lápide da *Ordo Zoelarum*, a qual é encarada sob um prisma étnico e geográfico.

1962 — BM, *RPH*, pp. 65-66:

Deus da vegetação. Redacção um pouco confusa: após ter referido as duas aras de Castro de Avelãs, BM diz: «A esta divindade estão consagradas outras duas aras» (p. 66), e só fala em mais uma, a de Malta. «Talvez os arbustos sejam o atributo da divindade, que seria protectora da vegetação; podiam ser também meramente motivos decorativos. O facto de se encontrar uma das aras dedicada pela *ordo* é indício para suspeitar que *Aernus* era o deus do castro» (p. 66). Afirma que, na inscrição de Malta, «o nome do deus é o mesmo das duas inscrições anteriores sem ditongo» (p. 66); no entanto, aponta a falta do A inicial.

Observações

Examinámos a lápide do Museu de Guimarães (n.º 16). Não temos objecção a pôr quanto às observações de Sarmiento no que respeita à leitura. Os motivos vegetais do capitel são estilizados e, por isso, não se assemelham a pal-

mas nem a arbustos — o que, evidentemente, não impede que tal falta de semelhança esteja relacionada com o seu simbolismo. Apresentam um tronco vertical, donde partem, simetricamente, ramos laterais que diminuem de tamanho de baixo para cima, em jeito de folha de palmeira, mas menos obliquamente e mais distanciados.

Pela foto da ara de Malta, parece-nos boa a leitura de Alves.

* *Acidi*, genitivo de um possível gentílico *Acidus*, não é referido pelos autores como sendo indígena ou, pelo menos, não latino. O dedicante da ara de Malta, *Lucretius Valens*, tem nome de ressonâncias romanas.

A qualidade de deus da vegetação atribuída a *Aernus* não nos parece improvável: a possibilidade de comparação com a forma grega ÉRNOS (ramos, plantas, rebento) e a achega trazida por Alves (1908) (o Senhor de Malta invocado como protector nas estiagens e chuvas), aliadas ao possível simbolismo dos ramos, parecem confirmar a hipótese. Como deus da vegetação poderia ter igualmente qualidades de divindade funerária a que se recomendavam os mortos. O Sr. D. Fernando de Almeida opina que os ornatos floráceos são a representação da «Árvore da Vida», símbolo funerário muito frequente — o que vem confirmar a nossa hipótese.

O aparecimento de outras epígrafes com igual decoração viria tornar mais provável esta hipótese. O nome da divindade não oferece dúvidas de grafia.

* AFATONE — ver * ABNA

* ALBOCELUS

O nome deste deus encontrar-se-ia numa pedra em Vilar de Maçada, concelho de Vila Real, na Igreja Paroquial de Nossa Senhora da Assunção. Desconhece-se o seu actual paradeiro.

1869 — CIL, II, 2394 b:

De entre várias letras, só se distinguiriam *ALBO CELO*. A notícia é extraída do *Dicionário Geográfico Manuscrito* da Torre do Tombo, 41, p. 1985. Hübner supõe tratar-se de um nome divino, mas nota-o com um asterisco: * *Albocelus*.

1905 — LV, *Rel.*, II, 337:

Deus de «nome incerto». A referência de Hübner.

1950 — TOVAR, in *Misc.*, p. 189:

Considera o nome «claramente» geográfico derivado do topónimo *Albocela*.

1962 — BM, *RPH*, pp. 71-72:

Deus «cujo nome é um topónimo». «A cidade é citada no IA 434, 7. Políbio (III, 14, 1) fala de uma cidade ARBOUKALE que pertence aos *Vaccei* (liv. XXI, 5, 6; Pt., II, 6, 49). Sobre *Albocela* e *Ocelum* é muito sugestiva a conexão mítica entre estas cidades e *Okellas*, herói relacionado com *Antenor*, o troiano, recolhida por A. García y Bellido ('Una Colonización Mítica en España', in *CHE*, VII, 1947, 112)».

Observações

O que vem no *Dicionário* é francamente muito pouco: cremos, por conseguinte, ser meramente hipotético tudo o que se possa dizer sobre esta «divindade».

* AMEIPICER

A ara apareceu na Quinta de Orjais, no extremo sul de Braga. É possível que esteja guardada no Museu de D. Diogo de Sousa, dessa cidade: os esforços que envidámos para o saber resultaram infrutíferos.

1903 — BELLINO, in *AP*, VIII, pp. 46-47:

AMEIPICRI (?) / SACRVM / A(ulus) CRASSICIVS / PATERNVS / V(otum) S(olvit) L(ibens) A(nimo) — é a leitura apresentada, a que nós acrescentámos, apenas, a divisão de linhas. «[...] lendo-se a custo o nome da divindade pagã e o dedicante [...]» (p. 46).

«A redacção da epígrafe é perfeita» (p. 47).

1903 — LV, in *AP*, VIII, pp. 296-297:

«Em novo exame que o Sr. Bellino e eu fizemos [...], verificámos que a 1.^a l. é efectivamente AMEIPICRI; só a 5.^a letra apresenta em baixo uma curvatura que a faria tomar por B, se ela fechasse em cima (o que nos leva a crer que a letra é realmente P). A 1.^a letra da 3.^a l., que tomámos por A, está bastante apagada» (p. 297).

1905 — LV, *Rel.*, II, p. 333:

«O nominativo de *Ameipicri* pode ser *Ameipicer* (cf. *pater, frater, mater*) ou *Ameipicris*; no § 11 vimos outros nomes de deuses cujo nominativo acaba em *-is*. Sobre a significação da palavra nada posso dizer».

1957 — BM, in *AEArq.*, xxx, p. 62:

«*Ameipicer* [...] provavelmente seria uma ninfa, como as *Nimphae fontis Ameucni* [*CIL*, II, 5084]».

1962 — BM, *RPH*, p. 169:

Segue a leitura de LV, excepto na fórmula votiva, em que lê *L(aetus)*, em vez de *A(nimo)*. «A letra é típica do século II». «A presente divindade é ninfa de alguma fonte, o seu nome apresenta grandes analogias com *Ameucn*, divindade de carácter aquático». A analogia não é grande, em nosso entender, e, por outro lado, não tem carácter demonstrativo.

Observações

O gentílico *Crassicius*, do dedicante, não o encontramos referido nos habituais autores, que tratam do onomástico indígena. No *CIL*, III, 6010, 74, há (segundo Holder) uma referência a *Crassiacus*, derivado do antropónimo latino *Crassius*, donde também derivará *Crassicius*.

Há, resumindo, bastantes probabilidades de estarmos perante nova divindade indígena, cujo nome seria *Ameipicer* ou *Ameipicris*, de atributos por enquanto desconhecidos.

* ANTISCREUS

(Foto 4)

A lápide foi encontrada em Castro de Monte Redondo, Braga. Guarda-se no Museu de Guimarães.

1909 — BELLINO, in *AP*, xiv, p. 22:

Acha que o trabalho «é imperfeito, como todos os da decadência do império». Lê. PROS / †CNSC/REOSEI / HERMES / V·S·L·M. «Seius Hermes cumpriu de boa vontade o voto feito pela saúde de ...».

1913 — LV, *Rel.*, III, pp. 216-217:

«Por tudo isto leio: *Pro s(alute) Ti. C.* (=Tiberii Caesaris?) ANTISCREO Se[...]? deve ser um gentílico] *Hermes v.s.l.m.*, donde se vê que certo indivíduo cumpriu um voto que havia feito ao deus ANTISCREUS (caso seja boa a minha leitura) pela saúde de outrem. A nova divindade dos *Bracari* apresenta-se aqui manifestamente, como em geral as divindades locais, com carácter salutífero» (p. 217).

«Suponho que o Rev. Fidel Fita [...] interpretou a 1.^a l. por PROS(*erpina*), o que não me parece aceitável» (p. 217, nota).

Observações

Trata-se, como se pode ver pela foto, de uma pedra granítica, muitíssimo esboroada. As letras são de grande irregularidade e distanciadas. Em face da lápide no seu estado actual (examinámo-la no Museu), torna-se difícil sustentar qualquer hipótese. Obra de um gravador inábil, apresenta nas l. 2, 3 e 4 sulcos que não podemos saber se lá estiveram inicialmente ou se foram provocados depois pelos maus tratos que a pedra tenha sofrido.

Na 1.^a l. lê-se, do lado direito, «PROS», seguido de ponto. O S não está separado do O que o precede, e, por isso, é difícil dizer se se trata de duas palavras — *Pro s(alutem)* — ou de uma só — *PROS(erpinae)*. Se a gravação não fosse

tão irregular, era mais viável a última hipótese. A seguir, embora haja espaço, não existe vestígio de mais nenhuma letra.

Na 2.^a l. há, logo no início, uma letra que não conseguimos identificar, e, depois, IC com um ponto; segue-se-lhe uma letra muito larga, que parece N, cuja última haste se prolonga inclinada para a direita acima do alinhamento, sendo cortada por uma haste horizontal em forma de cruz — faz-nos pensar num nexos que reúna um N, um T e um I. Temos, em seguida, um S irregular e um C.

Na 3.^a l. lê-se bem «REO»; há um espaço, depois um S, seguido de uns sulcos, que nos deram a impressão de serem um U muito largo dividido a meio por um traço horizontal, que, talvez, serão um E e um I.

Na 4.^a l. pode ler-se «HERMES»; o H está em nexos com o E, mas falta a haste horizontal superior desta última letra. E o segundo E mais parece um I seguido de ponto. O S final está muito distanciado das letras anteriores. Assim, para ser «Hermes», temos de concordar que o nome se encontra muito mal escrito.

A fórmula votiva, que ocupa a 5.^a l., não oferece qualquer reparo.

Em suma: «PROS· / [...]IC· NSC/REO SŪ / HERMI· S / V·S·L·M».

Por conseguinte, nada de seguro. Holder só apresenta, de parecido, o sufixo -ANTIS, tanto no primeiro volume como no suplemento.

Demorámo-nos um pouco na descrição desta inscrição para demonstrar a sua dificuldade e como se torna precoce qualquer tentativa de interpretação dos atributos da divindade a que esta pedra foi devotada (caso não se trate de Prosérpina, como vimos), quando nem o seu próprio nome é bem conhecido.

APONIANICUS POLISCINIUS

(Foto 5)

O nome desta divindade encontra-se numa ara descoberta durante um desaterro no sítio de Poço de Cortes, em Lisboa, quando da construção da avenida que liga o Aeroporto da Portela ao Poço do Bispo, em 1944. Actualmente, a ara, cuja foto nos foi amavelmente cedida pelos Serviços Culturais da Câmara Municipal de Lisboa, está numa arrecadação da Avenida da Índia (Belém, Lisboa), dependente daqueles Serviços (Palácio Galveias).

1944 — SILVA, in *RM*, p. 39:

«*G(rato?) S(ibi? ou uo?) Aponianico Poliscinio Sacrum A(nimo) L(ibens)*» — «Monumento sacro ao (seu) querido (deus) Poliscínio Aponiânico. (Dedicou) com a maior satisfação (*está suprimido o nome do dedicante*)». «*Aponiana* era uma ilha da costa ocidental da Sicília, parece que Fagniana, uma das três de que se compõe o arquipélago das Égates».

1944 — SILVA, *EO*, pp. 271-272:

Única diferença relativamente à leitura anterior: «*C(aro?) S(uo ou sibi?)*». «As letras C.S. podem ter ainda outras significações mais ou menos verosímeis, que nos dispensamos de mencionar» (p. 271).

1950 — *Révue*, xxxvi, p. 252:

«C·S· / APONIANICO / POLIS CINIO / SACRVM / A·L· Leitura de H. G. Pflaum : *G(enio) s(acrum) · Aponia Nicopolis Genio sacrum a(nimo) l(ibens)*». Esta interpretação

não a cremos provável: primeiro, porque na pedra não há a separação de palavras pretendida por Pflaum; segundo, por admitir a repetição de *Genio sacrum*, que nos parece pouco explicável.

Observações

A epígrafe é original pela forma inusitada como está concebida: sem indicação do dedicante e com abreviaturas um tanto fora do normal.

A primeira letra é, seguramente, um G, distinguindo-se dos C porque estes não apresentam curvatura inferior para cima.

Parece-nos possível a seguinte interpretação: *G(enio) S(ancto) / Aponianico / Poliscinio / sacrum / a(nimo) l(ibens)*. Ou seja: «Consagrado de boa vontade ao génio santo Aponiânico Poliscínio».

Quanto ao nome do deus, além da aproximação, feita por Silva, com *Aponiana* — o que nos levaria a pensar numa divindade tópica, sendo, nesse caso, *Aponianicus* um epíteto do deus *Poliscinius* —, citemos também *Aponus*, nome de uma nascente de água quente sita junto de Pádua — o que nos induziria a atribuir ao deus um carácter aquático-medicinal. Salientemos, no entanto, que estas aproximações, se bem que sugestivas, pouco de concreto nos podem trazer.

ARACUS ARANIUS NICEUS

(Fotos 6, 7 e 7A)

Este deus encontra-se documentado numa ara recentemente descoberta em Manique de Baixo, freguesia de Alcabideche, concelho de Cascais. Era conhecido desde o sé-

culo xvi, mas a epígrafe perdera-se. Está presentemente na quinta do Instituto Missionário Salesiano, perto do local donde foi desenterrada em 1966.

1869 — *CIL*, II, 4991:

«Numa ara de S. Paulo (Lisboa): ARACOARANIO / NICEO·I· MAXVMA / AVVI · V·A·S·L·S .

Anonymus Neap. f. 38, 39.

Ara colocada a algum deus desconhecido por uma mulher, segundo parece, que *v(otum) a(nimo) s(uo) (?) l(ibens) s(olvit)*».

No índice, Hübner põe a hipótese de o vocábulo *aram* estar incluído na 1.^a l. e lê *I(ulia) Maxuma*; apresenta *Auvi* como cognome. Na inscrição 6162 faz-se referência a uma *Arania Fortunata*, considerando Hübner o vocábulo *Arania* como *nomen*.

1896 — *Holder*, I, p. 171:

«ARACUS M. (London), *CIL*, VII, 1336, 87: *Araci ma(nu)*.
G. (San Paulo) II 4991: *Araco Aranio Niceon*».

1905 — *LV, Rel.*, II, p. 313:

Divindade de carácter incerto. «*Aracoaranioniceus? Coaranioniceus?*». «Infelizmente é muito incerta a leitura, pois ARA- pode fazer parte do nome da divindade, ou ser o substantivo comum *ara(m)*, que às vezes se encontra nas inscrições desta espécie. O resto da inscrição não é mais claro; apenas nas últimas letras se divisa a cláusula, ainda assim com dúvidas (será o primeiro *s* a inicial de *suo*, como Hübner pergunta?). — Em vão tenho procurado o monumento; decerto desapareceu».

1950 — TOVAR, in *Misc.*, p. 189:

«Talvez Aracoaranioniceo» seja um «composto impróprio».

1968 — TOVAR, carta de 11-XII:

Havíamos-lhe noticiado o reaparecimento da ara e perguntáramos a sua opinião acerca do nome do deus. Respondeu: «Infelizmente não estou em condições de resolver o enigma da etimologia do nome da divindade. *Aracus* encontra-se como nome de pessoa no Nórico (*CIL*, III, 4937) e na Britânia (*CIL*, VII, 1336-1387). *Arakos* aparece como nome em Homero (*I*, 232). Um «ilírio» *ʔarakos*, «falcão», regista Krahe de Hesíquio. Estes dados fornece-os Maria Lourdes Albertos Firmat na p. 30 da sua *Onomástica Personal*. Também da mesma autora, *ibidem*, *Arania* no *CIL*, II, 6162, Barcelona, gen. *Arani* 5717 no *N* de León, *Aranicus* 851 em Capara. *Aranius* cita também na Gália. Além destas comparações possíveis, parece evidente que Araco é nome divino e Aranioniceo seria um adjectivo referente a um lugar. Nos meus *Estudios* [...] propus explicar como geográficos estes adjectivos que aparecem como nomes divinos: trata-se de divindades ligadas ao lugar. *Aranioniceo* (ou *Aranio Niceo*?) pode ser a divindade de um lugar. Parecido na Lusitânia só encontro *Arandis*, que foneticamente não seria impossível aproximar, supondo que *nd* dessê *n*. Como um *Reuuenabaraeco* parece que se relaciona com *Ruanes*, a povoação onde a inscrição foi encontrada, talvez também *Aranio(niceo)* sobreviva na actual toponímia da região».

1969 — TOVAR, carta de 27-I:

Perguntáramos se *Aracus* poderia ter qualquer parentesco com a raiz céltica *AR-, existente na Península, e cujo significado é «trabalhar». Respondeu: «Seria difícil dizer». Outra

pergunta nossa: *Aranius* (?) será de comparar com *AGRA-NION, outra raiz céltica cuja significação se prende a elementos vegetais? Resposta: «Foneticamente seria arriscadíssimo dizer que *Aranius* se pode comparar com *agranion*».

Observações

Em «Notas sobre Alguns Vestígios Romanos no Concelho de Cascais» descrevemos o achamento da lápide, as suas dimensões, leitura e interpretação. Limitar-nos-emos, pois, a repetir somente o que for necessário para melhor compreensão do problema, aperfeiçoando o que então escrevemos.

A ara estava incluída no antigo muro soterrado do que fora, segundo dizem os mais antigos habitantes do lugar, uma capelinha a S. Paulo. Interessante verificar que os anciãos sabiam da existência desse «friso da capelinha». Partida a meio, no sentido transversal, a leitura da epígrafe é fácil e pudemos verificar que a nossa (a princípio, reputávamos inédito o monumento) coincidia com as leituras anteriores, com a diferença de que existe claramente um ponto *distinguens* entre as palavras ARACO e ARANIO. Interpretámos, pois: *Araco Aranio / Niceo I(ulia ou Iunia) Maxuma / Auvi (filia) v(otum) a(nimo) s(uo) l(ibens) s(olvit)*. Ou seja: «Júlia ou Júnia Máxima, filha de Auvo, dedicou este voto, de boa vontade, ao deus Áracó Arânio Niceu».

Mas vamos por partes:

a) *O problema do local*:

Não pudemos saber, por enquanto, qual a referência exacta que vem no *Anónimo Napolitano* (manuscrito da Biblioteca Nacional de Nápoles), donde Hübner tirou a sua notícia¹.

¹ Posteriormente lográmos obter fotocópia da página manuscrita do *Anónimo* e publicámo-la no trabalho *Inscrições Romanas de Cascais*. Nada acrescenta, porém, que possa vir a ser pista de nova investigação.

No entanto, uma coisa é certa: a coincidência existente entre a indicação de «S. Paulo (Lisboa)» e a circunstância de, em Manique, ter existido uma capelinha a S. Paulo. Portanto: ou se trata do mesmo local e o vocábulo «Lisboa» tem de ser entendido no seu sentido lato de «arredores de Lisboa» (o manuscrito traz apenas «A Sam Paulo»), ou a lápide esteve primeiramente na Igreja de S. Paulo, na cidade de Lisboa, e, depois, em data desconhecida, foi transportada para Manique. Consideramos mais plausível a primeira hipótese, até porque não encontramos nos escritores quinhentistas que tratam de Lisboa qualquer referência a esta lápide. É certo que também não temos outras indicações acerca desta capelinha, a não ser as da tradição.

Salientemos um outro aspecto: a ara encontrou-se no que poderíamos chamar uma elevação de terreno, um pequeno planalto sobranceiro à povoação. Nenhuma escavação foram, até à data, levadas a efeito no local para que possamos obter a confirmação da hipótese, que formulamos, de que existiu aí, antes da capelinha a S. Paulo, um santuário pagão, dedicado talvez ao deus Áraco.

b) *O nome do deus e seus atributos:*

A leitura apresenta apenas uma dificuldade, no que concerne ao teónimo: será *Aranioniceo* ou *Aranio Niceo*? Inclínamo-nos para o segundo caso, baseados no facto de existir o vocábulo *Aranius* e de poder existir também *Niceus*.

Poderá a linguística ajudar-nos a determinar os atributos desta divindade? *Dauzat*, por exemplo, apresenta várias palavras em que entra o radical *ar-*, a que ele atribui o sentido possível de «água» ou «água corrente», donde derivaria a palavra ibero-basca *aran*, «vale» (*Les Noms*, pp. 195-196 e 214). Em Manique, região bastante seca, corre efectivamente uma ribeira, de cujo caudal dependem as hortas das suas margens, e que é o único curso de água notável na zona. Torna-se, pois, possível a aproximação entre estes dois elementos, a divindade e as águas fecundantes, de forma a con-

siderá-la ligada à vida agrícola. Quanto ao seu nome, é provável que *Niceus* queira dizer «oriundo de Niceia», ou «cultuado em Niceia». Esta hipótese, um tanto simplista talvez, implica um contacto dos povos desta área com as civilizações orientais. E esse contacto já está documentado, desde o Neolítico (cf. O. da Veiga Ferreira, *A Cultura do Vaso Campaniforme no Concelho de Cascais*, Cascais, 1964, p. 7).

Mas tudo isto serão, quiçá, fantasias sem valor. Aguardemos as escavações, a descoberta de outros vestígios arqueológico-epigráficos e de algum documento histórico esclarecedor sobre a evolução de Manique de Baixo.

O nome *Maxuma* é frequente: em votos a *Endovellicus* encontramos uma *Critonia Maxuma* (CIL, II, 132) e uma *Iulia Maxuma*, ambas sem indicação de filiação. Todavia, a dedicante é indígena por parte do pai. Sobre *Auvus*, cf. *Palomar*, p. 47, onde se alude à forma *Auva*, registada em Ávila, e *Emerita*, XXXII, p. 228.

ARENTIUS

Do culto desta divindade há quatro monumentos epigráficos encontrados em território português. Correspondem, porém, a quatro aspectos diferentes do deus, porque o nome divino nunca aparece da mesma forma, o que nos faz pensar, desde já, que assumia características tópicas. Elenquemos, antes de mais, as epígrafes, que vamos estudar em separado:

A) ARANTIUS TANGINICIAECUS: ara encontrada no Rosmaninhal, concelho de Idanha-a-Nova, em 1926. Está no Museu de Castelo Branco;

B) ARENTIA e ARENTIUS: Ninho do Açor, localidade do concelho de Castelo Branco. Está no Museu de Castelo Branco;

C) ARENTIUS: Chão do Touro, arredores de Monsanto, concelho de Idanha-a-Nova. Está no Museu Nacional de Arqueologia e Etnologia (Lisboa), desde 1904;

D) ARENTIUS CRONISENSIS: Zebras, Orca, concelho do Fundão (Beira Baixa). Está no Museu Municipal Dr. Santos Rocha (Figueira da Foz).

A) ARANTIUS TANGINICIAECUS

(Foto 8)

1932 — PEREIRA, in *RA*, I, pp. 16-32:

«ARANTIO / TANGINI/CIAECO / AVITA· / VITALIS F / A·L·V·S·» (p. 18). «O onomástico desta divindade aparece nesta ara com a 2.^a sílaba enunciada com *a*, diferentemente das outras epígrafes homónimas, em que se lê *Arentius*. É de presumir que esta diversidade seja apenas a repercussão da pronúncia local, e não fenómeno a que deva ligar-se maior importância; há, até agora, três exemplos de *Arentius* contra um só *Arantius*. Qual será o fundamental? Seria inverosímil que na mesma região se tratasse de duas divindades diversas; deve afastar-se essa hipótese» (p. 19).

«Quanto à outra forma *Arantius*, que, no caso corrente, se me afigura variante local fonética, também na epigrafia da urbe de Roma ela se encontra registada; no *CIL*, VI, 3186: C. ARANTIVS ATIVTOR, etc. Temos, pois, estas formas como expressões conhecidas, apenas, porém, aí na qualidade de denominações pessoais. Parece-me, no entanto, lícito, dissecando o vocábulo, separar o radical *Ar-*, que, segundo Holder, é em céltico partícula intensiva, e a desinência *-antius*. Ora, na hierologia lusitânica encontra-se o mesmo radical no onomástico do deus *Ar-us*» (p. 19-20).

«Ao lado de *Arantius* podem mencionar-se vocábulos cuja estirpe se me afigura idêntica, como: *Arandis* e *Aranditani* [...]» (p. 21).

«Os factos até aqui relacionados depõem a favor da celticidade de *Arantius* (ou *Arentius*), divindade territorial dos *Igeditani* [...]. É um índice de celtização profunda, pelo seu exclusivismo geográfico, bem caracterizado» (p. 22).

«Para a apreciação do carácter deste nume não ousou formular hipóteses, pela falta de bases incontestáveis» (p. 22). Está apenas persuadido da celticidade das expressões.

«A identidade dos radicais [...] permite supor que o carácter destas divindades se esconde, todo ou em parte, no radical dos seus onomásticos, sendo indiferentes para o caso as desinências. Ao mesmo tempo, a existência de epítetos em duas das aras de *Arantius* ou *Arentius* inclina-me ao critério da plasticidade deste nume igeditano, a que podiam amoldar-se e adaptar-se epítetos variados que corresponderiam às invocações dos crentes, podendo definir em parte o seu carácter hierológico» (p. 22).

«O formulário romano obriga o intérprete a ler, com a reunião das duas linhas referidas, uma só palavra: 'Tangini-ciaeco'; de outro modo, o vocábulo 'Tangini' seria um genitivo latino que não tinha, naquele lugar, razão epigráfica de existir e seria illogicamente seguido de outra expressão terminada por uma desinência de caso latino em -o que ficaria isolada. Há, pois, impossibilidade epigráfica na cisão da palavra aludida» (p. 60).

Estabelece várias comparações, terminando por apresentar o seguinte quadro:

«Tangini-ci-aecus
Tiaurau-ci-aicus
Cario -ci-ecus
Ce -ce-aici» (p. 87).

«Não sabemos se esta desinência [-*ciaecus*] dá à expressão, a que se adapta, uma qualificação étnica ou de outra natureza, como, por exemplo, geográfica, visto que tanto informou um lugar como uma pessoa como as próprias divindades [...]» (p. 88).

«Inclino-me, porém, a crer que esta desinência corresponda melhor a um sentido étnico, em que a celticidade prevalece» (p. 88).

«O culto de *Arentius* revela-se-nos geograficamente como limitado a determinado território e epigraficamente balizado por uma esfera de acção ou influência pessoal, baseada e originada no primeiro elemento do próprio epíteto» (p. 90).

«Uma divindade tutelar [...] cingida a um determinado cliente» (p. 91).

1956 — ALMEIDA, *Egitânia*, p. 264:

Traduz: «Avita, filha de Vitalis, de livre vontade cumpriu a promessa a Arancio Tanginiciaeco».

1962 — BM, *RPH*, p. 74:

Lê ARENTIO, e não justifica a leitura. «A primeira parte do adjectivo forma-se provavelmente sobre um nome de lugar que mediante o sufixo *-aecus* se adjectiva. O deus *Arentius* seria a divindade peculiar desta localidade, tem um adjectivo formado sobre o seu próprio nome».

1965 — UNTERMANN, in *AEArq*, xxxviii, p. 12:

Após declarar que **Peinticus* pode ter derivado do nome *Peintius*, acrescenta: «Não é o único teónimo hispânico que parece formado à base de um nome de pessoa», e aponta o

caso de *Arantius Tanginiciaecus*, que parece, segundo ele, estreitamente ligado à família dos **Tanginici*, derivado do nome *Tanginus*. Sobre o sufixo *-iaeco-*, manda confrontar a obra de Malkiel.

Observações

A leitura não sofre dúvida. Sobre *Avita*, cf. *Emerita*, xxxii, 227.

B) ARENTIA ET ARENTIUS

(Foto 9)

1907 — JÚNIOR, in *AP*, xii, pp. 176-177:

Lê: ARENTIAE ET / ARENTIO / MONTA/NVS / TANGI. Em nota, LV diz:

«O aspecto adjectival das terminações de *Arentia* e de *Arentius* faz crer que o carácter das divindades estava muito próximo da sua origem primitiva, porque cada uma era antes considerada como um ser provido de uma *qualidade* notável, do que como *espírito* independente; quem proferia essas palavras qualificativas subentendia mentalmente ainda substantivos (*deus* e *dea* ou outros), em concordância com elas. Prefiro explicar assim a reconhecer aqui um caso de androginismo propriamente dito» (p. 177).

«[...] Como a ara está quebrada, não se sabe se o genitivo é *Tangi=Tangii*, ou *Tangini* [...] Incidentalmente notarei que [...] é muito provável que o moderno nome geográfico português *Arentim* (já testemunhado na Idade Média [...]) provenha de **Arentini*, genitivo de **Arentinus*, e que este se formasse do nome romano *Arentius*». Esta nota foi integralmente reproduzida em *Rel.*, iii, pp. 207-209.

1956 — ALMEIDA, *Egitânia*, pp. 265–266.

«*Arentiae et / Arentio / Monta/nus / Tangi [f(ilius). . .]*»: «Montanus, filho de Tangi, dedica este monumento a Arentia e a Arentio».

1962 — BM, *RPH*, p. 73:

«*Tanginus* é provavelmente leitura mais segura que a proposta por Alves Pereira [ACFABA], *Tangi* (filius), pois *Tanginus* regista-se várias vezes na Península [...] Esta inscrição apresenta a notável particularidade de estar dedicada a uma parilha de deuses do mesmo nome, provavelmente trata-se de deuses protectores da localidade, de que *Montanus Tanginus* era cidadão. *Arentia* aparece também como nome de mulher (*CIL*, VI, 10 324)».

1966 — RODRIGUEZ, in *Zeph.*, XVII, pp. 121–130:

Aras dedicadas a *Arentia* e *Arentius Amrunaecus*, encontradas em território espanhol. «[...] o sufixo -NT- [...] encontramos-lo nas mais variadas línguas indo-europeias» (p. 123). «Esta grande difusão é indício que faz parte do património comum do indo-europeu. Os trabalhos de Krahe demonstraram que entra na formação de hidrónimos, os restos mais antigos que possuímos do indo-europeu na sua zona ocidental. Benveniste descobriu que com este sufixo se indica uma ideia de dependência em contacto com a colectividade: *picentes*, os de Picaza; *maluentum*, lugar abundante de maçãs; *carnutum*, lugar abundante em pedras. Tovar afirma que os topónimos com o sufixo -NT- correspondem a nomes de estrato indo-europeu mais arcaico. Em consequência, dentro da grande variedade das divindades indígenas, podemos incluí-la, como fez BM, dentro do grupo dos deuses

cujo nome é um topónimo. Esta divindade aparece atestada em outras quatro inscrições, todas elas nas proximidades de Idanha; sem embargo, em nenhuma delas se encontra acompanhada, como sucede nas do presente estudo, do seu feminino ARENTIA». Notemos que o A. desconhece a leitura da ara de Ninho de Açor. «O facto de que todas as inscrições [...] se encontram na zona dos Lusitanos [...] cremos que é um pequeno dado mais a ter em conta para uma possível revisão desta teoria» (p. 124).

Observações

Sobre *Tangius* ou *Tanginus*, cf. *Emerita*, xxxiii, p. 126: *Montanus* seria hispânico por parte de seu pai.

C) ARENTIVS

(Foto 10)

1905 — LV, *Rel.*, II, 322:

«*Arentio / Sunua, / Camali f(ilia), / v(otum) s(olvit) l(ibens) m(erito)*». «Ao primeiro aspecto a palavra *Arentius* parece formada do particípio latino *arens*, 'seco', 'árido', [...] mas como a terminação *-entius* (*-entios*) se encontra também em céltico [...] e como *Sunua*, nome da dedicante, e *Camalus*, nome do pai dela, são bárbaros [...], dificilmente teremos em *Arentius* uma palavra latina».

1936 — PEREIRA, in *Memórias da Academia das Ciências*, I, 444:

«Na presente nota venho pôr especialmente, em mais visível relevo, a coexistência de quatro aras consagradas àquela divindade indígena [...] e todas encontradas em diferentes

lugares da região dos Igeditanos, sem réplica alguma conhecida fora desta mesma região». «A celticidade dos prosélitos não pode ser posta em dúvida».

1956 — ALMEIDA, *Egitânia*, pp. 265-266:

«Sunua, filha de Camalo, dedicou [esta ara] a Arentio para cumprir um voto de livre vontade» (p. 266).

1962 — BM, *RPH*, pp. 72-74:

Deus «cujo nome é um topónimo». BM inclui sob a epígrafe *Arentius* as quatro inscrições conhecidas no seu tempo. Na 3.ª l. lê CAMAL(i) — o que deve ser lapso, porque o I está bem claro. «A terminação *-entia* encontra-se na Península na formação de nomes de rios e cidades; é comum a lígures e ilírios» (p. 72). Exemplos abundantes.

«O deus *Arentius* é provavelmente uma divindade cujo nome tem um sufixo que se empregou para formar nomes de cidades» (p. 72).

Observações

Sobre «Camalus», cf. *Emerita*, xxxii, p. 235; «Sunua»: *Emerita*, xxxiii, p. 124.

D) ARENTIUS CRONISENSIS

(Foto 11)

1909 — ROCHA, in *Bol. Soc. Arch. S. Rocha*, I, pp. 289-290:

«Na 1.ª l. lê-se bem ALBINVS, estando ligadas as duas primeiras letras. Na 2.ª é também legível MOCVLI F (*Moculi filius*), estando metade do M apagada e o L e o I ligados,

de modo a formarem uma letra dupla. Na 3.^a está a palavra ARENTIO, nome do deus, tendo o R e o E ligados, assim como o N e o T, de modo a formarem letras duplas. O resto desta linha diz CRO. Na 4.^a estão as letras NISNSI. Se houver elisão de um E depois do 1.^o S, como não é raro na epigrafia romana, temos, com o CRO da linha anterior, o termo étnico ou geográfico CRONISENSI, segundo o conceito que nos exprimiu [...] LV. Seguem-se na mesma linha EXVO. Na 5.^a lê-se TO. Com as últimas letras da linha anterior temos EXVOTO. A seguir na mesma linha lê-se o nome PISRI e depois duas letras ligadas que parecem N e O, a que se seguem outras que podem ser E, R e C. Na 6.^a l. são bem visíveis AVI. Por último há um S, uma letra apagada que parece ter sido um M, e enfim um L, significando sem dúvida *solvit merito libens*.

1909 — ROCHA, *Museu*, p. 17:

«N.º 8866 — Ara romana com a inscrição ALBINVS MOCVLI F ARENTIO CRONIS(E)NSI EX VOTO PISRINOER(C) AVI(?) S (M) L».

1936 — PEREIRA, in *Memórias da Academia das Ciências*, I, 445:

Lê como Rocha. Comenta: «No final da 3.^a l. e princípio da 4.^a não pode deixar de ler-se um nome étnico, com a terminação *-ensis*; mas na primeira sílaba também é de presumir que se deu a elisão de um O, isto é: *cro* por *coro*. No C.S.L. a epigrafe 5730 tem *Corovesum* e cf. *Crovesica nomen mulieris*, diz E. Hübner. Na estátua do guerreiro lusitano de Viana do Castelo lê-se o genitivo *Coroc[o]corocauci* (C.S.L. II 2462) e em J. Perthes (*Atlas Antiquus*) não faltam topo-

nímicos antigos com a mesma raiz e elisão de *O*. [...] *Pisiri* é talvez *Pisiri*, um genitivo que o *Corpus* menciona. A última linha conteria, em parte, a conhecida fórmula final».

1956 — ALMEIDA, *Egitânia*, pp. 266-267:

«*Albinus / Proculi f(ilius) / Arentio Cro/nisensi ex vo/to Pisiri Noerc/avi s(olvit) m(erito) l(ibens)*». «Albino, filho de Próculo, cumpriu de boa vontade o voto feito por Pisiro Noercavo ao mérito de Arentio Cronisense». Concordamos, no geral, com a leitura do Sr. D. Fernando de Almeida; diremos, apenas, que o final da 5.^a l. está realmente muito confuso, embora aí esteja, com toda a probabilidade, a primeira parte do nome que termina em *-avi*, na linha seguinte; *avi* poderia ser o genitivo de *avus*, «avô» (avô do dedicante, nesse caso) — mas esta hipótese carece de bases sólidas em que se apoie. Quanto à fórmula final, o *S* — *s(olvit)* [mais dificilmente *s(ui)* referido a *avi*] — pode ser tido como certo; o mesmo se diga do *L* — *l(ibens)*. Entre uma e outra letra existiu outra: um *A* — *a(nimo)*? um *M* — *m(erito)*? Torna-se difícil dizê-lo.

1962 — BM, *RPH*, pp. 73-74:

Segue a leitura de Almeida, indicando, certamente por lapso, uma linha a mais que não se conseguiria ler: [...] NOERC/ [...] / AVI [...]. «Na 5.^a e 6.^a l. o texto está muito deteriorado, pelo que já Alves Pereira não se atreveu a propor nenhuma leitura; no entanto, fica claro o nome do deus, acompanhado de um adjectivo, e o do dedicante». Aqui reside a confusão de BM. «No final da 3.^a l. e princípio da 4.^a há um nome étnico com uma terminação *-ensis* [...]». Seguem-se as considerações de Pereira, sem qualquer acrescentamento ou reflexão.

Observações

O epíteto *Cronisensis* — que, note-se, pode oferecer dúvidas, porquanto a pedra está gasta nesse lugar — merece a maior atenção. Até agora, os estudiosos limitaram-se a considerá-lo étnico ou geográfico, sem descer a pormenores. A hipótese de elisão do O, formulada por A. Pereira, não é aprofundada por BM, o que estranhámos, posto que oferece, em nosso entender, probabilidades de confronto com o teónimo (?) CORONUS e com o antropónimo *Coronerus*. Ainda pensámos que na lápide estivesse *Cronensi*, mas as letras IS, apesar de gastas, parecem bem claras.

Para os antropónimos, consultar *Emerita*: «Albinus», xxxii, p. 217; «Pisirus», xxxiii, p. 118; «Noercavius», *ibidem*, p. 115.

Os longos extractos que fomos forçados a incluir trouxeram, segundo cremos, bastante luz sobre esta divindade. Julgamos ser possível concluir o seguinte:

O nome do deus é *ARENTIUS* (com a variante *Aran-tius*) e aparece ora sozinho, ora acompanhado de uma divindade feminina — *ARENTIA* —, provavelmente sua companheira, digamos assim, ora junto de epítetos de natureza étnico-geográfica (*Cronisensis*) ou de natureza nominal (*Tangini-ciaecus*, formado verosimilmente a partir do nome próprio *Tanginus*).

Quanto aos atributos, podemos incluí-lo com bastante probabilidade entre as divindades tutelares. Levam-nos a isso dois motivos: 1.º, a *restrita área geográfica* em que nos surgem vestígios do seu culto; 2.º, os *epítetos* que acompanham o seu nome (sugerindo tratar-se de uma divindade «geral», da tribo, do grupo étnico, da região, que assume particulares

matizes consoante o local onde é venerada, ou, também, de acordo com a denominação dos seus adoradores). As duas aras ultimamente aparecidas em Cória confirmam esta concepção, na medida em que o deus possui, em ambas, o mesmo epíteto, *Amrunaecus*: trata-se, portanto, de um epíteto local. Este caso autoriza-nos a pensar que o mesmo se passará com os outros epítetos anteriormente conhecidos.

* ARUS

(Fotos 70 a 72)

Esta «divindade» deixou vestígios do seu culto numa ara, de pouco mais de um palmo, encontrada numa ponte sobre o rio Paiva, em Castro Daire (distrito de Viseu, Beira Alta), que está actualmente no Museu do Carmo (Lisboa).

1887 — FIGUEIREDO, in *RAH*, I, pp. 53-57:

«Estas interpretações, que não resistem à crítica, conquanto seja admissível haver na inscrição lateral alusão ao javali, foram feitas na suposição de que na mesma inscrição não havia a letra E (que, apesar de bem visível, ninguém leu antes de mim, que eu saiba) e de que a segunda palavra da face principal era ARD...» (p. 53).

O sacrifício do porco atestado pela literatura, epigrafia e etnografia; os varrões transmontanos. «Não admira, pois, que na ara [...] apareça a figura do porco, que ali foi gravada em virtude da superstição ou crença de propiciar a divindade a quem o monumento foi dedicado. O figurar no monumento o javardo não implica necessariamente (como se tem julgado) menção de luta com aquele animal. A leitura da inscrição

da face principal [...] é fácil em meu entender. Leio: *Votu(m) Arol. A(ra) S(alutis)*. Voto feito a Arol... Ara de Salvação. Arol é decerto um nome de divindade peninsular a nós desconhecida [...]» (p. 56).

«Quanto à inscrição lateral, direi que é para mim um perfeito enigma» (p. 56).

Inclina-se antes «por motivo de exemplos, a que algumas daquelas letras (se não todas) são as iniciais dos nomes do dedicador da ara. Aquelas seis letras prestam-se a muitas combinações e interpretações, de entre as quais raras serão aceitáveis [...]» (p. 57).

«[...] Mais um documento relativo à importância cultural do porco entre alguns dos antigos habitantes da península pirenaica» (p. 57).

1890 — LV, *Borges*, p. 16:

«As últimas três linhas da face em que está esculpido o animal significam, quanto a mim, *Libens Animo Solvit*, fórmula muito conhecida nos votos religiosos». «Ficava implicitamente entendido que *Aro*, em dativo, era o nome da divindade», esclarecerá o A. mais tarde (*Rel.*, II, 314).

1905 — LV, *Rel.*, II, pp. 314-315:

«Sem insistir na interpretação da inscrição da esquerda, que, quanto a mim, contém o nome do dedicante, embora ele seja difícil de ler, notarei que o da frente me parece dizer *VOTV / AROL / AS — votu(m) Aro l(ibens) a(nimo) s(olvit)*, isto é, cumpriu de boa mente o voto ao deus *Arus*» (p. 314).

«O quadrúpede figurado na face principal da ara ou é animal de sacrifício [...] ou simboliza o próprio *Arus*.

A imagem de guerreiro [...] ou é a do dedicante ou a do deus (em tal caso deus da guerra); mas, sendo a do deus, não deveria estar na face principal, embora o lapicida tivesse de dar outra disposição à inscrição?» (pp. 314-315).

1962 — BM, *RPH*, p. 115:

Segue LV. Pensa que o animal será, talvez, «uma representação da vítima a sacrificar à divindade» e inclina-se para ver no guerreiro «uma alusão à natureza do deus, que seria assimilável a Marte».

Observações

A respeito desta ara não se podem formular mais que hipóteses. A leitura de LV, a mais convincente de todas, deixa também muitas dúvidas — Qual o verdadeiro nome do deus? Que significam o animal e a figura de guerreiro? Supomos inoportuna qualquer tentativa de interpretação filológica do possível teónimo.

ATAEGINA

(Foto 12)

Reputamos não suficientemente demonstrada a hipótese de que uma lápide dedicada a Prosérpina ou a Líbera o esteja, *ipso facto*, dedicada também a Atégina, divindade indígena a que essas deusas foram identificadas.

Considerámos, portanto, a lápide do Museu de Évora o único vestígio existente em Portugal do culto a esta deusa, a quem foram erigidas inúmeras aras encontradas em Espanha.

A epígrafe em questão estava, em Setembro de 1969, numa das caves do sobredito Museu Arqueológico, onde felizmente a conseguimos descobrir. Trouxemo-la para o claustro, examinámo-la com atenção e fotografámo-la. A leitura e interpretação da primeira linha, feitas por Hübner, julgamo-las convincentes e é nessa base que estudamos aqui o monumento, encontrado em local incerto do distrito de Beja, talvez em Quintos (localidade perto do rio Guadiana, sensivelmente a ESE da sede do distrito, entre Beja e Serpa).

1869 — *CIL*, II, 71:

Lê: D·S·TVRVBRIG / L·V[oc]ONIVS / V[alen]S. Interpreta a 1.ª l. por *d(eae) s(anctae) Turubrig(ensi)*.

1884 — PEREIRA, in *BAA*, IV:

Lê: D·S·TVRVBRICI / L·V[...]ONIVS / V·S· (p. 73).

«Do nome — *Turubrici* ... — de uma divindade local, há formas aproximadas como *Turobriga* (inscrições de Mérida e Medellin); lembre-se também o nome já mencionado — Tourega, de uma localidade vizinha de Évora» (p. 76).

1903 — BARATA, *Catálogo*, p. 74 (n.º 191):

D·S·TVRIBRICI / L·A NONIVS / ...O .

1904 — LV, in *AP*, IX, p. 47:

«N.º 191. Leitura errada: TVRIBRICI, em vez de TVRVBRIGE, e L. ANONIVS, em vez de L. MONIVS; também

no fim o Sr. Barata pôs D [deve ser lapso de LV], em vez de VS — *v(otum) s(olvit)*. A minha leitura baseia-se num decalque que mandei tirar; não oferece dúvidas».

1905 — LV, *Rel.*, II, pp. 146-175:

Em seu entender, Barata fantasiou «letras que lá não estão» (p. 152).

«Só por distração se explica que Hübner interpretasse VS por *ValenS*, pois essas letras significam claramente *v(otum) s(olvit)* [...]» (p. 152).

Considera inadmissível a leitura *Voconius*, porque OC não cabia no espaço da inscrição. «As modificações introduzidas pelo Sr. Barata não têm nenhum peso» (p. 152).

«Na 2.^a l. não há dúvida de que a 2.^a palavra é *MONIVS*, embora as hastes extremas do M estejam um pouco estragadas [...], mas não tanto que não se reconheçam bem» (p. 153).

«Da discussão precedente resulta que a inscrição diz: *D(eae) S(anctae) Turubrige(nsi) L(ucius) Monius v(otum) s(olvit)*. O cognome *Monius* é bastante conhecido [...]. — Demorei-me um pouco em descrever esta lápide, pela sua excepcional importância e por ser a única que, com o nome de *D(eae) S(anctae) Turubrige(nsi)*, se conhece em Portugal à hora presente» (p. 153).

«Em algumas das inscrições precedentes a deusa Atégina vem associada a Prosérpina»; deste facto infere LV que, «quando noutras inscrições aparecidas também no Sul da Península se lê unicamente Prosérpina, tal expressão é sinónimo de *Ataegina*. [...] No mesmo caso se acha uma inscrição a Libera, deusa que os Romanos identificaram com Prosérpina. Em virtude disso tudo, vou aqui transcrever as

inscrições de Prosérpina e Libera» (p. 154). Apesar da identificação, opinamos ser possível cultuar divindades romanas sem nesse culto estar incluída necessariamente a veneração da divindade indígena com que as primeiras foram identificadas.

LV refere (pp. 158-161) a «área do culto», considerando que a deusa teria importante sede em *Turóbriga* (cidade cuja exacta localização se desconhece), devido aos epítetos de que o seu nome vem acompanhado.

Num outro longo parágrafo, que somos obrigados a resumir, versa os atributos do nume. Começa por observar, com base em Jubainville, que o verdadeiro nome é **ate-gena*, «renascida», e procura explicar as variações fonéticas sofridas. Portanto, «*Ataegina* era na origem deusa da terra e dos frutos da terra, que renascem todos os anos. A isto se ligará o epíteto de *invicta*, que se lê na 2.^a inscrição» (p. 163).

LV compara Atégina com Prosérpina, que preside à germinação dos grãos, facto que corrobora a anterior afirmação, até porque Prosérpina simboliza também a fecundidade do campo. Conclui: «Compreende-se que, existindo nos Iberos a crença numa deusa que desaparece algum tempo e depois renasce [...], lhe fosse posta em paralelo Prosérpina» (p. 164).

Igual corroboração ao seu modo de pensar vem trazer a identificação com *Libera*, deusa da fertilidade agrária e da procriação, como consta da inscrição 17.^a, «se bem a interpreto», diz LV. Demora-se, seguidamente, a provar que Atégina era igualmente deusa infernal (faz-se-lhe uma «devotio») e médica [recebe, numa epígrafe, o epíteto *Servatrix*, «conservadora (da saúde dos homens)»], como o A. interpreta.

Nas pp. 172-173 indica as provas da grande importância do culto a Atégina: a) a extensão do território onde era cultuada; b) a diversidade de categoria das pessoas que se lhe dirigiam: escravos, indivíduos de condição livre; a diver-

sidade de origem: indígenas, gregos (?), romanos; c) o facto de, nalgumas inscrições, se indicar apenas a inicial; d) a variedade dos epítetos e atributos.

1935 — BALMORI, in *Emerita*, III:

A etimologia aceite por LV «apresenta não poucas dificuldades. Em primeiro lugar, do estudo de todas as inscrições resulta claramente acusado o carácter infernal desta deusa; não vejo outro indício do seu carácter agrícola senão o ramo da inscrição (difícil de ler) do Museu de Elvas. Mas eu inclino-me a crer que tal ramo representa um cipreste, que é a árvore de Prosérpina. Creio, pois, que a sua assimilação com Prosérpina nasce do seu valor infernal, e não do agrícola [...]» (p. 215).

Dificuldades que esta etimologia não resolve. Outra etimologia «bem diferente é proposta por Steuding, que une este nome ao irl. *adaig*, 'noite', com o que *Ataecina* significaria 'a deusa da noite', a 'nocturna', o que explicaria muito bem a sua identificação com Prosérpina e a sua invocação para castigo de um ladrão. Mas esta proposição, que no essencial julgo aceitável, oferece não poucos reparos que é necessário apresentar e discutir» (p. 217).

Pedersen propõe a forma originária **adakī* para *adaig*. Balmori corrige para **atikī*, que lhe permite relacionar com o radical indo-europeu **āt-*, «fogo», e que vem entrar na composição de palavras cujo sentido se liga a «obscuro», «negro», «sinistro». Procura resolver as dificuldades que esta interpretação acarreta e termina afirmando: «Em todo o caso, cumpre perguntar se *Ataecina* seria invocada como deusa nocturna ou como divindade negra, sombria. São possíveis ambas as coisas ao mesmo tempo. É provável que o seu culto tenha sido subterrâneo e nocturno, como o de Prosérpina, o de *Demeter melaina* e o das *melainas*, e que

também se lhe sacrificariam animais negros. À nossa *Ataecina* sabemos pelos ex-votos que lhe estava consagrado o bode, possivelmente negro» (pp. 223-224).

1950 — TOVAR, in *Misc.*:

Os AA. escrevem *Ataecina* (p. 181). Após referir as *características infernais* de Endovélico, Tovar afirma que elas se podem comparar às de *Ataecina-Prosérpina* (p. 188).

Salientara, na página anterior, que também Balmori não saíra do âmbito linguístico indo-europeu ao procurar a etimologia de Atégina.

1951 — LAMBRINO, in *BEP*, xv, p. 129:

Considera *Ataegina* deusa infernal, carácter que é confirmado por «uma *devotio* onde o fiel a chama em seu socorro: *per maiestatem tuam te rogo, oro, obsecro uti vindices*... Nós ocupar-nos-emos noutro local desta importante deusa [...]. Aqui como noutros sítios, o par divino que reina nos Infernos tem seus dois representantes, ainda que não pareça que estejam reunidos no mesmo culto». O *par divino* seria Endovélico e Atégina. Pelo que nos foi dado saber, o Sr. Prof. Lambrino não voltou a ocupar-se de Atégina, infelizmente.

1961 — MICHELENA, in *Zeph.*, xii, p. 202:

«Pense-se o que se pensar do nome *Ataecina* e de suas variantes, o que é seguro é que o irl. ant. *adaig*, 'noite', supõe *d* (talvez o prefixo *ad-*) e **k* ou **q*».

Observações

Falemos, primeiramente, da lápide de Beja. Cremos bem que os tratos sofridos ao longo destes anos hajam contribuído para a deteriorar ainda mais. Contudo, no seu estado actual de conservação, a nossa leitura difere um pouco das anteriores. Na 1.^a l., a penúltima letra é seguramente um C. Na 2.^a, a seguir ao L, parece existir um ponto, embora um pouco acima do usual; depois, haverá duas letras possivelmente separadas por um ponto; estão um tanto gastas, mas cremos tratar-se de um A sem traço horizontal e de um N (ou M). O V da 3.^a l. está muito separado do S e dificilmente se repara nele quando da observação directa da lápide, mas na fotografia vê-se com facilidade.

Por isso interpretamos:

D(eae) S(anctae) Turubrice(nsi) / l(ibens) a(nimo) Nonius / v(otum) s(olvit).

Barata colocara um O no fim da epígrafe; efectivamente, determinado sulco da pedra levar-nos-ia a tal, mas não há vestígios de uma 4.^a l.

Temos na inscrição a *Iupiter Assaecus* mais um exemplo de o nome do dedicante estar intercalado na fórmula votiva, como aqui. Parece-nos esta interpretação mais de acordo com a epígrafe. *Nonius* é nome latino vulgar: conhecemos um gramático *Nonius Marcellus* e um *M. Nonius Suffenas*, propretor de Creta e de Cirene.

A *Deusa Santa Turubrigense* será, portanto, com toda a verosimilhança, *Atégina*, divindade cultuada em Turóbriga, e que, por isso mesmo, nos surge nas inscrições com tal epíteto.

O nome *Atégina* (em português) corresponde às formas latinas *Ataegina*, *Ataecina*, *Adaegina*, *Adaecina*; está, consequentemente, certo. Quanto aos atributos da divindade — apesar da diversa interpretação filológica do teónimo —,

cremos ser opinião geral e segura a sua característica de nume infernal; caracteres agrários e medicinais não se encontram suficientemente provados.

ATURRUS

O culto a esta divindade está testemunhado numa lápide descoberta, no Verão de 1903, quando se efectuavam trabalhos na Avenida de Ressano Garcia (hoje, Avenida da República), frente ao então Mercado Geral de Gados, na cidade de Lisboa. A epígrafe guarda-se actualmente no Museu Nacional de Arqueologia e Etnologia (Belém, Lisboa).

1951 — LAMBRINO, in *AP*, 1, pp. 43-46:

«Apesar de certas negligências, os caracteres estão bem conservados, sobretudo nas l. 1-5: fins do século 1 d. C.» (p. 44).

Examina em pormenor cada uma das linhas e conclui: «Dever-se-ia, pois, ler: [Deo] / Aturr[o sac/r]um. BisIIO.. / [A]vito, an(norum) XXII, / [Iu]nia, I(ulii) f(ilia), Tusca / fratri. / [Pub?]liciae, M(arci) f(iliae), Tuscae, / matri» (p. 45).

«Adoptámos a leitura *Aturr[o]*, na l. 2, pois as letras *ATVRR* são seguras. No princípio da linha, o espaço está livre, pois a superfície que aí se conservou encontra-se nítida e lisa. O nome da divindade invocada é particularmente importante. Detectamos nele o nome do rio Ador, da Aquitânia, que aparecia sob a forma *Aturrus* [...] ou *Aturus* [...] e, em grego, sob o aspecto de *ATOURIOS* (Pt., II, 7, 1) — uma ribeira *Aturia* seria atestada [...] ao norte de

Espanha, que Juan Alvarez identifica com Agüera (*AEArq.*, xxiii, 1950, p. 179). Na Aquitânia, estava bastante espalhado, uma vez que nós aí verificamos a existência da localidade *vicus Atora* [...] e o povo *Aturenses* [...]. Deu até um derivado adjectival: uma variedade de peixe da região chamava-se *aturricus piscis* [...]. Como nome de pessoa, aparecia no Reno (*Aturrus*) (*CIL*, xiii, 6114) e até em Portugal dele temos um exemplo na Citânia: *Aturo Viriati* [f(ilius)] (*CIL*, ii, 5586 [...]). Mas a nossa inscrição no-lo revela como nome de uma divindade ctónica, susceptível de tomar os mortos sob a sua protecção. O nome de Ador, rio da Aquitânia, confirma o carácter ctónico desta nova divindade lusitânica encontrada em Lisboa» (p. 45).

1957 — BM, in *AEArq.*, xxx, p. 61-62:

«[...] Divindade com carácter infernal é *Aturrus*, invocada como uma divindade funerária» (p. 61).

As referências de Lambrino e, a concluir: «A inscrição de Campos revela na divindade um carácter ctónico capaz de tomar os mortos sob a sua protecção» (p. 62). Esta indicação «inscrição de Campos», que BM repetirá também em 1962, deriva de uma leitura desatenta da frase de Lambrino (*AP*, i, 43): «[...] frente ao Mercado Geral de Gados (de Campos)». Campos é, como vimos, o primeiro autor a escrever sobre este monumento.

Observações

As anotações de Lambrino têm plena validade: o teónimo é *Aturrus* e possui características ctónicas. Cremos não ser bastante a aproximação com o Ador para justificar a desig-

nação de «divindade aquática» dada por BM, se se quiser atribuir à expressão uma tonalidade de «nume dum rio» — aqui, como de resto noutras circunstâncias análogas, há uma transposição do sentido próprio para o sentido figurativo ou simbólico. O adjectivo «aquática» parece-nos, pois, um tanto deslocado.

NOTA — AUGA

A deusa *Auga* ou *Auge* (ara votiva de Fontes, Santa Marta de Penaguião) é considerada de origem oriental (grega) por todos os que a estudaram. Este o motivo por que a não incluímos neste trabalho. Confrontar:

- CORTEZ (F. Russell), in *AIVP* (1948), pp. 45-95;
JALHAY (E.), in *Brotéria*, XLIX (1950), pp. 473-478;
ALBERTOS (M.^a L.), in *Zeph.*, III (1952), p. 52;
HAE, 1-3 (1952), n.º 397;
BM (J. M.), *RPH* (1962), pp. 105-106;
ALBERTOS (M.^a L.), in *Emerita*, xxxiii (1965), p. 137.

* BANDA

Existe um relativamente grande número de teónimos começados pelo elemento *band-*. Convencionou-se mesmo chamar-se-lhes as divindades do «grupo *band-*». Este «grupo de divindades», para usarmos da expressão, é dos assuntos mais interessantes sobre que nos debruçámos e — disso estamos certos — só o seu estudo justificaria uma tese de licenciatura. De forma que muito longe de nós está a ideia de pretendemos ser exaustivos. Tentámos tão-só tirar conclusões a partir do que os autores disseram. Procurámos aclarar

o obscuro. Tateámos uma síntese cujas grandes linhas já estavam esboçadas.

Como veremos, o «*elemento band-*» constituiu — e constitui — um pomo de discórdia. Por tal motivo, antes de examinarmos cada teónimo em particular, julgámos oportuno incluir os testemunhos dos AA. sobre o assunto. No final, apuraremos então os pontos de chegada.

1880 — COELHO, in *CIAAP*, p. 445:

Declara não poder explicar ainda o elemento *band*, *bandu*. Segundo Fidel Fita, «*bandiae* seria o antigo irl. *bandea*, feminino de *dia*, deus; mas nós sabemos perfeitamente que há em *bandeo* duas palavras: *ban* e *dia*; *ban* é o mesmo que o grego *gunê*, 'mulher', o inglês *quean*, 'mulher', ou *queen*, 'rainha', e também significa 'mulher'; é uma palavra empregada para exprimir o feminino de certos substantivos irlandeses pouco mais ou menos desde o século VII da nossa era [...]».

1905 — LV, *Rel.*, II, p. 317:

«O elemento *Band-* [...] encontra-se com efeito na área das línguas célticas e contém a ideia de *ordenar*, *proibir*».

1913 — LV, *Deuses*, p. 20:

«A frequência de *BAND-* nos nomes das divindades justifica-se muito bem. Entre algumas das tribos que povoavam a Lusitânia havia elementos étnicos comuns, segundo é sabido; este carácter de comunidade devia reflectir-se nas

línguas e consequentemente nos nomes divinos; portanto, a repetição de BAND-, elemento a que não faltam probabilidades de ser céltico, pode resultar disso».

1934 — LÓPEZ, in *Arqu.*, VI, pp. 309-310:

«*Bandua* — É um dos numes galegos de maior extensão. Não se conhece exactamente a sua verdadeira natureza, podendo-se deduzir tão-só das expressões adjectivais, que por vezes seguem o seu nome, que serviu de patrono a certas colectividades castrejas» (p. 309).

Cita, entre outros, *Bandua*, *Banderacicus* (sic), *Bande Velugo Toiraeco*, *Bandioilienaico*, «sendo possível que tenha relação com esta divindade *Bandoga* [...]» (p. 310).

«O exame filológico do nome *Bandua* não esclarece o carácter do deus». Interpretações de Fita e de LV. Depois: «Os dois autores citados coincidem com Schuchardt, ao considerarem as terminações que, na maior parte dos casos, acompanham o nome de *Bandua* como epítetos tópicos ou gentilícios» (p. 310).

1947 — SOUSA, in *DL*, VIII, pp. 53-54:

«No pequeno quadrilátero com vértices na vila da Feira, Estarreja, Vouzela e S. Pedro do Sul temos as três povoações de *Bandavizes* (concelho de Vouzela), *Bandulha* (concelho de Estarreja e S. Pedro do Sul) e os deuses *Bandevelugus* e *Bandoga*. Entendemos que há relação filológica e histórica entre os três topónimos e o nome do deus *Band*. Próximo à linha S. Pedro do Sul-Vouzela, em Castelo de Penalva, consagrou-se a *Bandioilienaicus* ou *Bandius Ilienaicus*. No quadrilátero um pouco maior, com vértices nos concelhos de Paços de Ferreira, Ribeira da Pena, Santa Marta de Pena-

guião e Mesão Frio, temos as povoações de *Bande* e *Banduja*, o hidrónimo *Banduje* e o deus *Banderaeicus*. Na Galiza os topónimos *Bande* e *Baños de Bande* devem estar relacionados com os mitónimos *Bandua* da inscrição brigantina e da igreja moçárabe de Mixós, em Verín, e de **Banduaeto-brigus*, de S. Maria de Codesás. Na região dos *Igaeditani*, onde se conservam muitos vestígios da civilização céltica, temos **Ba...dia*¹ e *Bandiarbariaicus* [...].»

1949 — TOVAR, *Estudios*, p. 191:

«A passagem de *u* a *i* quando precedida de consoante e seguida de vogal, posição em que parece particularmente instável. Assim temos no nome do rio Vouga as formas *Vacua* e *Vacia*. Do mesmo modo se reduzem à unidade *Bandue*:- *Bandio*, *Bandiaepolosego*, *Bandoga*, *Bandu*».

1957 — BM, in *AEArq.*, xxx, p. 52:

«Há uma série de nomes de divindades indígenas em que entra a raiz *Band-*, que significa 'ordenar', 'mandar'. Estas divindades teriam um carácter de senhores e donos das cidades ou castros, onde seriam veneradas como padroeiros».

1962 — BM, *RPH*, p. 52:

«Pokorny (*IEW*, p. 95) propõe dubitativamente para esta raiz outro significado totalmente diferente, o de 'gotejar'; estes deuses seriam, por conseguinte, divindades aquáticas.

¹ Palavra que Pereira (in *AP*, xiv, 178) supôs existir na inscrição a *Munis Igaeditana*.

Sem embargo, os deuses indígenas com esta raiz assemelham-se a *Tutela*, pois um deles aparece representado como tal deusa».

1961 — MICHELENA, in *Zeph.*, XII, p. 200:

«Assim, para os nomes em *Band-* cabe também pensar no indo-europeu **bhendh-* ‘atar’, ‘ligar’, com o original ou *en grado cero*: incidentalmente em Pokorny, *IEW*, p. 95, não encontro outra coisa senão **band-*, com valor duvidoso de ‘gota’».

1965 — ALMEIDA, *Mais Divindades*:

Apresenta um quadro das divindades cujos nomes começam por este elemento, indicando o lugar onde apareceram as respectivas inscrições e uma bibliografia sumária. «São, ao todo, 22 inscrições, das quais só uma, a de Mezquitilla (Toledo), não pertence ao NO da Península» (p. 11).

O A. faz, seguidamente, algumas considerações linguísticas, concluindo: «Houve, por consequência, dois fenómenos a preservarem, por mais tempo, a língua ou os dialectos primitivos falados no NO. Podemos atribuí-los: 1.º, à muito menor influência de povos e, portanto, de línguas estranhas mais evoluídas e difundidas; 2.º, à chegada mais tardia dos Romanos. Acrescentemos ainda que, quando o latim pretendeu impor-se-lhe, encontrou no falar do povo uma verdadeira resistência, superior mesmo à experimentada em quase todo o resto da Península [...]. A permanência do substracto local verifica-se epigraficamente não só pelo longo manutenção do onomástico das suas divindades, como dos topónimos; e ainda também pela data tardia a atribuir ao tipo de letras das inscrições agora em causa, que vai até

à segunda metade do século II, d. C. Por fim, afigura-se-nos evidente a localização em dois territórios distintos, demonstrada pelo mapa, do aparecimento das inscrições em *Bandi* e em *Bandu*. Cada uma destas formas deve corresponder a uma variante dialectal, diferente do extremo NO para o O, mas assentes sobre a mesma língua de substracto; talvez se tratasse de tribos diferentes, embora o tronco celta lhes fosse comum. Por outro lado, e segundo o celtista Pedersen, citado por Wartburg, a vogal *u* ter-se-ia transformado em *i* depois de prévia passagem por *ü*: *u* > *ü* > *i*. O fenómeno ter-se-ia produzido na Grã-Bretanha antes do século I ou do II d. C. Talvez idêntico fenómeno se tivesse dado na Península; e então a forma do NO seria anterior à do O. Também se verifica em todas as variações que toma o nome da divindade, quando aparece completo na lápide, ser o sufixo diferente de um para outro local; e isso, talvez, por em cada um destes lugares não ter ainda sido encontrada mais de uma inscrição a ela dedicada. O principal interesse das duas inscrições da Bemposta vem preencher esta lacuna: ambas foram dedicadas, uma de certeza e outra segundo todas as probabilidades, a *Bandi Isibraia*. Como se sabe, a raiz *Band* significa 'tutela', em céltico; *Isibraia* seria assim, segundo tudo leva a crer, o nome do lugar, ou seja, o primitivo topónimo da actual Bemposta: para ela se requeria a protecção da divindade. A separar aquelas duas palavras aparece um ponto 'distinguens' entre os dois II. A ideia de topónimo é ainda reforçada, entre outras, pela inscrição de Ginzio de Lima, com a sua terminação em *brigus* e pela da província de Cáceres: *Bandus Arangelensis*. A de Verín já tem um sentido mais lato: *Bandue Cal(ai)cus* (?). A hipótese de topónimo já foi admitida por Schuchardt ao supor o segundo elemento como expressão adjectival de epíteto gentilício ou tónico; pelo que acima dissemos, e julgamos ter provado, admitimos dever ser adoptado este último» (pp. 14-15).

1969 — TOVAR, carta de 27-I:

«Sobre *Band-* pode ver também Pokorny, IEW, pp. 109 e seg., como derivado de *bhā* (*FEMī*, *fan*, etc.), relacionável com a antiga forma alemã *bannan* — mas Pokorny parece basear-se na hipótese de d'Arbois, que pensava que as formas germânicas eram de origem celta como V. pode ver no Holder».

* * *

1) BANDA BRIALEACUS

(Fotos 73 e 73A)

Consta de uma lápide que «está em Orjais, concelho da Covilhã, em uma casa vizinha da igreja matriz, a servir de apoio ao telhado do balcão. Apareceu nas vizinhanças da aldeia» (ALMEIDA).

1965 — ALMEIDA, *Mais Divindades*, p. 25:

«*Bandei/ brialeac/ui Severu/s Abruni f(ilius) / v(otum) s(olvit)*». Aparece-nos o nome do deus «com dativo pré-céltico; por outro lado, a terminação em *acus* ou *aicus* também se lê na inscrição de Capinha, a cerca de 20 km de Orjais: confere-lhe mais pureza na língua original (Tovar, *Estudios*, 137)».

Observações

Notemos, quanto ao nome da divindade:

1) *Bandei*, numa única linha, com uma forma de dativo alongado, em *-ei*;

2) O segundo elemento, *Brialeacui*, tem um dativo pré-céltico, em *-ui*, como veremos na inscrição de Queiriz, onde o primeiro elemento é BANDI e a separação de linha, no 2.º elemento, se processa como aqui (cf. BANDA TATI-BEAICUS).

O nome *Abrunus*, pai do dedicante, surge também no *CIL*, II, 676 e 678 (aqui: *Abrunus Camali f.*). É céltico (cf. *Emerita*, xxxii, p. 213).

2) * BANDA RAEICUS

A inscrição que documenta o culto a esta divindade perdeu-se. Temos notícia de que foi encontrada nos princípios do século XVIII em Ribeira da Pena, concelho de Vila Real (Trás-os-Montes).

1728 — ABREU, *Notícias*, pp. 91 e 92:

Traz, em primeiro lugar, uma carta de Borges, com a leitura assim: «... NELVS / CEBVRRI / FIL BNND / ERMEICo. / V·S·L·M». na p. 92, a versão de Castro Pereira, mais em cursivo: «\ TLVS / \ EBVRRI / EIL·BAND / E·RAEICO / V·S·L·M»; o A não apresenta travessão.

1744 — ARGOTE, *Memórias*, III, p. VIII:

Esclarece que a pedra tinha «gravada a figura de um homem e no plano do peito, abaixo do rosto, a inscrição [...]». Segue a leitura de Castro Pereira, com as seguintes diferenças: ATLVS, AEBVRRI e PAEICo — considerando nos dois primeiros vocábulos os A como duvidosos. «A dita pedra é de advertir que está quebrada da parte em que principiam

as letras. O que posso entender da dita inscrição é que um Atalo ou outro de semelhante nome, filho de Reburro, dedicou aquela memória».

1869 — *CIL*, II, 2387:

Transcreve as leituras de Abreu e de Argote, aventurando a seguinte interpretação: «[...] *us Reburri fil(ius) Banderaeico? v.s.l.m.*».

1957 — BM, in *AEArq.*, xxx, p. 52:

«Bandareicus [*sic*] [...] o nome é um composto impróprio, pois flexiona ambos os elementos».

1962 — BM, *RPH*, pp. 51-52:

«Dá-se a leitura proposta por Hübner, a quem segue Leite, que é a seguinte: 'ATLVS / RAEBVRRRI / FIL(ius) BAND/ ERAEICO / V(otum). S(olvit). L(ibens). M(erito)'» (p. 51). Note-se que esta leitura não é nem a de Hübner nem a de LV.

«[...] O primeiro elemento termina na forma vulgar de dativo [...]» (p. 51).

Observações

Com base nas duas lições apresentadas, a de Castro Pereira e a de Borges, donde todas as outras provieram, e cingindo-nos à apreciação do nome da divindade, algumas conclusões talvez se possam tirar:

1) O primeiro elemento, isolado, é *BANDE*. Na cópia de Castro Pereira, adoptada por Argote, é nítido o ponto a seguir à quinta letra.

2) O segundo elemento — Raeico? Paico? Meico? — apresenta a terminação *-eicus*. Inclina-mo-nos para que na lápide esteja o epíteto *Raeicus*, somente porque, no Holder, encontramos um cognome *Raecus* e um gentílico *Raecius*, com os quais poderia estar relacionado. Contudo, somente uma análise da lápide permitiria uma certeza maior. Sobre o antropónimo *Reburrus*, que possivelmente se lê na epígrafe, cf. Palomar, p. 94, e *Emerita*, xxxiii, p. 120.

3) BANDA VELUGUS TOIRAECUS

(Foto 14A)

O culto a esta divindade vem atestado numa lápide descoberta no Castelo da vila da Feira em 1917. A epígrafe encontra-se actualmente «à esquerda das portas principais da torre de menagem» do sobredito castelo, como gentilmente nos informou o Sr. Dr. Domingos da Silva Coelho, presidente da Câmara daquela vila.

1917 — TÁVORA, *O Castelo*, pp. 43-44:

Diz a inscrição: «BANDE·VE/LVGO·TOIR/AECO·L·LAT/RIVS BLAES/V·S·V·L·A·S». Refere a leitura de LV, apresentada por carta ao Dr. Aguiar Cardoso: «*Bandévelugo Toiraeco L(ucius) Latrius Blaesus v(otum) a(nimo) s(olvit)*» e a seguinte tradução: «Lúcio Látrio Bleso cumpriu de boa-mente o voto que fizera a(o deus) Bandévelugus Toiraecus».

1947 — SOUSA, in *DL*, viii, p. 58:

Considera a possibilidade de os radicais *Toir-* (de *Toiraecus*) e *Tuer-* (de *Tueraeus*) serem formas divergentes de *Turo-*, acrescentando: «É possível que *Toiraecus* seja um

epíteto tópico de *Bandevelugus* e *Tueraeus* o epíteto tópico empregado em vez do verdadeiro nome do deus». Concor damos com esta sugestão.

Observações

Salientemos: o primeiro elemento é *Bande*; seguem-se-lhe dois elementos, nitidamente separados por *puncti distinguentes*; o último dos quais apresenta o sufixo *-aecus*.

Cf. *Tueraeus*, a propósito dos atributos desta divindade.

Blaesus é um *cognomen* latino. *Latrius*, o *nomen* do dedicante, é a primeira vez que aparece na epigrafia peninsular (cf. *Emerita*, xxxii, p. 249).

4) BANDIS ARBARIAICUS

Teria sido encontrada a lápide relativa a esta divindade em Capinha, povoação a sul da cidade da Guarda, entre Caria e Fundão. Desconhece-se o seu actual paradeiro.

1861 — HÜBNER, *Notícias*, p. 63:

Cita, como fonte da sua informação, as *Schedae* de Acúrsio, «vulgarmente chamadas *Schedae Ambrosianae*». «Foi copiada pelo próprio Mariangelo Acúrsio, que viajou por estas inóspitas regiões. É como segue: AMMINVS / ANDAITIAE·F / BANDIARBA/RIAICO·VO/TVM·L·M·S».

1905 — LV, *Rel.*, II, p. 321:

Transcreve Hübner: «Creio que já não existe; pelo menos as tentativas que empreguei para a descobrir não deram

resultado. A palavra *Bandiarbariaicus* tem aspecto de ser ao mesmo tempo composta e derivada; embora nada ouse dizer da sua morfologia e significação — tanto mais que não tenho a certeza de que o texto epigráfico esteja absolutamente correcto —, notarei que esse aspecto não destoa do de outras divindades do panteão dos nossos maiores».

1913 — LV, *Rel.*, III, pp. 219-220:

Baseando-se em Schuchardt, *Die Iberische Deklination* (Viena, 1907), considera a denominação binária (em dativo): BANDI ARBARIAICO.

Observações

Notemos, com LV, a possibilidade de o teónimo se decompor em *Bandi* e *Arbariaico*: o primeiro elemento apresenta uma forma de dativo em *-i*, a que é possível corresponda um nominativo em *-is*, diversamente do que ocorrerá nos teónimos precedentes (o dativo em *-e*, correspondente porventura a um nominativo em *-a*); o segundo elemento tem, certamente, o conhecido sufixo *-aicus*.

Amminus surge-nos também numa inscrição de Vila Viçosa (*CIL*, II, 146), como pai de *Aunia*; numa epígrafe de Chichester (*CIL*, VII, 10), como pai de um *Lucullus*. São estas as indicações que traz Holder (cf. Palomar, p. 33). O dedicante reveste, para nós, uma importância especial, porque, além de ser indígena (como o próprio nome o dá a entender), traz a filiação da mãe: supomos *Andaitia* — se for esta a boa leitura — um nome feminino. *Amminus* seria, consequentemente, um filho natural. De ordinário, quando tal acontece, não é indicada a filiação, inventa-se uma ou escreve-se *SP(urius) f(ilius)*.

Portanto, duas hipóteses nos ocorrem: ou estamos perante um caso muito raro, ou este pormenor vem precisamente aumentar as suspeitas de que a epígrafe esteja incorrectamente lida. Inclinamo-nos para esta segunda hipótese. Sobre *Andaitia*, cf. Palomar Lapesa, que cita, além desta inscrição, uma outra mencionada na *EE*, VIII, 10; Holder refere também a epígrafe da Capinha e assinala que, no *AP*, I, p. 244, se faz referência a «... Tonicus Andai[ti? f(ilius)]».

* **BANDIATUS** — ver **BANDIS TATIBEAICUS**

5) **BANDIS ISIBRAIA**

(Fotos 74 e 75)

A esta divindade foram dedicadas duas epígrafes, que se encontraram na Torre Medieval da Bemposta, concelho de Penamacor, onde ainda existem. Uma terceira inscrição, que só tem **BANDI**, descoberta em Idanha-a-Velha, concelho de Idanha-a-Nova, e que existe no Museu de S. Dâmaso (Idanha-a-Velha), pode referir-se a *Bandis Isibraia* ou a qualquer outra divindade cujo primeiro elemento tenha dativo em *-i*. Já fizemos na introdução referência à importância destas duas epígrafes, através da transcrição do trabalho do Sr. D. Fernando de Almeida; agora, cingimo-nos à leitura das aras.

1965 — ALMEIDA, *Mais Divindades*, pp. 5-7:

«**BANDI / ISIBRAIE / CILIVS / CAMALI / FVS**». Cílio, filho de Camalo, pagou (esta) promessa a *Bandis Isibraia*.

«O interesse particular desta epígrafe está no nome da divindade. Ainda não foi encontrada, até à data, grafada sob esta forma. É uma palavra composta por **BANDI + ISIBRAIE**» (p. 5). Considera que a terminação *-e* corresponde ao dativo *-ae*.

A segunda inscrição: «Mesmo com os rebordos do fuste esboroados podemos garantir a leitura assim reconstituída: [M]ater[n]/us M[ae]/lon[is] / f(ilius) Ba[n]di Is(i)b[ra(ie)] / (votum) s(olvit) l(ibens) [m(erito)]» (p. 7).

Observações

As palavras do Mestre apenas acrescentamos que os nomes *Cilius* e *Cilea*, seu feminino, são estudados por Palomar, pp. 63–64, e por Albertos (*Emerita*, xxxii, pp. 239–240). Sobre *Maelo*, *onis*, cf. *Emerita*, xxxiii, p. 110. Supomos também, como já sugerimos, que a terminação *-i* do primeiro elemento é um dativo (que nos surge com certa frequência, nomeadamente nos teónimos *Luruni*, *Devori*, *Duri*, *Macari* — tudo formas tidas como de dativos), pelo que o nominativo da divindade será, porventura, *Bandis Isibraia*. Notemos que a terminação *-aia*, do segundo elemento, tem características de feminino, diversamente do que até agora víamos.

6) BANDIS OILIENAICUS

(Foto 13)

O fragmento da inscrição onde vem este teónimo descobriu-se em Esmolfe, concelho de Penalva do Castelo. Está numa sala do 1.º andar do Museu Nacional de Arqueologia e Etnologia (Belém, Lisboa).

1903 — DESSAU, in *EE*, ix, p. 24 (n.º 35):

Dá a leitura de LV — BANDI/OILIEN/AICO, com que concorda («recte»). «Na l. 3 não falta nenhuma letra».

1905 — LV, *Rel.*, II, pp. 317-319:

«A inscrição [...] diz, quanto a mim [...], *Bandioilie-naico*, em uma palavra, ou *Bandio Ilienaiico*, em duas» (p. 318).

Nas pp. 318 e 319, LV explica: em *Bandio-* ou *Bandius* o tema *Band-* foi adicionado do vulgar sufixo *-iu-s* (em céltico *-io-s*). Quanto a *Ilienaiicus* ou *-ilienaiicus*, temos de o decompor verosimilmente em *Ili-en-aiicus*. W. Stokes compara o tema *ilio-* com o galês *ilio*, «fermentar», e dá-lhe como significação fundamental «inchar»; Holder compara-o com palavras de outras línguas em que tem a significação de «apressar-se», «ferver», «calor».

1913 — LV, *Rel.*, III, pp. 219-220:

Baseando-se em H. Schuchardt, considera a denominação binária (em dativo): BANDIO ILIENAIICO.

1913 — LV, *Deuses*, p. 17 (nota):

«A pedra onde existe a inscrição está partida. Restam desta duas linhas — BANDI / OILIEN —, cuja leitura não tem dúvida nenhuma, e mais a metade superior de uma terceira, que, como se vê do desenho das *Rel.*, II, 318, parece ao primeiro exame NCO, mas que só pode ler-se AICO, para não ficar ENNCO, com letra dobrada entre consoante e vogal».

1962 — BM, *RPH*, p. 53:

«Navascués (II CAN, 330) e Tovar (*VII Cong. Ling. Rom.*, 397) inclinam-se a separar as duas palavras».

Observações

Observámos a lápide no Museu e concordámos com a leitura de LV. Frisamos, apenas, que a palavra *Bandi* surge, de novo, isolada e é seguida de uma outra, terminada em *-aicus*.

7) BANDIS TATIBEAICUS

(Foto 14)

A lápide votiva a esta divindade foi encontrada em Queiriz, Fornos de Algodres. Está no Museu Etnológico do Distrito de Viseu.

1953 — FIGUEIREDO, in *BA*, XII, p. 168:

Diz que a divindade é *Bandiatius*. Reproduz a epígrafe: «OVA / TIVS / APINV / DAVDI / TATIDHIAIC / VI-VOCTO / IOLITI». Os A não têm travessão.

1957 — CORTEZ, in *Viriatis*, I, pp. 37-38:

«QVATIVS APIANIS / DANditatideagui / VOCTO TOLIT I(usso). Pela forma das suas letras, de pormenores bastante arcaizantes, poderíamos supor ser esta epígrafe do século I d. C., empregando-se caracteres cursivos e actuários na gravura deste texto votivo. Tal divindade, de carácter algo desconhecido, pode ser associada ao grupo constituído» pelas divindades «Band» (p. 37).

«Sem ser paleolinguista e não possuindo ainda a necessária bibliografia, não deixo fugir a tentação de referir a [...] idêntica terminação *gui* e *eargui* destas duas invocações, de Queiriz e de Idanha, com a de muitas palavras bascas, to-

pónimos ou não — como, por exemplo, os nomes da Lua: 'illargui', 'arguizagui', etc., em que *argui* exprime a ideia de luz. Se tal interpretação pudesse ser defendida, a invocação da lápide de Queiriz estaria ligada ao culto lunar, talvez que à festa de plenilúnio, antanho existente nesta região do Centro de Portugal. Não pretendo, de forma alguma, meter-me na acendrada controvérsia de se o basco seria ou não língua geral na Península. O que pretendo é apresentar dois casos encontrados em Portugal que denotam a existência de relações linguísticas entre esta e aquela região montanhosa do Norte da Península e através de cujas portelas nós sabemos terem passado muitas das populações constitutivas do nosso *substratum* étnico actual. Esta sugestão não me ocorre somente por estes dois achados epigráficos. Temos mais». Refere-se a *Nabia, Neto e Ilurbeda*.

1962 — BM, *RPH*, pp. 53-54:

«DVA/TIVS / APINIS / BANDI/TATIDEAIC/VI / VOCTO TOLIT I.» (p. 53).

«Na inscrição parece que existem linhas devidas a duas mãos diferentes. As letras das primeiras apresentam características diversas das restantes» (p. 54).

Justifica as suas divergências de leitura relativamente a Cortez: «A primeira letra da inscrição lemo-la como D, por comparação com a penúltima letra da 4.^a l., que parece ser um D, com bastante probabilidade [...]. Na 3.^a l. [...] talvez se tenha escrito sensivelmente *Apinis*, sem o A; pois, ainda que na 3.^a l. o N esteja prolongado do lado esquerdo, o que não existe no N da linha seguinte, nas três primeiras o A tem sempre travessão, que não existe no nexa. A primeira letra da 4.^a l. é muito provavelmente B, e não D [...]. Parecem ser diferentes nesta linha a primeira e quarta letras, que se assemelham muito à primeira letra da 1.^a l. A forma

deste B poder-se-ia explicar por uma má cópia de um b cursivo, faltando o prolongamento para baixo. O facto de vários nomes de divindades indígenas começarem por *Band-* e nenhum por *Dand* sugere que na ara de Queiriz se conserve mais um nome deste tipo. [...] A última letra da inscrição é um I, que Russell Cortez interpreta *Iusso*. Não há abreviaturas, nem pontos, nem a fórmula de dedicação. O nome do deus termina em dativo pré-céltico» (p. 54).

1965 — ALMEIDA, *Mais Divindades*:

Inclui esta divindade no quadro, com a grafia *Banditideaicus*.

Observações

Dispomos apenas de uma foto, não muito límpida, da lápide, extraída de *Figueiredo*. Observámo-la demoradamente e pareceu-nos possível apresentar uma outra interpretação:

Q(uintus) VA/RIVS / APINI F(ilius) / BANDI / TATIBEAIC/VI VOCTO / TOLIT I(ussu).

1.^a l. — Embora de configuração estranha, a primeira letra assemelha-se a um Q, não sendo viável a comparação, feita por BM, com a penúltima letra da 4.^a l., pois esta é bastante diferente.

2.^a l. — A primeira letra dá-nos impressão de ser um R; no entanto, só uma análise atenta da pedra nos permitiria uma conclusão mais exacta. O restante da linha é claro.

3.^a l. — A última letra, apesar da curvatura inferior para a esquerda (que também surge no I da linha seguinte, embora menos acentuada), parece um F muito apertado, devido, quiçá, à falta de espaço.

4.^a l. — O A difere muito dos anteriores. O D apresenta configuração oval com o vértice para cima.

5.^a l. — Lemos B em vez de D — na foto são nítidas as semelhanças com o B da l. 4.

6.^a e 7.^a l. — Seguimos Cortez, não tanto por concordarmos em absoluto com a sua interpretação, desprovida — em nosso entender — de sentido (que significa *vocito tolit iusso?*), mas porque é uma interpretação provável. Estará contida nestas duas linhas a desinência do nome da divindade e a fórmula votiva; discordamos, pois, de BM, que se pronuncia pela inexistência de tal fórmula.

Convém, pois, salientar que *Bandi* surge, mais uma vez, claramente isolado e que é seguido de uma outra palavra onde é visível o sufixo *-aicus* ou *-eaicus*, aqui provavelmente numa terminação indígena.

Temos exemplos de diversos *Quintus Varius. Duatius* (lido por BM) também aparece várias vezes: é hispânico (*Emerita*, xxxii, 245). *Apinus* pertence igualmente ao onomástico hispânico (*ibidem*, 222).

8) BANDIS VORTEAECEUS

(Fotos 76, 77 e 77A)

A ara votiva a esta divindade encontrou-se na freguesia do Salgueiro, concelho do Fundão, Beira Baixa, em Junho de 1942. Estava sob a ara do altar de uma pequena capela da invocação de Santa Maria Madalena. Foi levada para o Museu Municipal do Fundão.

1942 — MONTEIRO, in *Novidades*, 24-VIII:

REBVRVRS / TANCINI / BANDIVO/RTEAECEOVVS.
«Não oferece dúvidas a leitura do texto, de excelente conservação e seguro traçado epigráfico». «Sobre os nomes do dedicante e de seu pai — *Reburrus* e *Tancinus* —, é o pri-

meiro de origem céltica, várias vezes mencionado no *Corpus* e nas *Rel.* e bastante frequente o segundo na epigrafia luso-romana da Beira Baixa». «1) *Reburus / Tangini (filius) / Bandivo/rtaeaceo V(otum) S(olvit)*. 2) Reburro, filho de Tangino, cumpriu o seu voto a Bandivortaeaceo».

Observações

Embora na lápide o não esteja explícito, poderemos adotar a seguinte leitura do teónimo: *Bandi Vortaeaceo*. A falta de ponto «distinguens» não é argumento a desfavor, porquanto na epígrafe não há pontos — veja-se a última linha. A terminação *-eaeceo*, apesar de diferente, é aproximável das anteriores.

Reburus: cf. *Emerita*, xxxiii, p. 120; *Tanginus*: cf. *ibid.*, p. 126.

9) * BANDOGA

(Fotos 15 e 16)

A lápide dedicada a esta divindade está no Museu Nacional de Arqueologia e Etnologia e foi descoberta no sítio do Castro do Mau Vizinho, nos limites das freguesias do Sul e de Figueira de Alva, concelho de S. Pedro do Sul.

1905 — LV, *Rel.*, II, p. 316-317:

BANDOG E / VOTVM CAMALI / VLPINI F· / CELTIVS / FILIVS / SOLVIT. «A primeira palavra é, sem dúvida, *Bandoge*=*Bandogae*, nome da deusa [...]; que não falta nenhuma letra depois de *-e* vê-se da simetria que a extremidade direita da pedra apresenta com a da esquerda» (p. 316).

«O nome da deusa está muito confuso» (p. 55).

«É digna de nota a forma de consagração, cuja primeira palavra — *Votum* — vem imediatamente depois do nome da divindade, com que se encabeça a inscrição, tendo-se colocado o verbo no fim; entre ambas as palavras está o nome do oferente, antecedendo o do pai» (p. 55).

Observações

Apresentamos, em pormenor, a foto do nome da divindade na epígrafe (foto 16). Por ela se pode ver como é difícil a leitura. Trata-se, com toda a verosimilhança, de uma divindade começada por *Band-*; o *O* seguinte ainda se deixa perceber, mas o restante é hipotético. Os antropónimos são hispânicos, bastante documentados: *Camalus* (*Emerita*, xxxii, 235), *Celtius* (*ibid.*, 239); *Ulpinus*, o nome do avô de *Celtius*, não vem citado como hispânico. Será latino, derivado de *Ulpus*? Nesse caso, teríamos demonstrado — nesta família — um processo de aculturação: de ascendência latina, foi assimilando a cultura e o próprio onomástico indígena.

Vertendo-a para o nosso idioma, a epígrafe quer dizer: Céltio, filho de Câmalo (filho de Ulpino), cumpriu a promessa de seu pai a Bandoga (?).

10) BANDUA

A ara, que testemunha o culto a este nume em território português, estava à porta do santuário de Nossa Senhora de Hedra, em Cova da Lua, Bragança. Continua perdida.

1716 — SANTA MARIA, *Santuário*, v, pp. 657-658:

«BAND· V· / E· CORN· / ELIVS· O / CVLAT· V / S·
V·S·L·M·».

1886 — PINHEIRO, in *RG*, v, pp. 86-87:

Relaciona a deusa com o culto à Senhora da Hedra, muito milagreira.

1905 — LV, *Rel.*, II, pp. 337-338:

Interpreta *Bandu(a)e*. Acha que o teónimo está exacto.

1934 — ALVES, *Memórias*, IX, pp. 52-54:

«Cornélio Oculato cumpriu de boa vontade a promessa feita à deusa Bandua, que bem a merecia. *Bandue Cornelius Oculatus V(otum) S(olvit) L(ibens) M(erito)*» (p. 53).

Observações

É admissível a leitura *Bandue*, possível dativo de *Bandua*, dado que, em Espanha, temos lápides onde se lê: *Bandue Aetobrigo*, *Bandue Calaico* (?), *Bandue Veigebreago*.

O TEÓNIMO BANDA

Temos, pois, epigraficamente demonstrada — consoante demos a entender e explorando a hipótese em tão boa hora lançada pelo Sr. D. Fernando de Almeida — a existência de

uma única divindade com epítetos variáveis de lugar para lugar e formas linguísticas diferenciadas que podem corresponder a variantes dialectais ou à diversidade de estádios evolutivos da linguagem. A cada «variante» ou «estádio» corresponderia, talvez, distinto nome da divindade:

Banda (dativo: *Bande* e *Bandei*);

Bandis (dativo: *Bandi*);

Bandua (dativo: *Bandue*).

Trata-se provavelmente de uma divindade masculina. Efectivamente, todos os epítetos que se lhe juntam apresentam terminação típica do género masculino. Exceptua-se, porém, *Isibraia*. A que se deva tal «excepção» não o sabemos explicar.

As conclusões linguísticas já obtidas, pelo que nos é dado saber e como se pode verificar por algumas das transcrições feitas, não vão contra os dados da epigrafia a este respeito. Nomeadamente, o Sr. Prof. Tovar, a quem os apresentámos, respondeu-nos: «Las observaciones que V. me hace al respecto son buenas» (carta de 10-IX-1969). Compete exactamente aos linguistas interpretar, explicitar as achegas epigráficas.

O seu significado

Que significará o teónimo *Banda*?

Não consideramos desacertada a opinião de Michelena, que o relaciona com a forma indo-europeia **bhendh-*, «atar», «ligar». A ideia de *ligar* persiste nas línguas actuais em vocábulos tão semelhantes que fazem pensar numa origem comum: *banda*, em português, espanhol e italiano; *bander*, em francês; *to band*, em inglês.

Banda poderia ser, por isso, o deus que liga, ou melhor, que está ligado a determinada povoação ou tribo, o seu

senhor. Situamo-nos, assim, dentro das hipóteses a tal propósito formuladas pelos investigadores que, de um modo geral, o consideram como divindade tutelar.

Os epítetos

Para tal hipótese se considerar ajustada o nome deveria ser invocado sob um só epíteto no mesmo lugar. E é o que acontece. Tal como vimos já a respeito de *Arentius*.

Demonstraram-no, em primeiro lugar, as duas inscrições da Bemposta, estudadas pelo Sr. D. Fernando de Almeida. Demonstram-no também, à evidência, as duas epígrafes da vila da Feira. Senão, vejamos:

No Castelo da vila da Feira, construído sobre um provável santuário pré-romano, encontrou-se a ara, já referida, a *Banda Velugus Toiraecus* e uma outra, de que trataremos mais adiante (simplesmente por um desejo de maior clareza, porque as deveríamos estudar em conjunto), dedicada a *Tueraeus*. Arlindo de Sousa, como salientámos, lançou a hipótese de *Tueraeus* ser forma divergente de *Toiraecus*. Consideramo-la muito verosímil, sob todos os aspectos:

1.º Ir-se-iam cultuar no mesmo local duas divindades distintas de nome tão semelhante? «Seria inverosímil que na mesma região se tratasse de duas divindades diversas; deve afastar-se essa hipótese» — escreve F. Alves Pereira (*RA*, I, 19), a propósito de *Arantius* e *Arentius*. E nós podemos repeti-lo aqui.

2.º Há outros exemplos de idêntico fenómeno linguístico: além do de *Arentius*, o de *Endovellicus* (que todos admitem e que inclui uma variante tão grande como é a forma *Enobolicus*), o de *Atégina*.

3.º Também não é raro os deuses serem nomeados pelos seus epítetos. Na lápide do Museu de Évora, dedicada a

Atégina, a deusa é invocada somente pelo epíteto — *Turubricensis*. Veremos, mais adiante, suceder o mesmo ao deus *Cosus*, que tem como epíteto tópicos *Neneoecus*.

Supomos, por conseguinte, justificada não só a correspondência *Toiraecus-Tueraeus*, como também a índole tutelar do deus *Banda* e (o que nos parece igualmente importante) a grande expansão do seu culto, incluindo-o entre os numes mais venerados nos tempos pré-romanos, na Península, ao lado de Endovéllico, Atégina, Arêncio e, porventura, Coso.

Os pontos obscuros

Agora, entra em campo a linguística.

Há, sem dúvida, pontos obscuros por solucionar: a) o porquê das variantes do nome; b) a origem dos epítetos; e outros, talvez.

Em suma, o esclarecimento linguístico tenderá a ministrar mais profundas bases a estes dados. E cremos ser a partir deles que a investigação deve prosseguir¹.

BORMANICUS

(Fotos 17 e 18)

Esta divindade surge-nos em duas aras, guardadas no Museu de Guimarães. Uma, cilíndrica, a primeira a ser conhecida, proveniente do sítio da Lameira, Caldas de Vizela, concelho de Guimarães (foto 17); a outra, vinda do Banho do Médico, também nas Caldas de Vizela (foto 18).

¹ Retomámos o tema no breve estudo «Duas Importantes Aras Romanas da Vila da Feira» e no artigo «Banda, Uma Importante Divindade Indígena» (in *Conimbriga*, XII, 1973, pp. 199-214).

Não é exclusivamente hispânica, como veremos. Incluímo-la na dissertação porque somente em território português o seu nome tem esta grafia e por lhe ter sido prestado um culto local (embora «importado»).

No entanto, damos apenas a interpretação das inscrições, aludindo, depois, *muito sumariamente*, às opiniões dos AA. a propósito das características do nume em questão.

A) Primeira inscrição:

Interpretação: C(aius) POMPEIVS / GAL(eria tribu) CATVRO/NIS F(ilius) [MOT?]/VGENVS VX/SAMENSIS / REO BORMA/NICO V(otum) S(olvit) [M(erito)] QVISQVIS HO/NOREM AGI/TAS ITA TE TVA / GLORIA SERVET / PRAECIPIAS / PVERO NE / LINAT HVNC LAPIDEM.

Tradução: «Caio Pompeu Motugeno (?), da tribo Galéria, filho de Caturo, natural de Úxama, cumpriu a promessa feita ao mérito do deus Bormânico». A segunda parte da epígrafe, redigida num latim bárbaro, tem aproximadamente o seguinte sentido: «Se prezas a tua honra, que sirva para tua glória impiedres que as crianças estraguem esta lápide».

Notas:

- 1) As três primeiras letras do cognome do dedicante estão gastas. Os AA. dão várias reconstituições possíveis: *Rectugenus* e *Meidugenus* (Hübner); *M(ot)ugenus* (LV). A última parte da fórmula votiva também é problemática: Hübner leu, em 1861, «V.S.L(ibens) M(erito)»; em 1869, «V.S. P(ecunia) [S(ua)?]»; em 1892, «V.S.L(ibens)» ou «V(oto) S(olutus) P(osuit)». LV leu «V.S. M(erito)», leitura seguida por BM e que reputamos mais de acordo com a lápide.
- 2) As letras da epígrafe foram renovadas por um pedreiro (indicação de Neto): daí a possibilidade de REO (6.ª l.) estar por DEO.

- 3) É a única lápide votiva de Portugal onde se faz uma exortação à honra dos fiéis.
- 4) O nome da tribo vem mencionado, inusitadamente, antes do nome do pai.

Sobre esta inscrição, cf. CARDOZO, *Correspondência*, pp. 119-120 (nota).

B) Segunda inscrição:

Interpretação: «MEDAM/VS CAMALI (filius) / BOR-MANI/CO V(otum) S(olvit) L(ibens) M(erito)».

Tradução: «Medamo, filho de Câmalo, cumpriu de boa vontade a promessa feita ao mérito de Bormânico».

Notas:

- 1) Nexos: LI (Camali), MA e NI (Bormanico).
- 2) Sobre os antropónimos, cf. *Emerita*, xxxii, 235 (*Camalus*), e xxxiii, 113 (*Medamus*).

* * *

1869 — CIL, II, 2402 e 2403:

«O nome do deus *Bormanicus* deve ser comparado com os nomes celtas com ele certamente aparentados, *Borma*, *Bormani*, etc.». Comenta o dístico.

1878 — SARMENTO, in *Museu Illustrado*, I, pp. 155-156:

«[...] Borvo ou Bormânico era um deus céltico, cujos benefícios se manifestam nos bolhões da água — facto que condiz perfeitamente com o culto das fontes generalizado na Gália [...].»

1880 — COELHO, in *CIAAP*, p. 443:

«O deus *Bormanicus* [...] tem nome celta; nele se distingue o tema *bormo* ou *borvo* [...]. Este tema surge-nos ainda no nome de lugar e de divindade da Gália *Bormo* ou *Boryo*, no nome de divindade da mesma região *Bormonia*».

1884 — SARMENTO, in *RG*, I, pp. 57-67:

«[...] Vamos examinar a legenda de Bormos, na certeza de que tudo quanto dela colhermos se há-de aplicar ao deus vizelense» (p. 60).

«Tudo o que fica dito deixa concluir que o Bormânico lusitano é uma entidade que se filia no sistema mitológico dos povos áricos da Ásia Menor, que é no fundo um e o mesmo que o do mundo helénico. Estamos a mil léguas dos Celtas» (p. 64).

1887 — SARMENTO, in *RL*, I, pp. 229-230:

«Como se sabe, o culto de *Bormanicus* estava vulgarizado nas Gálias, na Ligúria, segundo se infere do nome de uma povoação deste país, o *Vicus Bormani*, e eu já mostrei, bem ou mal, que o Bormos mayandino é o mesmo deus, primitivamente um deus das fontes. Foi só com o andar do tempo, a meu ver, que ele se tornou um deus curandeiro, fazendo milagres com as águas termais».

1905 — LV, *Rel.*, II, pp. 266-276:

«Considera *Bormanicus* uma divindade fontanária e justifica, longamente, a sua opinião, concluindo: «Seja o nome,

porém, ligúrico ou céltico, o que se vê é que o deus na época próxima da conquista romana fazia parte do panteão dos celtas lusitânicos (embora o seu culto pudesse ter origem pré-céltica)» (p. 274). «*Bormanicus* era o deus ou génio tutelar das águas termais de Vizela». O seu nome «deve ter pouco mais ou menos a significação de *terma*» (p. 275).

1925 — PHILIBON, *Les Peuples*, pp. 205-206:

«[...] É legítimo pensar que o tema *Bormo-* se liga ao indo-europeu *guhormo-*, 'quente'».

1934 — LÓPEZ, in *Arqu.*, VI, p. 319:

«Bormânico era, com toda a certeza, o deus das águas termais».

1934 — LÓPEZ, in *Trabalhos . . .*, VII, p. 74:

«Tanto o nome do deus, relacionado epigraficamente com muitas nascentes medicinais, como a sua identificação com Apolo numa lápide galo-romana e o localismo das duas inscrições minhotas [...] fazem com que o carácter hídrico e salutar do nume se torne completamente evidente».

1951 — CORTEZ, in *BAFN*, II, p. 182:

«Cognatas dos nomes referidos devem ser as palavras vulgares no Entre Douro e Minho: *borno*, 'quente', *bornaceira*, 'tempo quente', 'abafado'. Bormânico é, para Cortez, mais um possível exemplo de *ligurismo*.

1957 — BM, in *AEArq.*, xxx, p. 62:

«*Fora da Península, este deus era muito venerado [...]. Podia ser, na Península, um deus do substrato lígure ou importado.* (O *itálico* é nosso.)

1962 — BM, *RPH*, pp. 171-173:

Divindade aquática. Lê a inscrição cilíndrica de acordo com LV. «É o único deus de que se pode suspeitar que pertence ao substrato lígure, embora não se deva afastar a possibilidade de o dedicante não ser da Península. Recentemente Ch. Guyonvarc'h (... *Le Problème du Borvo Gaulois: Mot Ligure ou Celtique?* in *Ogam*, xi, 1959, pp. 164 e segs.), depois de efectuar uma minuciosa análise do problema, inclina-se pela origem celta do nome do deus» (p. 173).

BRIGUS

(Foto 19)

A única ara dedicada a esta divindade existia na freguesia de Delães, próximo ao Monte de S. Miguel-o-Anjo, concelho de Vila Nova de Famalicão. Está no Museu de Guimarães.

1887 — SARMENTO, in *RL*, I, pp. 231-232:

A·BRICO / FLAUS A/PILI VAL/ABRICII/NSIS VO/
TVM S·L· / M·MIIRITO. «A primeira letra da 1.^a l. está um pouco deteriorada, mas era com certeza uma sigla, porque um ponto muito distinto a separa do nome seguinte. Tem todos os visos de ser um A. As demais letras estão perfeitamente conservadas e não há que hesitar na sua leitura» (p. 231).

«O que não tem dúvida nenhuma é que o deus Brico foi ali adorado, como é hoje S. Miguel, cuja capela se levanta no tope do monte. Como se vê, o voto ao deus foi feito e cumprido por um Flaus, natural de Valabrica. É provavelmente a Volobriga de Ptolomeu» (p. 232).

1887 — COELHO, in *RL*, I, pp. 362-363 e 373-374:

«Se o nome de deus galaico *Bricus* está por *Brigus*, como *supus*, é idêntico ao segundo elemento analisado de **Tameo-brigus* e significa também 'forte', 'poderoso» (pp. 373-374).

1889 — SARMENTO, carta a Hübner, 9-XI:

«[...] certo é que eu estou convencido hoje de que a vírgula microscópica no arco do C serve para indicar um G» (*Correspondência*, p. 188).

1892 — *CIL*, II, 5561:

O A. pensa que é possível ler *Abrico*.

1894 — SARMENTO, in *Nova Alvorada*, 15-4:

Como foi S. Miguel, destruidor do domínio das trevas e do Inferno, que veio substituir provavelmente o culto a *Brigo*, Sarmiento atribui a este nume aquelas características.

1905 — LV, *Rel.*, II, pp. 327-329:

«A penúltima letra da 1.^a l. é G, e não C: temos, pois, A·BRIGO» (p. 327).

«A última l. começa por M (cuja primeira haste está sumida em parte): este M ou é abreviatura de ANIMO ou vale por M(erito), tendo sido repetida por equívoco esta palavra em seguida» (p. 328). Traz a gravura, mas não indica a sua leitura.

«A palavra *Brigus* deve ser a mesma que a irlandesa *bríg*, 'forte' [...]» (p. 328). Interpreta duvidosamente o primeiro A por A(*ugusto*), acrescentando que esta particularidade é caso único nas «inscrições da Ibéria» (p. 329).

1934 — LÓPEZ, in *Arqu.*, vi, pp. 310-311:

«A localização castreja e a circunstância de existir dentro do seu recinto uma antiga capela sugerem para o deus [...] um papel protector do castro ou da colectividade nele estabelecida» (p. 311).

1957 — BM, in *AEArq.*, xxx, p. 51:

«*Bricus* seria, provavelmente, o deus do Monte de S. Miguel-o-Anjo [...]; *briga* é palavra que entra na formação de grande número de topónimos com significação de fortaleza».

1962 — BM, *RPH*, pp. 75-76:

Deus cujo nome é um topónimo. Lê: «A(UGUSTO) BRIGO / FLA[VI]VS A/PILI (filius) VAL/ABRI[C]E/NSIS VO/TVM (libens) / M(erito) MERITO».

«O nome do deus é simplesmente a voz celta *-briga* masculinizada» (p. 76).

Observações

O exame directo da lápide e da respectiva foto levam-nos à seguinte interpretação dubitativa:

A(ugusto?) Brigo / Flaus A/pili (filius) Val/abrigē/nsis
vo/tum s(olvit) l(ibens) / m(erito) merito.

Ou seja: Flaus, filho de Apilo, natural de Valábriga, cumpriu de boa vontade a promessa feita ao mérito do augusto Brigo.

Holder, que transcreve esta lápide, inclui *Flaus* nos antropónimos celtas. *Apilus* surge também no *CIL*, II, 1133, como *cognomen*, e 2433 (numa inscrição de Braga), segundo o mesmo autor.

Pelas opiniões transcritas, parece-nos *possível* considerar *Brigus* uma divindade tutelar.

* CABAR

Consta ter existido uma pedra à porta da igreja nova de Pinho, concelho de S. Pedro do Sul, em princípios do século XVII, com uma inscrição em que Hübner e Mommsen supuseram ver este «teónimo». A pedra já estava perdida em 1630.

1630 — PEREIRA, *Dialogos*, p. 100:

Constou-lhe a existência da sobredita pedra com a seguinte inscrição:

/// De Al Abar
Sule Avitus
Ail. in cifer choz III
Al cem tib. Claudi
Ao desti V·A·S·

Reconstituição dubitativa de Hübner e Mommsen:

deae Cabar...

Sul[p(icius)] Avitus

[m]il(es) imaginifer chor(tis) III

[G]al(lorum) cen(turia) Tib. Claudi

[M]od[e]sti v(otum) l(ibens) a(nimo) s(olvit).

1957 — BM, in *AEArq.*, xxx, p. 57:

«[...] *Cabar* [...], seguramente a divindade hispânica identificada com Minerva, pois a lápide foi consagrada por um militar. Conhece-se outra inscrição dedicada a *Minerva Cabardiscensis*. O epíteto [...] é provavelmente um topónimo. Na Península há um 'pagus cabardensis' [...].»

1962 — BM, *RPH*, pp. 208-209:

Repete as considerações feitas em 1957 e esclarece: «A inscrição é do século I, data em que a *Cohors III Gallo-rum* esteve na Bética, vinda de Itália. *Cabar* apresenta um radical baseado num nome de animal, como é frequente no onomástico peninsular. No presente caso, o nome é o indo-europeu **Kapro*, cabra (Pokorny, *IEW*, 529)» (p. 209).

Observações

Lendo as transcrições feitas, salta imediatamente à vista como são precárias todas as hipóteses lançadas sobre uma base tão frágil — a indicação de Pereira.

* CAEPUS

(Foto 20)

O nome desta «divindade» está numa lápide do Museu Nacional de Arqueologia e Etnologia (1.º andar), encontrada na Quinta de S. Domingos, freguesia de Benespera, concelho do Sabugal.

1913 — LV, *Rel.*, III, pp. 618-620:

«CAEPO / FIRMV(s) / SABINAE / L(ibertus) / V(otum) L(ibens) S(olvit)».

«A palavra *Caepus* pode ser latina ou provenha da língua comum (popular), mera masculinização de *caepa* (cepa), cebola, análoga à que temos em português em *cebolo*, em vez de *cebola*, ou seja originariamente divina [...]. Em qualquer dos casos, *Caepus* apresentar-se-nos-á como «deus das cebolas, protector das hortas», espécie de Priapo lusitano [...]. Da natureza da divindade, se a minha interpretação é verdadeira, da simplicidade social das pessoas, traduzida nos nomes, e da palavra *Firmus*, firme, constante, que revela talvez a condição da alforria do escravo, resulta um quadro etnográfico em cuja contemplação nos deleitaremos um instante, pois aí se nos desenha uma família que na singeleza do seu viver rural venera em paz um deus a quem julga dever o bom êxito das sementeiras».

1957 — BM, in *AEArq.*, xxx, pp. 48-49:

«Em Tui venerava-se a mesma divindade sob a forma *Caepol*» (*CIL*, II, 5613) (p. 49).

1962 — BM, *RPH*, p. 66:

Um deus da vegetação

Observações

A lápide é de granito preto, de leitura um pouco difícil. A leitura do teónimo proposta por LV é muito provável, como se pode ver pela foto que apresentamos. Na fórmula votiva cremos ser preferível ler *v(otum) s(olvit) l(ibens)*. Parece-nos oportuno lembrar que LV aduz a sua interpretação *em termos de dúvida*.

* CARNEUS ou * PTARNEUS

O nome deste «deus» estaria num pedaço de pedra metido na parede exterior da Igreja Matriz de Sant'Ana, Arraiolos. Desconhece-se o seu paradeiro actual.

1734 — *Colecção dos Documentos* ...

Na acta da sessão de 1 de Abril se diz que o P. Fr. Afonso da Madre de Deus Guerreiro participara à Academia uma colecção de memórias onde, entre outras coisas, se fazia referência a uma pedra grosseira, com letras, de que só se podiam ler as seguintes: «CARNEO / CALANTICE / SI CAECILIA / OR NI CUIS / R· CUIS» (pp. 5-6).

1747 — CARDOSO, *Diccionario*, I, p. 487 (artigo «S. Anna»):

«[...] No qual, por estar quebrado, se vêem somente as letras seguintes: 'CARNEO / CALANTICE'». «Querem alguns que nesta freguesia fosse algum dia a cidade de Calantica, o que parece se prova das segundas letras e segundo

a pedra mencionada. O P. Bento Pereira no *Additamento Portuguez*, falando de Arraiolos, lhe chama na língua latina *Calantia*, o que tudo se conforma com a inscrição da segunda pedra».

1869 — *CIL*, II, 125:

Transcreve da *Colecção* e diz: «Emendare non audeo». Acrescenta Hübner: «Higuera, na sua história manuscrita de Toledo, I, fl. 94, refere esta ou a seguinte, encontrada no mesmo local, que lhe fora enviada pelo P.^o Dr. Pedro Paulo Secreer, jesuíta, de Évora, assim: «DEO · PTARNEO · CALANTI / CENSI · LAVS», como de costume, arbitrariamente modificada; no fim, é *l(ubens) a(nimo) v(otum) s(olvit)*».

1905 — *LV*, *Rel.*, II, pp. 312-313:

Divindade «de carácter incerto». Refere Hübner e diz: «Estas duas inscrições são decerto versões de uma única, pois têm em comum na 1.^a l. . . ARNEO».

Observações

No dicionário de Daremberg, artigo «Karneios», se diz que *Karneios* era uma divindade nacional dos Dórios, identificada com Apolo: deus protector dos rebanhos, se aceitarmos a etimologia apresentada por Hesíquio, «o qual relaciona Karneios com antigas palavras KÁR, KÁRA, KÁRNOS, significando carneiro ou ovelha». L. Couve, autor deste artigo, documenta depois a sua afirmação.

Talvez esta indicação traga algumas luzes para uma hipótese — considerando desde já mais certa a leitura *Carneus Calanticensis*. Por que não será este nume uma divindade protectora dos rebanhos adorada em Calantica (Arraiolos?)? Estamos no Alentejo, terra de rebanhos . . . Divindade grega de origem, *Carneus* (forma latinizada de Kárneios) teria recebido o epíteto indígena *Calanticensis*.

Mas . . . o que dizemos não passa de mais uma pista de trabalho.

* CARUS

(Fotos 21 a 23)

O nome deste deus parece estar num cipo granítico aparecido em Santa Vaia de Rio de Moinhos, concelho de Arcos de Valdevez, actualmente no Museu Nacional de Arqueologia e Etnologia.

1905 — LV, *Rel.*, II, p. 336:

«A inscrição ocupa três faces da pedra. Ela é muito difícil de ler. Apenas pude apurar o seguinte: 1) CARO / CONS / Q. PM ; 2) TVCIN /)I[. .]II / V· ; 3) I AM / L·L·D . A primeira palavra é claramente CARO; a segunda será *consacratum*, que não destoaria do estilo de uma inscrição gravada em país bárbaro; a terceira deve ser *Q(uintus)*. Do resto só me atrevo a interpretar o V da segunda face como *v(otum)* e as três letras finais da inscrição como *l(ibens) l(aetus) d(edit)*; o M antecedente será *M(erito)*? Em todo o caso, creio que temos diante de nós um pequeno monumento consagrado ao deus indígena *Carus*. Esta palavra, conquanto da mesma forma que a latina *carus*, ‘caro’, ‘querido’, não me parece que tenha nada com ela, a não ser parentesco remoto e significação análoga, pois o ono-

mástico céltico apresenta *Ande-carus*, *Su-carus*, etc., onde deve ver-se o tema *caro-* correspondente ao v. irl. *caraim* 'eu amo' [...].».

1962 — BM, *RPH*, pp. 209-210:

Lê apenas: CARO / CONS(acratum) / Q(uintus) P(osuit) M(erito). Assinala as dificuldades da leitura e, após referir as observações propostas por LV, embora sem expressamente o citar, acrescenta: «[...] talvez fosse uma divindade aquática, porquanto Holder cita um rio *Carus*» (p. 210). Inclui-o, porém, no grupo das divindades de carácter desconhecido.

Observações

Em nosso entender, a epígrafe merece um estudo pormenorizado que, infelizmente, ainda não estamos em condições de fazer. Não nos parece que esteja incompleta e o problema da sua interpretação reside, em primeiro lugar, na ilegibilidade de algumas letras, mormente nas faces que LV chamou «2.*» e «3.*», e nas diversas hipóteses que se podem apontar para cada abreviatura (e a inscrição está recheada delas).

Não podemos, por enquanto, ir mais além do que foi LV: permanecer na dúvida.

CASTAECAE ou CASTAECI

O nome destas divindades encontrava-se atestado numa ara, hoje perdida, proveniente de Santa Eulália de Barrosas, Lousada, Caldas de Vizela.

Cita como fonte Argote e apresenta a seguinte leitura da epígrafe: REBVR/RINVS / LAPIDA/RIVS· CA/STAE· CIS / V·L·C·/ M·, acrescentando: «Não pode saber-se, nem com plausibilidade pelo menos, quem sejam acaso os *Castecos* a quem se pusera a 'memória' ou para quem se quisera a 'sepultura' predita: é evidentíssimo, contudo, que REBURRINO fora *lapidário* de profissão, e que se chamavam 'lapidários', na frase de Ulpiano, 'aos indivíduos que trabalhavam nas aberturas dos caminhos, tirando pedras, assim como aos que as cortavam também para os mesmos fins'. Se, portanto, o nosso *Reburrino*, *lapidário*, de boa vontade e por lho merecerem, pôs esta memória (ou fez esta sepultura) aos *Castecos* do seu tempo, claro se torna, com efeito, que por estas paragens estanceavam 'trabalhadores de estradas públicas romanas', as quais pelas mesmas paragens, por conseguinte, deviam ter o seu competente traçado ou direcção».

Na penúltima linha escreve S em vez de C. No índice: *Castaecae Nymphae?*

«Hübner considera *Castaecis* como ninfas; todavia, como esse nome não vem precedido nem de *nymphis* nem de *lari-bus*, tanto pode ele ser masculino como feminino, ainda que nos nomes que temos visto até agora só os femininos vêm sem epítetos. Com ele cf. *Castae*, nome de lugar na Gália; *Castaecis* decompõe-se verosimilmente em *Cast-aecis*» (p. 191). Notemos que Hübner apenas formulara uma hipótese, como transcrevemos.

1956 — LAMBRINO, in *AP*, III, p. 55:

Uma referência aos LARES CASTAECI, em Caldas de Vizela, citando *CIL*, II, 540. Trata-se, provavelmente, de equívoco; de salientar o facto de Lambrino (que infelizmente mais nada acrescenta) se inclinar para interpretar estes deuses como «lares».

1962 — BM, *RPH*, p. 173:

«E. Hübner, Mário Cardozo e Leite crêem que as deusas a quem se dedica esta ara são ninfas. O seu nome termina no sufixo *-acus*; a base é um topónimo, como é frequente na formação de nomes de deuses. *Castae* é um lugar da Gália».

Seja-nos permitido observar que estas frases de BM são um exemplo típico da deformação que vêm sofrendo, ao longo dos tempos, as opiniões dos autores.

Senão, vejamos:

No que respeita às ideias de Hübner e de LV, basta reler as transcrições que fizemos — e outras indicações não as há nas suas obras — para ajuizarmos das afirmações de Blázquez; M. Cardozo inclui efectivamente esta lápide no seu trabalho sobre as ninfas (in *Zeph.*, IV, p. 61). Por outro lado, a comparação com *Castae* já vem nas *Rel.*, e BM parece indicá-la como própria.

Observações

Em suma: estamos perante uma divindade de nome certo (porque, segundo depreendemos das afirmações de Caldas, a epígrafe não tinha dificuldades de leitura) e de características incertas. A atribuição de um carácter aquático é puramente

hipotética: BM viu certezas onde não as havia. A aproximação com o topónimo *Castae* pode levar-nos a pensar que se trata de uma divindade tópica, mas julgamo-lo arriscado enquanto se não descobrir outro topónimo menos afastado do local onde a lápide se achou. A linguística ainda não chegou a conclusões.

Sobre *Reburrinus*, cf. *Emerita*, XXXIII, p. 120: é um nome «tipicamente hispânico».

* CIBIANBAOVIO — ver LAROCUS

CORONUS

(Foto 24)

Está no Museu de Guimarães a ara dedicada a este nume: veio de Serzedelo, Guimarães, de perto do local onde a tradição situa a cidade de Pedrauca.

1887 — SARMENTO, in *RL*, I, pp. 232-233:

Lê: PATERN/V^S FLAVS / A·APOS/VIT IIXSV/O·O MII /.../..., na face frontal. O nome do deus está do lado esquerdo: CORONO. Sarmiento indica as dúvidas de leitura da face frontal e propõe que se interprete ARAM POSVIT EX VOTO ou mesmo ARA POSVIT, acrescentando: «O que para mim não tem a menor dúvida é que o dativo CORONO [...] é o nome do deus» (p. 233).

1887 — COELHO, in *RL*, I, pp. 363-365:

«Qual o carácter desse deus? Nada sabemos a tal respeito. Desse nome deriva por certo o *Coronerus* da Citânia [...] de Briteiros» (p. 363). «No domínio da pura hipótese poder-

-se-ia pensar que *Coronus* fosse um espírito familiar, um Kobold, um génio [...]. Mas, em vez de um ser sobrenatural de tão modestas dimensões, podemos ver também em *Coronus* nem mais nem menos que o deus do raio, o Donner dos celtas peninsulares, comparando esse nome com o mod. bretão *curun, tonerre* [...]. Notarei ainda que *Coran* é o nome de um druida mítico [...].» (p. 365).

1888 — SARMENTO, carta a Hübner, 5-XII:

«Peço atenção para o V de FLAV. Não será uma ligadura de V e S?» (*Correspondência*, p. 155).

1892 — CIL, II, 5562:

Interpretação dubitativa: *Corono Paternus Flav(i) aram posuit exs voto merit[o ani]mo vole(ns?)*. No índice escreve: «*Coronus deus?*».

1901 — GUIMARÃES, in *RG*, XVIII, p. 47:

Única diferença de leitura em relação a Hübner: *merit(o) anim(o)*. «Ara [...] que Paterno, filho de Flavio, de boa vontade erigiu a Corono em cumprimento de voto».

1905 — LV, *Rel.*, II, pp. 331-333:

Paternus Flau(s) ara(m) posuit exs voto merito (ani)mo lib(ens) Corono. «Suponho que é sem motivo que Hübner [...] põe um ? diante de *Coronus*» (p. 333).

1934 — LÓPEZ, in *Arqu.*, VI, p. 311:

Possivelmente, deus de um castro.

1962 — BM, *RPH*, pp. 116-117:

PATERN/VS FLAU(s) / ARA(m) POS/VIT EXS
V/OTO ME/RIT(o) [A]N[IM]O / VOLE(ns): «O deus é
indígena, sem poder precisar bem a sua etimologia nem o seu
carácter; contudo, *Coronus* é provavelmente um deus guer-
reiro, já que em Martles apareceu uma inscrição dedicada
a *Corotiacus*, deus identificado com Marte (*CIL*, VII, 93)»
(p. 117).

Observações

Examinámos a pedra em Guimarães e confirmámos a
dificuldade da leitura. De resto, bastava comparar as opiniões
dos autores para disso nos darmos conta. Parece-nos mais
plausível ler *Flav(ii)*, «filho de Flávio», que é, porventura,
mais consentâneo com o teor de grande parte das inscrições
peninsulares, em que o dedicante é mencionado pelo nome
acompanhado da filiação.

Quanto aos atributos deste nume, nada certo. A hipótese
de BM é frágil (cf. o que escrevemos na *RG*, LXXX, pp. 224-
225).

* CORU... ABE

(Foto 25)

Estas letras — pertencentes a um teónimo? — encontram-
-se gravadas numa rocha da Citânia de Briteiros (a foto foi
extraída de uma gravura de *Citânia e Sabroso*, de M. Cardozo).

1887 — SARMENTO, in *RL*, I, p. 231:

Lê: «CORV / ABE / MEDAMVS / CAMALI». «Este Medamo, filho de Camalo, podia muito bem ser o mesmo devoto do Bormânico». «Que é Córu e Abe?».

1892 — *CIL*, II, 5594:

Manda cf. com KÓROU AKRON, situado, segundo Ptolomeu (II, 6, 4), na região dos Calaios Lucenses.

1902 — CALDAS, in *RG*, XIX, pp. 157-172:

Interpreta as primeiras linhas: *Coru(itori) Abe(lioni)*, *deus protector dos rebanhos*, identificando esta divindade com *Abelion*, deus pirenaico.

1934 — LÓPEZ, in *Arqu.*, VI, p. 354:

«O carácter divino deste nome não é claro».

1962 — BM, *RPH*, p. 117:

Relacionando com Ptolomeu, opina: «Este deus podia ser a divindade protectora do promontório; também pode ser uma divindade guerreira em que entrasse a voz *Corio*; inclino-me para esta segunda hipótese».

Observações

Reputamos incerta qualquer interpretação.

Consideramos dedicadas a este deus duas epígrafes: uma, encontrada em 1841 na propriedade de S. Simão, freguesia de Burgães, Santo Tirso, que se guarda no Museu de Guimarães; outra, descoberta em 1952, na Capela de S. Bartolomeu do Vale de Ervosa, também em Santo Tirso, que está no Museu Municipal Abade Pedrosa, desta localidade.

Caberia falar antes de *Cosusus Deus Mars*, divindade a que, como veremos, os autores aludem mais ou menos para justificar as suas ideias. Acontece, porém, que a inscrição referente a este nume não é de Braga, como diz Jordão (*Portugalliae*, p. 22, n.º 70), o responsável por todos os erros posteriores, nomeadamente o de Hübner, *CIL*, II, 2418. LV, porém, não inclui este deus nas *Rel.*, e nos *Opúsculos* (V, 136-137) chama a atenção para o facto de este não ser um deus lusitânico, remetendo para o *CIL*, XIII, 1353, onde se aponta a inscrição como aparecida na Aquitânia (Gália).

1885 — SARMENTO, in *VM*, VI, n.º 6:

«*Deo Domenocusuneneoeco ex voto Severus posuit*».

1887 — SARMENTO, in *RL*, I, pp. 234-235:

«Temos por certo que a segunda palavra — DOMENO — está por DOMINO» (p. 234).

«Em suma, há todas as provas de que o alto fosse a sede de uma povoação, em que o deus *Cusuneneoecus* dava leis, antes que o Cristianismo o derribasse do seu trono [...]» (p. 235).

1887 — COELHO, in *RL*, 1, pp. 365-369:

Vai fazendo considerações acerca do teónimo, decompondo-o em *cus-o-uno-eno-oeco*, concluindo: «A explicação morfológica torna muito provável a origem céltica do nome *Cusuneneoecus*: eis tudo- [...] Seria um deus que protege, ou melhor, cura, um deus curandeiro [...]. Mas isso é pura hipótese» (p. 369).

1888 — SARMENTO, carta a Hübner, 13-XI:

«Eu insisto em que a leitura é NENEO, e não NE-MEC [...]» (*Correspondência*, p. 149).

1905 — LV, *Rel.*, II, pp. 326-327:

«Poderá ser M, porque há um sulco, embora este possa ser natural. A impressão é de M, mas esse sulco não é tão fundo como os outros; sendo N, fica bastante distanciado do E que se lhe segue». «Pelo que toca ao estilo da inscrição, esta apresenta digno de nota o estarem juntos dois epítetos, *deus e domenus*=*dominus*, ao nome do deus. O mais vulgar é juntar-se apenas *deus*, como temos visto até aqui» (p. 327).

1950 — TOVAR, in *Misc.*, pp. 189-190:

Considera *Domenocusuneneoeco* (p. 189) como exemplo de «composto impróprio», com *dativo latino*, assim: *Domeno-cusuneneoeco* (p. 190).

1953 — SANTAREM, *Duas inscrições*:

A primeira notícia da segunda lápide. Descreve-a, comenta uma a uma as suas oito linhas das quais não consegue ler

as duas finais. Lê: DOM(ino) DEO / NENEOC[O] / SEVERV[S] / [S]ATVRNI/NI F(?)X(ilius) [EX] VO/TO POSVIT / ... / ... (p. 4).

Confronta a 2.^a l. com a inscrição de Burgães, que tem a particularidade de o dedicante ser também SEVERVS — «um outro ou o mesmo», diz o A. Assinala que a palavra CVSV não existe na inscrição recém-descoberta e que até há uma coincidência no facto de em ambas as epígrafes surgirem os epítetos «dominus» (aqui, indicado por DOM·) e «deus», conquanto por ordem inversa. E pergunta: «Haveria na mesma região e a tão curta distância um deus *Neneoecus* e um *Cusuneneoecus* ou o da inscrição de Burgães é, realmente, o mesmo da inscrição nova?».

1954 — HAE, vol. 4-5, n.º 514:

Transcreve a ara de Ervosa, anotando, erradamente, que se trata de uma correcção à leitura de Hübner.

1957 — BOUZA-BREY, *A Deidade*:

«Damos por resolvida a dúvida [...], pois a nova ara [...] deixa ver que se trata de um N, e não um M, a letra duvidosa» (p. 4, nota). Vai responder à pergunta formulada por Santarém.

«CVSV é o nome de um deus característico do panteão do Noroeste peninsular, que aparece sob as formas COSO em epígrafes de Brandomil, de Seavia e de Meirás, as três concentradas no ângulo mais ocidental da Galiza [...]; COSOSO em Braga, quiçá por erro do *quadratarius* de repetir uma sílaba; e COSVNEA em Guimarães. Como a penúltima epígrafe é, completa, COSOSO DEO MARTI, e como na região mediterrânica, em Denia, se regista um

MARS SEMNUS CO(SVS?), e ainda como a ara de Brandomil, que tem um M depois do nome da divindade, foi interpretada primeiramente por Hübner como um COSO M(arti), ainda que depois tenha lido M(arcus), julga-se que o deus galaico COSO foi assimilado ao deus romano da guerra. NENEOECO é um epíteto que acompanha a divindade» (pp. 5-6).

«Se destacarmos o sufixo *-oeco*, que designa posse, teremos que NENEOECO não é outra coisa senão 'o COSO ou CUSU de NENE'. E onde é NENE? [...] A resposta é clara: Não longe de Santo Tirso, em NINE, por um fenómeno de dissimilação vulgar e corrente. [...] E deste jeito vem a saber-se que a divindade COSO ou CUSU tinha em Nine, formosa terra minhota, um culto relevante. E sabe-se também que Nine é um topónimo pré-romano que apenas sofreu variação fonética, segundo aparece documentado nas duas epígrafes. Assim, 'DEO NENEOECO' é o 'deus de Nine', que era COSO, segundo se sabe pela outra das aras nomeadas. É, pois, a mesma divindade, numa e noutra epígrafe» (p. 7).

1957 — BM, in *AEArq.*, xxx, p. 57:

«No nome do deus *Cusuneneoecus* [...] talvez se tenha como primeiro elemento de formação uma variante de Coso [...]».

1962 — BM, *RPH*, pp. 120-121 e 122:

«O nome do deus compõe-se do sufixo, de *Coso* ou *Cusu* e de um topónimo que aparece no nome de outra divindade, *Neneoecus*. É interessante notar os dois epítetos que antecedem o deus, que não aparecem noutras inscrições» (p. 121).

Inclui-o entre os deuses da guerra. Apresenta a leitura da segunda inscrição, apontando para as duas últimas linhas, a sugestão de Bouza-Brey: *numini maiestatique eius dicatissimus*. «O nome do deus está formado sobre um topónimo. Não longe de Santo Tirso existe a localidade Nine».

Observações

Examinámos directamente ambas as epígrafes. Na do Museu de Guimarães concordamos com as anotações de LV, confirmadas, aliás, pela foto. A de Santo Tirso está muitíssimo danificada, os caracteres são irregulares, mais se adivinham que se lêem.

Apoiamos, em absoluto, a opinião de Bouza-Brey a propósito da identificação *Cusus Neneoecus* — *Neneoecus*. *Cusus* será uma variante de *Cosus*, explicável por uma diferença de «zona» linguística ou imperícia do gravador. O facto de o deus aparecer nomeado simplesmente pelo seu epíteto tónico não é caso virgem, como já vimos quando falámos de Banda Velugus *Toiraecus* e de Atégina.

Dauzat (*Les Noms*, p. 197), estuda o tema *Cōsa*, que considera obscuro; anota que lhe foi atribuído o significado de «escarpado», aplicável a cursos de água; conclui pela incerteza, salientando, porém, que os potamónimos derivados deste tema não surgem em área céltica.

Será *Cosus* — a quem foram dedicadas outras aras, que trazem outros epítetos, como *Oenaecus* (BRAG, VI), **Calaeunius*, **Theinaecus*, **Daviniagus* — uma divindade tutelar? Cremo-lo bem que sim. Um nune a colocar ao lado de *Banda* e de *Arentius* — que assumem epítetos consoante os lugares onde são cultuados. O facto de, uma vez por outra, parecer estar identificado com Marte (caso da inscrição da Aquitânia) não impede, em nosso entender, tal característica,

se atentarmos que estes povos eram também guerreiros; nada mais natural, portanto, que o seu deus protector assumisse qualidades bélicas.

* COSUNEAE e * FIDUENEAE

(Foto 27)

A inscrição encontra-se num penedo da Bouça do Capitão de Fervença, dentro de um pinhal, nas abas do monte onde está a Citânia de Sanfins, Sanfins de Ferreira, concelho de Paços de Ferreira. No jardim do Museu de Guimarães há um modelo em gesso um tanto deteriorado já.

1892 — CIL, II, 5607:

Baseando-se nas indicações de Sarmento, lê: *nimidi* (ou *nimid*) *fidueneorum hic e cosuneae h s.*

1895 — SARMENTO, in AP, I, p. 147:

«Na do poente a única dificuldade está, me parece, na leitura do primeiro nome *Niminid* ou *Nimid*? Mas qualquer que seja a forma da palavra, não pode duvidar-se, creio eu, que ela é o mesmo que, por exemplo, o *nemed*=*sacellum* da glosa irlandesa; e, sendo assim, ficamos sabendo que umas divindades, chamadas *Fidueneas*, tenham aqui o seu santuário».

1904 — HOLDER, II, 712:

No vocábulo «Němě-tō-n», transcreve Hübner a seguinte passagem do *Indiculus Superstitionum et Paganiarum* (vol. VI, 223): «De sacris silvarum quae nimidas (=nemeta) vocant».

Mais adiante, Holder traz uma outra referência relativa à Bretanha: «Silva quae vocatur Nemet».

Parece, pois, que Holder considera possível uma relação entre esta divindade da vegetação, cujo culto vem documentado nos autores, e a inscrição de Roriz. *Nimidi* (?) seria, neste caso, o nome da divindade; e *fidueneorum*? O nome de um povo? A designação do local? Nesta ordem de ideias, qualquer das hipóteses poderia ser viável. E *Cosuneae*? Também nome de povo (como dirá Cortez)?

1905 — LV, *Rel.*, II, pp. 188-189:

Lê *Numinibus* e diz: «Que *Fiduenae* [sic] seja nome de divindades, isto é, de ninfas, que recebiam culto neste sítio, não o nego, antes apoio» (p. 188).

«A primeira palavra da outra face do penedo, isto é, **Cosuneae* (dativo), será outro nome de divindade, isto é, **Cosunea* (em nominativo). [...] Sem desejar aventurar-me em explicações desta palavra, citarei, porém, a propósito, a título de comparação: *Sunua* [...] e *Cusuneneoecus* [...]. Não menos difícil é interpretar F·S, que se lê no fim; como estamos em país bárbaro [...] não seria porventura estranho que F·S significasse *f(idem) s(olvit)*» (p. 189).

«As *Fiduenae* (e **Cosunea*?) faziam certamente parte do panteão dos castrejos [...]. O lugar, pelo seu mistério e solidão, não podia ser mais adequado a cultos naturalísticos» (p. 189).

1934 — LÓPEZ, in *Arqu.*, VI, p. 311:

«Pela localização da epígrafe, pode supor-se que estas divindades foram as protectoras da dita Citânia».

1951 — CORTEZ, in *BAFN*, II, p. 179:

Referindo-se a **Cosunea*, diz: «Eu sugiro, se não o podemos considerar antes como um gentílico, o dos moradores daquele povoado castrejo que ultimamente revelou uma romanização remota, contemporânea dos tempos republicanos. Gostaria que os filólogos se pronunciassem sobre este problema, que, a verificar-se a minha precária suposição, denota mais um contacto entre as populações dos Alpes e as do Noroeste peninsular».

1957 — BOUZA-BREY, *A Deidade*:

Relaciona, como vimos, *Cosunea* com *Cosus*, embora não explique como é que uma palavra poderá derivar da outra.

1962 — BM, *RPH*, p. 120:

«As três palavras significariam: 'Este é o santuário das divindades Fiduenas'». Inclina-se para interpretar *F(eminae) S(anctissimae)*. «O nome desta divindade aparenta-se com outros em que entra a palavra *Coso-*, cujo carácter de deuses guerreiros, assimilados a Marte, é seguro».

Observações

As dificuldades da leitura e de interpretação levam-nos a considerar precárias todas as hipóteses que se baseiem neste escasso vestígio epigráfico. Só a descoberta de outros documentos, epigráficos ou literários, nos permitirá chegar a alguma conclusão. Pela forma das letras e disposições das abreviaturas, o Sr. D. Fernando de Almeida inclina-se a ver, no penedo, uma inscrição mediéfica.

*** CUSICELENSES — ver LARES
CUSICELENSES**

*** DAFA**

(Foto 79)

A ara dedicada a esta divindade foi encontrada em 1954 no Castro de S. Lourenço, em Vila Chã, concelho de Esposende. Está actualmente no Seminário Conciliar de Filosofia de Braga.

1954 — CUNHA, in *O Cávado*, 28-XI:

«[...] partida pela linha de inscrição onde devia estar o nome do dedicante [...]. O principal da inscrição lê-se com relativa facilidade: DAFAE / SANCTAE / SACRVM». «O D da primeira linha está um pouco rompido, mas não há, apesar disso, grande possibilidade de engano. O E final tem as hastes horizontais muito pequenas e podia ser facilmente tomado por um I. Teríamos, nesse caso, a forma de um genitivo arcaico da mesma palavra e o sentido da inscrição não se modificava. Na 2.^a l., o E final está junto com o A precedente e isto é quase de regra em latim. A interpretação parece bastante segura. O nome da divindade, 'Dafa', é, porém, inédito e apresenta todas as características de indígena».

1965 — BOAVENTURA, in *Lucerna*, VI, pp. 270-273:

«Com facilidade li: DAFA(i) / SANCTA(i) / SACRVM» (p. 271).

«No esborcinado da fractura lobrigam-se restos de sinais alfabéticos — talvez '... Ex Vo(to)'; porventura o nome do dedicante ou, ainda, uma data» (p. 272).

Observações

O Sr. P. Dr. Luciano Santos, reitor do Seminário de Filosofia de Braga, deu-nos amavelmente mais estas indicações, que agradecemos: a ara mede de altura 0,47 m×0,53 m; no fuste, 0,24 m×0,22 m; no frontão, 0,32 m. Lê-se apenas:

DAFAI

SANCTA (há uma fractura; talvez tenha I)

SACRVM

VM (talvez=VOTVM)

M.^a L. Albertos, a quem consultámos também, respondeu-nos: «Sobre DAFA no sé qué decirle. Compruebe bien la lectura de la F, porque no es letra corriente en las lenguas hispánicas. El nombre *Deanefa*, que recoge Blázquez, probablemente es *Deane* (= *Dianae*) *Fabius* . . . o algo así» (carta de 3-XI-1969).

Por conseguinte nada de seguro poderemos assinalar, por enquanto, relativamente ao nome e possíveis atributos desta divindade.

*** DANDITATUS — ver * BANDIS
TATIBEAICUS**

DENSUS

(Foto 80)

A ara dedicada a esta divindade encontra-se junto ao tanque do pomar da Quinta de Cilhades, Felgar, Moncorvo. Indicação confirmada pela sua distinta proprietária, D. Ester Carneiro Neves Filipe, em carta de 13-VIII-1969, que agradecemos.

Descrição, foto, gravura. «DENSO / VARSC F / LIBENS DICAVIT». «A primeira letra, incompleta, deve ser um D. Na 2.^a l. lemos VAR(u)S C(aii) F(ilius)» (p. 28).

«Ocorreu-nos a possibilidade de se tratar de uma inscrição honorífica dedicada a um indivíduo chamado *Denso*. Pusemos, porém, esta hipótese de lado» (nota, p. 28).

«*Varus* é antropónimo conhecido» (p. 28). Justifica a leitura DICAVIT (p. 28).

Observações

«Nunca mais me debrucei sobre a inscrição de Cilhades. O desenho (p. 27) fi-lo com cuidado. Não duvido da leitura da 1.^a, 3.^a e 4.^a l. [...] Mas é possível outra (ou outras) interpretação desta 2.^a l., até porque 'o primeiro sinal incompleto pode ser $\vee$ ou $\wedge$. O interesse de inscrição está, porém, na 1.^a l.: *Denso*» — escreveu-nos o Sr. D. Domingos de Pinho Brandão, a 20-VII-1969.

A leitura reputamo-la correcta.

O Sr. D. Domingos não explica porque pôs de lado a «possibilidade de se tratar de uma inscrição honorífica». Supomos que foi por causa do adjectivo *libens*, de regra nas inscrições votivas, apesar de a expressão «*libens solvit*» estar aqui substituída por *dicavit*, o que não é usual.

Atentando, agora, no nome do deus, a primeira ideia que nos surge é a comparação com o adjectivo *densus*, «denso», «numeroso», «cheio». Ora acontece que tal atributo pode qualificar um elemento vegetal, aquático ou outro; figuradamente, até seria possível relacioná-lo com a noção de fecundidade. M.^a L. Albertos não nos soube dizer nada sobre este possível «teónimo».

DII DEAEQUE CONIUMBRICENSII

(Foto 28)

Em ofício de 14-7-69, o Sr. Dr. J. A. Pinto Ferreira, director do Gabinete de História da Cidade do Porto, confirmou-nos que a lápide dedicada a estas divindades «continua a estar na igreja matriz de Numão», concelho de Vila Nova de Foz Côa.

1789 — VITERBO, *Elucidário*, art.º «Numan»:

«TI·CLADIUS / SANCIVS·EQ / CHOR·TIT·LV/SITA·
NORVM / DIS·DEABVSQ / CONIVMBRIC· / S·L·M·».
«Parece ser memória que Tito Cládio Sanches, Cavaleiro da
Coorte Tícia dos Lusitanos, consagrou aos deuses e deusas de
Condeixa-a-Velha [...]».

1861 — HÜBNER, *Noticias*, pp. 66-67:

Transcreve Viterbo. «Na 2.ª l. escreve ele SANCIVS (Hübner lera SANCtUS) e na 3.ª l. TIT em vez de III. Na 6.ª l. há uma alteração que produz quase CONVMBRIC(en-sibus); poderia, porém, significar-se outro lugar diferente não conhecido, talvez *Contumbrica*». Na última linha inclui o v — v(otum).

1905 — LV, *Rel.*, II, pp. 185-186:

Segue Hübner. «Diz o seguinte: 'Tibério Cláudio Sancio, cavaleiro da coorte III dos Lusitanos, cumpriu de boamente o voto que havia feito aos deuses e às deusas dos Conium-brigenses'» (p. 185).

Faz algumas observações sobre a expressão *dii deaeque Coniumbricensium*. Na leitura da 1.^a l. inclui um N, sem motivo aparente, talvez por gralha; na última não considera a hipótese de, na pedra, ter estado o v de *votum*: deve ser lapso, porquanto na tradução teve em conta a sua existência.

Observações

A foto que apresentamos, amavelmente cedida por Pinto Ferreira, permite-nos uma leitura clara:

TI·CLAVDIVS / SAILCIVS·EQ· / CHOR·III · LVS/
ITANORVM / DIS · DEABVSQ / CONIVMBRIC . /
[V]·S·L·M·

Na última linha falta o V, devido a uma moessa na pedra; o S está incompleto, mas reconstitui-se bem. Em *Diis*, as vogais formam nexos, dispondo-se uma no prolongamento da outra.

Interpretamos: *Ti(berius) Claudius / Sailcius eq(uester) / Chor(tis) III Lus/itanorum / Diis Deabusq(ue) / Coniumbric(ensium vel ensibus) / [v(otum)] s(olvit) l(ibens) m(erito)*.

Tradução: «Tibério Cláudio Sailcio, cavaleiro da III coorte dos Lusitanos, cumpriu, de boa vontade, o voto aos deuses e deusas dos Coniumbrigenses».

Como observa LV (*ob. cit.*, p. 185), é muito provável que o dedicante fosse «natural de Conímbriga», e, por isso, fizesse este voto aos deuses protectores da sua cidade. Na interpretação da lápide pareceu-nos útil considerar as duas hipóteses quanto ao nome da 6.^a l.: pode ser adjectivo ou um genitivo plural do étnico *Coniumbricensis*; inclinamo-nos, no entanto, para a segunda, porque nos parece mais de acordo com a índole tutelar desses deuses — *deuses de Conímbriga* ou, como traduzimos, *dos Coniumbricenses*.

DURBEDICUS

(Foto 29)

Conserva-se no Museu de Guimarães a ara dedicada a esta divindade, que M. Sarmiento descobriu na torre da igreja de Ronfe, Guimarães, em 1881.

1887 — COELHO, in *RL*, 1, pp. 369–371:

«Em tudo o que conheço do onomástico dos países célticos não acho um só derivado de um radical *dur*b. Se houvesse indícios de que *Durbedicus* era um deus de fonte, de nascente, propor-se-ia uma etimologia assaz atraente [...]. O nome *Durbedicus* significaria, pois, ‘o que goteja’, ‘faz gotejar’, denominação que conviria a um deus dessas fontes escassas que muitas vezes são consideradas como em extremo milagrosas. Ou ligar-se-ia esse nome ao antigo irlandês *derb* (‘certo’, ‘verdadeiro’, ‘ilustre’)) (p. 370).

1892 — *CIL*, II, 5563:

«*Celea Clouti deo Durbedico ex voto a(nimo) [l(ibens)]*».

1901 — SARMENTO, in *RG*, XVIII, p. 17:

«[...] Achei isto: CELEA / CLOVT / DEO D/VRBED/ICO EXV/OTO A/. Perfeitamente legível, só o T de VOTO engana ao princípio por parecer um I; mas, melhor examinando, tem o travessão superior, se bem que curto. Em CLOVT falta decerto um I final, que ficou talvez na borda da pedra e que desapareceu na falha que depois sobreveio. Os O são pequenos, menos o de DEO, que obrigou

o D do nome seguinte a aproximar-se da aresta da pedra. [...] Provavelmente depois do A, final da última linha, havia um LM, mas estas letras desapareceram de todo».

1905 — LV, *Rel.*, II, pp. 329-331:

Lê *Clouti*, que considera estar por *Cloutii*, genitivo de *Cloutius* (p. 330). No fim: *a(nimo) p(osuit)*. Discute a etimologia do teónimo e relaciona *durb-* com o irlandês *dobor*, *dobur*, *dobhar* (água). «Seria, pois, *Durbedicus* um deus aquático — ou de uma fonte, ou do rio *Avus*, que passa perto de Ronfe» (cita, em nota, os potamónimos *Durbis* e *Durbiae*).

1947 — DAUZAT, *Les Noms*, p. 197:

«O radical *dōr* ou *dūr* parece também ter designado a 'água corrente'. Este tipo está representado em Espanha (*Douro*), no Maciço Central (*Dore*, *Dordogne* = *Dorononia*), nos Alpes [...]. É, sem dúvida, um tipo lígure, talvez pertencente à mesma raiz indo-europeia que o céltico *dubr-*, 'água'».

1957 — BM, in *AEArq.*, xxx, p. 63:

«A etimologia com que se pode explicar o nome do deus *Durbedicus* prova que era uma divindade das águas [...].»

1962 — BM, *RPH*, p. 174:

Lê como LV. «*Cloutus* é nome frequente no onomástico peninsular [...].»

Observações

Concordamos com a leitura de Sarmento (1901). *Celea* é forma aparentada com a hispânica *Cilia*, que surge mais vezes. *Clout(i)* é provavelmente o genitivo de *Cloutius*, antropónimo hispânico frequente. Cf., acerca destes nomes, *Emerita*, xxxii, p. 240.

Pelas transcrições feitas, parece-nos acertada a inclusão de *Durbedicus* entre as divindades aquáticas.

* DURIUS

Desapareceu a inscrição dedicada a este nume: teria sido encontrada no Porto.

1869 — *CIL*, II, 2370:

DVRI / C·IVLIVS / PYLADES. Fonte: *Rambertus*, p. 268. «Mommsen salientou que o vocábulo *Duri* podia ocultar o nome de um rio; pois, embora a forma *Durias* ou *Dorias*, em vez de *Durius*, seja também antiga nos escritores gregos, poderia, no entanto, ter-se mantido igualmente a forma *Durius* numa região completamente bárbara».

1905 — *LV, Rel.*, II, p. 234:

Após citar Hübner, diz: «O Sr. H. Dessau, *Insc. Lat. Sel.*, II, 3904, ao transcrever a mesma inscrição, também diz de *Duri*: 'sine dubio *Durius* fluvius'. Pela minha parte notarei que, se *Duri* é dativo, este não me parece que deva corres-

ponder ao nominativo **Duris*, mas suponho antes estar por *DVRio*, faltando o *o* talvez por erro de transcrição. Infelizmente [...] não é fácil formular juízo seguro acerca do texto».

Em nota à palavra **Duris*, esclarece o A.: «Como há-de admitir-se o nominativo bárbaro (isto é, indígena) **Duris*, se as formas actuais *Doiro* e *Douro* postulam exactamente *Durius* (ou *Dorius*) no falar do povo lusitano? Só se se pretende que o lapicida era romano, e não conhecia bem o onomástico local».

«No caso de *Duri* equivaler a *Durio*, a inscrição traduzir-se-ia assim: *Caio Júlio Pylades consagrou este monumento ao Douro*, isto é, ao deus do rio; e teríamos nela mais um documento do culto das águas na Lusitânia».

1950 — TOVAR, in *Misc.*, p. 189:

Exemplo do dativo céltico em I.

1962 — BM, *RPH*, pp. 174-175:

Divindade aquática. Lê *Pylaces*. «O nome do dedicante, *Pylaces* ou *Pylades*, é bastante conhecido no onomástico peninsular». Escreve *Durus*.

Observações

A discussão acerca do nominativo de *Duri* ainda se mantém em aberto. Um outro caso a juntar a *Devori*, *Luruni* e *Macari*. Solução não se vislumbra. Duvidamos até do carácter votivo da inscrição.

ENDOVELLICUS

(Fotos 30 a 38)

Este nume é, sem dúvida, o mais estudado de entre os que nos propusemos tratar. Seria, pois, demasiadamente longa a discussão em torno dele surgida durante estes três séculos — pois já Frei Bernardo de Brito se lhe refere. Muitos aspectos foram focados pelos diversos autores, muitas hipóteses lançadas.

Em face disso, adoptámos o seguinte critério: 1) suprimimos a alusão às numerosas epígrafes dedicadas a este deus (cerca de setenta), quase todas oriundas do monte de S. Miguel da Mota, Terena, Alandroal; 2) transcreveremos *somente as principais opiniões dos estudiosos acerca dos atributos* de Endovéllico, a partir do século XIX.

Fora algumas que se perderam, a maior parte das aras estão guardadas no Museu Nacional de Arqueologia e Etnologia. No *Guia Fotográfico* incluímos nove fotos relativas a esta divindade: quatro de inscrições (onde o teónimo nos surge com grafia diferente) e cinco referentes a ornatos das lápides (os quais, como se sabe, podem servir para determinar a natureza do nume).

1890 — LV, in *O DIA*, 10-V:

«Vemos que o nome do deus ora é *Endovellico*, ora *Endovollico* ou *Endovolico*; o facto do *o* por *e* pode ter várias origens: uma das formas ser anterior à outra [...] ou então a incerteza de *e* e de *o* representar um som intermédio aos dois» (p. 5).

«A primeira hipótese creio-a mais provável: e o facto é curioso, porque parece revelar influências dialectais» (p. 6).

«Portanto, junto do templo de Endovéllico prognosticava-se o futuro, revelando-se directamente aos fiéis a von-

tade divina. Que Endovéllico era uma divindade tópica mostra-o entre outros factos [...] a própria designação *deus*, que só se costuma juntar às divindades de tal carácter. Numa das aras [...] estava esculpido um porco [...]. Isto, juntamente com os produtos vegetais esculpidos em algumas das pedras, pode ter significação importante para nos revelar o deus sob outro aspecto, um aspecto naturalístico [...]. Com relação aos produtos vegetais [...] é necessário haver a maior circunspecção porque muitas vezes podem ser tipos comuns de ornamentação religiosa» (pp. 6-7).

Referência à estátua de hemiplégico, sinal, para LV, que o deus o teria curado (p. 7).

1895 — LV, in *AP*, I, pp. 43-46:

«[...] e, como também julgo, deus da montanha». «[...] escolheu-se S. Miguel para sucessor de Endovéllico [...], porque aquele santo foi olhado pelos cristãos como um dos génios tutelares da medicina».

1905 — LV, *Rel.*, II, pp. 111-146:

O teónimo pode ser céltico, pois, em sua opinião, é decomponível nos elementos *ande*, partícula intensiva, e *gwell*, «melhor», significando *Endovéllico* «muito bom».

1950 — TOVAR, in *Misc.*, pp. 187-188:

«Será *Endouellicus* (tendo por boa a etimologia sobre *uellos*) uma deformação eufemística de *Endobellicus*, adjetivo sobre *Endo-beles* (*Indibilis*) «muito negro», divindade infernal, ao fim e ao cabo, como *Ataecina-Prosérpina*?».

«Segundo o hábito romano, o nome da nossa divindade é muitas vezes precedido do título de *deus* [...]. Distinguiam-se deste modo as divindades provinciais, quer elas tivessem nomes indígenas ou romanos» (p. 106).

As variantes do nome: *Endovellicus*, duas vezes; *Indovellicus*, três; *Endovollico*, duas; *Endovolico*, cinco; *Enobolico*, uma. «Difícil acreditar que estas alterações do nome de Endovélico sejam devidas à imperícia ou negligência do gravador [...]» (p. 107).

«Na própria região e nas localidades vizinhas, ter-se-ia estabelecido uma forma corrente do nome: *Endovellicus*, mas as oferendas que vinham de cidades longínquas, onde se falavam dialectos diferentes ou até outras línguas, apresentavam variantes [...]. Os dois argumentos, número de monumentos e variantes do nome, apoiam-se reciprocamente e confirmam-nos a ideia de que o prestígio do deus e o seu culto ultrapassavam muito provavelmente os próprios limites da Lusitânia» (p. 108). O nome é céltico.

Endovellicus não é deus médico:

- a) *Esculápio é conhecido* — seria difícil haver duas divindades médicas, poderosas e com prestígio na mesma região (pp. 116-117);
- b) Nada indica que o *oráculo* seja de natureza médica (p. 117);
- c) O «*hemiplégico*» é a representação do deus;
- d) Não existe qualquer fonte de água medicinal perto.

Endovellicus, deus do inferno. Provam-no o javali (símbolo do próprio deus: divindade da terra, da vegetação e dos animais), a palma e a coroa de louros (que exprimem, nos túmulos, «a aspiração à vida eterna»), o génio alado com uma tocha — que vêm representados nas lápides. É como

deus infernal, senhor do mundo subterrâneo, que dá oráculos: «Uma vez afirma-se mesmo a qualidade infernal da resposta, pois o fiel declara ter obedecido a uma ordem do Inferno: *ex imperato Averno*» (p. 125).

Lambrino estuda, em seguida, a possibilidade de identificação de Endovellicus com o deus gaulês *Sucellus*. Conclui pela afirmativa, baseando-se nos túmulos em forma de pipa (atributo de *Sucellus*), nos varrões do Norte de Portugal (segundo ele, javalis, animais dedicados a *Endovellicus*, e, por isso, adoptados como símbolo de *Sucellus*), no corvo (indicativo do carácter profético de Endovélico e um dos atributos característicos de Nantosvelta, a companheira gaulesa de *Sucellus*). «*Endovellicus*, hipóstase lusitana do longínquo *Sucellus* gaulês e herdeiro de uma divindade autóctone, manteve-se intacto durante o período céltico da Península» (pp. 135-136).

1962 — BM, *RPH*, pp. 147-164:

Segue Lambrino quanto à natureza do deus e variantes do seu nome. Não apoia a identificação de Endovélico com *Sucellus*: 1.º, não se pode identificar o javali com os varrascos; 2.º, o argumento dos túmulos em forma de pipa não prova o bastante, porque não há outros vestígios do culto a *Sucellus* na Península e, por outro lado, a pipa pode ter outras significações (García y Bellido, nomeadamente, relaciona-as com o culto a Diónisos, «divindade que aparece muito frequentemente representada em relevos funerários» — p. 163); 3.º, *Sucellus* aparece acompanhado por uma deusa, enquanto Endovélico está sempre só.

Observações

Forçados a cingir-nos ao essencial, não nos eximimos, no entanto, a resumir os argumentos dos vários autores acerca dos atributos e do nome desta divindade.

Cremos que, desta forma, se ficou com uma ideia exacta das conclusões a que já se chegou. As observações de BM ao cuidadoso trabalho do Prof. Lambrino parecem-nos pertinentes. *Supomos poder considerar assente o carácter infernal de Endovélico* (colocámos, lado a lado, no *Guia Fotográfico*, as fotos de um elemento decorativo — uma palmatória? — que aparece numa ara a Endovélico e numa inscrição fune-rária; é, em nosso entender, mais um argumento a favor) *e a extensão do culto provada pelas variantes dialectais do seu nome.*

*** ERREDICI — ver * LARES ERREDICI**

*** FIDUENEAE — ver * COSUNEAE**

*** FINDENETICI — ver * LARES FINDENETICI**

FROVIDA

A lápide dedicada a esta divindade achou-se em Braga, ao lado da Igreja Matriz de S. João do Souto, em 1885. Perdeu-se.

1885 — CALDAS, in *O Commercio do Minho*, 8-IX:

FROVIDA(e) / SACRVM / MATERNVS / FLACCI / EX VISV / V·S·L·M· Nexo: T e E. Interpreta e traduz: «[Monumento] consagrado a Frovida: Materno, filho de Flacco — em virtude de uma visão —, de bom grado cumpriu este voto».

«[...] Inclino-me a crer que em lugar de *Frouida* estaria na pedra *PROVIDAe*. O adjectivo *providus* convinha perfeitamente a uma divindade, tanto mais que em latim se dizia *providentia deorum*; depois, o adjectivo podia tornar-se o nome da própria divindade, como FONTANA, que na origem era adjectivo».

«A divindade *Frouida*, a que se dedica a inscrição, será uma divindade fluvial? Assim o parece ser se se relaciona *Frouida* com *Frudis*, rio, *Froutis Frut-i-s*, da raiz *sru-ti-s*, idêntica a *sreu*, correr. [...] Neste caso, *Frouida* seria uma divindade ou génio das águas de algum dos rios que correm nos arredores de Braga, a quem o dedicante oferece o voto depois de ter contemplado a corrente do rio. [...] A forma *Frouida* é um claro dativo em -a» (p. 56).

Observações

Supomos correcta a leitura, bem como o nome da divindade — *FROVIDA*. A hipótese de Albertos é provável. O dedicante tem nome latino.

* GENIUS CIVITATIS BANIENSIIUM

(Foto 39)

A lápide presumivelmente dedicada a este génio foi encontrada em 1845, em Mesquita, Moncorvo, nas ruínas de uma capela dedicada a S. Mamede. Está no Museu Nacional de Arqueologia e Etnologia.

1896 — LV, in *AP*, II, pp. 168–169:

Dá uma leitura divergente em relação ao *CIL*, II, p. 44, que aperfeiçoará depois. «A palavra deve ler-se *BANIENSIVM*, pois na inscrição da ponte de Alcântara [...] aparece mencionado um município com o nome de *Banienses*; este nome é o dos habitantes do município, e não o da capital [...]: portanto, o nome da capital devia ser *Banium* ou *Bania*» (p. 168).

1913 — LV, *Rel.*, III, pp. 200 e 223:

«Este génio, conquanto romanizado, pode encobrir uma divindade local pré-romana; por isso o incluo aqui» (p. 200).

«O texto diz [letra do século II]: *Iovi / Optimo / Max(imo) / civitati / Baniensiu(m) / Sulp(icius) Basus [d](ono)? d(edit)*¹. [...] Como se vê, a dedicatória é dupla: a Júpiter e à *civitas Baniensium*, isto é, ao *Genius* da *civitas* [...]» (p. 223).

Observações

Incluimos a referência a esta lápide, com estas sumárias transcrições, baseados na hipótese de LV, à qual pomos certas reservas, dadas a pouca clareza do texto epigráfico e a possibilidade de erro por parte do gravador. Em nosso modesto entender, não julgamos fácil provar, por enquanto, o carácter de dedicatória dupla atribuído pelo insigne Mestre.

¹ Mais verosimilmente *[d]ono d(edicavit)*, consoante observou o Sr. D. Fernando de Almeida.

BM parece desconhecer esta ara.

Os investigadores têm-se apoiado nesta inscrição com vista a determinarem a localização da *Civitas Baniensium*.

GENIUS CONIMBRICAE

(Foto 81)

No Museu Monográfico de Conímbriga tivemos ensejo de ver exposto um ex-voto, em forma de pequena ara, branca, que diz: GENIO / CONIM/BRICAE; isto é, *Ao Génio de Conímbriga*. O A e o E fazem nexu.

Em ofício de 22-9-1969, a Sr.^a Dr.^a Adília Alarcão, directora do Museu, deu-nos amavelmente as seguintes indicações, que agradecemos:

«A ara votiva GENIO/CONIM/BRICAE é de calcário, mede 137 mm de altura e foi encontrada em 1965 junto da parede sul do Fórum [de Conímbriga], em camada remexida por trabalhos agrícolas».

«Está inédita e só será publicada daqui a alguns anos, integrada no relatório das escavações em curso» — informou-nos também (ofício de 15-9-1969)¹.

Não querendo meter foice em seara alheia, porquanto não nos pertence o achado da ara, salientamos, contudo, a sua importância, porque nos dá a conhecer mais um *genius* que entra, de direito, no rol das divindades indígenas, por ser o génio tutelar de uma povoação da Península.

Notemos, igualmente, que já conhecíamos os *Dii Deaeque Coniumbricensium*.

¹ Foi publicada em 1969 por J. Alarcão e outros in *Comptes rendus...*, p. 217. Nas pp. 213-215 dessa mesma comunicação se trata de uma inscrição dedicada «a Flávia Conímbriga e aos seus lares».

* GENIUS COR

(Foto 82)

Esta inscrição foi encontrada no Soutinho, freguesia de Pena Verde, concelho de Aguiar da Beira. Está, segundo cremos, na Casa da Via Sacra, em Viseu, pertencente ao Sr. José Coelho.

1948 — COELHO, in *Ethnos*, pp. 286-287:

«[...] duas aras semelhantes, medindo cada uma 0,32 m × 0,12 m, porém, a da direita com uma insculptura que lembra uma âncora e a da esquerda com a inscrição GE-NI-OC-OR. A lápide, lavrada apenas na face e lateralmente até 0,04 m de espessura, denuncia ter sido destinada a ser embutida em parede — onde certamente esteve colocada, consagrada ao *Genios Cor* [sic]. «Fica assim [...] enriquecido o panteão das divindades da Lusitânia».

Observações

É muito estranha esta epígrafe, e, infelizmente, não conseguimos obter nenhuma foto, nem qualquer outra indicação a seu respeito.

No entanto, afigura-se-nos arriscado pensar que estamos perante nova divindade indígena. COR pode interpretar-se *Cor(nelius)*, e então a lápide seria uma dedicatória de um Cornélio a um Génio (como numa lápide do Museu Nacional de Arqueologia e Etnologia se lê «GENIO *Saturninus*», etc.), ou *Cor(nelii)*, e neste caso teríamos uma dedicatória ao génio de uma pessoa.

Mas não haverá mais letras? E a âncora da outra ara será mero elemento decorativo?

Só uma análise directa da pedra nos permitiria alguma conclusão.

* GENIUS DEPENORIS

(Foto 40)

Está no Museu Etnológico do Distrito de Viseu este cipo encontrado no Castro do Mau Vizinho, em Sul, concelho de S. Pedro do Sul.

1953 — FIGUEIREDO, in *BA*, XII, p. 160:

Referência citando a opinião de R. Cortez: «Ao Génio dos Depenores que aí habitariam».

Observações

Não conseguimos mais elementos acerca desta lápide e as tentativas para contactar com Russell Cortez revelaram-se infrutíferas.

Dispomos somente da foto, pouco nítida, extraída do artigo de Figueiredo.

Para já, uma observação importante: a epígrafe começa no capitel da ara, onde nos parece distinguir um M — M(arcus)? —, seguido de uma ou duas letras que não logramos identificar. No corpo lê-se, com uma certa facilidade: GENIO / DEPEN/ORI. A pedra está partida aqui e não sabemos se continuaria ou não: em todo o caso, cremos que DEPENORI é uma palavra completa, porque as três últimas letras ocupam o meio da linha numa disposição simétrica. Será, pois, um dativo: porventura do adjectivo * *Depenoris*. Desconhecemos, no entanto, o significado deste vocábulo, que não encontramos nos dicionários.

Divindade indígena? Talvez.

GENIUS LAQUINIENSIS

(Foto 41)

Está no Museu de Guimarães a lápide votiva a este nume: proveio de S. Miguel das Caldas de Vizela, concelho de Guimarães.

1869 — *CIL*, II, 2405:

«VLB·SM· / GENIO L/AQVINI/ESI FLAV/ FLAVINI/ FV·LO. Na parte de trás: GE·LA. [...] Proponho a leitura: *sacrum Genio Laquinesii Flav(us) Flavini ex* (em vez de FV) *loq[u]ela*». Trata-se, parece-lhe, de um *genius loci*, tendo o ex-voto sido feito *ex loquela*, como outros são «*ex praecepto*», «*ex iussu*», «*ex oraculo*», etc. De acordo com Mommsen, não aprova que a 1.^a l. se interprete V(otum) L(i)b(ens) S(olvit) M(erito), bem como a última ex vo(to) — porque haveria repetição. Pensa que, no outro lado, está repetida a dedicatória: Ge(nio) La(quiniesi).

1892 — SARMENTO, carta a Hübner, 30-I:

«No último nome há decerto a ligadura de um L e de um V. Por isso leio FVLLO» (*Correspondência*, p. 194).

1895 — BELLINO, *Inscrições*, p. 107:

Acha «mais natural», na 1.^a l., *Votum libens solvit merito* que *sacrum*.

1901 — GUIMARÃES, in *RG*, XVIII, p. 46:

«Lápide [...] que o pisoeiro Flavo, filho de Flavino, de boa mente erigiu em cumprimento de voto ao génio de Laquineses».

1905 — LV, *Rel.*, II, pp. 194-196:

«A lição do *Corpus* era muito imperfeita e as correcções propostas por Hübner e Mommsen foram infelizes» (p. 195, nota).

Lê: *l(i)b(ens)* e *Flau(s)*. «Aqui o nome *Laquines* é geográfico e está por *Laquiniensi* [...]. Sem dúvida havia uma cidade ou território com o nome de *Laquinia* ou *Laquinium* [...]» (p. 195).

«Flau ou Flavo, pisoeiro (lavandeiro) de Flavínio (não *Flavino*), cumpriu de boa mente o voto que tinha feito ao génio *Laquiniense*» (p. 196).

Supomos que LV queria dizer: «filho de Flavínio».

1957 — BM, in *AEArq.*, xxx, p. 65:

«O adjectivo *Laquiniensis* [...] é, provavelmente, uma formação vulgar sobre *lacus*».

Observações

Resumindo: em face da lápide e da foto, parece-nos mais correcta a seguinte interpretação: «V(otum) L(i)B(ens) S(olvit) M(erito) / GENIO L/AQUINI/ESI FLAV[S] / FLAVINI (filius) / FVLLLO».

Optamos pelo significado geográfico de *Laquiniensis*.

GENIUS TIAURANCEAICUS

(Foto 42)

A ara votiva a este génio apareceu, por volta de 1903, na igreja paroquial de Estorãos, concelho de Ponte de Lima.

Está no Museu Nacional de Arqueologia e Etnologia.

«A leitura do texto faz-se sem dificuldades; mas as letras são um pouco toscas e desiguais. As palavras têm pontuação» (p. 38).

«*Camala Ar/qui f(ilia) Tal/abrigen/sis Genio T/iauranceaico* (ou *Tiaurauceaico*) *v(otum) s(olvit) l(ibens) m(erito)*» (pp. 38-39).

Pela forma de algumas letras, data a epígrafe do fim do século III ou IV (p. 39).

«É plausível acreditar que a pátria do dedicante da ara de Estorões seja a Talabriga do Itinerário [...]» (p. 42).

«Parece que na Hispânia não era uma só a povoação com este nome [...]» (p. 43).

«*Tiauranceaicus* ou *Tiaurauceaicus* é uma palavra genuinamente ibérica» (p. 45).

Considerações linguísticas (pp. 45-46) que levam o A. a afirmar: «Desta forma podemos desde já concluir que a expressão adjectival *Tiauranceaico* (ou *Tiaurauceaico*), em concordância com Génio, se reporta ao nome de um ópido do qual se invoca o Génio protector [...]» (p. 47): *Tiaura...* ou *Tiauran...* ou *Tiaurance...* (p. 48).

«[...] parece que a esta [divindade] não pode caber a classificação de *céltica*, mas de *ibérica*, se não pela formação adjectival, ao menos pelo radical» (pp. 48-49).

«Esta nova inscrição votiva veio: a) comprovar a existência no Norte de Portugal do mesmo elemento ibérico do Sul, particularmente afirmado pelas lápides chamadas também turdetânicas; b) dar-nos pela primeira vez, em monumento lapidário autêntico, uma referência ao ópido pré-romano Talabriga [...]; c) oferecer-nos mais um *génio* de nome indígena [...], o que é um fenómeno de romanização cultural; d) revelar-nos uma palavra inédita de origem autenticamente ibérica» (p. 51).

1913 — LV, *Rel.*, III, pp. 199-200:

Sublinha que o epíteto confirma o que já dissera: «Que as divindades cujos nomes acabavam em *-aicus* deviam ser *Genii loci*» (p. 200).

1948 — NEVES, in *ADA*, xv:

Um passo da entrevista ao pároco de Estorãos: «Poderá admitir-se que uma talabrigense, no século III ou IV, tivesse vindo para estes sítios por motivo religioso ou de saúde, e que, em acção de graças, tivesse mandado construir e dedicado a ara em questão ao génio *Tiauranceaico*, que poderia ser uma divindade de saúde? — Sim, senhor. Tanto mais que ainda hoje o povo chama à serra de Arga, que perto de nós está, Montanha Santa, não tendo esquecido a tradição dos numerosos ermitérios e casas de oração que noutros tempos povoaram as suas encostas, avultando o Monastério Máximo, *sito in illo altissimo monte Agra*» (p. 46).

1962 — BM, *RPH*, p. 135:

Considera «inaceitável» a tese de LV a propósito dos nomes em *-aicus*.

Observações

O estudo de Pereira é o mais completo feito até hoje sobre esta ara. Quase todos os outros AA. se interessam predominantemente pelo etnónimo *talabrigensis*.

Mantém-se em aberto a discussão sobre o verdadeiro significado do epíteto *tiauranceaicus*. A achega transmitida por Neves pode realmente ser excelente pista de trabalho

e confirmar, de certo modo, a hipótese de que tal epíteto se tenha formado sobre um topónimo relacionável quiçá com a serra de Arga.

* GENIUS TONCOBRICENSIVM

(Foto 43)

Em 1882, Martins Sarmento encontrou em Freixo, Marco de Canaveses, a ara que traz possivelmente este teónimo e levou-a para o Museu de Guimarães, onde está.

1887 — SARMENTO, in *RL*, I, pp. 236-237:

Das suas considerações podemos deduzir que lê: [G]ENIO / [L]ONCOBRI/CENSIVM / ANIVS / V·S·A·L·M·

1892 — *CIL*, II, 5564:

[G]enio / [L]on[g]obr/[i]censium / [Fl]avius v·s·a·l·m·

1901 — GUIMARÃES, in *RG*, XVIII, p. 51:

(L)*oncobricensium*. «As letras são do século I [...] e estão quase ilegíveis nas duas últimas linhas, sendo por isso somente provável a leitura dada».

1905 — *LV, Rel.*, II, p. 196:

Sugere *Tongobrigensium* e lê [Fl]avius.

1950 — TOVAR, in *Misc.*, p. 184:

Os AA. escrevem *Tongobricensium*.

1958 — LAMBRINO, in *I Congresso Nacional de Arqueologia*, pp. 483-484.

«Quanto à inicial da palavra, pode ser tanto um L como um T. Uma *Longobriga* é sempre possível, pois o seu primeiro tema, *longo*, encontra-se nalguns nomes da Península e de outros locais, o que fez com que, ainda recentemente, A. Schulten e A. Tovar continuassem a admitir a existência de uma tal localidade na Galiza, lendo [L]ongobr[i]gensium na inscrição de Freixo [...]. Em geral, optou-se, seguindo Hübner e LV, por *Tongobriga*, porque já se conhecia esta forma do nome — os *vicani Tongobrice(n)ses* — e porque LV deu razões plausíveis para esta leitura. No entanto, não eliminam completamente a possibilidade da primeira. Foi nesta forma que se baseou P. Bosch Gimpera para ver nela a prova de que os *Tungri*, povo germânico da Bélgica, se veio estabelecer na Lusitânia».

1962 — BM, *RPH*, pp. 135-136:

«Etimologicamente o seu nome decompõe-se no elemento *-briga*, 'fortaleza', e *tong*, 'juramento'» (p. 136).

Observações

Examinámos a lápide. Do teónimo, o I deve estar na 3.^a l.; o R do final da 2.^a l. não está completo; o C é claro; o M pode formar nexa com o V, mas na inscrição não se

distingue. As últimas duas linhas são de leitura duvidosa, embora não haja inconvenientes em aceitar a leitura dela feita por Hübner.

Como vimos, a discussão mantém-se.

HERMES DEVORIX

(Foto 83)

A lápide dedicada a esta divindade encontra-se ainda na Capela de Nossa Senhora do Rosário, de Outeiro Seco, Chaves (confirmação obtida a 2-9-1969 do pároco de Outeiro Seco, Rev. P.^o João Gualberto Sanches).

1861 — HÜBNER, *Noticias*, pp. 88-89:

«dEo MArtI uic/toRI·OB·EV/ENTVM·GLADI/ATORI·
MuN/ERIS · / CErAECi/VS·FVSCV/S · EX / VOTO.
As cópias trazem na 1.^a l. ERMAEEID, na 2.^a l. VORI,
na 6.^a l. CEKAEC. Este C. CERAECIVS C·FIL·QVIR·
FVSCVS AQVIFL(aviensis) é conhecido, como flâmine da
província Hispania citerior EX CONVENT(u) BRACARAU-
-G(ustano), por uma inscrição que existe em Tarragona
(Grut. 379, 6)».

1913 — LV, *Rel.*, III, pp. 505-507:

«As três primeiras palavras não podem admitir-se de modo algum, embora eu não esteja no caso de as substituir pelas verdadeiras; quando muito, leria *Ermae*=(H)ermae, dativo de *Hermes*, a não querer ver-se nas catorze letras duvidosas o dativo do nome de um deus bárbaro da região» (p. 506).

Quanto ao título dado por Hübner a *Ceraecius*, LV comenta: «Mas não sei com que fundamento» (p. 507).

«[...] Parece lógico separar, posto que a leitura é clara, Hermes, e considerar *deuorus* como um apelativo [...] indígena. A forma *Ermaei* [...] aparece em inscrições de tipo popular [...]. A forma [...] *Ermaei* com -i é, sem dúvida, um dativo de singular dos que existem na região [...]. É raro, entre Romanos, que se dedique uma ara a *Mercúrio*, equivalente romano de *Hermes*, pelo êxito obtido num combate de gladiadores, devido ao carácter de deus da economia de *Mercúrio*, mas isso não é raro na Grécia [...]» (p. 53).

«Quanto ao epíteto indígena *Deuorus*, parece significar simplesmente divino, pois a sua forma leva a relacioná-lo com as palavras celtas *Deua*, *Deuana*, *Deuona*, *Deiuarus*, *Deuo* (i)-gnata, *Deo-briga* (*Deuo*-), etc., tudo palavras que vêm do primitivo celta **deiu-o-s*, deus, divindade, idêntico a **deiwo-s*, *ai deua*, deus. De todas estas palavras, a que mais se parece com *Deuorus* é *Deiuarus*, apenas com uma mudança de vocalismo [...]. A inscrição, portanto, parece dedicada claramente ao divino Hermes [...]» (p. 53).

«No entanto, o Prof. A. Scherer [...] fez-me o sugestivo convite de interpretar *Deuori* como *Deuo-rix*, baseando-se no conhecido texto de César, *B.G.*, VI, 17, *Deum maxime Mercurium colunt* [...]. A ideia é sumamente aliciante. A palavra *Deuo-rix* é perfeitamente celta pela sua forma [...]. Isto nos daria um significado de 'Rei dos deuses'» (p. 294).

Explica como foneticamente o nominativo *Deuorix* pode ocasionar um dativo em -i, concluindo: «A sugestão da nova interpretação de *Deuori*, indubitavelmente mais atraente e provável, fica, pois, assim: 'A Hermes, rei dos deuses, pelo bom resultado de um combate de gladiadores, Cexaecus

Fuscus, por voto'. É curiosa a mescla de cultos gregos e celtas que oferece esta inscrição [...]. Mas o epíteto dado a Hermes conduz-nos ao próprio seio da religião celta, se considerarmos o citado testemunho de César. Parece assim confirmar-se que este culto proeminente ao equivalente celta de Mercúrio não era privativo dos habitantes das Gálias, mas também se estendia aos celtas peninsulares e até insulares» (p. 296).

Observações

Consideramos convincente a última hipótese de M.^a Lourdes Albertos. «Tanto apoyo tiene en la antroponimia un nom. *Deuorix* [...], como *Deuorus*, ya que el sufijo *-orus* está bien documentado. El interpretarlo como *Deuorix* tiene a su favor lo que César y Tácito dicen sobre el culto a Mercurio de los Galos y Germanos» — esclareceu-nos Lourdes Albertos em carta de 3-XI-1969.

IGAEDUS

(Foto 44)

A ara a *Igaedus* foi encontrada, por volta de 1958, na dependência agrícola então existente atrás da Capela da Senhora do Almortão, em Idanha-a-Nova. Guarda-se actualmente em Alcains, Castelo Branco, no jardim da casa do Sr. José Trindade, a quem agradecemos as facilidades concedidas para a fotografar.

1964 — ALMEIDA, in *RFL*, III série, n.º 8, pp. 65-73:

«*Igaedo* / *Caetro*/*nia* / *Vitalis* (*filia*) / *v(otum)* *l(ibens)* *a(nimo)* *p(osuit)*». «A ara [...] é de importância capital, pois o revelar-nos ter existido uma divindade de nome 'Igaedus'

leva-nos a supor serem os 'Igaeditani' assim designados por adorarem 'Igaedus'. Ou então o contrário: a divindade era assim apelidada por ser dos 'Igaeditani'. Qual a origem do nome e o atributo ou atributos da divindade? Não o sabemos; muito provavelmente 'Igaedus' seria um nome indígena, chamemos-lhe lusitano. Quanto aos atributos, pode inferir-se pelo menos um, visto existir perto do santuário uma fonte de água medicinal: o de curar certas doenças, ou todas, no dizer do ermitão».

Observações

O antropónimo *Caetronia* aparece, aqui, pela primeira vez, segundo cremos.

ILURBEDA

(Fotos 45 e 46)

Ambas as aras até agora encontradas com dedicatória a esta divindade apareceram no mesmo local: Covas dos Ladões, Alto das Cabeçadas, Alvares, Góis — num poço de mina romana. Uma, a primeira a ser descoberta, guarda-se numa vitrina do Museu dos Serviços Geológicos; a outra está no Museu Municipal de Arganil, consoante amavelmente nos informou o Sr. Presidente da Câmara, José Dias Coimbra.

1952 — FERREIRA, in *RG*, LXII, pp. 192-195:

Interpretação: «ILVRBE/DAE G(aius ou Gallus) V(ibius) / PATERNVS / A(nimo) L(ibens) P(osuit)». Tradução: «Gaio (ou Galo) Víbio Paterno erigiu (este monumento) de boa vontade a ILVRBEDA». «Divindade até ao presente desconhecida».

Traz, em seguida, algumas observações feitas pelo Sr. Coronel Mário Cardozo: «Que ILURBEDA é um nome de ressonância tipicamente ibérica parece não haver dúvida. As raízes *i-*, *ili-*, *ilur-*, são frequentes no onomástico ibérico [...]. Há numerosos exemplos de nomes étnicos e geográficos ibéricos com essas raízes: *Ilerda* (=Lérida) e os *Ilergetes*; os *Ileates*, do Bétis (=Guadalquivir), vizinhos dos Cempsos; *Ilucia*, a noroeste de Cástulo, *Ilici* (=Elche); *Iliturgis*, perto de Córdoba?; *Iliberris*; etc. Com a raiz *ilur-*, é citado [...] o nome da divindade (?) ibérica *Ilurberrixo*, bem como os nomes geográficos *Iluro* e *Ilurco*. Schulten cita a tribo dos *Ilurgavones*. E termina o Sr. Eng.º Veiga Ferreira: «Após estas indicações [...] não nos ficou dúvida, também, quanto à origem ibérica da palavra *Ilurbeda*, que representa, por certo, o nome de mais uma divindade do panteão indígena, cujo culto foi romanizado [...]».

1952 — HAE, vols. 1-3, n.º 362:

Transcreve Ferreira e comenta: «Parece estranha a presença de dois *praenomina*, Gaius e Vibius, e este com a sua abreviatura mais arcaica».

1956 — NUNES, in *Arquivo Histórico de Góis*, n.º 5, 1957:

A segunda ara — «Minuciosa análise epigráfica [...] autoriza-me a propor a seguinte reconstituição [...]: '[IL]VRBED[A]/[E]·AVI[TIA]/NVS·[A]VI/[TI]·F·A·L/.S.'. Interpretando, teríamos: [Il]urbed[ae] Aui[tia]nus, [A]ui[tia] f(ilius), a(nimo) k(ibens) s(olvit), cuja tradução seria: Aviciano, filho de Avito, de bom grado cumpriu o seu voto a Ilurbeda» (pp. 210-211).

Tece considerações acerca dos antropónimos e data a epígrafe de meados do século III, porque o dedicante apresenta apenas o *cognomen* e porque na outra inscrição, «que tem visos de ser da mesma época», se usa o «gentílico abreviado (V. por *Vibius*), costume que não se deve ter generalizado antes dos fins do século II—princípios do III» (p. 212).

«[...] vem sobretudo sugerir-nos a hipótese da existência local de um culto àquela divindade [...]» (p. 212).

1957 — BM, in *AEArq.*, xxx, p. 51:

«O nome da divindade *Ilurbeda* [...] relaciona-se provavelmente com o elemento *Ildur-*, frequente no onomástico».

1957 — CORTEZ, in *Viriatís*, I, pp. 38-39:

Diz que a ara está dedicada ao «*Genium vici Ilurbedae*». Compara o nome *Ilurbeda* com *Ilurberrixo*, sublinhando que estas palavras têm «uma acentuada fisionomia vasca». Considera-as derivadas de uma raiz *ilur*, que significa *cidade* ou *vila*.

1960 — HAE, vols. 8-11, n.º 1556:

É a mesma ara apresentada no n.º 362, a que se dá outra versão: «*Ilurbedae G(enius) V(ictrix) Paternus a(ram) l(ibens) p(osuit)*».

1962 — BM, *RPH*, pp. 78-79:

«Deus cujo nome é um topónimo».

Observações

Partilhamos da opinião de Nunes — sobre o culto local a *Ilurbeda*, que será, pois, uma divindade possivelmente tutelar, tópica — e temos por muito plausível a sua leitura da segunda inscrição. Reputamos errados os desdobramentos de G. V. feitos por Cortez e pela HAE¹.

ISSIBAEUS

(Foto 47)

O nome desta divindade ocorre numa árula comprada pelo Sr. D. Domingos de Pinho Brandão a um antiquário do Porto, que lhe disse ter sido encontrada na região de Miranda do Corvo, do distrito de Coimbra.

Essa árula foi objecto de uma comunicação às I Jornadas Arqueológicas de Lisboa, de cujo texto (amavelmente cedido pelo Sr. D. Domingos, bem como a gravura que ilustra o nosso trabalho) extraímos os principais dados.

*

«Leitura e desdobramento: Issibae/o G(aius) Cla/udius / Maxsumus v(otum) / [l(ibens) m(erito) s(olvit)?].

Tradução: Gaio Cláudio Máximo cumpriu, de bom grado, um voto a Issibeu».

«Desapareceu, com a fragmentação da pedra, uma 6.ª l., que conteria a parte final da fórmula: *l(ibens) m(erito) s(olvit)*, ou semelhantes [*l(ibens) a(nimo) s(olvit)*, *l(ibenter) s(olvit)*, *p(osuit)*, etc.].»

¹ Sobre esta divindade, cf. a síntese «A Divindade Lusitana *Ilurbeda*», que escrevemos para *A Comarca de Arganil*, 30-VI-1970.

«A denominação do oferente consta de *praenomen*, *nomen* e *cognomen*, facto que denuncia distinção. Pertencia à *Gens Claudia*». «A divindade é indígena, como o nome indica». «Pelas características da inscrição, esta árula é tardia: — do século III ou IV.

*

Está ainda inédita esta comunicação. Pedimos a M.^a L. Albertos indicações sobre a possível etimologia do teónimo: que nada nos sabia dizer — respondeu-nos. No Holder não encontramos qualquer vocábulo aparentável com este.

* IUNO MEIRURNARUM

Um das letras, entre as quais se pareceu distinguir este teónimo (?), achavam-se num penedo grande do monte de Cristelo, freguesia de S. Veríssimo, concelho de Felgueiras. Não pudemos certificar-nos se ainda existem; Mário Cardozo, a quem consultámos, salientou apenas que Martins Sarmento «se refere, mas muito vagamente, a umas inscrições do Monte de S. Veríssimo (RG, I, 181)».

1734 — ARGOTE, *Memórias*, II, pp. 463-464:

Entre vários «penedos toscos com letras romanas», um grande tem escrito: IUNO MEI RURNARUM / QUINTILIO ET PRISCO CÖS. «Desta sorte vêm copiadas as letras na relação remetida à Academia Real. Eu entendo que ou estão mal gravadas ou foram mal copiadas [...]. Entendo que se há-de ler: *Junonei Reginae urbis Sacrum*. Quer dizer: 'Esta obra se dedicou a Juno, rainha da cidade de Roma, sendo cônsules Quintillo e Prisco'» (p. 463).

«O que não tem dúvida é que a tal inscrição foi gravada no ano 159 [...], sendo imperador Antonino Pio, por que no tal ano foram cônsules Cláudio Quintillo e Marco Estácio Prisco [...]» (p. 464).

1869 — *CIL*, II, 2409:

Baseia-se em Craesbeck e em Argote; refere que é tradição ter estado situada no monte a cidade de Pegas. Transcreve: «IVNO MEIRVRNARVM / QINTILLO·ET·PRISCO·CÔS». «Não creio que o nome da deusa Juno estivesse na lápide. Em VRNARVM oculta-se talvez a alusão a algum colégio 'vernarum'. [...] QINTILLO, como se refere, não se mudará necessariamente em QUINTILLO».

Observações

Tanto LV como BM não tratam desta inscrição.

Incluimo-la no nosso trabalho, pelo simples facto de que, havendo diversas inscrições votivas a divindades indígenas em penedos, estas linhas de significado obscuro podem ocultar alguma. Caso estivesse lá grafado, por exemplo, o teónimo *Juno*, era verosímil que se lhe seguisse um epíteto indígena.

Evidentemente que — enquanto se não proceder a pesquisas no local — as nossas hipóteses são totalmente fantasistas.

* IUNO VEAMUAEARUM

Esta inscrição proviria de Freixo de Numão (Deveza, Meda). Nada se sabe a seu respeito.

1869 — *CIL*, II, 430:

«IVNO / VEAMVAEARVM / TARBO uu AN /
CNVNARVM / SACRVM / CIRI / CVR. Berardo enviou
dos apontamentos de Viterbo. Não ousou interpretar; o nome
Veam... encontra-se acima, n.º 416».

1950 — FERREIRA, in *BC*, XVI, p. 198:

Transcreve do *CIL* e diz ignorar o seu paradeiro.

Observações

A razão da inclusão desta referência aqui é a mesma da anterior epígrafe.

Também LV e BM a não citam. As indicações fornecidas por Hübner não as pudemos confirmar. No *Elucidário*, de Viterbo, vimos somente esta alusão, que, a ser a mesma, será muito remota: «Vindo do Castelo para a Vila se acham em uma fraga os caracteres da Tab. 3, n.º 4» (art.º «Numam»). Essa tábuia, colocada ao fim do vol. I, tem: «ASNINC VIA / I'HC IIRN». Por outro lado, no artigo «Memórias sobre Algumas Inscrições Encontradas no Districto de Viseu», do P.º José de Oliveira Berardo, publicado nas *Memórias da Academia Real das Sciencias de Lisboa* (2.ª classe), nova série, t. II, parte I, Lisboa, 1857, também não vimos nada que se pareça.

IUPITER ASSAECUS

(Foto 48)

A ara votiva a esta divindade encontrou-se em 1944, em Poço de Cortes, na cidade de Lisboa. Está actualmente numa

arrecadação do Palácio Galveias, sita na Avenida da Índia, em Belém (Lisboa). Os Serviços Culturais da Câmara Municipal ofereceram-nos gentilmente a foto que apresentamos.

1944 — SILVA, in *RM*, 20-21, p. 39:

Interpreta: *I(ovi) Assaeco / Votum / Animo / Luben(s) / M(arcus) Caecilius / Caeno Solvit*. Traduz: «A Júpiter Asseco. Marco Cecílio Cenão satisfaz este voto com a melhor vontade». E pergunta: «Terá o epíteto dado a Júpiter relação com alguns dos rios Asseca de Portugal, especialmente com o do Alentejo?».

1952 — ALBERTOS, in *Zeph.*, III, p. 51:

«Desde logo parece um nome francamente indígena. O elemento radical *assa-* aparece em vários nomes hispânicos — *Assata*, *Assaract*, *Assalica* — e a sua etimologia é desconhecida. Quanto ao sufixo *-eco*, é corrente na Península Ibérica [...]. Desde logo é muito provável que [...] *Assaeco* esteja formado sobre algum topónimo».

1962 — BM, *RPH*, p. 171:

Divindade aquática.

Observações

Como se vê pela foto, a leitura não oferece dúvidas, a não ser o final da 3.^a l.: a seguir ao E existe um sinal que foi interpretado como as duas hastes de um N; não será pre-

ferível considerá-lo um ponto triangular *distinguens*, porquanto a lápide os apresenta bastante estranhos (vide a 1.^a e a 2.^a l., por exemplo)?

Sobre *Caeno*, o *cognomen*, confrontar *Emerita*, xxxii, p. 234.

A propósito de *Assaecus*: Hübner (*Noticias*, p. 100) traz uma referência do Itinerário de Antonino ao topónimo *Assaconia*. Pode ter relação com esta divindade. De resto, opinamos, com Albertos, que o epíteto *Assaecus* é toponímico e esconde, por isso, uma divindade tutelar.

*

Há inscrições no território actualmente português onde Júpiter recebe outros epítetos:

Depulsor: cf. Hübner, *Noticias*, p. 72, «IOVI DEPULSORI Armia Ussina ex voto posuit»;

Repulsor: cf. LV, «Antiguidades Alentejanas», in *AP*, xxix (1934), p. 183, «Celtius, Tongi f(ilius), Iovi repulso(ri) a(nimo) l(ibens) v(otum) s(olvit)».

Solutorius: cf. JALHAY, in *Brotéria*, xlv, (1947), p. 620.

Todos estes epítetos não são, porém, indígenas, embora os dedicantes das inscrições o sejam — pormenor que seria oportuno aprofundar. BM transcreve catorze epígrafes dedicadas a *I. Solutorius*, achadas em Espanha; na de Poza de la Sal (*CIL*, II, 742), o deus é assimilado à divindade indígena *Eaecus*. Nas *Rel.*, III, p. 226, LV explicita que *Solutorius* não é criação popular hispânica, como O. Keller pretendia demonstrar (in *Jahrbücher für Philologie*, t. cxxxiii, 1886, p. 698).

LAESUS

(Foto 84)

«A lápide foi encontrada no sítio chamado Torre, contíguo à povoação de Susilhão, concelho de Vinhais, nas ruínas de uma capela à qual os mouros do castro sito no termo da mesma povoação vinham ouvir missa, diz a lenda popular» — esclarece o Abade de Baçal. Actualmente, está no Museu Regional de Bragança.

1930 — ALVES, in *A Voz*, n.º 1382:

«As letras, em belo tipo de período áureo romano, bem gravadas e proporcionadas, dizem: ELANICVS TA/VRINVS LAE/SV VO·/ L·SOL· : *Elanicus Taurinus Laesu vo(tum) l(ibenter) sol(vit)*. Isto é: 'Elânico Taurino cumpriu alegremente o voto feito a Leso'».

1934 — LÓPEZ, in *Arqu.*, VI, p. 355:

«É possível que este deus fosse um deus castrejo».

Observações

Laesus pode estar relacionado com o verbo latino *laedo*, «ferir», «danificar». Seria, neste caso, uma divindade guerreira. Parece-nos, contudo, arriscada tal interpretação. Divindade tutelar, como sugere López? Muito provavelmente. E até poderia ser um nume protector com características bélicas, porquanto os habitantes dos castros precisam normalmente de lutar contra os inimigos e careceriam, nesta altura, de muito maior protecção divina.

Não encontramos no onomástico hispânico qualquer palavra relacionável com este possível teónimo. Há, somente, *Elaesus* (Palomar, p. 72), que, de resto, parece apresentar a mesma raiz de *Elanicus*, nome que, segundo cremos, é a única vez que se lê em inscrições hispânicas, mas que é certamente peninsular, porque existem as formas *Elanus*, *Elanio*, *Elanis* (cf. *Emerita*, xxxii, p. 247). Os *Elani* eram um povo da Arábia. *Taurinus*, pelo contrário, é conhecido. Os *Taurini* habitavam nas imediações de Turim (*Augusta Taurinorum*).

Notemos que *Laesu* também poderia estar por *Laesus*, sendo o *cognomen* do dedicante. Mas, nesse caso, não se nomearia a divindade, o que não cremos provável.

LAPITEAE — ver NUMINA LAPITEARUM

LAQUINIENSIS — ver GENIUS LAQUINIENSIS

LARES CAIRIESES

(Foto 49)

A lápide votiva a estes lares foi encontrada em Setembro de 1954 na Quinta da Nave Aldeã, Zebreira, Idanha-a-Nova. Foi oferecida pelo Sr. D. Fernando de Almeida ao Museu de Francisco Tavares de Proença, de Castelo Branco.

1956 — ALMEIDA, *Egitânia*, p. 268:

«Celtien/us Cana/pi (ou Cavapi) f(ilius) Lari/bus Cai/riesibus. / V(otum) l(ibens) m(erito) s(olvit)». «O nome do dedicante é nitidamente celta. O pai de um celta era, que

mais não fosse por esse facto, celta também: por isso, *Canapi* ou *Cavapi* é certamente da mesma origem. Os Lares de Cairienses, ou Cairienseses, seriam os de um lugar com este nome e que se perdeu. A palavra é, com certeza, celta e deriva de *Caera*, que significa 'ovelha' [...].»

Observações

O nexu AN ou AV já o encontrámos em *Tiauranceaicus*. Sobre *Canapi*, ver *Emerita*, xxxii, p. 236; sobre *Celtienus*, ver *ibidem*, p. 239.

Parece-nos plausível interpretar *Cairiesibus* por *Cairie(n)sibus*, de acordo com o que sucede em *Laquiniesis* por *Laquiniensis*.

LARES CERENAECI

(Foto 50)

A lápide votiva a estes deuses foi encontrada na igreja de S. Salvador de Tuias, concelho de Marco de Canaveses. Está no Museu Nacional de Arqueologia e Etnologia.

1732 — ARGOTE, *Memórias*, I, pp. 157-158:

«Cerenecos, ou Cerenaios, eram uns povos particulares que parece estavam situados no concelho de Tuias [...]: faz menção deles a inscrição [...] que diz desta sorte: LARI-BVS / CERENA/FCIS·NIL/ER·PROC· / VII·PV·L·S. Quer dizer: 'Nilo Erredio, procurador das estradas públicas, por voto que tinha feito de boa vontade, dedicou esta memória aos deuses das casas dos Cerenaios'. Até aqui nem

em geógrafo nem em historiador algum achei notícia destes povos» (pp. 157-158). Fonte da notícia: Craesbeck, *Memorias Remetidas à Academia Real*, tít. 15, cap. 5.

1861 — HÜBNER, *Noticias*, p. 80:

«LARIBVS / CERENA/ECIS·NIG/ER·PROC/VLI·F·V·L·S».

Observações

É fácil a interpretação da epígrafe: *Laribus / Cerenaf ecis Nig/er, Proc/uli f(ilius) v(otum) l(ibens) s(olvit)*. Ou seja: «Níger, filho de Próculo, cumpriu de boa vontade o voto aos Lares Cerenaios».

O dedicante e seu pai têm nomes romanos.

Sobre o possível topónimo ou etnónimo de que estes deuses eram os protectores, nada sabemos dizer.

* LARES CUSICELENSES

A pedra com a inscrição votiva a estes lares foi encontrada numa povoação arruinada junto ao lugar do Couto de Algeriz, Chaves. Desconhece-se o seu paradeiro.

1728 — ABREU, *Noticias*, fl. 44 v.º:

«[...] A qual está hoje posta numa capela do mesmo lugar. E como eu não fui copiá-la, receio que tenha alguns erros». «LARIBVS·CV/SICFLENBVS / Q·NIVIVS·PLACI/ DI·F·ENVINS / V·S·L·M» (carta a Argote, 20-VI).

1732 — ARGOTE, *Memorias*, I, pp. 300-301:

Transcreve Abreu e traduz: «Quer dizer: Quinto Nívio Enuíno, de boa vontade cumpriu o voto, que fizera, de pôr esta memória aos deuses das casas aquiavienses».

1869 — *CIL*, II, 2469:

Cita Argote e propõe, *dubitativamente*, a seguinte leitura:
Laribus Cusic[e]lens[i]bus Q· [Ful]vius Placidi f. [Fla]
vin[u]s v.s.l.m.

Observações

A dubitativa interpretação de Hübner é, talvez, demasiado arbitrária. Evidentemente, sem a lápide reaparecer, as hipóteses serão gratuitas.

* LARES ERREDICI

Em Dezembro de 1721, a pedra com a inscrição dedicada, possivelmente, a estes lares estava no adro da Igreja de S. Pedro de Agostém, Chaves. Desconhece-se o seu paradeiro actual.

1728 — ABREU, *Noticias*, fl.117:

Segundo o desenho, a lápide diz: «LAEBVS+ / ERREDIO / S RVFVSE / XVOTO+».

1732 — ARGOTE, *Memorias*, I, p. 293:

«IAEIBUS / ERREDIO / S RUFUS E/X VOTO. Quer dizer: 'Sexto Rufo, por voto, que tinha feito, pôs esta me-

mória a Jaeibo Erredio'. Parece que devia ser ou alguma falsa divindade ou nome de algum gentio ou há erro nas letras».

1869 — *CIL*, II, 2470:

Reconstitui: «LARIBVS / ERREDICI/S RVFVS E/X VOTO».

1962 — BM, *RPH*, p. 132:

«LARIBVS / ERREDICI(is) / S(ervius) RVFVS E/X VOTO».

Observações

A interpretação de Hübner não deixa de ser convidativa. É-nos, porém, forçoso manter certas reservas, porque a base é uma cópia bastante incerta do século XVIII. As dúvidas subsistem.

* LARES FINDENETICI

Em Celeirós, lugar a nascente de Chaves, num monte, foi encontrada uma lápide onde se lia presumivelmente este teónimo. Está perdida.

1722 — ABREU, *Noticias*, fl. 118:

«ALBINVS / BALESIN/I·LARIPVS / FIN·DLNEI/ ICI·SLI·BE/NS·POSVI».

1732 — ARGOTE, *Memorias*, I, pp. 287-288:

«A interpretação da inscrição eu não a sei; nela, contudo, se faz menção de um homem, chamado Albino, e parece querer dizer: 'Albino, filho de Balesino, natural da cidade de Benis, pôs esta memória aos deuses das casas.' O demais absolutamente o não percebo».

1869 — *CIL*, II, 2471:

Corrige para *Laribus* e opina que talvez se possa escrever PINDENETICIS, relacionado com *gens Pintonum*, *Pintamus* (nome) e *Pintia* (cidade). «ALBINVS / BALESIN/I·LA-RIBVS / PINDENET/ICIS·LIBE/NS POSVIT».

1905 — LV, *Rel.*, II, pp. 181-182:

«A mim parece-me que a comparação com *Pintonum* e *Pintamus* não é suficiente para alterar em P o F, e, por isso, conservo a lição original» (p. 182).

Interpreta *Findeneticis*. «A forma *Balesini* (derivado de *Balaesus*?) é também incerta» (p. 182).

1962 — BM, *RPH*, pp. 132-133:

Segue LV. «O nome do oferente surge com frequência em inscrições hispânicas [...]. O do pai é um derivado de *Balaesus*, que aparece mais duas vezes (*CIL*, II, 930, 5719)» (p. 132).

«O adjectivo provavelmente formou-se sobre um topónimo» (p. 133).

Observações

As dúvidas superam as certezas. Assim, nada de positivo lograremos apurar.

* LARES LUBANC

(foto 50-A)

Não vimos exposta esta inscrição no Museu Monográfico de Conímbriga, onde — segundo amável ofício do Sr. Dr. Jorge Alarcão (6-IX-1969) — está guardada. Encontrou-se extra-muros de Conímbriga, em 1938.

1944 — CORREIA, *Catálogo*, n.º 25:

«Lápide votiva com inscrição: LARES LUBANC·DO·
VILONICOR· HORVM·ALBVIV CAMAL·F·SACR·».

1960 — RODRIGUES, in *Humanitas*, VIII-IX, p. 122:

«LARES LUBANC· / DOVILONICOR· / HORVM·
ALBV·IV / CAMAL·F·SACR· Esta estranha inscrição em
quatro linhas, encontrada numa lápide possivelmente votiva,
partida ao meio [...] deve ser indígena. CAMAL, pelo me-
nos, é nome nitidamente indígena. A separar palavras tem
folhas de hera».

Observações

Outra bibliografia não encontrámos sobre esta inscrição, realmente «estranha», até porque principia com um nominativo, quando seria de esperar um dativo — *Laribus*. Ou estará a leitura mal feita?

Albuiu deve ocultar o nome do dedicante, que é *Camal(i) f(i)lius*. Conhece-se o genitivo *Albui* (cf. *Emerita*, xxxii, p. 217). A última palavra é *sacr(um)*. Quanto às outras, não ousamos pronunciar-nos.

Apesar de tudo, cremos estar perante uma inscrição votiva. A uma divindade indígena? Talvez ¹.

*** LARES SEFIUS — ver * LARISEFIUS**

*** LARES TARMUCENBAECI OECEAEICI**

(Foto 51)

Achada no lugar da Granjinha (Chaves), a epígrafe dedicada a estes lares está no Museu Municipal de Chaves.

1869 — CIL, II, 2472:

LARIBVS TAR/MVCENBACIS / CECEAEICIS / RARIVSRAVV / V S L M. Manda confrontar a 4.^a l. com o nome de deus *Raeuveanabaraecus (sic)*. Não interpreta nem faz qualquer outra observação.

¹ In *Comptes Rendus* ..., 1969, pp. 221-222, J. Alarcão e outros apresentam a seguinte transcrição: «*Lares Lubanc(i) Dovilonicor(um) Horum, Albui(us) Camal[i ou ae] f(i)lius sacr(um)*». Traduzindo: «Os Lares Lubanci dos Dovilonici, aos (lares) destes, Albuius, filho de Camal(us ou a) consagrou [esta pedra]». Jacques Heurgon, em comentário à comunicação, prefere ligar *Horum* a *Dovilonicorum*: «Os Lares Lubanci dos Dovilonici que estão aqui» (pp. 235-236). O v final da 3.^a l. seria uma posterior transformação de *hedera distinguens*. Achamos preferível traduzir: «Os lares Lubanci destes Dovilonici. Albuius, filho de Camalus, consagrou».

1905 — LV, *Rel.*, II, pp. 179-181:

«[...] Todavia, a leitura não é certa [...]» (p. 180).

Refere a inscrição galaica aos *Dii Ceceaigi*. Considerando não ser «ilegítimo» supor que uns mesmos lares fossem adorados do lado de lá e do de cá», LV conclui: «Ainda assim, isto que digo é pura hipótese, pois nos falta a limpidez dos textos epigráficos» (p. 181).

1962 — BM, *RPH*, pp. 130-131:

Segue Hübner. «A primeira parte do adjectivo parece ser um topónimo, baseado porventura no antropónimo celta *tarvos*, que entra na formação de nomes de cidades [...]; o segundo adjectivo tem o sufixo *-aecus* [...]

Refere a inscrição aos *Dii Ceceaigi*, que considera a «mesma divindade», «aqui na forma surda, na Galiza na sonorizada» (p. 131).

Observações

É curioso como a maioria dos investigadores, mesmo após o reaparecimento da ara, continua a seguir a interpretação de Hübner, que apenas deu uma leitura conjectural.

Não nos foi possível examinar a pedra ao vivo. No entanto, *pela foto*, parece-nos lógica a seguinte interpretação provável:

[L]ARIBV[S] [T?]A[R?]MVCENBAECIS / OECEAE-CIS / [L]AELIVS (?) RAVV(s) (?) / V(otum) S(olvit) L(ibens) M(erito).

Não encontramos forma de explicar o sentido dos epítetos destes lares. Supondo *-aecis* um sufixo (em dativo plural), teríamos os radicais *Tarmucenb-* e *Oece-*, cujo significado desconhecemos.

* LARES TUROLICI

A epígrafe relativa a estes deuses estaria localizada em Freixo de Numão, Devesa, Meda. Nada mais se sabe do seu paradeiro.

1732 — ARGOTE, *Memorias*, I, pp. 162-163:

«CATUENUS·D·/OCQUIRINI·F·/ LARIB·TUROL/IC·
CONSAGR·. Quer dizer: Catueno Decurião, filho de Ocquirino, consagrou esta memória aos deuses das casas dos povos Turolicenses. Bem sei que outros verterão noutra forma a letra e dicção D, eu não duvidarei se possa verter de muitos modos. Porém, já desta inscrição vimos em conhecimento de que havia os sobreditos povos Turolos. Nem faça dúvida o estar esta inscrição mui distante do sítio onde colocamos os tais povos». Fonte: Inscrição remetida à Academia.

1869 — *CIL*, II, 431:

Transcreve Argote e anota: «Traz DOCQUIRINI, restitui *Docquirici*, que se encontra em inscrições de *Emerita*».

1905 — *LV, Rel.*, II, p. 184:

«O texto diz: *Catuenus Docquirici f(ilius) Larib(us) Turolic(is) consacr(avit)*. De *Catuenus*, quer nessa forma, quer na feminina *Catuenas*, há outros exemplos [...] e parece ser palavra céltica [...]. *Docquiricius* é também palavra que aparece mais vezes [...]

1962 — BM, *RPH*, p. 132:

«O adjectivo que acompanha *Lares* está formado sobre o nome de uma *gens* lusitana, citada numa inscrição achada em Caldas de Lafões, Viseu (*CIL*, II, 420)».

Observações

A versão publicada por Argote não é de molde a merecer inteira confiança. De resto, segundo este autor, dever-se-ia ler *LARIB(us) TVROLIC(ensium)*.

Não reputamos demasiada prudência a abstenção de interpretações perante uma base tão frágil.

* LARISEFIUS

Veio de Adaúfe, concelho de Braga, a lápide dedicada a este deus. Esteve no Seminário de Braga: «Há vinte e um anos, quando vim para cá, procurei-a por todos os cantos e não dei com ela. A soldadesca houve por bem desfazer-se dela para o entulho!» (P.^o Dr. Luciano Santos, reitor do Seminário, em carta de 13-XI-1969).

1905 — LV, *Rel.*, II, pp. 334-335:

Dificuldades de leitura: a primeira letra só tem um traço; as seis seguintes são certas; a oitava pode ser F ou, mais provavelmente, um I. A primeira letra da 2.^a l. «podia ao repente parecer D, mas é O. Depois há um espaço e uma depressão, onde parece não ter havido letra nenhuma». Diria,

pois: *Larisefi/o Com/es pro sa/lute sua / et suoru(m)*, isto é: «Comes, pela sua saúde e dos seus, dedicou (este monumento) a(o deus) Larisefius (?)». «Ou *Lariseffo*. Também podia pensar-se em *Lari Sefio* ou *Lari Seffo*. Conquanto haja exemplos de inscrições consagradas a um só lar, o mais frequente é que esta palavra esteja no plural (*Laribus*); por isso, opto por que nos achemos diante do nome de um deus bárbaro» (p. 335).

«*Comes* é o nome comum *comes, itis*, companheiro, companheira, tornado nome próprio, que tanto o pode ser de homem como de mulher. É muito usado como *cognomen* romano [...]. O fenómeno era frequente; «por isso *Comes* nada tem de anormal» (p. 335).

1950 — TOVAR, in *Misc.*, p. 183:

Escrevem *Larisefio*.

1962 — BM, *RPH*, p. 133:

Segue LV. Inclina-se para que sejam duas palavras independentes. «Não há dúvida, porém, de que se trata de uma divindade com as mesmas características dos lares». A propósito de *Comes*: «Na Península, é a única vez, nesta ara, que se observa com esta palavra a passagem de um nome comum a próprio».

Observações

São pertinentes as observações de LV. Pode tratar-se efectivamente de uma divindade com as características dos *Lares*, mas o seu nome é duvidoso.

LAROCUS

(Foto 85)

A lápide votiva a este deus está na Igreja Matriz de Santo António de Monforte, concelho de Chaves.

1909 — ALVES, *Memorias*, I, pp. 351-352:

Refere minuciosamente as dificuldades da leitura e conclui: «*Larocu/a Mapitil/i filia Cibi/anbaovio / l(ibens) v(otum) a(nimo) s(olvit) retuli / pro mariti a(nima)*. Ou seja: 'Larocua, filha de Mapitílio, levantou de boa vontade pela saúde de seu marido este monumento ao deus Cibianbaovio'».

1917 — LV, in *AP*, xxii, pp. 16-17:

«Li do seguinte modo a inscrição [...]: *Larocu Ama, Petili(i) filia, libe(ns) animo votum rettuli(t) pro marito*. Interpreto PITILI por *Petili(i)*, baseado em haver na Ibéria outras inscrições em que aparece este gentílico (no feminino): *Petiliae* e *Petilia Marta*, e em não faltarem exemplos de na indicação da filiação se empregar o gentílico do pai. *Ama* consta de outras inscrições nossas. Entenda-se que *Larocu*=*Laroco* é o dativo de um nome de deus, isto é, de *Larocus*, o qual nada tem, porém, quanto a mim, com o nome da serra de que falei há pouco. A fórmula *votum rettuli(t)* só a conheço deste texto».

1921 — LV, in *Opúsculos*, v, p. 148:

Assinala que a relação de *Júpiter Ladicus* com o culto das montanhas é uma simples hipótese e critica Toutain: «[...] Ele aproxima o antigo *Ladicus* do nome moderno *Ladoco*; aliás, o nome moderno não é *Ladoco*, mas sim *Larouco*!».

1930 — ALVES, *Chaves*, pp. 44-55:

Segue LV. Relaciona *Ládico* com Ladoco e observa: «Ora a serra para além de Chaves, em frente e bem visível de Curral de Vacas, é chamada Larouco. Viria a Júpiter este título da referida serra ou seria ele que lho deu?».

1934 — LÓPEZ, in *Arqu.*, VI, pp. 302 e 355:

«Entre as fragas conhecidas por *Codos de Larouco*, situadas no caminho que vai de Trives à Rua de Valdeorras, e perto da aldeia de *Larouco*, apareceu gravada num penedo uma epígrafe em honra de *Iovi Ladico* (*CIL*, II, 2525)». Exemplo de culto das montanhas. Adiante, p. 355, considera *Laroco* um deus de natureza indeterminada, embora refira a hipótese de Alves.

1957 — BM, in *AEArq.*, xxx, p. 51:

«L. Cuevillas leu o nome do deus *Larocus* numa ara de Curral de Vacas; talvez seja um deus com carácter montanhês, identificável com Júpiter; não longe do lugar existe o monte e serra de Larouco».

Observações

A leitura de LV é aceitável, segundo cremos: o Sr. Coronel Mário Cardozo, que viu a epígrafe em 1943, escreveu que «as letras, gravadas com muita regularidade, distinguem-se perfeitamente».

Não vemos motivo para não relacionar *Larocus* com a serra do Larouco. Realmente, os autores produziram a tal respeito afirmações bastante confusas, como as que acabámos de ler, nomeadamente a de López (1934). Estaríamos, assim, perante mais um *genius loci*, vestígio de culto prestado a uma montanha tida como sagrada, portanto, e com características de «divindade» medicinal, uma vez que o voto é cumprido *pro marito*, ou seja, verosimilmente, pela saúde do marido.

LUPIANAE (Nymphae)

(Foto 52)

A lápide votiva a estas ninfas foi encontrada em Tagilde, Guimarães. Está no Museu de Guimarães.

1892 — *CIL*, II, 6288:

«ANTONIA / RUFINA / VOTO NINp/HIS LVPIA/
NIS LIBENs / ANIMO / POSVIT».

1894 — GUIMARÃES, in *RG*, XI, pp. 6-10:

«A designação *Lupianis* que se lê na lápide referida será toponímica? Indicar-nos-á o nome do lugar onde eram veneradas estas divindades? É possível; todavia, nem sequer ousamos aventar uma conjectura em assunto tão difícil e emaranhado; falta-nos a competência para tanto» (p. 8).

«Considera a possibilidade da existência de um santuário às Ninfas, porque o sítio onde a lápide foi encontrada era «ponto dominante» (p. 10).

1901 — SARMENTO, in *RG*, xviii, p. 8:

«Compare-se com *Aquis lupianis* (Resende), donde Guade-Lupe».

1905 — LV, *Rel.*, II, pp. 189-190:

Explica que *voto* está «por *voluntum*, latim vulgar» (p. 190). «[...] Curioso é notar que havia na Germânia um rio chamado *Lupia*, citado por vários autores, e que *Lupia*, *Lupius*, *Lupio*, *Lupianus* se encontram como nomes de pessoas em inscrições romanas da Península e de fora dela. A palavra *Lupianae* [...] pertencerá a essa família. Talvez o tema *Lupi-* ou *Lup-* (ligúrico?) contenha uma ideia relacionada com as águas; mas nada ao certo pode afirmar-se» (p. 190).

Em nota, acrescenta: «[...] Ninguém suporá que as *Lupianae* se relacionavam com o rio *Lupia*, afluente do Reno. Bastava a difusão do tema [...] para fazer pôr de lado essa hipótese» (p. 190).

1957 — BM, in *AEArq.*, xxx, p. 63:

«[...] *Lupiana*. *Lupia* é um rio da Germânia (a ara apareceu nas margens do rio Vizela). A raiz que forma este nome entra tanto na formação de nomes como de topónimos».

1962 — BM, *RPH*, pp. 177-178:

Divindade aquática. Refere topónimos extrapeninsulares de tema *Lup-*, salientando que se encontram sempre relacionados com estabelecimentos termais.

Observações

A epígrafe, cuja leitura é fácil, quer dizer: «Antónia Rufina erigiu [este monumento], por voto, de boa vontade, às Ninfas Lupianas».

A existência da raiz *Lup-* ligada ao elemento aquático e o substantivo *ninfas* indicam-nos que estamos perante mais um testemunho do culto das águas; reputamos que o adjetivo *lupianus*, *a*, se formou sobre um hidrónimo cujo vestígio actual importa procurar.

* LURUNIS

(Fotos 86 e 87)

A esta divindade foram dedicadas duas lápides, ambas procedentes de Cavernães, Viseu: uma guarda-se em Alvelos, e pertence ao Sr. Dr. Juiz Manuel da Cunha e Alvelos, em cuja casa está; a outra foi levada para o Museu de Grão-Vasco (Viseu). Uma terceira epígrafe, presumivelmente votiva também a * *Lurunis*, teria a mesma procedência, desconhecendo-se o seu paradeiro.

1630 — PEREIRA, *Dialogos*, pp. 111-112:

A primeira referência à ara de Alvelos, que interpreta incorrectamente. «A outra tinha esculpida uma cabeça de um boi bem figurada e no reverso estas palavras latinas meias gastadas: TANGIN / ESPIII / V·VNI». «[...] Mas quanto às letras parece terem muito parentesco com as outras, as últimas parece que significam o nome de quem as mandou esculpir que devia ser Lurem, inda que as letras gastadas que faltam me deixaram nesta confusão e se aquele edificio

era templo de gentios devia este de ser sacerdote [...]. Esta última é a inscrição perdida. Saliente-se que se fala num possível santuário.

1869 — *CIL*, II, 404 e 413:

404: Restitui dubitativamente: «LARIb/VS·LAELIVS / sEVERVS / A·L·P·».

413: «TALGIL / ESPEIII / VIIVNI» (transcrição inexacta de Pereira). «No princípio, talvez se deva ler: *Tal(orus) Cili f(ilius)*».

1936 — ALVELOS, in *Distrito de Viseu*, 29-VII:

Notícia do reaparecimento da lápide. Lê: «LVRV/NI / LALLIVS / SEVERVS / A(nimo) L(ibens) P(osuit), que deve interpretar-se assim: *A Lurunio, Lallio Severo pôs esta pedra de boa vontade; ou Lallio Severo, de boa mente, dedicou esta pedra ao Deus Lurunio*».

1965 — UNTERMANN, in *AEArq.*, xxxviii, pp. 18-22:

Analisa, pormenorizadamente, a lápide do Museu e conclui: «Assim, com todas as reservas, chegamos à interpretação que segue: *Luruni / v(otum) p(osuit) l(ibens) / Val(erius) C[at]/[u]ro Sa[t]/eili f(ilius)*». A leitura *v(otum)*, na 2.^a l., deve ser lapso, porque o A. anteriormente indicara a letra T — de *t(itulum)* —, e não V.

Quanto à lápide de Alvelos, transcreve: «*Luruni L(ucius) Allius Severus a(nimo) p(osuit) l(ibens)*» (p. 21). Na fórmula votiva está claramente grafado A·L·P, e não A·P·L.

A terceira inscrição é assim reconstituída: «[. . .] *Tangini (filius) / [d]e s(ua) p(ecunia) t(itulum) f(ecit) / (L)u(r)uni*» (p. 22).

«[. . .] Podemos deduzir, de resto, que no lugar da actual povoação de Cavernães havia um santuário desta divindade. Desgraçadamente, os textos não contêm nenhum indício sobre a natureza do deus, nem tão-pouco a forma do nome permite um esclarecimento etimológico. Só se reconhece com alguma certeza que estamos perante uma divindade masculina: *Luruni* deve ser forma em dativo de um tema *Lurun* —nominativo *Luru*, genitivo *Lurunis*—, equivalente a temas latinos em *-o*, *-onis*. Entre os teónimos não há caso seguro de um tal tema que não seja do masculino» (p. 22).

1967 — ALVELOS, *Luru*:

Começa por completar a citação que fizera, em 1952, do Dr. Botelho Ribeiro Pereira, a propósito da terceira inscrição. Refere a interpretação de Untermann acerca da epígrafe de Alvelos, salientando que este autor se serviu «apenas do texto apresentado por Moreira de Figueiredo, aliás pouco rigoroso», e comenta: «À frente do primeiro L da 3.^a l. está o que parece ser um ponto [. . .]; e se assim o considerarmos, a leitura estará certa. Porém, se o não encarmos desta forma, o nome do ofertante da ara será então *Lallius Severus*, o que nos parece mais plausível» (p. 9).

«[. . .] Se ponderarmos que o pequeno santuário ficava próximo a um caminho e *junto de uma fonte* onde foi encontrada *uma pia ou fonte de pedra muito grande*, podemos admitir que o deus *Luru* simbolizaria o culto das águas e dos caminhos [. . .]» (pp. 9–10).

«A cabeça de boi que o Dr. Botelho diz ter existido na pedra cujo paradeiro se ignora pode relacionar-se com os

cultos orientais ou mediterrânicos antigos, uns e outros de feição animalista; ou então (o que é mais provável) representar um animal oferecido em holocausto à divindade. Neste caso, a pia de pedra faria parte do rito sacrificial [...].» (p. 10).

Transcreve a leitura de Untermann e diz: «De qualquer modo, trata-se de mais uma ara [...] ao deus Luru» (p. 10).

Comenta igualmente a leitura que o investigador alemão fez da ara do Museu: «[...] Sempre diremos que a última letra da 4.^a l. nos parece mais um I do que um L ou um T e que a última da 5.^a l. é, sem dúvida, um P, e não um F. Também antes do T da 2.^a l. se nos afigura ter existido uma letra, possivelmente um E» (p. 12).

Observações

A reconstituição de Untermann da inscrição perdida afigura-se-nos um tanto fantasiosa.

Da ara existente em Alvelos concordamos com a leitura do Sr. Dr. Juiz Manuel da Cunha e Alvelos, com quem falámos e cujos esclarecimentos agradecemos. Holder regista *Lallius* como *nomen* (CIL, VI, 200: P. Lallius Primigenius; CIR, 715: D(iis) M(anibus) Lallio Atticino...). Esta última, uma epígrafe da Bélgica: CIL XIII 4269. É, porém, raro.

Observámos também, minuciosamente, a ara do Museu de Grão-Vasco. Está partida do lado esquerdo. Lemos: LVRVNI / T·P·L· / IVIAL·C[...?]/[...]ROSAL/[...]ILI· P·. As dificuldades estão, como se vê, nas três últimas linhas; relacionam-se, mais propriamente, com o nome do dedicante e, quiçá, a sua filiação. É possível que a letra final seja um F, mas na pedra está claramente grafado um P (que vem ainda complicar mais a leitura). Em face da ara, a inter-

pretação de Untermann não nos satisfaz. É certo que também não sabemos apresentar outra. No Holder encontramos *Copiro(n)* e *Saitullus*, vocábulos que talvez pudessem estar nesta inscrição.

Quanto ao teónimo — que directamente nos interessa —, podemos, desde já, aproximá-lo de outros termos apresentados por Holder: *Lur-dunum* (de uma provável raiz *Luro-dũno-n*), *Luri-acus* (de *Lurius*, vocábulo cujo tema se pode ver em diversos topónimos franceses como Lurey, Luray, Luré, Lurago) e também *Lurus* (sugerido por M.^a L. Albertos). Todas estas aproximações não nos dizem realmente nada de concreto sobre os atributos desta divindade, que tem, sem dúvida, um culto local e cujo nome está verosimilmente ligado ao povo que a venerava. Nada mais se poderá asseverar, enquanto outras descobertas arqueológicas ou linguísticas não vierem trazer mais luz ao problema.

* MACARIUS

(Foto 53)

O monólito de granito contendo o nome deste deus foi trazido de Lisouros, concelho de Paredes de Coura, para o Museu Nacional de Arqueologia e Etnologia.

1913 — LV, *Rel.*, III, pp. 196–198:

Depois de indicar pormenorizadamente as dificuldades da leitura, lê: «Fron/tonia/nus Fro/nton/is (filius) Ma/cari[o]/v(otum) s(olvit) l(ibens) m(erito)» (p. 198). «Apesar da estreita semelhança fonética que se nota entre *Macarius* e o adjetivo grego 'makários', feliz, [...] não é com esse adjetivo

que devo comparar o nome do deus [...], mas com o substantivo bretão *mager*, que quer dizer «aquele que nutre», «aquele que cria», e é explicável em céltico antigo por *macários ou *macâros: donde naturalmente inferiremos que *Macarius* seria divindade naturalística» (p. 198).

1934 — LÓPEZ, in *Arqu.*, VI, p. 355:

Deus de natureza indeterminada.

1950 — TOVAR, in *Misc.*, p. 189:

«Leio *Macari*, baseando-me na fotografia que publica LV [...]. A lição *Macario* parece-me injustificada, ainda que teria que ver a pedra para resolver em definitivo». *Macari* seria, pois, para o Sr. Prof. Tovar, um exemplo do dativo céltico em I. A foto que apresentamos e a observação que fizemos da inscrição confirmam esta hipótese.

1962 — BM, *RPH*, pp. 69-70:

«O nome do pai é muito conhecido [...], o que não acontece com o do dedicante, que só se lê na presente ara» (p. 69).

Observações

O nominativo do teónimo poderá ser, em vez de *Macarius*, *Macaris*.

Apesar da boa aproximação de temas feita por LV, consideramos ainda indeterminados os atributos deste deus.

MANDICEUS

(Foto 54)

Veio da Madre de Deus, Sintra, em 1956, a árula votiva a Mandiceus, que se guarda no Museu Arqueológico de S. Miguel de Odrinhas (Sintra).

1958 — CARDOZO, in *RG*, LXVIII, pp. 375-376:

Traz foto. «*Cassia Mate/r Man/diceo v(otum) s(olvit) l(ibens)*». Fala do nome da dedicante e das possíveis interpretações do vocábulo *Mater*; compara o teónimo com *Mamdica*, nome de deusa (*CIL*, II, 5669), e considera *Mandiceus* «uma divindade indiscutivelmente ibérica, até pela ressonância bárbara do próprio nome» (p. 376).

1962 — BM, *RPH*, p. 62:

Inclui este nume no capítulo dos «deuses assimilados a Tutela». BM não dá razão nenhuma para esta inclusão. Talvez se tenha baseado, supomos nós, numa passagem de López Cuevillas (in *Arqu.*, VI, p. 355), que diz, a respeito de *Mamdica*: «É fácil que o nome desta deusa seja uma variante de *Bandua*».

1961 — MICHELENA, in *Zeph.*, XII, p. 200:

«É discutível, em todo o caso, que *Mandica* e *Mandiceus* pertençam ao mesmo grupo [de *Band-*], além de que **mand-* em IEW 699 não é 'agitar', valor que mais conviria a **me(n)th-*, na p. 732».

Observações

Examinámos esta pequena ara de mármore, caracteres rústicos, quase diríamos cursivos, quando estivemos no Museu de Odrinhas. Os AA não apresentam travessão e a epígrafe lê-se perfeitamente. A única dificuldade, salientada, aliás, pelo Sr. Coronel Mário Cardozo, é a interpretação de *Mater*, que considera estar por *Mater(na)*, hipótese que achamos muito plausível. Sobre *Cassia*, ver *Emerita*, xxxii, p. 237.

Quanto aos atributos da divindade, nada podemos acrescentar.

MARS BORUS

(Foto 88)

A epígrafe dedicada a *Mars Borus* apareceu na serra de Monsanto, concelho de Idanha-a-Nova. Está no Museu de S. Dâmaso, em Idanha-a-Velha.

1962 — ALMEIDA, *Aras Inéditas*, pp. 5 e 9-11:

Traz foto. Interpreta: «L(ucius) C(ornelius) O(ptatus) / Mar/ti Boro. / A(nimo l(ibens) v(otum) s(olvit)».

A propósito de *Borus*, diz o Sr. D. Fernando:

«Não conhecemos esta palavra de outra inscrição lusitana; terá ela parentesco com 'Bormanicus' [...] ? Seria 'Borus' um epíteto local ou então uma divindade local aparentada com as divindades veneradas junto de fontes de água medicinal: 'Bormanicus', 'Bormanus', 'Bormana', 'Bormo' ou 'Borvo'? Não o cremos, pois, se em Holder se transcreve uma inscrição: 'Deo Apollini Borvoni', portanto 'Borvo', a seguir a um deus da medicina (Apolo), aqui, na inscrição de Monsanto, aparece depois do deus da guerra. De resto,

não há na serra do Monsanto, que nós saibamos, águas com propriedades terapêuticas. Possivelmente novas inscrições poderão esclarecer os atributos desta curiosa divindade; andarão talvez com eles relacionadas a terra e a agricultura, por a estas também se ter ligado o deus Marte. 'Borus' surge, como nome de homem, em Regensburgo (Ratisbona) [...]. Como marca de oleiro aparece 'Borius' [...]; e ainda com a mesma raiz é conhecido outro oleiro, 'Borillus', na Bretanha. É assim muito de aceitar a sua origem celta perfeitamente bem aparecida em Monsanto, região onde abundam onomásticos da mesma procedência [...]» (pp. 10-11).

Observações

Sublinhemos, apenas, o facto inusitado de os *tria nomina* do dedicante aparecerem totalmente em abreviatura, denotando uma época tardia.

*
* *

(Foto 89)

Viria, a seguir, uma outra divindade: *Mercurius Chortalis*. Primeiramente interpretada como *Mercurius Thorialis*, foi considerada uma divindade indígena. Examinando, porém, a árula e a respectiva fotografia, gentilmente cedida pela Câmara Municipal de Lisboa, concluímos — como o Sr. Prof. Lambrino — que o epíteto era efectivamente *Chortalis* ou *Cohortalis* (de preferência). Escrevemos à Sr.^a Dr.^a Maria Lourdes Albertos, a tal respeito, que nos respondeu: «Sobre *Mercurio (C)hortali*, si esa es la lectura correcta, creo que lo mejor es eliminarlo de la lista de divinidades indígenas. *Chortalis* por *cohortalis*, en relación con la palabra *cohors*, es forma conocida» (carta de 3-XI-1969).

Não tratamos, pois, expressamente, desta divindade. Damos, no entanto, as referências bibliográficas que colhemos:

1940 — SILVA, in *Olisipo*, n.º 11, p. 82.

1944 — SILVA, *Epigrafia*, p. 15.

1950 — *Révue*, xxxvi, p. 251.

1952 — LAMBRINO, in *BEP*, xvi, p. 171.

1952 — ALBERTOS, in *Zeph.*, iii, pp. 59-60.

1957 — BM, in *AEArq.*, xxx, pp. 65-66.

MIROBIEUS

(Foto 90)

O fragmento de rochedo que tem este teónimo foi cortado junto do leito do rio Douro na freguesia de Tarouquela, concelho de Cinfães. Está no Museu Nacional de Arqueologia e Etnologia.

1905 — LV, *Rel.*, II, pp. 234-236:

«Transcrição do texto: *Mirobieo / loco Abrui / Arqui... / apiobicesis* (=I...*apiobigensis*?), que traduzo por: 'ao deus *Mirobieus*, em memória de Abruo, filho de Árquio, natural de... -*apiobriga*'. [...] *Abrui* relacionar-se-á com *Abrius*, *Abrunus*, *Abrupaterna* [...]» (p. 235).

«O penedo [...] qualquer cheia do rio, mesmo pequena, o cobre, como me informaram. Desta correlação que existe entre o penedo e as águas do Douro concluo que um deus a quem se consagra uma inscrição gravada numa rocha, assim em pleno rio, deve ser aquático [...]» (p. 236).

«Como *Miro-briga* pode significar ‘fortaleza de Mira’ e como na costa ocidental, no Alentejo, fica o rio Odemira, palavra que se decompõe [...] em *Ode-Mira*, sendo *ode*-palavra de origem arábica que quer dizer ‘rio’ [...], é de crer que a primeira parte de *Miro-briga* nada mais seja do que o nome de um rio [...]. [...] O deus *Mirobieus* era adorado dentro também de um rio. Talvez na língua indígena a palavra *Mira* contivesse uma ideia aparentada com a de *água*. As sílabas *-bieus*, faltam-me elementos para as poder estudar» (p. 236).

1957 — BM, in *AEArq.*, xxx, p. 52:

«*Mirobieus* [...] é o nome de um deus, formado sobre um topónimo, Miróbriga (?), sem poder precisar a sua localização».

1958 — LAMBRINO, in *I Congresso ...*, p. 490:

Refere que o deus é «adorado por fiéis que trazem nomes célticos». «O facto de o tema de *miro-a-* ter podido designar cursos de água até à época moderna e, por outro lado, a dedicatória a *Mirobieus* ter estado gravada sobre um rochedo dominando a água do Douro faz-nos crer que LV tinha razão em lhe atribuir tal sentido. Mas poder-se-á pensar que seja pré-céltico? Há razões que se opõem».

1962 — BM, *RPH*, p. 81:

A lápide apareceu «em Torruella». «MIROBIEO / LOCO·ABRVI / ARQVI (filius) / APIOBICESIS». «*Abrusus* é nome

que se encontra noutra ocasião na Península (*CIL*, II, 676); *Arquiús* é mais frequente [...]. BM critica depois os argumentos de LV comprovativos do carácter aquático do deus, acabando por repetir o que já escrevera em 1957.

Observações

As interpretações desta inscrição são francamente pouco elucidativas:

1.º LV: Considera-a votiva, sem mais. Ora verifica-se que: a) *Mirobieo* pode estar a concordar com *loco*; b) *Abrui* é um vocábulo desconhecido; c) as duas linhas seguintes não são suficientemente claras; d) não existe fórmula votiva.

2.º BM distraiu-se: a) Tarouquela é, para ele, Torruella; b) lê *Abrui* e, no comentário, fala inexplicavelmente de *Abrusus*; c) não procura interpretar a inscrição nem alude aos seus problemas, rematando vagamente que *Mirobieus* talvez seja o deus de *Mirobriga*, hipótese sem o peso de qualquer argumentação.

Trata-se, pois, de uma epígrafe que necessita de ulterior estudo: oxalá se consiga localizar dentro em breve no complexo conjunto das inscrições do Museu Nacional de Arqueologia e Etnologia.

MUNIS

(Fotos 55 e 56)

Em território português foram encontradas duas epígrafes dedicadas a *Munis*: uma em Idanha-a-Velha ou Monsanto (Museu Nacional de Arqueologia e Etnologia); outra em Chaves (Museu Municipal de Chaves).

1909 — PEREIRA, in *AP*, xiv, pp. 176-178:

A primeira lápide: «MV[N]DI(IIa?) IGAED(itanus) / BA??IA / [V·S·L·A·]». «[...] Não resisti a ler naqueles mutilados vestígios de letras a palavra, completa ou incompleta, BANDIA...» (p. 178).

1948 — CORTEZ, in *Viriatas*, I, pp. 103-104:

A segunda inscrição: «MVNIDIIM / L V VAREC / RVS·Ex VOT». «A transcrição pode justificar a seguinte leitura: MVNIDE MA(n)IVS VARECRVS Ex VOT(o)» (p. 104).

1956 — LAMBRINO, in *AP*, III, pp. 10-12:

Descrição, gravura, bibliografia, foto, resumo dos autores precedentes. Lê, justificando: *Mun[i]di Igaed(itanae) / Ba[e]bia?*... «A divindade adorada é mencionada à cabeça e é a deusa *Munis*, que não nos é desconhecida. Em Talavan [...], encontrou-se uma dedicatória assim: *Munidi Ebero-brigae Toudopalandaicae Ammaia Bouti*, etc. Aí aparece a mesma deusa e o seu nome é acompanhado por dois epítetos, sendo o primeiro geográfico [...]. A nossa dedicatória de Idanha apresenta a mesma disposição: nome divino, seguido do étnico *Igaed(itana)* ou *Igaed(itanorum)*, para especificar que é adorada como protectora da cidade. Este hábito que as cidades antigas tinham de adoptarem uma divindade de carácter geral era bastante frequente no mundo céltico, inclusive na Península». Cita, em nota, *Ataecina Turibrigensis* e prossegue, referindo que o teónimo *Munis* é celto-lusitânico, porquanto há muitos nomes de pessoas em cuja formação entra,

na Península, o tema *muno-* e *muni-* (*Munnitia*, *Munnis*) (pp. 11-12).

Lambrino ignorava, por certo, a lápide de Chaves, pois se lhe não refere.

1956 — ALMEIDA, *Egitânia*, p. 143:

Segue Lambrino e traduz: «Baebia dedica este monumento a *Munidis Igeditanae*».

1962 — BM, *RPH*, p. 83:

Epígrafe de Chaves: «MVNIDE M[AN]/IVS VAREC/RVS·EX VOTO».

Epígrafe de Idanha: «MVNIDI IGAE(ditanae) BA[E]BAI».

Escreve *Munidia*.

Observações

1.^a *O nome da deusa.* — Concordamos com a opinião de Lambrino, que o considera *Munis*, genitivo *Munidis*, dativo *Munidi*. A interpretação do Sr. D. Fernando (*Munidis*) é também aceitável; a de Blázquez, inexplicável (o dativo de *Munidia* será *Munidi*?).

2.^a *A inscrição de Chaves.* — Como se pode ver pela foto, a leitura apresentada por Russell Cortez é hipotética. Quanto ao teónimo, opinamos que se deva ler *Munidi*, a exemplo do que acontece nas epígrafes estudadas pelo Sr. Prof. Lambrino; a seguir ao nome da deusa podem estar um epíteto geográfico e o nome do dedicante ou, simplesmente, o nome do dedicante. Esta segunda hipótese afigura-se-nos mais plausível, dado que poucas mais letras há na inscrição. Na 2.^a l., «o primeiro sinal gráfico [é] muito pouco vulgar», como o

próprio Russell Cortez reconhece, e não sabemos interpretá-lo; a penúltima letra é, contudo, claramente um F, e não um E (pelo menos assim o deixa ver a foto) — abreviatura de *f(ilius)*? A última linha lê-se facilmente: RVS·EX VOT(o).

3.^a *Os atributos da divindade.* — É, com toda a verosimilhança, um nume tutelar, como *Banda* e *Arentius*, que varia de epíteto de região para região. Oxalá mais achados epigráficos venham confirmar esta interpretação, tal como aconteceu com os dois deuses citados.

NABIA

(Foto 57)

Três epígrafes se dedicaram em território português a esta deusa:

- 1.^a Roqueiro, Pedrógão Pequeno, Sertã. Museu Nacional de Arqueologia e Etnologia;
- 2.^a Baltar, Paredes, Douro Litoral. Perdida;
- 3.^a Quintal do Ídolo, Braga, Minho. Museu de D. Diogo de Sousa, em Braga.

1758 — *Memorias Parochiales* ..., t. XXVIII, fl. 690:

«CICERO / MANCI / NABIAE / L·V·5·» (AZEVEDO, in *AP*, VI, p. 105).

1861 — HÜBNER, *Noticias*, pp. 78–79:

A segunda: «CATVRO / PINTAMI / NABIAE / LIBENS / a·p· · CATVRO e PINTAMVS são nomes galegos que se lêem também em outras inscrições. Encontra-se men-

ção de um rio *Nabius* na Galiza (Ukert, p. 299) e de uma cidade Flavinavia nas Astúrias; em duas inscrições encontradas na Galiza [...] aparece também um deus *Navia*».

1869 — *CIL*, II, 2378:

Interpreta a segunda (Hübner desconhece ainda a primeira): *Caturo Pintam(i) Nabiae [I] ibens [a(nimo) p(osuit)]*.

1892 — *CIL*, II, 5623:

A primeira inscrição. Comentário: «Não são de estranhar os nomes romano do filho e peregrino o do pai». Diz terem sido encontrados outros testemunhos do culto a esta divindade e que o rio *Navea* conserva um nome vetusto.

1901 — LV, in *AP*, VI, p. 134:

Comenta a referência de 1758: «A última letra da inscrição, representada pelo algarismo 5 é evidentemente S». Traduz: «Cícero, filho de Mâncio, cumpriu de boa mente o voto a *Nabia*». «Admiro-me que Hübner, a propósito do nome *Manci*, diga no comentário 'fortasse *Manti* vel *Mantai*', e o considere como estrangeiro ('peregrinum'), quando temos aqui claramente como nome próprio de um bárbaro o cognome romano *Mancius*, que em certa época passou à classe dos gentílicos». «*Nabia* era, como creio, uma deusa aquática, provavelmente de uma fonte. Seu parente era, quanto a mim, *Tongoenabiagus*».

1905 — LV, *Rel.*, II, pp. 277-280:

Salienta que junto de ambas as povoações, onde se encontraram as lápides, passam rios. Relaciona *Nabia* com o sânscrito *nāvyā*, «curso de água», o que vem confirmar o carácter aquático que atribui à deusa. LV alude, também, ao facto de *Nabia* ser adorada em lugares distantes entre si, e explica-o afirmando que a palavra «era da língua comum», significando «água corrente»: daí a difusão do seu culto, embora — sublinha — *não se trate da mesma deusa* (p. 279).

1906 — LV, in *AP*, XI, pp. 280-284:

Diz o A. que a descoberta das lápides espanholas confirma a sua anterior opinião: «De facto, cada *Nabia* se apresenta com seu epíteto conforme o povo ou tribo em que o culto se praticava: aqui *Nabia Elaesurraeca*, adorada pelos *Elaesurraeci*; ali *Navia Sesmaca* (ou *Sesmaeca*?), adorada pelos *Sesmaci* (ou *Sesmaeci*?)» (p. 284).

1951 — LAMBRINO, in *AP*, I, p. 45:

Após ter falado nas características ctónicas de *Aturrus*, confirmadas pela existência de um rio Ador, o A. acrescenta: «Um exemplo de nome designando uma divindade e um rio nesta região é-nos oferecido pela deusa *Nabia*, adorada na Lusitânia, e o rio *Nábios*, na Galiza». Donde se pode deduzir que, para o A., *Nabia* é também uma divindade ctónica.

1952 — CORTEZ, in *Bracara*, IV, pp. 40 e 271-272:

«NABIAE / RVFINA / V S L M. A sua leitura não representa qualquer dificuldade: *Nabiae Rufina V(otum)*

S(olvit) L(ibens) M(erito), que, traduzido, significará: Da [Deusa] Nabia. Rufina cumpriu, satisfeita e de boa vontade, o voto» (p. 40).

Divindade das águas (p. 271).

«Esta divindade tópica deve ter tido uma grande expansão a avaliarmos pelos diversos topónimos que dela derivaram: Nabães ou Navais, Nabão, Nabainho, etc.» (p. 271).

1962 — BM, *RPH*, p. 178:

Primeira inscrição: «O nome do pai [Mancus] aparece nesta ara pela primeira vez. O seu derivado *Mancinus* surge também uma só vez (*CIL*, II, 3576). O nome do oferente regista-se somente noutra inscrição (*CIL*, II, 412)».

Observações

Não padece dúvida o nome da divindade. As ilações feitas pelos autores, mormente por LV, acerca do possível carácter aquático de *Nabia*, são bastante convincentes.

Frisemos, mais uma vez, que vai aumentando aos poucos o número das divindades indígenas cujo nome é adjectivado diversamente de região para região. Não serão deuses protectores, a quem sempre se recorre quando do seu apoio se necessita? Terão, uma vez por outra, características mais salientes — deuses curandeiros, deuses das culturas, etc. —, mas, no fundo, cremo-lo bem, a sua «tonalidade geral», digamos assim, é de protecção e socorro.

Sobre os antropónimos da segunda inscrição, cf. *Emerita*, xxxii, p. 238 (*Caturo*), e xxxiii, p. 118 (*Pintamus*).

NABIAGUS — ver TONGUS NABIAGUS

* NABICCA

(Fotos 91 a 93)

Este teónimo foi lido numa ara que se encontrou na Capela de Nossa Senhora do Desterro, lugar da Póvoa, freguesia de Marecos, concelho de Penafiel. A sobredita ara está no Museu de Sobral Mendes, em Penafiel.

1928 — PINHO, *A Ara de Marecos*:

«E estes estragos são quase irreparáveis, porque afectaram a maior parte das letras» (p. 8).

Estudou a inscrição em face de um decalque. Traz uma «cópia» da inscrição nas três faces, acompanhada de «notas elucidativas» das linhas duvidosas (pp. 10-14).

A sua lição: «O(ptimae) V(irginae) C(larissimae) M(atri) NABICCA(e) M(atri) D(ei) IOVI(s) VICTORINO MARI(i) F(ilio) MARCOELINEO LUCRETIO (haec ara dedicata est) IN OPOSI(t)O EI(us) (positae sunt) NIM(i)AE CORONAE RELIGIO(nibus) M(atri) NABIC(ca) N(or)VM (et) (ab) A(ulio) CNEO SALACI(anor)VM SALLINOECOS VITV-LINO (in) LVCVM OPERA(ndas) CEDAN(tur) ICONI(c)AE VA(cc)AE AGNV(s) OVE(s) E(t) A(lii) D(e)COR(es) S(ua) S(ponte) (fiunt) (a) CVRATORE VIB(io) SABINO». Que se pode traduzir: «Esta ara foi dedicada a Nabicca, Virgem Óptima, Mãe Claríssima e Mãe do Deus Júpiter por Victorino Marcelino Lucrécio, filho de Mário, diante da qual por ele foram postas muitas coroas de flores para as cerimónias religiosas dos sectários da Mãe Nabicca e pelo mesmo são dadas as vacas, o cordeiro e as ovelhas modeladas para serem sacrificadas no bosque sagrado por Aulio Cneio Vitulino da tribo dos Salinecos que faz parte dos

povos Salacianos. E as diversas ornamentações são feitas pelo curador Víbio Sabino, porque ele assim o quer» (p. 15-16).

«É, portanto, a ara de Marecos uma ara politeia em que figuram duas divindades: uma — *Nabicca* —, bárbara e até hoje desconhecida, pertencente ao panteão lusitano, outra — Júpiter [...]» (p. 16).

Não a considera deusa aquática [«(...) Jamais admiti que a cultura céltica tivesse no Entre Douro e Minho apreciável influência» (p. 19)], mas sim uma deusa-mãe: *a*) porque lhe oferecem flores; *b*) porque lhe dedicam vítimas de três espécies; *c*) devido às cerimónias no bosque (pp. 19-21).

Crê que a Capela da Senhora do Desterro foi edificada sobre o santuário a *Nabicca* (p. 22 e p. 23).

1934 — LÓPEZ, in *Arqu.*, VI, p. 306:

«A ara parece dedicada a um nume feminino chamado *Nabicca*, que foi considerado por José de Pinho como uma deusa-mãe. Parece, porque a leitura e interpretação da epígrafe precisam de ser cuidadosamente revistas».

1952 — CORTEZ, in *Bracara*, IV, p. 273:

O A. relaciona *Nabiagus* com *Nabicca*, que aventa poder estar por *Nabiaga*, ou melhor, *Nabiaca*, tendo-a como a forma feminina daquela.

Observações

Após termos lido o exaustivo artigo de Pinho e confrontado a sua engenhosa leitura com os vestígios de letras que diz ter encontrado na epígrafe — ficámos com longas dúvidas a respeito não só do texto em geral, como do próprio nome da divindade.

Aguardemos que a interpretação desta «estranha» inscrição seja revista¹. Anotemos, contudo, o antropónimo *Navica* que surge, como indica Holder, numa inscrição de Nîmes, *CIL*, XII, 3932: «D. M. Suriae Navicae».

*
* *

Numa inscrição descoberta em 1940 no Castelo de S. Jorge, em Lisboa, julgou H. G. Pflaum (in *Révue*, xxxvi, 1950, p. 251) ver o nome de uma divindade: *NEMETIUS* ou *NE-METIA*. Interpretação que o Sr. Prof. Lambrino aplaudiu (in *BEP*, xvi, 1952, p. 171), talvez porque lhe não foi dado examinar pessoalmente a lápide, que se encontra exposta na Sala de Turismo do Castelo de S. Jorge, e cuja foto apresentamos (foto 58).

¹ Essa revisão foi recentemente efectuada, cremos que muito bem, por Patrick Le Roux e A. Tranoy, em comunicação apresentada ao III Congresso Nacional de Arqueologia (Porto, Nov. 1973), sob o título «Contribution à l'Étude des Régions Rurales du Nord-Ouest Hispanique à l'Époque Romaine: Deux Inscriptions de Penafiel».

Os autores leram a inscrição da esquerda para a direita linha a linha, e não por faces, o que deu uma leitura totalmente nova e de grande interesse. Uma vez que a comunicação vai ser publicada nas *Actas do Congresso*, apenas assinalamos aqui a interpretação apresentada:

O(ptimae) V(irgini) Co(nservatrici vel rniferae) et Nim(phae) Da-nigo/m Nabiae Coronae va/cca(m) bove(m), Nabiae agnu(m), / Iovi agnum bove(m) lact(entem) ... urgo 'agnu(m), Lidae cor(nigeram vee nutam?), / ann(o) et dom(o) actum (ante diem) V(quintum) id(us) apr(iles) La/rgo et Mesallino (sic) co(n)s(ulibus), curator(ibus) / Lucretio Vitulino Lucretio Sab/ino Postumo Peregrino.

Desaparece, assim, o teónimo *Nabicca*; a *Nabia* acrescenta-se o epíteto *Corona*, curioso pela possível relação com *Coronus*, outra divindade indígena atrás estudada; e surge-nos mais um nume no panteão indígena — *Lida*.

Vieira da Silva (in *Olisipo*, n.º 11, p. 81, e, depois, in *Epigrafiologia de Olisipo*, p. 104) considerou a lápide como dedicatória, lendo também, na 1.ª l., *NEMETI[US]*, o que, supomos nós, induziu em erro H. G. Pflaum. Pois, na lápide, e a foto é, felizmente, muito clara, a seguir ao T (de *NEMET-*) vem um L ou um E, mais presumivelmente um E, de que apenas se nota o travessão inferior e metade da haste vertical: a palavra será, pois, *NEMETEVS* ou *NEMETLVS*, supomos nós.

Resumamos, pois, as razões por que não concordamos com a restituição de Pflaum:

- a) O nome da divindade apontada não está na pedra;
- b) Desconhece-se se a inscrição estará ou não completa; é provável que o não esteja;
- c) Não existe fórmula votiva: a inscrição não permite a leitura [d(e)] *s(uo) fec(it)*, apresentada por Pflaum, que, de resto, não é normalmente uma fórmula votiva, mas sim dedicatória;
- d) Vêm indicados os diversos cargos do «dedicante»: facto muito raro e que nunca aparece nas inscrições votivas que temos vindo a tratar;
- e) A pedra, embora efectivamente tenha sido muito maltratada, não sugere, na sua forma, o traçado bastante característico dos cipos votivos.

Lemos: *NEMET[EVS] / FIRMVS·AV[G] / VER VIL XX / HER[L?]·S·F·*. Interpretamos: *Nemet[eus vel Nemetlus] / Firmus Au[g(usti)] / ver(na) vil(icus) XX / her(editatium) [L? vel E?] s(uo?) f(ecit?)*.

Tanto *Nemeteus* como *Nemetlus* seriam nomes ainda desconhecidos, mas provavelmente célticos: *Nemetes* significa «os nobres», na opinião de Jubainville, aduzida por Holder (II, 708); *Nemetos* significava templo (Dauzat, *Les Noms*, p. 104).

NENEOECUS — ver **COSUS NENEOECUS**

* **NESUS CESIUS** — ver **RUNESUS CESIUS**

* **NETUS**

O culto a esta divindade estaria testemunhado numa lápide (que se perdeu) encontrada em Outubro de 1815 junto à muralha de Conímbriga da parte de leste.

1849 — CASTELO BRANCO, in *Actas das Sessões ...*, I, pp. 387-388:

[*Sacrum*] *Neto* / *Valerius Avit(us)* / [*A*] *turranus Sulpici(us)* / *de vico Baedoro* / [et] *gentis Pinton(iae stirpe oriundus, erexit)*. «A primeira palavra na 1.^a l. foi suprida, porque falta na cópia; a seguinte me indicou o que pus, e, embora ela, pela maior parte, ocupe o segundo lugar, não me parece haver defeito no recurso [...] A primeira letra da 3.^a l. é um A, porque não só a parte conservada o inculca, mas a palavra de que faz parte. [...] Fácil é, a meu ver, ler-se 'Valério Avito Aturrano Sulpício da família Pintonia e natural da aldeia de Bedoro fez esta dedicação a Neto' (p. 387). Neto é o nome espanhol dado a Marte [...] e que tinha um simulacro em Acci (Guadix na Granada), segundo escreveu Macróbio no livro I das *Saturn.*, cap. 19 ('Accitani etiam, Hispana gens, simulacrum Martis radiis ornatum maxima religione celebrant, Neton vocantes'), e outro em Iria-Flavia [...]» (p. 388).

1861 — HÜBNER, *Noticias*, pp. 58-59:

1.^a l.: *Neto*; 3.^a l.: *MTVRRANSSULPICI*. Critica a identificação com Marte.

1869 — *CIL*, II, 365:

3.^a l.: *TVRRANIVS*. «Na 1.^a l. parece ocultar-se o nome de um deus desconhecido».

1905 — *LV*, *Rel.*, II, pp. 308-309:

3.^a l.: *Aturan(i)us*. Considera possível a identificação do deus indicado com Macróbio com o «*Netos* greco-céltico = *Netus* latino» (p. 309).

«Interessante é notar que *nia* em irl. ant. [...] significa 'herói', 'guerreiro' [...] e que esta palavra vem do tema **net-* [...]. Poderão pois *Netos* (= *Netus*) e *Neto(n)* ser dois derivados desse tema. O sentido convém perfeitamente» (p. 309).

1934 — LÓPEZ, in *Arqu.*, VI, p. 335:

«[...] um nume solar chamado *Neto* [...]».

1962 — *BM*, *RPH*, p. 94:

3.^a l. *ATVRANIVS*. Deus solar. Escreve *Neto*.

Observações

O carácter votivo desta epígrafe não está, em nosso entender, suficientemente demonstrado. Caso se admita tal carácter, julgamos oportuna a relação com o texto de Macróbio. Não entendemos porque López Cuevillas considera

este um nume solar: BM segue-lhe as pisadas, mas também não dá qualquer explicação.

Aturranus (se é este o antropónimo que está na epígrafe) não é hispânico.

NUMINA LAPITEARUM

(Foto 94)

A inscrição a estes deuses encontra-se num rochedo de Panoias, Vale de Nogueiras, concelho de Vila Real, Trás-os-Montes.

1732 — ARGOTE, *Memorias*, I, pp. 345-346:

«*Diis Deabus quae ae/ternum lacum omni/busque numi-nibus / et Lapitearum cum / hoc templo sacrauit / G·C· Calp·Rufinus V·C· / in quo hostiae voto cremantur*» (p. 346). Traduz e explica a inscrição: «Gneu Caio Calpúrnio Rufino, Varão Consular, dedicou este lago eterno com este templo, em que se queimam as vítimas, aos deuses e às deusas e a todas as divindades e aos dos Lapitas. Lapitas eram uns povos da Tessália, que se denominavam assim de Lapito, filho de Apolo [...]».

1905 — LV, *Rel.*, II, pp. 187-188:

Traduz a expressão «*omnibusque numinibus et Lapitearum*» por «e a todos os poderes divinos e também (aos poderes divinos) das Lapiteas» (p. 187).

«Por *Lapitearum*, em nominativo *Lapiteae*, entendo um nome de ninfas» (p. 187).

1913 — LV, *Rel.*, III, pp. 465-474:

«[...] Se *numinibus* estiver, porém, em sentido concreto, por 'divindades', então *Lapiteae* é nome de povo [...], isto é, *Lapitearum*, dos Lapíteas»; cf. *Lapatia*, nome de um cabo nos Calaicos Lucenses, em Ptol., II, VI, 4.

1934 — LÓPEZ, in *Arqu.*, VI, pp. 328-329:

«O segundo consagra-se aos deuses e às deusas, a todos os numes em geral e muito possivelmente a umas divindades indígenas, ninfas ou génios, chamados *Lapiteas*» (pp. 326-327).

«Existiria ali um santuário indígena? Seriam seus patronos os *Lapiteas* [...] ? Julgamos que há certos motivos para responder de modo afirmativo a estas perguntas» (pp. 328-329).

Considera-os deuses das penedias, tidas como portadoras de saúde (p. 329).

1953 — LAMBRINO, in *BEP*, XVII, pp. 93-129:

Resume as anteriores opiniões (pp. 109, 120-121). «Cremos, portanto, que a inscrição nos dá a conhecer *Nymphae* ou *Matres Lapiteae* locais, como há outros exemplos na Península» (p. 121).

1956 — GARCÍA, in *BRAH*, CXXXIX, pp. 331-332:

«A leitura não apresenta dificuldade de maior e é verificável ainda hoje [...]. Coincide perfeitamente com a de Argote. Contudo, este acrescenta no fim da 6.ª l. as siglas VC [...], que, não sabemos por que razão, foram suprimidas

nas transcrições de Leite, Russell e Lambrino. Evidentemente que estas siglas, que se teriam de interpretar como *v(oti) c(ompos)*, embaraçam a tradução [...]. Não tendo feito uma autópsia, concordamos com a transcrição dos que viram a epígrafe (Leite e Russell) ainda que silenciem as razões dessa supressão» (p. 331).

Traduz: «Gnaeus Caius Calpurnius Rufinus consagrou aos deuses e deusas e a todos os numes dos Lapíteas o lago eterno (juntamente) com este templo. (Cumpriu os votos) no lugar onde as vítimas prometidas se queimam» (pp. 331-332).

Versão proposta «com todas as reservas do caso» (p. 331).

«[...] a 'todos os númens' (entre eles aos dos *lapiteae* indígenas)» (p. 338).

1957 — BM, in *AEArq*, xxx, p. 63:

«*Lapiteae* [...] são, provavelmente, as ninfas do lago sagrado de que fala a lápide. O nome está formado sobre um topónimo, *Lapitea [sic]*, que, segundo Ptolomeu, é um cabo da Galiza».

Observações

É dubitativa, quanto a nós, a inclusão desta epígrafe num trabalho sobre divindades indígenas. Primeiro, porque o texto não é suficientemente esclarecedor, depois, porque nos inclinamos a interpretá-lo como ... *omnibusque numinibus et (numinibus) Lapitearum*, o que significa, em nosso entender, que «consagrou um *aeternum lacum* a todos os deuses e aos deuses protectores dos Lapíteas de um modo especial».

A nossa hesitação reside justamente aqui: poder-se-ão considerar os Lapíteas povos indígenas? Em caso afirmativo, os seus *numina* têm, aqui, o seu lugar reservado; senão, teremos de excluí-los. Ora acontece precisamente que os La-

píteas se podem filiar — com muita probabilidade — nos *Lapithae* da Tessália; seriam, portanto, não autóctones ou pelo menos, não pertencentes a um estrato étnico suficientemente recuado para os considerarmos indígenas. De resto, tal hipótese encontra apoio no facto de haver na mesma «cidade» de Panoias uma inscrição em grego.

O assunto é, porém, controverso; preferimos abordá-lo somente porque a nossa opinião pode evidentemente estar menos certa e por o Sr. Prof. Lambrino — não muito explícito neste ponto — falar (como vimos) de *Matres* ou *Nymphae Lapiteae locais*.

NYMPHAE GASTAECAE — ver CASTAECAE

NYMPHAE FIDUENEAE — ver *COSUNEA

NYMPHAE LUPIANAE — ver LUPIANAE

OCAERA

(Foto 58-A)

Foi dedicada a esta divindade uma inscrição feita numa pedra quadrangular, parecendo base de estátua, encontrada em 1742 na Igreja Matriz de S. João do Campo, concelho de Terras de Bouro. A lápide é propriedade do Dr. Manuel Braga da Cruz, em cuja residência está (em Braga).

1744 — ARGOTE, *Memórias*, III, pp. XX-XXI:

«ANICIV/S·ARQVLI / VOTVM / LIBENS / OC·
AERE / SOLVIT. Parece querer dizer: Anicio Arquilio
cumpru o voto, que tinha prometido de boa vontade, em
dinheiro».

1861 — HÜBNER, *Noticias*, p. 69:

2.^a l.: ARQVII; 5.^a l.: OCAERE.

1869 — *CIL*, II, 2458:

«Em OCAERE parece estar latente o nome de algum deus desconhecido, conquanto se encontre colocado em meio da fórmula votiva de um modo bastante desusado». No índice, escreve: **Ocaere deus*?

1905 — LV, *Rel.*, II, p. 334:

Transcreve Hübner, sem comentários. 2.^a l.: ARQUI-F.

1934 — LÓPEZ, in *Arqu.*, VI, p. 355:

Deus de natureza indeterminada.

1962 — BM, *RPH*, p. 214:

Divindade de carácter desconhecido. Leitura de LV. «O nome do dedicante [Anicius] é a primeira vez que se recolhe em inscrições hispânicas, o do pai [Arquius] é mais conhecido [...] O nome da divindade termina na forma popular do dativo».

Observações

Nada de seguro poderemos concluir sobre os atributos desta divindade. A reconstituição feita por Hübner e corrigida por LV parece-nos plausível. Nesse pé, a inscrição

quereria dizer: «Anício, filho de Árquio, cumpriu de boa vontade a promessa feita a Ocaera».

Para os antropónimos, consultar *Emerita*, xxxii, p. 220 (*Anicius*) e p. 225 (*Arquius*)¹.

OCRIMIRA

(Foto 59)

A ara de granito dedicada a esta divindade foi encontrada em Aramenha, Marvão. Guarda-se no Museu de Marvão.

1947 — JALHAY, in *Brotéria*, XLV, pp. 621-622:

«OCRIMIR/AE·SAC(rum) / IVLIA A/TVRISCA / A(nimo)·L(ibens)·V(otum)·S(olvit)». Traduz: «Consagração a Ocrimira. Júlia Aturisca cumpriu gostosamente a promessa que fizera» (p. 622).

«O nome da divindade [...] é Ocrimira [...]. Trata-se, por conseguinte, segundo creio, de uma divindade feminina, inteiramente inédita [...]» (pp. 621-622).

«Tanto a designação da deusa como o cognome da dedicante parecem indicar procedência oriental, possivelmente grega. Com efeito, Ocrimira poderia assentar no radical OCRO- (OCRAO=empalidecer, OCROMA, -ATOS=palidade), de que deriva a nossa palavra «ocre»; e Aturisca no

¹ Na RG, LXXXII, 1972, pp. 105-108, M. Braga da Cruz publicou esta inscrição, com a foto, que gentilmente nos cedeu para esta publicação. A leitura é clara, com excepção da 2.ª l., onde B. da Cruz leu ARQVLI (filho de *Arquilius*); o esboroado da pedra impede-nos de precisar a última letra; contudo, o L está claríssimo (erro do lapicida?).

étimo *TURISKOS*, -OU, diminutivo de *TURÓS*, -OU = «queijo» (p. 622).

«O cognome *Aturisca* é desconhecido» (p. 622).

1958 — LAMBRINO, in *I Congresso* . . . , pp. 488-491:

Considera que *Aturisca* deriva do tema *Atur-*, o rio Adour. Quanto a *Ocrimira*, tece várias considerações linguísticas, concluindo: «Parece-nos, portanto, que o tema *Ocri* [...] não é germânico, mas céltico [...] Notemos, aliás, que o sentido de 'frio' atribuído a este tema convém perfeitamente a um promontório batido pelos ventos do oceano, bem como a *Ocrimira*, que, nessa hipótese, seria a deusa tutelar de uma *ribeira fria*» (p. 491).

Lambrino concordara na atribuição do sentido de «curso de água» ao tema *miro-* (cf. **Mirobieus*).

Observações

Esta divindade — que escapou ao inventário de BM — reputamo-la bem estudada tanto no que respeita ao nome (que não oferece dúvidas) como aos seus atributos. «Nada de especial se me ocorre de *Ocrimira*, salvo señalar da abundancia del sufijo *-irus*, *-ira* en los nombres personales, sobre todo en Lusitania. No creo que tenga relación con *Ogrigenus*, nombre de un soldado astur o galaico en Germania, o con *ogris*, de Peñalba de Villastar. Pero tampoco es imposible este parentesco» (M.^a L. Albertos, carta de 3-XI-1969).

* PAISICAICUS

(Foto 60)

Este nome está gravado num penedo nas Corgas Roçadas, perto de As Torres, entre Covas e Vermilhas (serra do Caramulo), Vouzela.

«[...] Inscrição dedicada a PAISICAICUS, que certamente se refere a uma divindade pagã nestes sítios venerada».

Observações

Holder (II, 922) regista *Pais-ula*, cidade dos Turdetanos na Hispânia Bética (Ptol., 2, 4, 10).

Será esta uma epígrafe votiva? Dedicada a que divindade? *Paisicaicus*? *Paisis Caicus* (dativo: *Paisi Caico*)? Difícil será dizê-lo. *Caicus* é um rio da Mísia e o nome de um dos companheiros de Eneias. Mas haverá qualquer relação entre estes elementos?

Acinus — vocábulo que aparece no fim da inscrição — é antropónimo hispânico, que surge uma outra vez (cf. *Emerita*, xxxii, p. 214).

* PEINTICI

(Foto 95)

A epígrafe onde parece estar o teónimo **Peintici* encontra-se num rochedo no Castro dos Três Rios, entre Fail, concelho de Viseu, e Parada de Gonta, concelho de Tondela.

Lê: «L(ucius) Manlius D(eci) F(ilius) Tr(ibu) Aemilia Tureius a(nimo) l(ibens) m(erito) v(otum) s(olvit) Reinticis (vel Reinaticis)». Traduz: «Tureius! Lúcio Mânlio, filho de Décio, da tribo Emília, cumpriu com grande satisfação o merecido voto de Reinato» (p. 400). Considera *Tureius* «mais um deus castrejo».

Data o texto da «última fase da época republicana». Divide a epígrafe em dois textos — A e B. Só nos interessa o primeiro, que o A. desenvolve da seguinte forma (após longas explicações sobre cada um dos caracteres): *L(ucius) Manlius D(ecimi) f(ilius) tr(ibu) Aemilia / A(nimo) l(ibens) m(erito) v(otum) s(olvit) (diis) Peinticis*. Sobre o teónimo esclarece: «No nosso caso, falta o nome genérico, de modo que não podemos reconhecer directamente a índole destes deuses; e, dado que não tornam a aparecer noutros textos, temos de recorrer à etimologia em busca de indícios que revelem algo sobre a natureza dos (ou das) Peintici (-ae). O primeiro elemento do nome relaciona-se evidentemente com alguns antropónimos do Noroeste hispânico: *Pentius*, *Pintius*, *Pentovius*, *Pentilus*, *Pintamus*, etc.; o nosso epíteto pode ser derivado de **Peintius* [...]» (p. 12).

«Talvez seja lícito supor que o adjectivo derivado com o sufixo -ico- de um nome pessoal podia empregar-se tanto para a designação da gentilidade quanto como epíteto da divindade protectora desta [...]. Nesse caso, o Castro dos Três Rios seria o centro religioso (e talvez também político) de uma família ou um clã que pôde tomar o seu nome de um fundador **Peintius*. Não é o único teónimo hispânico que parece formado à base de um nome de pessoa» (p. 12). O A. aponta o caso de *Arantius Tanginiciaecus* e *Nabia Elaesurraeca*.

Poderia ser também este teónimo derivado de um numeral, explica Untermann, mas tem essa hipótese por muito atrevida. *Tureius* é antropónimo conhecido.

Observações

O trabalho de Untermann diz bem do estado actual do problema.

PICIUS

(Foto 61)

A ara a esta divindade foi encontrada na Igreja de S. Pedro da Lourosa, Oliveira do Hospital. Em Maio de 1966 estava no adro da igreja, desapareceu mais tarde, segundo amavelmente nos informou o Sr. D. Fernando de Almeida (com base numa indicação de Russell Cortez).

1957 — CORTEZ, in *Viriatis*, 1, pp. 52-54:

«A leitura deste texto jamais foi feita. Ela é objecto desta nota [...]» (p. 53).

Lê: «'ARCO MAVCI / F·PICIO / VL·SM', que pode completar-se como referindo: 'ARCO MAVCI F(ilio) PICIO V(otum) L(ibens) S(olvit) M(erito)'. Memora-nos, pois, o cumprimento do voto prometido a *Picio* por Arco, que era filho de Mauci» (p. 53).

Notemos, desde já, dois ligeiros lapsos de R. Cortez: *F(ilio)*, em vez de *F(ilius)*; «filho de Mauci», em vez de «filho de Maucus». Cortez refere, depois, a ara dedicada a **Rannelpicius*, lendo *Animus* por *Amminus*. Considera a possibilidade de ser *Rannel* «uma diferença tópica dada à divindade *Picius*» (p. 54).

1962 — BM, *RPH*, p. 215:

«Esta divindade indígena conta com duas aras a ela consagradas». Depois, BM fala apenas da de S. Pedro da Lourosa. «O nome do dedicante [Arco] é corrente na Península [...]. O nome do pai, ao invés, é a primeira vez que aparece». Divindade de carácter desconhecido.

Observações

Numa tentativa de esclarecer o sentido deste teónimo obtivemos apenas os seguintes — e duvidosos — pontos de referência:

1874 — GUSMÃO, in *BAA*, n.º 3, p. 45: Descrição de uma medalha romana de prata encontrada «nas ruínas da antiga Medobriga (Aramenha), adjacente à vila de Marvão, concelho de Portalegre, quando se construiu a estrada [. . .]»: «PITIO. Cabeça de Palas à direita com o capacete alado; adiante X·Rc·L·SEMP·Roma. Os Dioscures a cavalo marchando à direita».

1904 — HOLDER, II, 987: PICIO, nome de cidade «in Albiensi territorio».

No dicionário de Daremberg há um artigo sobre *Picus*, génio campestre relacionado com Marte, casamenteiro e estercorário.

Díficeis, portanto, quaisquer conclusões plausíveis.

Vide infra «* *Rannelpicius*».

Sobre *Arco*, cf. *Emerita*, xxxii, p. 223; sobre *Maucus* (*ibid.*, xxxiii, p. 113), nada acrescenta.

*** PONGOENABIAGUS — ver * TONGUS
NABIAGUS**

*** PTARNEUS — ver * CARNEUS**

*** RANNELPICIUS**

(Foto 62 e 62A)

A inscrição votiva a * *Rannelpicius* foi encontrada no altar da antiga Capela de S. João Baptista, Vilar de Mó (Belver, Gavião). Está no Museu Municipal de Mação.

3.^a l.: «A primeira letra aparenta ser um R e a segunda um A. Seguem-se-lhes as letras NNEL, bem claras». «Lê-se sem dificuldade PICIO, que certamente se liga com o que está na linha anterior. Parece, portanto, que a ara é consagrada a *Rannelpicio*, dativo, por sua vez, de *Rannelpicius*. Que divindade será esta? Não a encontramos nos índices do *CIL*, nem em qualquer outra parte» (p. 232).

Interpreta: AMMINVS / TALTICI (filius) / RANNEL / PICIO / D(edit) V(otum) L(ibens) [m(erito)]. Traduz: «Amino, filho de Táltico, cumpriu contente um voto feito a *Rannelpicius*». *Amminus* «um *nomen* já conhecido [...]» (p. 231), «deriva do céltico [...]» (p. 232).

«A fórmula da dedicatória é um pouco original, e não me lembro de a ter lido noutras epígrafes do País» (p. 233).

1965 — ALBERTOS, in *Emerita*, xxxiii, p. 138:

Referência. Traz *Minus* em vez de *Amminus*. Bibliografia sobre *Talticus*.

Observações

BM, como já vimos, não tratou desta epígrafe, certamente por distração, pois se encontra referida no artigo de Cortez.

O único problema da lápide é o vocábulo (?) *Rannel*: que significado terá? Será um epíteto da divindade *Picius*? Incliná-nos-íamos de pronto para esta hipótese se *Rannel* não apresentasse tão estranha forma em nada passível de ser interpretada como um normal e desejável dativo.

* REMETES

(Foto 96)

Expõe-se no Museu Monográfico da Conímbriga uma pedra com inscrição, que foi encontrada em Conímbriga (1936).

1944 — CORREIA, *Catálogo*, n.º 11:

«Inscrição dedicatória [...] com a inscrição em três linhas: REMETIBVS / AVG. A última linha da inscrição mostra sinais de martelamento das suas oito letras».

1960 — RODRIGUES, in *Humanitas*, VIII-IX, p. 128:

«Seria Calígula o nome do imperador picado?».

Observações

Observámos a lápide. A inscrição lê-se com facilidade: os caracteres são regulares e bem desenhados; o T e o I formam nexos; o S inscreve-se dentro do V. A parte inferior da inscrição foi martelada: teria efectivamente umas oito letras, mais pequenas e menos profundamente gravadas que as anteriores — o que nos faz pensar em aditamento posterior.

Holder, Daremberg e os vários dicionários latinos que compulsámos não registam qualquer vocábulo semelhante a *Remetibus*.

Uma hipótese de leitura pode ser: *Remetibus Aug(ustis)* —, querendo, então, significar aos *Augustos (deuses) Remetes*,

caso *Remetibus* seja um dativo plural como à primeira vista a terminação *-ibus* nos parece dar a entender. *Aug.* pode ser também a abreviatura de *Augustus* ou *Augurinus* o nome do dedicante. Ou ainda *Aug(usti)*, de Augusto.

Inclinamo-nos a não ver a lápide como sendo votiva, até porque é paralelepipédica, de faces totalmente lisas, forma mais condizente com uma inscrição dedicatória.

Quisemos, no entanto, saber qual era a tal respeito a opinião da Sr.^a Dr.^a Adília Alarcão, directora do sobredito Museu, que amavelmente nos prestou o seguinte esclarecimento:

A ara REMETIBVS AUG nunca foi objecto de estudo detalhado. O Prof. Lambrino, entre outros, sugeriu *oralmente* que se tratasse de uma divindade.

* REVA LANGANITAECUS

(Fotos 63 e 64)

Duas lápides se dedicaram a esta divindade: uma, proveniente de Medelim, Idanha-a-Velha; outra, de Proença-a-Velha, concelho de Idanha-a-Nova. Ambas se guardam no Museu Nacional de Arqueologia e Etnologia.

1905 — LV, *Rel.*, II, p. 323:

«*Rectus / Rufi f(ilius) / Reve/langa/nidaei/gui v(otum) s(olvit)*».

«*Recto*, filho de Rufo, cumpriu o voto a *Revelanganidaeguis (?)*».

«E teremos nós em *Revelanganidaegui*- um único nome ou mais de um? [...]. A terminação *-is* não seria única [...].»

Dá notícia da segunda ara, que considera posterior, no tempo, relativamente à primeira, atribuindo-lhe «o carácter de uma modificação determinada por intervenção do idioma dos conquistadores» (p. 189).

Alude aos problemas que a restituição desta segunda ara traz (nomeadamente quanto ao significado da expressão «*hostia deliganda*», que analisa e que traduz por «uma vítima que havia de ser atada ou ligada» (p. 192) e conclui pela seguinte interpretação:

[DEO RE]VELANGANITAECO / [V·SOLVI]T HOSTIA DELIGANDA / [L]VCANVS ADIEI·F· (p. 193).

Aponta outras hipóteses para a 2.^a l. (p. 194).

«* *Adieius* termo inédito» (p. 195).

[Re]velanganitaeco / [es]t hostia deliganda. / [L]ucanus, Adiei f(i)lius). «Ou em português: 'Deve ser ligada (pelo vitimário, para ser imolada) uma vítima a(o) deus *Revelanganitaecus*. (Assim o promete) Lucano, filho de Adieio ou Adieio'» (p. 210).

«Em vista disto, a transcrição do nominativo *Revelanganidaegui* será, não *Revelanganidaeguis*, como, embora com ? admiti [...], mas *Revelanganidaeguis*; fica verdadeiramente paralelo a *Revelanganitaecus*». «É curioso que seja a inscrição mais antiga, isto é, a do século I, a que contém a desinência alatinada e seja outra, isto é, a que me parece do século II, a que contém a desinência ibérica. Vê-se que uma desinência pertencia à língua de uma tribo e a outra à de outra — embora tribos vizinhas, mas cada uma com o seu grau de romanização [...] (p. 213).

«[...] O dedicante é um igeditano romanizado, como se vê do seu nome latino, comparado ao nome bárbaro do pai» (p. 213).

1914 — FITA, in *BRAH*, LXIV, p. 311:

Considera possível a decomposição do teónimo em dois elementos: *Reve Langanidaegui* e [Re]ve *Langanitaeco*. «O deus *Reva* não só foi adorado próximo do rio Pensul, em Idanha, como também junto do Minho na Galiza. Provam-no duas inscrições que expus no t. LVIII do *BRAH*, pp. 512-514, notando a sua relação com o rio *Areva*, que deu o seu nome aos Arevacos celtiberos e talvez aos Aravi, vizinhos dos Igeditanos».

1917 — LV, in *AP*, XXII pp. 318-319:

Comentário ao artigo de F. Fita: «Esta decomposição é, porém, incompreensível, pois, dizendo o Sr. Fita [...] que *Reve* [...] é o dativo de *Reva*, nome feminino («la diosa *Reva* ou *Reua*»), como é que na inscrição igeditana faz concordar com esta palavra outra do masculino, visto que o suposto *Langanitaeco* termina em *-aeco*? O Sr. Fidel Fita não hesita [...] em comparar a *Reve* galega com o latim *rivus* e o francês *rivière*, quando é evidente que estas palavras nada têm com aquela: em *rivus* o *i* é longo, ao passo que em *Reve* temos *e*; o francês *rivière* vem de *riparia* que deriva de *ripa*».

1934 — LÓPEZ, in *Arqu.*, VI, p. 320:

O teónimo *Revelanganitaecus* é «parecido» com *Reva*, divindade fluvial.

1950 — TOVAR, in *Misc.*, pp. 189-190:

Exemplo de nome composto. Importância da comparação das duas formas do teónimo para determinar a evolução linguística.

1956 — ALMEIDA, *Egitânia*, pp. 149-150:

Leituras como LV, excepto no início da 2.^a l. da segunda inscrição, onde lê: «. . .t». Traduz, assim, esta epígrafe: «Lucano, filho de Adieo, sacrifica ao deus Revelanganitaeco um animal destinado a ser ligado durante a imolação» (p. 150).

1957 — BM, in *AEArq.*, xxx, p. 64:

«*Revelanganidaeigus* (Idanha) e *Revelanganitaeca* [sic] (Proença) são a mesma divindade, com variante surda e sonora, em que, por entrar a palavra *Reva*, provavelmente são deuses aquáticos [sic]».

1962 — BM, *RPH*, pp. 185-187:

Divindade aquática. Considera separadamente as duas lápides. «O nome da divindade é, provavelmente, um composto impróprio. Tovar, no entanto, não o inclui neste grupo. Parece que ambos os elementos se declinam. O primeiro, que é o nome propriamente dito, aparece isolado como nome de divindade na ara do Mosteiro da Ribeira. Termina pelo sufixo *-aegus* [. . .]. Noutra inscrição de Proença, dedicada igualmente a *Reua*, o epíteto termina na forma surda *-aecus* [. . .]. O nome do deus termina em dativo pré-céltico» (p. 186).

Considera «mais natural e aceitável» a leitura feita por LV à lápide de Proença. Falando de *Revelanganitaecus*, diz: «Talvez esta divindade, como a anterior [que era *Revelanganidaeigus*], fosse aquática; é o que parece deduzir-se da presença da palavra *Reua*» (p. 187).

É bastante confusa a opinião de BM: ora diz que a inscrição de Proença é «dedicada igualmente a *Reua*» (p. 186), ora fala em *três divindades*. Já em 1957, Blázquez se contradissera ao afirmar que as duas aras tratam de uma *mesma divindade*, opinando logo a seguir, precisamente na mesma frase, que se tratava de *deuses aquáticos* (plural, quanto a nós, inexplicável).

Observações

Não é, talvez, completamente desprezável a hipótese de Fita em relação à interpretação do teónimo *Revelanganitaecus*. São dois os argumentos contrários apresentados por LV (1917): um, respeita à interpretação filológica (digamos assim) do teónimo; outro, concerne à interpretação etimológica. Este último é aceitável — pelo menos não dispomos de conhecimentos bastantes para o rebater. Quanto ao primeiro, cremo-lo um tanto frágil: LV aduz contra Fidel o facto de *Reva* ser uma divindade feminina e *Revelanganitaecus* ser, com toda a verosimilhança, masculino. Fidel Fita contradisse-se, não há dúvida; contudo, ao que nos parece, nada impede que *Reva* seja uma divindade masculina. Também o deus *Banda*, em nossa opinião, tanto na sua forma **Banda* como na de **Bandua*, tem um dativo em -e e apresenta-se acompanhado de epítetos com desinências masculinas.

Sendo esta a única objecção de LV à decomposição do teónimo, cremos provável tal decomposição, considerando **Langanitaecus* (**Langanidaeigus*) um possível epíteto do deus *Reva* (divindade que pode ter ou não carácter aquático, tendo em conta as observações linguísticas de LV).

Cortez (in *Viriatis*, I, p. 104) refere uma lápide proveniente de Campo da Roda (Chaves), onde se lê apenas «REVA». Não sabemos até que ponto tal epígrafe, cujas outras palavras deduzimos não estarem legíveis ou terem desaparecido, poderá documentar um culto à divindade *Reva* também em território português, até porque, segundo nos informaram da Câmara Municipal de Chaves, a inscrição não se encontra no Museu, como Cortez afirmara.

* RUNESUS CESIUS

(Foto 97)

Dos arredores da cidade de Évora recolheu ao Museu Arqueológico uma lápide onde estaria gravado este teónimo. Percorremos todas as dependências do sobredito museu eborense, acompanhados pelo seu guarda, e não conseguimos encontrar tal lápide. Por duas vezes tentámos contactar, em vão, com o Sr. Conservador, numa derradeira tentativa de localizarmos a epígrafe. Vim a encontrá-la, bastante mais tarde no Seminário Maior de Évora.

1899 — LV, in *AP*, v, pp. 330-334:

Lê e comenta: «É difícil dizer se *Cesius* é um epíteto ou se pertence propriamente ao nome, que, neste caso, seria composto [...]. O nome *Runesus* parece-me céltico: formado do tema *Run-*, que se encontra [...] no irlandês *run*, que significa 'mistério' [...]. Segundo esta explicação, o nome do deus significaria qualquer coisa como o *misterioso*. Quanto a *Cesius*, afirma poder estar por *Gaesius* «derivado da palavra céltica que, em latim, tem a forma *gaesum* e, em grego, *GAÏSOS*; como esta palavra significa 'dardo', o adjetivo *Gaesius* significaria *armado de dardo*. *Runesus Caesius* seria, portanto, um *deus armado de dardo*» (p. 333).

1903 — BARATA, *Catálogo*, p. 80, n.º 213:

«Memória votiva consagrada ao deus lusitano *Neso Cesio*».

1905 — LV, *Rel.*, II, pp. 302-304:

Interessa-nos somente a parte referente à leitura, porque LV mantém as suas opiniões quanto à interpretação do teónimo.

«*Sancto Runescceio (vel Runeso Cesio) sacru(m)· G(aius) Lic(inius) Quin(c)tinu(s) Bals(ensis)*».

«Prefiro ler *Bals(ensis)* a ler *B(otum)=V(otum) a(nimo) l(ibens) s(olvit)*. Por *Balsensis* entenda-se 'natural de Balsa' [...]» (p. 303).

Parece-lhe «muito provável que o nome do deus seja realmente composto de *Runesus+Cesius*, isto é: *Runesocesius*, estando o primeiro elemento reduzido ao tema, como é de uso nos nomes desta espécie. Este nome tem carácter adjectival [...]» (p. 304).

1913 — LV, *Rel.*, III, pp. 219-220:

Opta pela designação binária: *Runesus Caesius*.

1962 — BM, *RPH*, pp. 123-124:

Lê: SANCTO·R/VNESO/CESIO / SACRV(m) / G(aius) LIC(inius) / QVINT/CINV(s) / BALS(ensis).

Refere as considerações de LV acerca do teónimo e comenta: «Esta interpretação provavelmente não é aceitável. O carácter deste deus é, na realidade, desconhecido» (p. 124).

Apresenta a seguinte leitura, que reputamos importante para ajuizar da validade da interpretação de LV:

SANCTA / ... NESO / ... CESIO / SACRV / G...
LIC... / QVINT / CIAV / BALS...

Observações

Como vemos, a leitura da epígrafe oferece dúvidas que estão longe de solução, nomeadamente no que concerne ao nome do deus.

Nada poderemos, pois, acrescentar de positivo, a não ser o facto de que a reunião das opiniões, que elaborámos, nos induz seriamente a pensar que talvez nem tudo fosse tão fácil como LV propôs em 1899. Interpretações dos atributos do deus e do respectivo nome (que é incerto) são, consequentemente, hipotéticas, até que o reaparecimento da ara traga mais luz ao problema.

* SAURIUM

(Foto 65)

A inscrição onde supomos gravado este teónimo contém-se numa pátera de prata, aparecida junto do Castro de Alvalrelhos, em terrenos da Quinta do Paço, Carriça, concelho da Maia. Está na secção de ourivesaria do Museu Nacional de Arqueologia e Etnologia.

1861 — HÜBNER, *Noticias*, p. 69:

«Está nela representado um guerreiro barbado, em pé, sustentando o elmo, o escudo e a lança, lendo-se ao redor

a seguinte inscrição em caracteres que parecem do tempo de Augusto, os quais, bem como algumas partes da representação alegórica, são incrustados em ouro:

L·SAVR·V·S·L·M·// S·ARQVI·CIM

A inscrição lê-se distintamente; na primeira cópia que me deu o Sr. Soromenho faltava unicamente o ponto, já algum tanto apagado, que se vê entre S e ARQVI. O princípio da inscrição parece indicado à direita, na parte superior, junto à cabeça do guerreiro, pela falta do ponto depois de CIM; aparecendo este, aliás, como separação de todas as outras palavras. A fórmula da dedicatória, que é conhecida, faz conjecturar que o guerreiro representa o deus a quem era destinada a sagrada oferenda. Como explicação posso, todavia, citar algumas inscrições em que o termo ARQVIVS parece ser empregado como nome».

1869 — CIL, II, 2373:

Confessa que a falta do ponto em CIM pode ter ocorrido por acaso, e, por isso, lê de outra forma, mas também dubitativamente:

S(extus) Arqu(ius) Cim[bri?] l(ibertus) Saur... v(otum) s(olvit) m(erito).

Não consegue explicar o peregrino nome do deus. A leitura *Cimbri l(ibertus)* foi-lhe proposta — bem, segundo pensa — por Mommsen. Este teria dito que *Saur...* seria o cognome de *S·Arqui(us)*. Hübner discorda, porque não lhe parece possível faltar em tal «título» o nome do deus.

1904 — HOLDER, II, 1383:

«*Saur... iberisch?*» e transcreve Hübner.

1905 — LV, *Rel.*, II, pp. 310-312:

«A inscrição é difícil de interpretar, pois que, se por um lado na primeira parte há *Arqui*, que pode parecer nome de divindade [«vindo S a ser *S(acrum)* ou *s(ancto)*», diz LV em nota], por outro lado a palavra *Arquius* ocorre várias vezes nas inscrições como *cognomen* [«Todavia notarei que há muitos nomes de pessoas que provêm de nomes de divindades», acrescenta em nota]; e porque, se na segunda pode *Saur*, também parecer nome de divindade, como Hübner suspeitava, são, porém, conhecidos *Saurius*, *Saurus*, *Sauro*. O elemento *Cim.* é igualmente um enigma». Só é clara a cláusula (p. 311).

Crê que a figura é a representação da divindade: «Os seus atributos mostram que ela era guerreira» (p. 311).

1962 — BM, *RPH*, pp. 124-125:

«Provavelmente é uma representação de Marte, já que não são raras na Península as imagens de divindades indígenas» (p. 124). (BM não quereria dizer que são raras tais imagens?)

«O nome da divindade é *Saur*... sem poder concretizar a terminação nem a etimologia» (p. 125).

Observações

Cremos não ser possível duvidar da leitura hübneriana, porquanto, ele próprio o diz, «a inscrição lê-se distintamente» e a própria fotocópia da gravura claramente nos elucida.

Também nos parece fácil de aceitar: primeiro, que se trata de uma inscrição votiva (devido à fórmula consagrada) e, em segundo lugar, que, num ex-voto de tão grande valor material, o nome da divindade teria de vir expresso.

A interpretação é, porém, um tanto difícil porque não sabemos ao certo o valor das siglas *Cim*, *L* e *Saur*. É, no entanto, verosímil a hipótese de Hübner-Mommsen. *Arqui* por *Arqui(i)* aparece muito em inscrições peninsulares: *CIL*, II, 377, 632, 2433, 2458 e 2834, nomeadamente. Holder (I, 1016) refere a existência de um *Cimber gallus cives*.

Que diremos, pois, da divindade? *Saur* será o nome completo ou uma abreviatura? Os autores citados, na esteira de Hübner, optaram pela segunda hipótese, sem, contudo, se aventurarem a explicar mais nada.

Aconteceu-nos, todavia, que ao folhear a *História e Memórias da Academia Real das Sciencias*, de 1851, lemos uma comunicação de Castelo Branco onde se faziam estas reflexões:

«Mela [...] foi o primeiro que deu notícia de *Saurium* na Península, falando de um rio dos *Cantabros e Silenos* (*De Situ Orbis*, liv. 3, cap. 1). Todos aceitaram a lição, mas apenas estiveram de acordo em o fazer desaguar no oceano pela costa do Norte» (p. 49).

«*Sauria* é o nome com que os Romanos significavam a arma do caçador: e, sendo preciso um monumento da vitória no país conquistado, um de seus rios adquiriu então o nome de *Saurium* [...]» (p. 50).

«O *Saurium* corre entre o *Nanza* e o *Pas* (Negaucesia), na região cantábrica [...]» (p. 50).

«A povoação *Saurium*, nas margens setentrionais do rio Anços, onde já a vimos desde o século XI, foi levantada junto a um castelo, cuja tradição era de *tempos antigos*, no meado do século XII, por grande número de homens chamados *Saurenses*, que lhe deram seu nome [...]» (p. 51).

Pensámos, pois, que seria esta uma pista de trabalho: *Saur* poderia estar por *Saur(io)*: ao deus *Saurio*. Até porque a noção de *Saurium*, rio divinizado, «monumento da vitória no país conquistado» (segundo Castelo Branco), se coaduna perfeitamente com a imagem de guerreiro romano representada na pátera. Os argumentos de ordem geográfica, que certamente nos são desfavoráveis — o rio *Soure* não corre no Entre Douro e Minho, é um afluente da margem esquerda do Mondego, na Beira Litoral —, talvez se pudessem rebater, admitindo o contacto cultural. Ousando mais, poderíamos mesmo supor uma batalha particularmente difícil contra os indígenas, em que o escravo *Sextus*, por intercessão do seu deus, se notabilizara e obtivera a liberdade. Mas isto é entrar demasiado no campo da fantasia e não dispomos de elementos suficientes para confirmar as asserções de Castelo Branco.

Decidimos, no entanto, apresentar a nossa ideia ao Sr. Prof. Tovar, que nos respondeu (10-IX-1969): «Puede tenga V. razón en lo de *Sauria* — pero Ptolomeo cita con casi este nombre (SAOIA) una ciudad de los Arevacos (que yo he propuesto con alguna duda como forma de Soria). Podría ser muy bien un hidrónimo». Mandámos, então, ao Sr. Prof. Tovar o restante da citação em que Castelo Branco faz referência a Mela e notámos a existência do rio Soure, de Soure e do topónimo Ponte de Sor como possíveis confirmações da hipótese que nos ocorrera.

TABUDICUS

(Foto 65A)

A inscrição votiva a este deus foi encontrada em Murte, Cantanhede, no ano de 1957, próximo da igreja matriz. É propriedade do Instituto de Arqueologia da Faculdade de Letras de Coimbra.

«Ao cimo apresenta a seguinte inscrição em caracteres perfeitamente nítidos: TABVDICO / C·FABIVS·VIATOR / L·A·D·D·» (p. 13).

Interpreta a fórmula votiva: «Libens animo deo domino» (p. 13).

Traduz: «A Tabudico. O viajante Caius Fabius consagra fervorosamente ao Deus Senhor» (p. 13).

Explica: «Deve tratar-se de um cidadão romano desta região que metido em aventureira viagem fez um voto à divindade venerada na sua terra [...]» (p. 13).

Na p. 15 aventa a hipótese de ali ter existido um templo pagão. Traz foto: a epígrafe lê-se perfeitamente; o T de *Viator* eleva-se um pouco acima da linha, o que não acontecera com o T de *Tabudico*.

Observações

Interpretamos: *Tabudico* / *C(aius) Fabius Viator* / *L(ibens) A(nimo) D(ono) D(edit)*.

Traduzimos: «Gaio Fábio Viator ofereceu de boa vontade a 'Tabúdico'».

O dedicante surge-nos com os *tria nomina* e pertence à *gens Fabia*. Consideramos *Viator* o *cognomen*, embora possa ter outras significações, designando, por exemplo, a profissão — *viator* era um funcionário judicial («Fora de Roma há *viatores* junto dos governadores de província, mantendo-se ao seu serviço até muito tarde como portadores de citações», in DAREMBERG, art.º «*Viator*»).

Jordão traz outra interpretação da fórmula L·A·D·D·: *L(ocus) A(dsignatus) D(ecreto) D(ecurionum)*. Não nos parece, contudo, que deva aplicar-se aqui. Preferimos seguir Cagnat, p. 392.

Na esperança de que a linguística pudesse trazer alguma luz sobre os atributos de *Tabudicus*, pedimos a opinião de M.^a L. Albertos, que nos respondeu: «Sobre *Tabudicus* sólo señalarle la existencia de varios nombres en *Tab-*, aunque ninguno dice *Tabu-* sino *Taba-*. No se me ocurre nada especial»¹.

TAMEOBRIGUS

(Foto 66)

Guarda-se no Museu de Guimarães a ara consagrada a este nune: veio das margens do Douro para o lugar de Castelo de Baixo, freguesia de Fornos, concelho de Castelo de Paiva.

1860 — RIBEIRO, *Dissertações*, I, p. 359:

No apêndice documental, documento n.º 99: *TAMEOBRIGO* / *POTITVS* / *CVMELI* / *VOTVM* / *PATRIS* / *S·L·M*.

1880 — COELHO, in *CIAAP*, p. 443:

Tem o nome por céltico: «É uma palavra composta de *tameo*, *tamaio* e *brigo*. Este *brigo* não é o mesmo que *brīga*, com um *i* breve, dos nomes de lugar [...]; deve ter um *ī*

¹ Só depois da elaboração destas observações soubemos que o Sr. Coronel Mário Cardozo escrevera também sobre esta divindade (in *Conimbriga*, II-III, pp. 223-229). Por acaso, as nossas opiniões coincidem.

longo, sendo o mesmo que o irl. *brig*, que significa 'forte', 'virtuoso'. O primeiro elemento do composto é derivado de *tama*, que servia para designar na onomatologia céltica um grande número de ribeiras: em Espanha *Tamaca*, afluente do Douro, o nosso *Tâmega*, *Tamaro* na Tarraconense; na Grã-Bretanha *Tamaris*, nas Cornualhas, *Tamësis*, o *Tamisa*, etc. A inscrição [...] foi encontrada [...] não longe do Tâmega. *Tameobrigus* era, pois, muito provavelmente, a divindade do rio, isto é, o que é forte, poderoso sobre o rio, sobre o *Tamaca*. *Tamaios* relaciona-se com *Tamaca*, mais ou menos como *Munda* a *Mundecus*, donde o *Mondego* moderno».

1887 — SARMENTO, in *RL*, I, p. 239:

A última letra do teónimo «era um O, e, porque lhe falta um pouco mais que um quarto de círculo, compreende-se que alguém a tomasse por um C; mas por um G já é pouco explicável; dar como certos um G e um O é inexplicável de todo»: é «um O incompleto». «Mesmo que TAMEOBRIO seja uma contracção de TAMEOBRICO, como parece provável, há aqui um facto linguístico digno de atenção».

1887 — COELHO, in *RL*, I, pp. 371-375:

«O resultado desta discussão é que uma forma *Tameobrio* por *Tameobrigo* não se apresenta como um fenómeno isolado no domínio céltico, no tempo do império romano» (p. 373).

«*Tameobrigus* significaria o que tem força, poder sobre o Tâmega, ou ainda o forte, o virtuoso Tâmega (o rio divinizado)» (p. 374).

«Pictet ligou os nomes de rios indo-europeus começando por *tam* a uma raiz indo-europeia *tam* significando *ser escuro*, que temos no sânscrito *tamas* (trevas)» (p. 375).

1905 — LV, *Rel.*, II, pp. 319-321:

«A última letra da l. I fica-se em dúvida se é O quebrado, se G ou C. Dentro dela há uma depressão que talvez seja meramente accidental, e não O, como em tempos me pareceu. Todavia essa letra mais parece C que outra [...]». Traduz: *filho de Cumelio*.

1950 — TOVAR, in *Misc.*, p. 189:

Considera este nome «claramente» geográfico, derivado de um topónimo, *Tameobriga*.

1958 — ALMEIDA, in *DL*, 8.^a série, vol. IX, pp. 874-876.

«Relativamente ao Tâmega temos alguns factos etnográficos que nos podem levar a suspeitar a sua veneração. Tirar esta conclusão por causa da lápide ao deus TAMEOBRIGO [...] é ir longe de mais. Uma inscrição da ponte romana de Chaves cita o povo *Tamagani* (*CIL*, II, 2477), o que supõe a possibilidade de território assim chamado. *Tâmega*, portanto, pode não ter sido só o rio, mas também território, como Douro é rio e território, Minho rio e território. Não conhecemos sequer um nome étnico que provenha directamente de nomes de rios, embora haja potamónimos provenientes daqueles». «Nos *Opúsculos*, v, 524, conta-nos LV uma crença que é um autêntico sacrifício. No Marco de Canaveses — diz —, quando o Tâmega anda revoltado e fora do leito,

quer que lhe afoguem no caudal um frango, e, afogando-o, logo fica bom. Do mesmo rio se diz — o que é comum a muitos outros, como ao Homem, Cávado, etc. — *que come um fôlego vivo por dia*».

1962 — BM, RPH, p. 190:

Lê *Tameobrig(o)*. «A presente divindade é aquática e, como ao deus *Aturrus*, também deus fluvial, consagrou-se-lhe uma ara com marcado carácter funerário».

Observações

A última letra da 1.ª l. (o pomo da discórdia apresenta-se muito larga em relação ao outro C da inscrição. Um pequeno sulco vertical na extremidade da curvatura inferior dá-nos a impressão de um G. A letra está esmurrada e será difícil dizer se existe ou não um O em nexa no interior da mesma, o que não nos parece despropositado, assim: .G.

Quanto aos atributos do deus, podemos sintetizar desta forma as opiniões formuladas: *Tameobrigus* seria:

- O deus do rio Tâmega;
- O deus Tâmega (rio divinizado);
- O protector de Tameobriga (cidade) ou de Tâmega (território).

A hipótese de Coelho (1880 e 1887), que no-lo apresenta como uma divindade fluvial, não a cremos descabida. Almeida, tanto pelo título do artigo («Um Aspecto do Culto dos Rios na Lusitânia») como pelos factos etnográficos que

aduz, parece-nos que se inclina também para a ideia de rio divinizado.

Por conseguinte, opinamos que o deus *Tameobrigus* (a quem um celta — *Potitus*, filho de *Cumelius* — satisfaz o voto do pai) era o próprio rio Tâmega divinizado, dado o local onde a lápide se encontrou e a tendência dos povos celtas para venerarem divindades de índole naturalista.

Sobre *Cumelius*, cf. *Emerita*, XXXII, p. 243.

TIAURANCEAICUS — ver GENIUS TIAURANCEAICUS

TOGA

(Foto 67)

A lápide dedicada a esta divindade foi encontrada em Barretos, Aramenha, Marvão. O seu paradeiro foi temporariamente desconhecido (era-o ao tempo da 1ª edição); mas encontra-se agora no Centro de Interpretação da Cidade de Ammaia.

1947 — JALHAY, in *Brotéria*, XLV, pp. 623–624:

TOGAE AL/MAE S(acrum) · NO/VELA AN/NIAE
LIB/ERTA / V(otum) A(nimo) L(ibens) S(olvit).

Traduz: «Consagração a Toga benfazeja. Novela, liberta de Ania, de bom grado cumpriu o seu voto». Comenta que *Novela* não é frequente, embora venha referenciada no *CIL*, II, 3190; de *Annia* há mais testemunhos (p. 624).

«É a primeira vez que aparece em Portugal esta divindade, já conhecida na Lusitânia espanhola (*CIL*, II, 801)» (p. 624).

1952 — ALBERTOS, in *Zeph.*, III, p. 62:

Desconhece a lápide de Barretos. Sobre *Toga*, diz: «É uma divindade nitidamente hispânica, que parece estar em relação com muitas outras do Noroeste espanhol, cujo primeiro elemento de formação é a palavra do juramento *Tong-*, apresentando esta um infixo nasal que não surge em *Toga*». «Na inscrição de Torre de la Mata a oferente faz um voto *pro victoria*. Será por acaso *Toga* uma deusa guerreira?».

1952 — CORTEZ, in *Bracara*, IV, p. 275:

«[...] Pelo epíteto — *alma* — podemos supor para esta divindade um carácter benfazejo e propiciatório — a que nutre copiosamente».

1957 — BM, in *AEArq.*, xxx, p. 55:

Divindade guerreira.

1969 — ALBERTOS, carta de 3-XI:

«Parece-me muito razoável atribuir a *Toga* um carácter benfazejo. São várias as epígrafes dedicadas a esta divindade e não julgo necessário relacioná-la com os deuses da guerra, embora tenha lançado essa ideia ao ver que lhe era oferecido um voto por uma vitória. Aliás, há outro deus, *Togoti* (dat.), que, sem dúvida, se relaciona com *Toga*. Se se puder considerar correcta a minha interpretação do nome de Peñalba de Villastar, *Togias*, em relação com vários nomes célticos recolhidos por Holder, como *Togius*, *Togia*, *Togimar*, etc., que ele baseia em **togi*, ant. irlandês, *toigh*, 'amável', este é o melhor fundamento para considerar *Toga* como divindade benfazeja, ainda que não tivesse o epíteto *Alma*. Veja LE-

JEUNE, *Celtiberica*, p. 12; POKORNY, *IEW*, p. 1013, s. u. (s)teg- e a minha tese, p. 229. Se a relação do céltico *togi com (s)teg- não se vê claramente, de qualquer forma é possível a relação entre *Toga* e este radical (s)teg-, 'cobrir', e seria algo como 'a protectora, a defensora'.

Observações

A opinião de M.^a L. Albertos, que acabamos de transcrever, parece-nos convincente. Sobre *Annia*, cf. *Emerita*, xxxii, p. 221.

*** TONCOBRICIENSIIUM — ver * GENIUS
TONCOBRICIENSIIUM**

*** TONGUS NABIAGUS**

(Fotos 98 a 100)

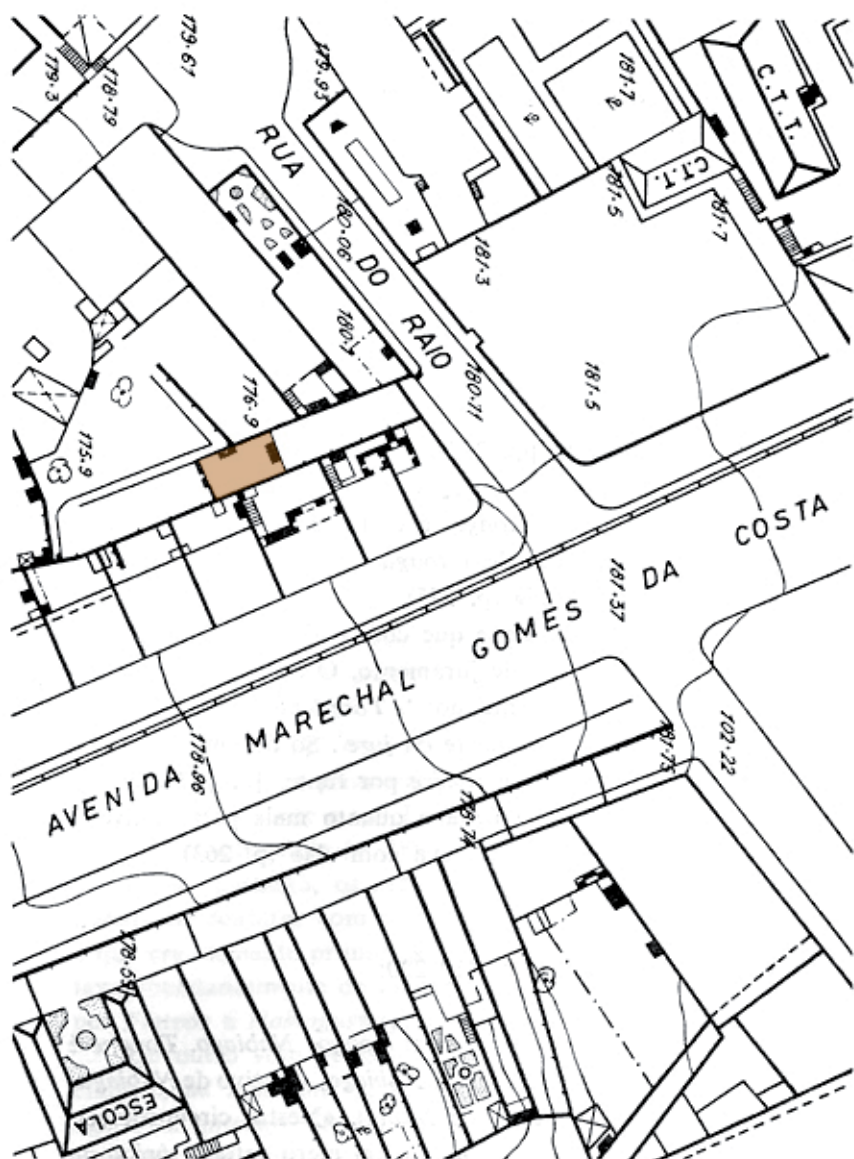
Este «teónimo» parece estar gravado no Quintal do Ídolo, Braga.

1732 — ARGOTE, *Memórias*, I, pp. 261-262:

Referência. Lê: RONCOE NATHLACO.

1894 — LV, in *RL*, III, pp. 307-315:

Lê PONGOE/NABIAGO. «A situação do monumento junto de uma fonte, a disposição dele de modo que abrange todo o âmbito desta e a colocação da edícula dentro do próprio tanque, com o busto da divindade mesmo ao pé de donde brota a fonte, levam-me a concluir que estamos diante de uma manifestação do culto das águas» (p. 310).



Localização do Quintal do Ídolo

«Sem dúvida, o monumento de Braga fazia parte de um santuário» (p. 313).

«Confesso que *Pongoe* não sei o que seja» (p. 314).

1896 — LV, in *RL*, iv, p. 284:

Corrige a leitura para TONGOE/NABIAGO (com um I apócrifo no fim).

1905 — LV, *Rel.*, II, pp. 239–265:

«O tema *Tongoe*=*tonge*- é certamente o mesmo que o da antiga palavra irlandesa *tongu* (*tong*, *tongim*, *tongaím*), por **tongo*-, ‘eu juro’» (p. 255).

«Pode, pois, concluir-se que com o deus *Tongoenabiagus* andava conexa a ideia de juramento. O Sr. D’Arbois de Jubainville [...] diz-me mesmo: ‘**Töngö-naviācōs* signifiait dieu de la rivière par laquelle on jure’. Só devemos no nosso caso, substituir a palavra *rivière* por fonte. [...] *Tongoenabiagus* era o *genius* da água e quanto mais perto estivesse desta [...] mais se identificava com ela» (p. 263).

1913 — LV, *Rel.*, III, pp. 219–220:

Opta pela designação binária: *Tongoe Nabiago*. *Tongoe* é o dativo de um suposto *Tongus*; *Nabiago*, o dativo de *Nabiagus* (derivado, por seu turno, de *Nabia*). «Nestas circunstâncias [...], devemos ver em *Nabiagus* um mero epíteto tópico ou étnico com carácter adjectival» (p. 219).

1938 — TEIXEIRA, in *Prisma*, pp. 145-153:

«*Tongoe*, segundo o que vimos atrás, pode significar talvez monumento, altar, local onde se fazem juramentos, e *Nabia-goi* é o genitivo arcaico da palavra *Nabiagus*, adjectivo com toda a certeza derivado de *Nabia*. Deste modo, parece-me que a inscrição pode significar, muito provavelmente, altar de adoração de *Nabia*» (pp. 152-153).

1950 — TOVAR, in *Misc.*, pp. 189-190:

Tongoenabiagus, um composto impróprio, «por apresentar flexionados ambos os elementos». Exemplo de dativo céltico em -oe.

1952 — CORTEZ, in *Bracara*, iv, pp. 32-45 e 265-280, e v (1953-1954), pp. 90-103.

«[...] O trabalho de LV é completo e irrefutável, especialmente quanto à primeira letra de TONGOE e mais duvidoso relativamente a um I apócrifo (?) que aparece depois do O de NABIAGO» (p. 38).

«Eram, portanto, os *maus espíritos* [...] que o *Mantis* tratava de conjurar com o seu cerimonial 'purificador', para o que era elemento primordial a água que no nosso caso brotava abundantemente do manancial propiciatório consagrado por *Tongoe* a *Nabiagus*» (p. 101).

«Do outro voto de Céltico e da epígrafe de *Nabia* concluímos, *ad nauseam*, pela existência ali do culto da água ligado intrinsecamente ao culto da saúde e da purificação. Podemos igualmente pensar na existência, na Fonte do Ídolo, de um culto pré-romano, ao deus *Nabiagus*, de natureza

ctónica, benfazejo e com virtudes curativas e que, depois, nos tempos de Augusto serviu de base à instalação do santuário de *Asklépius*» (pp. 102–103).

1957 — BM, in *AEArq.*, xxx, p. 64:

«*Tongus Nabiagus* [...] é o único caso de ordália registado até agora na Península, o nome inteiro significa 'o Navia por que se jura'».

1961 — MICHELENA, in *Zeph.*, xii, pp. 200–201:

«Converteu-se numa espécie de lugar-comum entre nós afirmar [...] que os nomes hispânicos em *Tanc-*, *Tang-*, *Tonc-* e *Tong-* se explicam pelo grupo do irl. ant. *tongid*, 'juramento', etc. No entanto, esta é apenas uma das aproximações possíveis e talvez não a melhor [...].»

Observações

Duas dificuldades essenciais se nos depàram a respeito desta «divindade»: o seu nome — que continua duvidoso — e a respectiva interpretação.

A leitura que — apesar da hesitação acerca da letra inicial e da forma pouco convincente como se apoda de apócrifo o I final — nos oferece mais garantia de estar certa é a de LV: *Tongoenabiago*. É também ele o primeiro autor que demoradamente se debruça sobre a possível etimologia do teónimo. A relação com *Nabia* parece-nos adequada e está confirmada pelo aparecimento no mesmo local da lápide

votiva a esta deusa. No entanto, no vol. III das *Religiões*, LV dá a *Nabiagus* um carácter adjectival (o que implica talvez a substantividade do primeiro elemento: *Tongoe*), mas não faz a tal respeito mais considerações. A designação binária — praticamente aceite depois por todos os investigadores (Teixeira, Tovar, Cortez) — vem repor o problema: qual é, efectivamente, o nome do deus? E outra dúvida poderá, até, surgir: estará latente nessa fórmula um teónimo ou não? Em que base linguística a teremos de interpretar — céltica, latina, grega?

A ideia de Teixeira é curiosa; mas, o próprio A. o diz, carece, por enquanto, de confirmação filológica, que é, neste caso, essencial (e muito difícil).

Tovar, considerando *Tongoe* em dativo, vem avolumar a suspeita de que tal elemento seja o verdadeiro teónimo.

Cortez pareceu-nos o que melhores achegas nos poderia trazer. Contudo, há, ao longo do seu trabalho, diversas hesitações, que não compreendemos. Senão, vejamos:

«Já vimos atrás que **Tongoenabiagus*, embora palavra composta e simultaneamente derivada, denomina uma divindade e pertence à primeira classe das palavras derivadas com o sufixo *-acus*, isto é, aos nomes de pessoas» (p. 272).

Adiante (p. 273), pergunta se o texto TONGOE/NA-BIAGO não indicará um voto de fidelidade ao deus *Nabiacus*, «consignado por *Tongoe*», relacionando *Nabiacus* com *Nabicca*, que aventa estar por *Nabiaca* — portanto, aqui, *Tongoe* (deduzimos nós) seria o dedicante. Todavia, na p. 275, Cortez considera *Tongo* a forma masculina de *Toga*, atribuindo-lhe as mesmas características desta (divindade benfazeja, propiciatória). No resumo final, o A. volta a referir *Nabiacus* como nome do deus.

Por outro lado, não nos parece muito convincente a ideia de que a Fonte do Ídolo fosse dedicada a Asclépio: o culto pré-romano poderia não ter sido substituído e, cremo-lo, não é forçoso que o tenha sido.

Em suma: perante o que fica dito, verificamos que infelizmente as dúvidas permanecem quanto ao nome e mesmo quanto aos atributos da divindade venerada em Braga. Uma conclusão se pode, no entanto, já tirar: o vocábulo **Ton-goenabiagus* não parece admissível para indicar, sem mais, tal divindade e há que empregá-lo dubitativamente enquanto outros vestígios, epigráficos ou não, não venham a ser descobertos.

TREBARUNA

(Foto 68)

A esta divindade foram dedicadas duas aras em território português: uma, proveniente do Fundão, está no Museu Nacional de Arqueologia e Etnologia; a outra, vinda da Lardosa, do concelho de Castelo Branco, guarda-se no Museu de Francisco Tavares de Proença, em Castelo Branco.

1892 — LV, in *Novidades*, 24-X:

Trebaruna, «deusa nacional». «[...] Creio que *Victoria* é o nome latino correspondente ao nome lusitano *Trebaruna*: vê-se disto o interesse da inscrição, que assim nos revela uma divindade indígena da guerra». Alude ao interesse militar e linguístico.

1895 — LV, in *AP*, 1, pp. 225-232:

Lê: *Ara(m) pos(uit) / Toncius / Toncetami / f(ilius) icaedit (anus) / milis / Trebarune / l(ibens) m(erito) v(otum) s(olvit)*.

Na p. 300, cita Jubainville, que afirma *Trebaruna* estar por **Treboruna*; como *Trebo-* significa 'casa' e *runa* 'segredo', o vocábulo quereria dizer: *segredo da casa*. Holder seria da mesma opinião. LV considera fácil explicar a mudança apontada e remata: «Assim, a ser exacta a interpretação dos celtistas, a nossa deusa teria não só origem céltica, mas seria, pelo menos originariamente, um *penate*, um *génio doméstico* [...]» (p. 301).

Talvez *Trebaruna* passasse de divindade caseira a divindade da guerra, porque as duas aras foram «erectas em nome do mesmo indivíduo, que em ambas afirma o seu carácter militar, e consagradas ambas a divindades femininas, de que uma é a Vitória romana, pertencendo provavelmente ao mesmo templo, o que poderia explicar o existirem hoje ainda juntas, e terem quase o mesmo feitio e dimensões» (p. 301).

«Todavia, não quero dar à minha hipótese mais valor do que o que ela tem; para ela se transformar em facto positivo era necessário que aparecesse uma inscrição em que os nomes *Trebaruna* e *Vitória* estivessem enlaçados [...]» (p. 302).

1931 — PESSOA, in *AP*, xxix, pp. 166-167:

Leitura da segunda ara: TREBARON/NE·V·S· / OCONVS / OCONIS·F · «Qual das duas grafias será a correcta ou a mais usada?» (p. 167).

1956 — ALMEIDA, *Egitânia*, p. 269:

Refere só a primeira ara, que traduz: «Tôncio, filho de Toncetamo, igeditano, soldado, dedicou esta ara a *Trebaruna*, cumprindo de boa mente o voto que lhe tinha feito».

Deusa guerreira.

Diferenças de interpretação em relação a LV: *Tongius Tongetami, igaedit(anus) mil[e]s*. Considera que os monumentos (a *Trebaruna* e *Vitória*) distam quinze ou mesmo vinte anos um do outro: o dedicante é o mesmo, mas há diferença nos caracteres e nas linhas. Na ara da Lardosa, lê *Voconus Voconis* (p. 101).

«No entanto, cremos que não se trata de uma simples deusa familiar, protectora da casa. A raiz *trebo-* aparece igualmente em nomes de povos, como o dos *Atrebates* [...], onde o sentido de 'casa' seria demasiado restrito. Por outro lado, encontramos-a em irlandês e em galês antigo, onde *treb* significa 'cidade', e em antigo bretão com o sentido de 'aldeia' [...]. Por fim, a deusa é adorada em várias localidades da região [...]. Parece, portanto, ser uma deusa protectora de um agrupamento humano, de uma tribo, uma divindade de certo modo nacional, a dos Igeditanos [...]». «[...] *Trebaruna* era uma deusa adorada por certos povos célticos da Lusitânia, entre os quais figuravam os *Igaeditani* e os *Aebosoci*» (pp. 104-105).

Trebaruna com *a* em vez de *Trebo* é «uma forma local, talvez dialectal» (p. 107).

Para o A., não é forçoso identificar *Trebaruna* com a deusa romana *Victoria*: as duas aras documentam, aliás, um processo de romanização: «*Tongius*, jovem soldado, recém-chegado ao exército e guardando ainda frescas as tradições locais, dedicou um altar a *Trebaruna*, a deusa da sua tribo. Depois de ter, durante vinte e cinco anos de serviço militar,

vívido a vida da sua coorte, impregnou-se forçosamente de civilização romana» e erigiu um altar a Vitória (p. 109).

Data: segunda metade do século II d. C.

Observações

Numa outra ara, de Cória, o nome da divindade é *Trebarona*. *Trebaruna*, *Trebaronna* e *Trebarona* são, possivelmente, variantes dialectais, como já Heichelheim notou (in BM, RPH, 138).

O trabalho do Sr. Prof. Lambrino pode considerar-se fundamental para a compreensão do carácter desta divindade.

Sobre os antropónimos, cf. *Emerita*, xxxiii, pp. 128-129 (*Tongius* e *Tongetamus*) e p. 135 (*Voco* e *Voconus*).

TUERAÆUS

(Foto 68A)

A lápide dedicada a *Tueraeus* foi encontrada em Vila da Feira (Douro Litoral), no castelo. Está actualmente à esquerda das portas principais da torre de menagem.

1913 — LV, *Rel.*, III, pp. 612-613:

«DEO / TVERAEO / VOLENTI / ARCIVS / EPEICI·B/
RACARVS / S(acrum) F(ecit)». «Ao benévolo deus *Tueraeus* consagrou este monumento Arcio, filho de Epeico, Brácara de nação» (p. 612).

«O nome do deus, bem como *Epeicus* [...], são desconhecidos; mas o sufixo *-aeus* é variante de *-aius* ou *-aios*, que se tem por céltico [...]. O nome bárbaro *Arcius* lê-se

noutra inscrição peninsular: *CIL*, II, 5556 (Vila Real). [...] O adjectivo participial *volens* é mais provável ser epíteto da divindade [...] como na tradução o considereí, do que meramente circunstancial; quem sabe se essa palavra conterà a significação de *Tuëraeus*?».

1947 — SOUSA, in *DL*, VIII, p. 58:

Considera a possibilidade de os radicais *Toir-* (de *Toiraecus*) e *Tuer-* (de *Tueraeus*) serem formas divergentes de *Turo-*, acrescentando: «É possível que *Toiraecus* seja um epíteto tópico de *Bandevelugus* e *Tueraeus* o epíteto tópico empregado em vez do verdadeiro nome do deus».

Observações

A leitura não oferece dúvidas, como tivemos ensejo de verificar pelas fotos inseridas nalguns trabalhos citados. Apenas a sigla final, inusitada — S. F. —, mormente o S, pode ser talvez susceptível de outras interpretações que, por enquanto, desconhecemos.

Quando tratámos de **Banda Velugus Toiraecus* e do deus **Banda* em geral analisámos a possibilidade de *Tueraeus* ser uma variante de *Toiraecus*, identificando-se, portanto, as «divindades» a que as duas aras, achadas no mesmo local, eram consagradas. Deveríamos, pois, ter incluído o estudo desta lápide nas páginas que dedicámos a **Banda Velugus Toiraecus*: não o fizemos somente por uma questão de maior clareza.

O adjectivo *volens*, cuja importância já LV salientou, faz-nos pensar numa divindade de carácter benfazejo — o que vem acentuar, em nosso entender, o carácter de divindade tutelar atribuído a **Banda*.

TUREIUS — ver *PEINTICI

TURIACUS

(Foto 101)

Provém de Santo Tirso e encontra-se numa das paredes do claustro do mosteiro dessa localidade, anexo à igreja paroquial, a epígrafe consagrada a *Turiacus*.

1883 — SARMENTO, in *VM*, 5-XII:

Perante a lápide, leu e interpretou:

L(ucius) Valerius Silvanus / miles Leg(ionis) VI Vict(ricis) / (De)o Turiaco / [v(otum)] s(olvit) l(ibens) m(erito).

1887 — COELHO, in *RL*, 1, pp. 375-377:

«O nome do deus *Turiacus* tem aspecto céltico. Os nomes em *-aco*, *-iaco*, são frequentíssimos nos países do domínio céltico extrapeninsulares» (p. 375).

«Nomes derivados de *tur* são muito frequentes [...]» (p. 377).

«O nome *Turiacus* é o de um lugar divinizado, como outros dos países célticos ou deriva directamente de um apelativo? Faltam-nos os dados para o concluir, assim como para a tentativa de uma interpretação etimológica» (p. 377).

1892 — *CIL*, II, 5551:

Esclarece que a VI Legião esteve na Hispânia até ao tempo de Vespasiano e recebeu o epíteto de *Victrix* após ter vencido os Cantabros, sob Augusto.

1905 — LV, *Rel.*, II, pp. 324-326:

Decompõe o teónimo em *turi-acus*, relacionando o primeiro elemento com o irlandês *tor*, «que representará um primitivo **tūr*» (p. 325).

Tor tem o significado de «senhor», «rei», «nobre».

1957 — BM, in *AEArq.*, xxx, p. 52:

A raiz *tur* «aparece em topónimos da Península, Toreno (Leão). Em Itália há topónimos, como Torano e Turano, e em França, Turenne. Poderia ser também uma divindade aquática, pois há rios com o nome de Turia».

1962 — BM, *RPH*, pp. 196-197:

Divindade aquática.

Observações

Examinámos a lápide em Santo Tirso. O nome do deus é claro. A leitura da inscrição, restituída por Sarmento, não oferece dúvidas. Desconhecem-se, porém, os atributos da divindade, porquanto a aproximação de Blázquez é hipotética. O dedicante é latino e surge-nos com os *tria nomina*.

TUROLICI — ver LARES TUROLICI

TUTELA TIRIENSIS

(Foto 69)

Está no Museu de Guimarães e foi encontrada na igreja de Santa Maria da Ribeira, Seixo de Ansiães, Carrazeda de Ansiães, a lápide consagrada a este nume.

1896 — HÜBNER, carta a Sarmento, 21-IV:

Pede a Sarmento a exacta disposição das linhas e lê: «*Tutela Tiriensi Pompe(i) Clitus Corinthu(s) Calvinus ex voto*». Interpreta: «Dedicada, por voto, à Tutela Tiriensi, pelos filhos de Pompeu — Clito, Corinto e Calvino». (*Correspondência*, p. 257).

1899 — *EE*, VIII, p. 400, n.º 111-a:

TVTELAE / TIRIENSI / POMPEI CLITVS / CORINTHV / CALVINVS / EX VOTO. «Tiria ou Tirium, topónimo desconhecido que parece estar localizado perto».

1901 — GUIMARÃES, in *RG*, XVIII, p. 54:

«Ara [...] dedicada à protectora de Tiria, ou Tirio, por Clito Corinto Calvino, filho de Pompeu [...]».

1905 — *LV*, *Rel.*, II, pp. 197-198:

Interpreta como Hübner. «[...] Na 1.ª l. a oitava letra é duvidosa: parece T ou L, mais, porém, T» (p. 198).

Observações

Lê-se perfeitamente TVTELAE, sendo o A desprovido de barra horizontal. Quanto à primeira letra da palavra habitualmente admitida como TIRIENSI, não nos parece fácil admitir um T ou um L, dada a sua semelhança com o I seguinte e a sua diferença dos T e dos L anteriores, bem desenhados. Tratar-se-á, talvez, de uma desagregação do tempo, mas no estado actual a ara deu-nos essa impressão.

Opinamos que são três os dedicantes, não só por os três nomes estarem por extenso, como por a filiação ser indicada em primeiro lugar.

Sobre o culto a *Tutela*, achámos oportunas estas considerações de *Toutain* (*Les Cultes* . . . , 1, Paris, 1907, pp. 444-445):

«Parece-nos difícil não notar que o nome de *Tutela* foi quase exclusivamente empregado nas partes da Península Hispânica e da Gália onde os Iberos sofreram menos as influências vindas de fora. *Tutela* parece desconhecida na Bética e na Narbonense; o seu culto é, pelo contrário, popular numa e noutra vertente dos Pirenéus. Não sabemos qual a divindade nacional dos Iberos que foi assimilada à *Tutela* romana; mas parece-nos necessário admitir esta assimilação, se queremos compreender a curiosa correspondência que os documentos nos revelam entre a área do culto de *Tutela* e o *habitat* das populações ibéricas.

Genii, *Junones*, *Tutela*, estas divindades, qualquer que tenha sido o nome preferido pelos fiéis, receberam em todas as províncias latinas um culto mais ou menos importante. Uma das características desse culto foi a variedade».

* VASECUS

(Foto 102)

O cipo onde se supôs ler este teónimo foi encontrado em 1825 na Quinta da Madalena, a S. W. de Soure. Esteve guardado na Academia das Ciências de Lisboa e na Biblioteca Nacional: os nossos esforços para o localizar resultaram vãos, de início; mas acabámos para a identificar.

1849 — CASTELO BRANCO, in *História e Memórias da Academia* . . . , 1851, pp. 53-57:

A gravura diz: BM PR / VASECO / MARI/NIANV/S
ANIA/OIPBE/S PONO / MER / M A.

1861 — HÜBNER, *Noticias*, p. 57:

BMFR / VASECO / MARI/NIANV/SANIM/o LIBE/
S-PONO / MER / MA ////. «Há riscos traçados entre as
linhas. Os caracteres são pequenos e pouco gravados e de
época posterior; a leitura, que, em geral, não apresenta dúvi-
das, deve ser, provavelmente: B(ene) MER(enti)? VASECO
MARINIANVS ANIMO LIBES PONO MER(enti) . . .».

1869 — CIL, II, 363:

«B(ene) M(erito) Vaseco Marinianus animo libes pono;
mer(enti) ma(xime)». E remata o A. num latim que não
resistimos a transcrever *ipsis verbis*: «Lectio certa est, neque
quidquam videtur deesse; interpretatio incerta».

1905 — LV, *Rel.*, II, 313-314:

Transcreve Hübner. Diz tratar-se de uma ara muito pe-
quena: 0,18 m×0,05 m (0,07 m). Não apresenta qualquer lei-
tura sua, embora afirme ter visto a epígrafe várias vezes no
Museu da Academia.

1962 — BM, *RPH*, p. 113:

«Os epítetos que acompanham esta divindade parecem
dar-lhe um carácter de deus especialmente benfeitor».

Observações

Nada mais se poderá acrescentar, cremos nós. Tudo é
incerto: o nome e os atributos desta «divindade».

* VIBONIS

(Foto 103)

A lápide a este «deus» estava no santuário da Senhora de Hedra, Cova da Lua, Bragança. Guarda-se no Museu Regional do Abade de Baçal, em Bragança.

1716 — SANTA MARIA, *Santuário*, v, pp. 657-658:

Lê: FLACCVS / VIBONIS / L·V·V·I·

1934 — ALVES, *Memórias*, ix, pp. 50-52:

«Diz a arulazinha: '(Fla)co cumpriu de boa vontade a promessa feita ao deus Vibono'. [Fla]cus Viboni s(olvit) l(ibenter) v(otum) v(otum). Na 1.^a l. falta, por quebradura, uma ou duas letras e parte de outra; a 2.^a está certa; a 3.^a, adiante do N, apresenta vestígios de um I; na 4.^a, a terceira letra parece ser um V, a que falta uma perna; na 5.^a, a segunda letra parece ser um I com um ponto ao meio, mas é duvidoso. O nome do deus Vibono, próprio da região bragançana, por não se conhecer outro documento da sua existência, aproxima-se de Vivoni, nome próprio de homem, memorado numa lápide funerária de Castro de Avelãs, atrás transcrita» (p. 51).

Observações

Nenhum outro autor, segundo cremos, tratou desta epígrafe.

Também não nos foi possível obter mais indicações sobre ela, mormente sobre a leitura que, pelas palavras de Alves, consideramos duvidosa; nem sequer conhecemos a exacta divisão das linhas.

Holder refere a existência de um *nomen* comparável com este «teónimo»: *Vibenus* (CIL, III, 4149, 5104 e 5105).

CONCLUSÃO

Os resultados obtidos

Após nos termos debruçado sobre cada uma das divindades indígenas, de cujo culto se detectaram vestígios no território português, procurando esclarecer em que ponto se encontra a investigação acerca dos seus nomes e atributos — justo é que sintetizemos os resultados obtidos.

I — *Divindades de nome e atributos incertos:*

Abna, Albocelus, Ameipicer, Antiscreus, Arus, Banda, Bandoga, Cabar, Caepus, Carneus, Carus Coru...abe, Cosu-nea, Daga, Durius, Fiduenae, Genius Civitatis Baniensium, Genius Cor..., Genius Depenoris, Genius Tonicobricensium, Iuno Meirurnarum, Iuno Veamuacarum, Lares Cusicelenses, Lares Erredici, Lares Findenetici, Lares Lubanc, Lares Tarmucenbaeci Oeceaici, Lares Turolici, Larisefus, Mirobieus, Nabicca, Paisicaicus, Peintici, Rannelpicius, Remetes, Runesus Cesius, Saurium, Tongus Nabiagus, Tutela Tiriensis, Vasecus, Vibonis. (Os *Génios* e os *Lares* são numes de características definidas: incluímos aqui alguns por causa dos seus epítetos. O mesmo se diga de *Banda*).

II — *Divindades de nome certo e atributos incertos:*

Aernus, Aponianicus Poliscinius, Aracus Aranius Niceus, Brigus, Castaecae, Coronus, Cosus, Densus, Frovida, Ilurbeda, Issibaeus, Iupiter Assaecus, Laesus, Larocus, Lupianae, Lurunis ou Luru, Macarius, Mandiceus, Mars Borus, Netus, Numina Lapitearum, Ocaera, Ocrimira, Picus, Reva Langanitaecus, Tabudicus, Turiacus.

III — *Divindades cujos atributos foram já determinados com bastante segurança:*

Arentius, Ataecina, Aturrus, Bormanicus, Dii Deaeque Coniumbricensium, Durbedicus, Endovellicus, Genius Conimbrigae, Genius Laquiniensis, Genius Tiauranceaicus, Hermes Devorix, Igaedus, Lares Cairienses, Lares Cerenaeci, Munis, Nabia, Tameobrigus, Toga, Trebaruna.

A distribuição geográfica das aras

Juntamos, em apêndice, um mapa dos locais onde as aras foram encontradas. Identificamo-las por números, excepto quando se trata de mais de uma ara achada no mesmo sítio e dedicada ao mesmo nume (neste caso, um número indicará a todas). A indicação não é rigorosa em absoluto, dada a escala do mapa e a necessidade de clareza «gráfica».

Por esse mapa se pode verificar que as divindades se encontraram, na sua esmagadora maioria, a norte do Tejo¹ e que estão como que agrupadas por núcleos territoriais cujos centros principais se poderão situar em Lisboa, Coním-

¹ Embora não devamos esquecer o santuário de S. Miguel da Mota a Endovéllico.

briga, Idanha-a-Velha, Viseu, Chaves e no Entre Douro e Minho (indiscriminadamente).

Duas causas terão determinado estes factos: *a maior atenção prestada pelos investigadores a esses territórios e a maior afluência aí das populações pré-romanas*. Ambas as causas são interdependentes, segundo cremos; por isso, o seu valor será um tanto relativo, na medida em que sempre haverá a possibilidade de, mais tarde ou mais cedo, se nos depa-rem outros núcleos. Contudo, nas suas linhas gerais, consideramos que a fisionomia deste mapa se não modificará de forma muito acentuada.

Importa, ainda, anotar que o facto de uma lápide votiva ser encontrada em determinado local não implica necessariamente a existência aí de um culto a essa divindade. A lápide aos deuses e deusas dos Conimbricenses, por exemplo, foi descoberta em Numão. Admite-se, portanto, que o natural de uma região possa cultuar noutra o deus da sua terra.

Da distribuição geográfica das aras consagradas a divindades indígenas costumam os autores tirar, entre outras, a seguinte conclusão: *os povos do Norte e Centro de Portugal resistiram longamente à influência da religião romana*. Tal afirmação, embora lógica, não está, contudo, suficientemente demonstrada: não dispomos de um inventário completo das aras às divindades romanas (para um cotejo numérico, que, de resto, não seria grandemente esclarecedor); mas julgamo-la plausível.

Os dedicantes das lápides

São das mais variadas origens, tanto do ponto de vista social como linguístico. Tivemos ensejo de o verificar.

Salientemos que é possível detectar uma aculturação nos dois sentidos: há romanos que dão aos filhos nomes hispânicos e há pais com nome hispânico que baptizam os filhos com antropónimos latinos.

Perspectivas da futura investigação

Em três direcções nos parece que deve orientar-se a futura investigação:

a) *Procura de epígrafes*: são necessários mais documentos para melhor se poderem fundamentar, ou corrigir, as hipóteses lançadas pelos investigadores. Temos, neste campo, muitos «casos únicos» com problemas praticamente insolúveis. Há que prosseguir na campanha de mentalizar o povo para salvaguardar os monumentos epigráficos que vão aparecendo. Há também epígrafes cujo paradeiro se ignora e que, provavelmente, nem estarão perdidas;

b) *Retorno à pedra*: algumas lápides, como vimos, carecem de uma leitura mais correcta, tendo em conta as novas descobertas feitas, nomeadamente no domínio da antroponímia;

c) *Aliança entre a epigrafia e a linguística*: ambas as ciências estão a progredir e urge que se aliem numa tentativa comum de interpretação dos teónimos, das suas variantes e possíveis relações. Problema erigido de dificuldades, mormente pelas divergências surgidas quanto ao idioma base da interpretação. A este respeito, apraz-nos citar a opinião do Sr. Prof. Tovar (carta de 27-I-1969):

«Para as formas de nomes de divindades da Lusitânia e da Galécia naturalmente que o celta e possivelmente outros dialectos indo-europeus podem dar alguma luz. As línguas 'ibéricas' não indo-europeias, como o vasco ou o próprio ibérico, na escassa medida em que o conhecemos, creio que servem menos, pois a comparação de formas de dialectos afins pela comunidade genealógica é muito mais esclarecedora que a de formas que poderiam ter de comum elementos de substratos mal conhecidos».

Estamos certos que desta união entre epigrafistas e linguistas — *peninsulares e não peninsulares* — algo de novo surgirá. E talvez não andemos muito longe da verdade se

dissermos que só dessa forma veremos pouco a pouco renascer, de sob as cinzas amortecidas do Passado, perspectivas mais amplas que as actuais, não só sob o prisma cultural, como também geográfico. *Arentius, Ataegina, Banda, Bormanicus, Cosus, Endovellicus, Munis* e *Nabia* assumiram já o seu lugar como importantes divindades do Noroeste peninsular. Outras se lhes seguirão, decerto. É esta, pelo menos, a nossa esperança e o nosso voto.

APÊNDICES

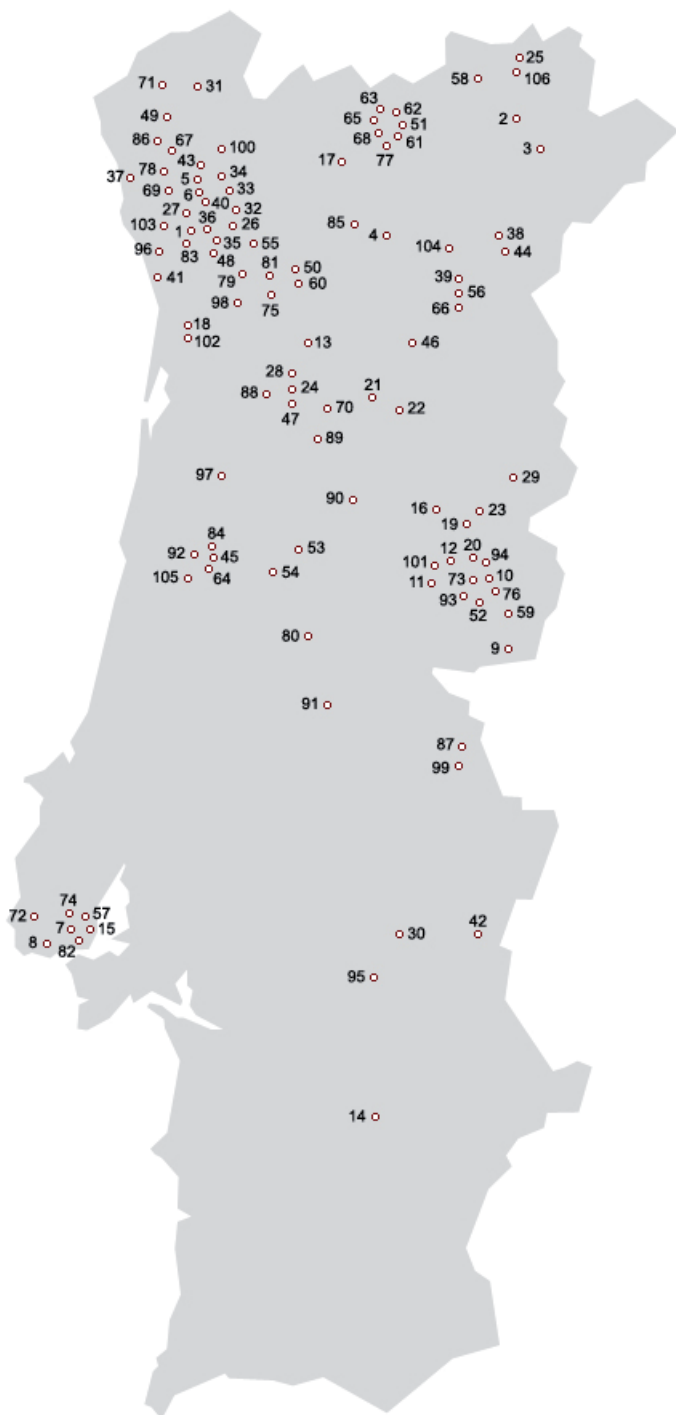
Locais onde se encontraram as aras

<i>Concelho</i>	<i>Freguesia</i>	<i>Divindade</i>
Aguiar da Beira	Penaverde	46.
Alandroal	Terena	42.
Alijó	Vilar de Maçada	4.
Arcos de Valdevez ...	—	31.
Arraiolos	Santana	30.
Beja	Quintos (?)	14.
Braga	—	5, 6, 43, 86, 78 e 100.
	Adaúfe	67.
Bragança	—	25 e 106.
	Castro de Avelãs	2.
Cantanhede	Murtede	97.
Cascais	Alcabideche	8.
Castelo Branco	Tinalhas	11.
Castro Daire	—	13.
Chaves	Chaves	61 e 62.
	S. Pedro de Agostém	63, 65, 68 e 77.
	Outeiro	51.
Cinfães	Tarouquela	75.
Condeixa-a-Nova	Condeixa-a-Velha	45, 64, 84 e 92.

<i>Concelho</i>	<i>Freguesia</i>	<i>Divindade</i>
Covilhã	Orjais	16.
Esposende	Vila Chã	37.
Évora	—	95.
Feira	—	18 e 102.
Felgueiras	S. Veríssimo	55.
Fornos de Algodres ...	Queiriz	22.
Fundão	—	12 e 101.
	Capinha	19.
	Salgueiro	23.
Gavião	Belver	91.
Góis	Alvares	53.
Guimarães	Briteiros	34.
	Ronfe	40.
	Serzedelo	33.
	Tagilde	69.
	Vizela	26, 32 e 48.
Idanha-a-Nova	—	52.
	Idanha-a-Velha	93.
	Monsanto	10, 73 e 76.
	Proença-a-Velha	94.
	Rosmaninhal	9.
	Zebreira	59.
Lisboa	—	7, 15, 57, 74 e 82.
Macedo de Cavaleiros	Olmos	3.
Maia	Carriça	96.
Marco de Canaveses	Freixo	50.
	Tuias	60.
	Várzea do Douro	98.
Marvão	S. Salvador da Arame- nha	87 e 99.
Meda	Deveza	56 e 66.

<i>Concelho</i>	<i>Freguesia</i>	<i>Divindade</i>
Miranda do Corvo ...	—	54.
Moncorvo	Felgar	38.
	Mesquita	44.
Oliveira do Hospital ...	S. Pedro da Lourosa	90.
Paços de Ferreira	Eiriz	35.
Paredes	Baltar	79.
Paredes de Coura	Cunha	71.
Penafiel	Marecos	81.
Penalva do Castelo ...	Esmolfe	21.
Penamacor	Bemposta	20.
Ponte de Lima	Estourãos	49.
Porto	—	41.
Sabrosa	Torre do Pinhão	104.
Sabugal	Benespera	29.
Santo Tirso	—	83 e 103.
	Burgães	36.
	S. Martinho do Campo	1.
S. Pedro do Sul	Pinho	28.
	Sul	24 e 47.
Sertã	Pedrogão Pequeno ...	80.
Sintra	—	72.
Soure	—	105.
Tondela	Parada de Gonta	89.
Vila Nova de Fama- licão	Delães	27.
Vila Nova de Foz Côa	Numão	39.
Vila Real	—	17 e 85.
Vinhais	Ousilhão	58.
Viseu	Cavernães	70.
Vouzela	Carvalhal de Vermi- lhas	88.

Nota. — Os números indicados na coluna «Divindade» referem-se ao mapa de localização inserido a seguir. Para não se alterar a paginação, não se corrigiram, nesta 2ª edição, as procedências menos exactas.



Legenda do mapa de localização

- 1 — *Abna*: S. Martinho do Campo, Santo Tirso.
- 2 — *Aernus*: Castro de Avelãs, Bragança.
- 3 — *Aernus*: Malta, Olmos, Macedo de Cavaleiros.
- 4 — *Alboceus*: Vilar de Maçada, Vila Real.
- 5 — *Ameipicer*: Braga.
- 6 — *Antiscireus*: Braga.
- 7 — *Aponianicus Poliscinius*: Lisboa.
- 8 — *Aracus Aranius Niceus*: Carrascal de Manique, Alcabideche, Cascais.
- 9 — *Arantius Tanginiciaeus*: Rosmaninhal, Idanha-a-Nova.
- 10 — *Arentius*: Chão do Touro, Monsanto, Idanha-a-Nova.
- 11 — *Arentia et Arentius*: Ninho de Açor, Castelo Branco.
- 12 — *Arentius Cronisensis*: Orca, Fundão.
- 13 — *Arus*: Castro Daire.
- 14 — *Atégina*: Beja.
- 15 — *Aturrus*: Lisboa.
- 16 — *Banda Brialeacus*: Orjais, Covilhã.
- 17 — *Banda Raeicus*: Ribeira de Pena, Vila Real.
- 18 — *Banda Velugus Toiraecus*: Feira.
- 19 — *Bandis Arbariaicus*: Capinha, Fundão.
- 20 — *Bandis Isibraia*: Bemposta, Penamacor (2).
- 21 — *Bandis Oilienaiacus*: Esmolfe, Penalva do Castelo.
- 22 — *Bandis Tatibeaicus*: Queiriz, Fornos de Algodres.
- 23 — *Bandis Vorteaecus*: Salgueiro, Fundão.
- 24 — *Bandoga*: Castro do Mau Vizinho, Sul, S. Pedro do Sul.
- 25 — *Bandua*: Cova da Lua, Bragança.
- 26 — *Bormanicus*: Caldas de Vizela, Guimarães (2).
- 27 — *Brigus*: Delães, Vila Nova de Famalicão.
- 28 — *Cabar*: Pinho, S. Pedro do Sul.
- 29 — *Caepus*: João Antão, Guarda.
- 30 — *Carneus*: Santana, Arraiolos.
- 31 — *Carus*: Santa Vaia de Rio de Moinhos, Arcos de Valdevez.
- 32 — *Castaecae*: Santa Eulália de Barrosas, Lousada, Caldas de Vizela.
- 33 — *Coronus*: Serzedelo, Guimarães.
- 34 — *Coru...abe*: Citânia de Briteiros, Guimarães.
- 35 — *Cosunea*: Roriz, Eiriz, Paços de Ferreira.
- 36 — *Cosus Neneocus*: Burgães, Santo Tirso.
- 37 — *Dafa*: Castro de S. Lourenço, Vila Chã, Esposende.
- 38 — *Densus*: Quinta de Cilhades, Felgar, Moncorvo.

- 39 — *Dii Deaeque Coniumbricenses*: Numão, Vila Nova de Foz Côa.
- 40 — *Durbedicus*: Ronfe, Guimarães.
- 41 — *Durius*: Porto.
- 42 — *Endovellicus*: Monte de S. Miguel da Mota, Terena, Alandroal (47).
- 43 — *Frovida*: Braga.
- 44 — *Genius Civitatis Baniensium*: Mesquita, Moncorvo.
- 45 — *Genius Conimbricae*: Conímbriga, Condeixa-a-Velha, Condeixa-a-Nova.
- 46 — *Genius Cor*: Soutinho, Penaverde, Aguiar da Beira.
- 47 — *Genius Depenoris*: Castro do Mau Vizinho, Sul, S. Pedro do Sul.
- 48 — *Genius Laquiniensis*: S. Miguel das Caldas de Vizela, Guimarães.
- 49 — *Genius Tiauranceaicus*: Estorãos, Ponte de Lima.
- 50 — *Genius Tuncobricensium*: Freixo, Marco de Canaveses.
- 51 — *Hermes Devorix*: Outeiro Seco, Chaves.
- 52 — *Igaedus*: Nossa Senhora do Almortão.
- 53 — *Ilurbeda*: Covas dos Ladrões, Alto das Cabeçadas, Alvares, Góis (2).
- 54 — *Issibeus*: Miranda do Corvo.
- 55 — *Iuno Meirurnarum*: Monte do Cristelo, S. Veríssimo, Felgueiras.
- 56 — *Iuno Veamuaeaeum*: Freixo de Numão, Deveza, Meda.
- 57 — *Iupiter Assaecus*: Lisboa.
- 58 — *Laesus*: Torre, Vinhais.
- 59 — *Lares Cairieses*: Quinta da Nave Aldeã, Zebreira, Idanha-a-Nova.
- 60 — *Lares Cernaeci*: S. Salvador de Tuias, Marco de Canaveses.
- 61 — *Lares Cuscelenses*: Couto de Algeriz, Chaves.
- 62 — *Lares Erredici*: S. Pedro de Agostém, Chaves.
- 63 — *Lares Findenetici*: Celeirós, Chaves.
- 64 — *Lares Lubanc*: Conímbriga, Condeixa-a-Nova.
- 65 — *Lares Tarmucenbaeci Oeceaici*: Granjinha, Chaves.
- 66 — *Lares Turolici*: Freixo de Numão, Deveza, Meda.
- 67 — *Larisefius*: Adaúfe, Braga.
- 68 — *Larocus*: Curral de Vacas, Chaves.
- 69 — *Lupianae*: Tagilde, Guimarães.
- 70 — *Lurunis*: Cavernães, Viseu (2).
- 71 — *Macarius*: Lisouros, Cunha, Paredes de Coura.
- 72 — *Mandiceus*: Madre de Deus, Sintra.
- 73 — *Mars Borus*: Serra de Monsanto, Idanha-a-Nova.
- 74 — *Mercurius Chortalis*: Lisboa.
- 75 — *Mirobieus*: Tarouquela, Cinfães.

- 76 — *Munis*: Idanha-a-Velha ou Monsanto.
- 77 — *Munis*: Chaves.
- 78 — *Nabia*: Quintal do Ídolo, Braga.
- 79 — *Nabia*: Baltar, Paredes.
- 80 — *Nabia*: Roqueiro, Pedrógão Pequeno, Sertã.
- 81 — *Nabicca*: Marecos, Penafiel.
- 82 — *Nemetius*: Lisboa.
- 83 — *Neneoecus*: S. Bartolomeu do Vale de Ervoça, Santo Tirso.
- 84 — *Netus*: Conímbriga, Condeixa-a-Nova.
- 85 — *Numina Lapitearum*: Panoias, Vale de Nogueiras, Vila Real.
- 86 — *Ocaera*: S. João do Campo, Terras de Bouro.
- 87 — *Ocrimira*: Aramenha, Marvão.
- 88 — *Paisicaicus*: Corgas Roçadas, Carvalhal de Vermilhas, Vouzela.
- 89 — *Peintici*: Castro de Três Rios, Parada de Gonta, Tondela.
- 90 — *Picius*: S. Pedro de Lourosa, Oliveira do Hospital.
- 91 — *Rannelpicius*: Vilar de Mó, Belver, Gavião.
- 92 — *Remetes*: Conímbriga, Condeixa-a-Nova.
- 93 — *Reva Langanitaecus*: Medelim, Idanha-a-Velha, Idanha-a-Nova.
- 94 — *Reva Langanitaecus*: Proença-a-Velha, Idanha-a-Nova.
- 95 — *Runesius Cesius*: Évora.
- 96 — *Saurium*: Castro de Alvarelhos, Santo Tirso.
- 97 — *Tabudicus*: Murte de, Cantanhede.
- 98 — *Tameobrigus*: Castelo de Baixo, Fornos, Castelo de Paiva.
- 99 — *Toga*: Barretos, Aramenha, Marvão.
- 100 — *Tongus Nabiagus*: Quintal do Ídolo, Braga.
- 101 — *Trebaruna* (2): Fundão e Castelo Branco.
- 102 — *Tueracius*: Feira.
- 103 — *Turiacus*: Santo Tirso.
- 104 — *Tutela Tiriensis*: Santa Maria da Ribeira, Seixo de Ansiães, Carrazeda de Ansiães.
- 105 — *Vasecus*: Quinta da Madalena, Soure.
- 106 — *Vibonis*: Cova da Lua, Bragança.

**Localidades onde se encontram actualmente as lápides
votivas a divindades indígenas**

Elencamos as localidades por ordem alfabética, explicitando onde as lápides estão. O nome da divindade servirá para identificar o monumento. A indicação «N. C.» (não confirmado) significa que, embora tenhamos notícia bibliográfica da existência da lápide nesse local, não conseguimos obter a necessária confirmação.

Alcains:

Em casa do Sr. Joaquim Trigueiros de Aragão, no jardim —
Igaedus.

Arganil:

Museu Municipal — *Ilurbeda*.

Braga:

Museu de D. Diogo de Sousa — *Nabia* (N. C.), *Ameipicer*.

Seminário de S. Tiago — * *Dafa*.

No Quintal do Ídolo (entre as Ruas de S. Lázaro e do Raio) —
* *Tongus Nabiagus*.

Na casa do Dr. Manuel Braga da Cruz — *Ocaera*.

Bragança:

Museu Regional do Abade de Baçal — *Aernus, Laesus, * Vibonis*.

Cascais:

Ao cuidado da Câmara Municipal — *Aracus Aranius Niceus*.

Castelo Branco:

Museu de Francisco de Tavares Proença — *Arentius* (duas),
Trebaruna, Lares Cairienses.

Chaves:

Museu Municipal — *Munis, * Lares Tarmucenbaeci Oeceaici*.
Na Capela de Nossa Senhora do Rosário, Outeiro Seco —
Hermes Devorix.

Na Igreja de Santo António de Monforte — *Larocus*.

Coimbra:

Instituto de Arqueologia da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra — *Tabudicus*.

Conímbriga:

Museu Monográfico — *Genius Conimbricae, * Lares Lubanc . . ., * Remetes*.

Covilhã:

Numa casa perto da igreja paroquial, servindo de apoio ao telhado do balcão, em Orjais — *Banda Brialeacus*.

Évora:

Museu Regional — *Atégina*.

Seminário Maior — * *Runesus Cesium*

Feira:

A esquerda das portas principais da torre de menagem do Castelo — * *Banda Velugus Toiraecus* (duas).

Felgueiras:

Num rochedo do monte de Cristelo, freguesia de S. Veríssimo — * *Iuno Meirurnarum* (N. C.).

Figueira da Foz:

Museu Municipal do Dr. Santos Rocha — *Arentius*.

Fundão:

Museu Municipal — * *Bandis Vortaeceus*.

Guimarães:

Museu da Sociedade Martins Sarmento — * *Abna*, *Aernus*, * *Antiscreus*, *Bormanicus* (duas), *Brigus*, *Coronus*, *Cusus*, *Neneoecus*, *Durbedicus*, *Genius Laquiniensis*, * *Genius Toncobrigensium*, *Nymphae Lupianae*, *Tameobrigus*, * *Tutela Tiriensis*.

Numa rocha da Citânia de Briteiros — *Coru...abe*.

Idanha-a-Nova:

Museu Lapidar Igeditano — *Mars Borus*.

Idanha-a-Velha:

Museu de S. Dâmaso — *Bandis*.

Leiria:

Paço Episcopal (na posse do Sr. D. Domingos de Pinho Brandão) — *Issibaeus*.

Lisboa:

Museu do Carmo — *Arus*.

Museu do Castelo de S. Jorge — *Mercurius Chortalis*, * *Nemetius*.

Museu Nacional de Arqueologia e Etnologia — *Arentius*, *Bandis Oilienaicus*, * *Bandoga*, *Caepus*, *Endovellicus* (a maior parte das aras), * *Genius Civitatis Baniensium*, *Genius Tiauranceaicus*, *Lares Cerenaei*, *Mirobieus* (N. C.), *Munis Igaeditana*, *Nabia*, * *Reva Langanitaecus* (duas, uma N. C.), *Trebaruna*, *Macarius*, *Aturrus* (N. C.), * *Saurium*.

Museu dos Serviços Geológicos — *Ilurbeda*.

Num barracão da Avenida da Índia (Belém), dependente dos Serviços Culturais da Câmara Municipal (Palácio de Galveias — *Jupiter Assaecus* e *Aponianicus Poliscinius*.

Academia das Ciências — * *Vasecus*

Mação:

Museu Municipal do Dr. João Calado Rodrigues — * *Rannelpicius*.

Marvão:

Centro Interpretativo da Cidade de *Ammaia*, S. Salvador de Aramenha — *Ocrimira*, *Toga*.

Moncorvo:

Na Quinta de Cilhades, Felgar — *Densus*.

Numão:

Servindo de pia de água benta na igreja matriz — *Dii Deaeque Coniumbricensium*.

Paços de Ferreira:

Num penedo em Roriz, freguesia de Eiriz — *Cosuneae* e
* *Fidueneae*.

Penafiel:

Museu de Sobral Mendes — * *Nabicca*.

Penamacor:

Na torre medieval de Bemposta — *Bandis Isibraia* (duas).

Santo Tirso:

Museu Municipal do Abade de Pedrosa — *Cusus Neneoecus*.
Claustro do Mosteiro — *Turiacus*.

Sintra:

Museu Arqueológico de S. Miguel de Odrinhas — *Mandiceus*.

Tondela:

Num rochedo no Castro de Três Rios entre Fail e Parada
de Gonta — * *Peintici*.

Viseu:

Museu de Grão-Vasco — *Lurunis*.

Museu Etnológico — * *Bandis Tatibeaicus*, * *Genius Depe-*
noris.

Na «Casa da Via-Sacra», de José Coelho — * *Genius Cor* ...
(N. C.).

Na Casa de Alvelos, em Cavernães — * *Lurunis*.

Vouzela:

Num penedo em Currais das Torres, a leste de Vermilhas —
* *Paisicaicus*.

Desaparecidas:

* *Albocelus*, * *Banda Raeicus*, * *Bandis Arbariaicus*, *Bandua*,
* *Cabar*, * *Carneus*, * *Castaecae*, * *Durius*, * *Frovida*,
* *Iuno Veamuaeearum*, * *Lares Cusicelenses*, * *Lares Erredici*,
* *Lares Findenetici*, * *Lares Turolici*, * *Larisesius*,
Nabia, * *Netus*.

Lista dos antropónimos

(Indicamos como ponto de referência a divindade em cuja ara aparecem.)

<i>Antropónimos</i>	<i>Divindades</i>
Abrunus	Banda Brialeacus.
Acidius (?)	Aernus.
Acinus (?)	Paisicaicus.
Adicius	Reva Langanitaecus.
Albinus	Arentius Cronisensis, Lares Fin- denetici.
Allius (?)	Lurunis.
Ama	Larocus.
Amminus	Bandis Arbariaicus, Rannelpicius.
Andaitia	Bandis Arbariaicus.
Anicius	Ocaera.
Anius (?)	Genius Toncobricensium.
Annia	Toga.
Antonia	Lupianae.
Apilus	Brigus.
Apinus	Bandis Tatibeaicus.
Arcius	Tueraeus.
Arco	Picius.

*Antropónimos**Divindades*

Arquius	Genius Tiauranceaicus, Mirobieus, Ocaera, Saurium.
Atlus (?)	Banda Raeicus.
Aturisca	Ocrimira.
Aturranus (?)	Netus.
Aulus	Ameipicer.
Auvus	Aracus Aranius Niceus.
Avita	Arantius Tanginiciaecus.
Avitianus	Ilurbeda.
Avitus	Aturru, Cabar, Ilurbeda, Netus.
Baebia (?)	Munis.
Balesinus	Lares Findenetici.
Basus	Genius Civitatis Baniensium.
Blaesus	Banda Velugus Toiraecus.
Caecilius	Iupiter Assaecus.
Caeno	Iupiter Assaecus.
Caetronia	Igaedus.
Caius	Bormanicus, Densus, Durius, Nu- mina Lapitearum, Runesus Ce- sius, Tabudicus.
Calpurnius	Numina Lapitearum.
Calvinus	Tutela Tiriensis.
Camala	Genius Tiauranceaicus.
Camalus	Arentius, Bandis Isibraia, Ban- doga, Bormanicus, Coru ... abe.
Canapus ou Cavapus	Lares Cairieses.
Cassia	Mandiceus.
Catuenus	Lares Turolici.
Caturo	Nabia, Bormanicus.
Celea	Durbedicus.
Celtienus	Lares Cairieses.
Celtius	Bandoga.
Cereacius	Hermes Devorix.

*Antropónimos**Divindades*

Cicero	Nabia.
Cilius	Bandis Isibraia.
Kimber	Saurium.
Claudius	Dii Deaeque Coniumbricensium, Issibaeus.
Clitus	Tutela Tiriensis.
Cloutus	Durbedicus.
Comes	Lariseus.
Cornelius	Bandua, Mars Borus.
Crassicius	Ameipicer.
Cumelius	Tameobrigus.
Decius	Peintici.
Docquiricius	Lares Turolici.
Duatius	Bandis Tatibeaicus.
Elanicus	Laesus.
Epeicus	Tueraeus.
Fabius	Tabudicus.
Firmus	Caepus.
Flaccus	Frovida, Vibonis.
Flaus	Brigus, Coronus, Genius Laqui- niensis.
Flavinus	Genius Laquiniensis.
Flavius (?)	Genius Toncobricensium.
Fronto	Macarius.
Frontonianus	Macarius.
Fuscinus	Abna.
Fuscus	Abna, Hermes Devorix.
Gaius ou Gallus	Ilurbeda, Issibeus.
Gneus	Numina Lapitearum.
Hermes (?)	Antiscreus.
Iunia	Aturrus.
Iulia	Aracus, Ocrimira.
Iulius	Durius.

*Antropónimos**Divindades*

Lallius	Lurunis.
Latrius	Banda Velugus Toiraecus.
Lucanus	Reva Langanitaecus.
Lucius	Banda Velugus Toiraecus, Mars Borus, Peintici, Turiacus.
Lucretius	Aernus.
Mancus	Nabia.
Manlius	Peintici.
Marcus	Iupiter Assaecus.
Marinianus	Vasecus.
Mater	Mandiceus.
Maternus	Frovida.
Maucus	Picius.
Maxsumus	Issibaeus.
Maxuma	Aracus.
Medamus	Bormanicus, Coru...abe.
Montanus	Arentia et Arentius.
Motugenus (?)	Bormanicus.
Niger	Lares Cernaeci.
Noercavus	Arentius Cronisensis.
Nonius	Atégina.
Novella	Toga.
Oculatus	Bandua.
Optatus	Mars Borus.
Paternus	Ameipicer, Coronus, Ilurbeda.
Petilius	Larocus.
Pintamus	Nabia.
Pisirus	Arentius Cronisensis.
Pompeius	Bormanicus, Tutela Tiriensis.
Potitus	Tameobrigus.
Proculus	Arentius Cronisensis, Lares Cere- naeci.
Pylades	Durius.

*Antropónimos**Divindades*

Quinctinus	Runesus Cesus.
Quintus	Bandis Tatibeaicus.
Reburrinus	Castaecae.
Reburrus	Banda Raecius, Bandis Vorteaecus.
Rectus	Reva Langanitaecus.
Rufina	Lupianae, Nabia.
Rufinus	Numina Lapitearum.
Rufus	Lares Cusicelenses, Reva Langanitaecus.
Sabina	Caepus.
Sailcius	Dii Deaeque Coniumbricensium.
Sateilus (?)	Lurunis.
Saturninus	Cosus Neneoecus.
Severus	Banda Brialeaicus, Cosus Neneoecus, Lurunis.
Sextus	Saurium.
Silvanus	Turiacus.
Sulpicius	Genius Civitatis Baniensium, Netus.
Sunua	Arentius.
Talticus	Rannelpicius.
Tanginus	Bandis Vorteaecus.
Tangius	Arentia et Arentius.
Taurinus	Laesus.
Tiberius	Dii Deaeque Coniumbricensium.
Toncetamus	Trebaruna.
Tureius	Peintici.
Tusca	Aturrus.
Ulpinus	Bandoga.
Valens	Aernus.
Valerius	Lurunis, Netus, Turiacus.
Varius	Bandis Tatibeaicus.

*Antropónimos**Divindades*

Varus	Densus.
Viator	Tabudicus.
Vibius	Ilurbeda.
Vitalis	Arantius Tanginiciaecus, Igaedus.

GUIA FOTOGRÁFICO



Foto 1



Foto 2



Foto 2A



Foto 3



Foto 4



Foto 5



Foto 6



Foto 7



Foto 7A



Foto 8



Foto 9



Foto 10



Foto 11



Foto 12



Foto 13



Foto 14



Foto 14A

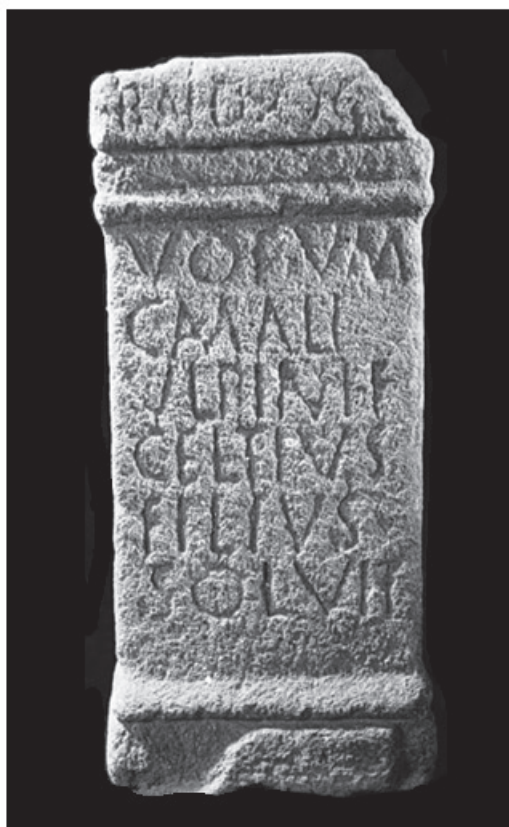


Foto 15



Foto 16



Foto 17



Foto 18



Foto 19



Foto 20



Foto 21



Foto 22



Foto 23



Foto 25



Foto 24



Foto 26



Foto 27



Foto 28



Foto 29



Foto 30



Foto 31



Foto 32



Foto 33



Foto 34



Foto 35



Foto 36



Foto 37



Foto 38



Foto 39



Foto 40



Foto 41



Foto 42



Foto 43



Foto 44



Foto 45



Foto 46



Foto 47



Foto 48



Foto 49



Foto 50



Foto 50A



Foto 51



Foto 52



Foto 53

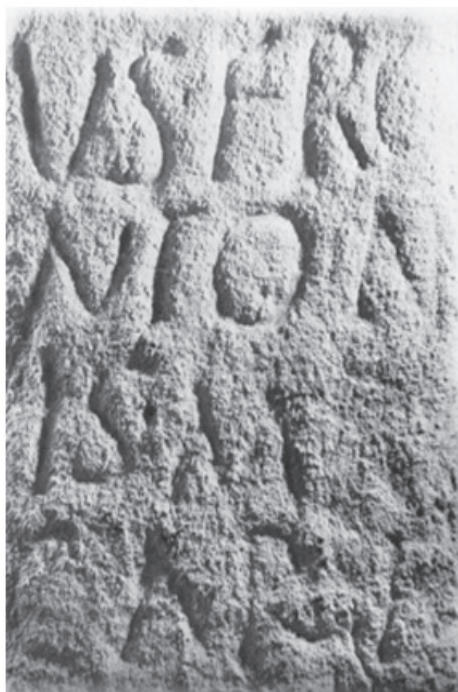


Foto 53A



Foto 54



Foto 55



Foto 56



Foto 57

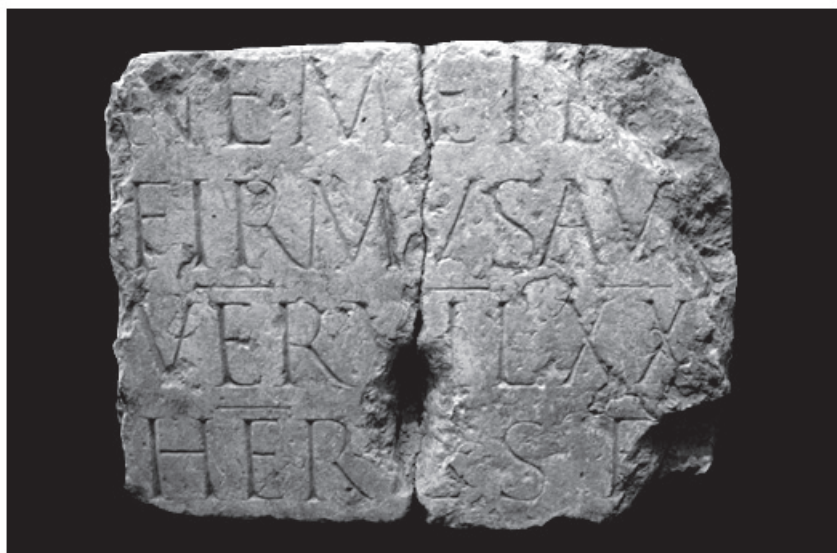


Foto 58



Foto 58A



Foto 59



Foto 60



Foto 61



Foto 62



Foto 62A



Foto 63



Foto 64



Foto 65



Foto 65A



Foto 66



Foto 67



Foto 68



Foto 68A



Foto 69



Foto 70



Foto 71



Foto 72



Foto 73



Foto 73A



Foto 74



Foto 75



Foto 76



Foto 77



Foto 77A



Foto 78



Foto 79



Foto 80



Foto 81



Foto 81A



Foto 82



Foto 83



Foto 84



Foto 85



Foto 86



Foto 87



Foto 88



Foto 89

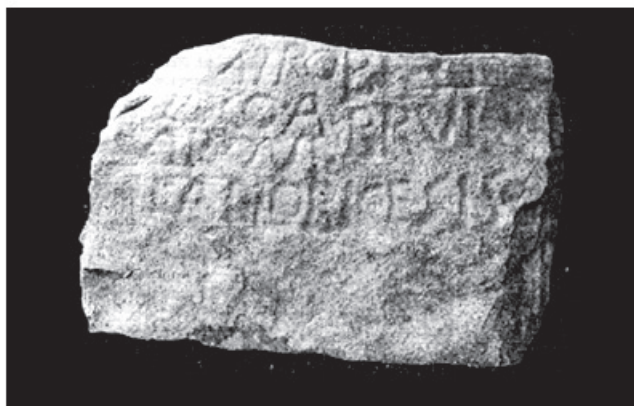


Foto 90



Foto 91



Foto 92



Foto 93



Foto 94



Foto 95



Foto 96



Foto 97



Foto 98



Foto 99



Foto 100



Foto 101



Foto 102



Foto 103

Proveniência das fotografias

Devemos muitas das fotografias incluídas neste volume à gentileza de entidades e pessoas ligadas à arqueologia nacional. Outras foram reproduzidas de publicações da especialidade. A quantos nos ajudaram, o nosso agradecimento. Nomeemo-los: coronel Mário Cardozo, da Sociedade Martins Sarmento, fotografias n.ºs 1, 2, 4, 17, 18, 19, 24, 26, 29, 41, 43, 52, 66 e 69; de *Memórias Archeológico-Historicas do Districto de Bragança*, do P.º Francisco Manuel Alves, n.º 3; Câmara Municipal de Lisboa, n.ºs 5, 48 e 58; de *Egitânia*, de D. Fernando de Almeida, n.ºs 8, 9, 49, 55 e 64; António Vítor Guerra (director do Museu da Figueira da Foz), n.º 11; de *Subsídios para o Estudo da Viação Romana das Beiras*, de Moreira de Figueiredo, n.ºs 14 e 40; de *Citânia e Sabroso*, de M. Cardozo, n.º 25; de *Religiões da Lusitânia*, n.ºs 27 e 65; Dr. J. A. Pinto Ferreira, n.º 28; da *Revista de Guimarães*, n.ºs 45 e 54; do *Arquivo Histórico* de Góis, n.º 46; D. Domingos de Pinho Brandão, n.º 47; de *Algumas Inscrições Lusitano-Romanas da Região de Chaves*, de M. Cardozo, n.º 51; de *Viriatis*, n.º 56; de *Brotéria*, n.ºs 59, 62 e 67; de *Beira Alta*, n.º 60; D. Fernando de Almeida, n.º 61; Câmara Municipal da Feira, n.ºs 12-A e 68-A; Dr. Jorge de Alarcão, n.ºs 50-A e 65-A; Dr. Manuel Braga da Cruz, n.º 58-A; Câmara Municipal de Braga, a planta da cidade.

ADENDA ET CORRIGENDA

PALAVRAS PRÉVIAS

Não sendo objectivo desta 2ª edição refundir o que se publicou em 1975, mas sim o de dar a conhecer um volume que fez o seu tempo (era um tema então pouco estudado)¹ e que, segundo penso, ainda pode deter alguma utilidade para os investigadores, não quis, porém, deixar de acrescentar algumas páginas para dar sumária conta do que se avançou, no estudo das divindades indígenas (e congratulo-me, desde já, por esta designação ter recebido grande aceitação) cujos testemunhos se identificaram no território actualmente português.

Corrigir-se-ão no próprio texto algumas gralhas e lapsos cometidos e procurar-se-á apresentar fotografias mais nítidas dos monumentos (recorde-se que, embora publicado em 1975, o livro constitui a dissertação de licenciatura defendida em Janeiro de 1970 – e, nessa altura, os meios técnicos que havia ao nosso dispor não são comparáveis aos da actualidade) e acrescentar-se-ão algumas outras.²

Assinale-se que, por opção, não se estudaram na altura as inscrições rupestres, em língua dita lusitana, de Cabeço das Fráguas e de Lamas de Moledo, onde são, de facto, mencionadas divindades indígenas; aliás, o estudo dessas epígrafes só a partir da década de 80 começou a ganhar relevo, após a comunicação

¹ Permita-se-me que aproveite o ensejo para aludir às recensões críticas de que tive conhecimento:

ALBERTOS (M^a L.), in *Emerita* XLII (1) 1974 214-215;

BRANDÃO (D. Pinho), in *Conimbriga* XIV 1975 209-210;

BARBULESCU (Mihai), in *Dacia* 1978 376-377;

Jornal da Costa do Sol, 6-12-1975, p. 5 e 11;

ORTIZ DE ZARATE (Santos Crespo), in *Hispania Antiqua* VI 1976 415-

416;

UTERMANN (Jürgen), in *Beiträge zur Namenforschung* 15 1980 421-

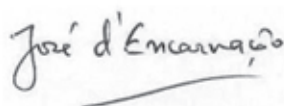
424.

² Cumpre-me agradecer vivamente aos membros do Instituto de Arqueologia da Faculdade de Letras, na pessoa da Doutora Raquel Vilaça, a prontidão com que acederam a incluir esta edição no número das suas publicações, após se ter obtido autorização expressa por parte da direcção da Imprensa Nacional – Casa da Moeda. Agradeço a Eunice Dionísio o cuidadoso trabalho de digitalização e, de modo especial, ao Amigo Dr. José Luís Madeira, que logo se disponibilizou para proceder a toda a montagem, organização e edição de imagem da presente obra.

pioneira do Prof. Antonio Tovar, «La inscripción del Cabeço das Fráguas y la lengua de los lusitanos», *Actas del III Coloquio sobre Lenguas y Culturas Paleohispánicas* (Lisboa 1980), Salamanca, 1985, p. 227-253. Depois de Tovar e de María Lourdes Albertos, essa tónica linguística – nem sempre isenta de controvérsia – será abordada por autores como, entre outros, Untermann (de que cito «Los teónimos de la región lusitano-gallega como fuente de las lenguas indígenas», *Actas del III Coloquio sobre Lenguas y Culturas Paleohispánicas* (Lisboa 1980), Salamanca, 1985, 343-363), Francisco Villar e Blanca Prósper.

Referir-me-ei a obras de índole geral, sem intenção, porém, de ser exaustivo. Citar-se-ão, de preferência, as que incluam bibliografia complementar. E aludir-se-á ao que de mais significativo se publicou, divindade por divindade, pela ordem como foram tratadas na edição original.

Cascais, Dezembro de 2014

A handwritten signature in dark ink, reading "José d'Encarnação". The signature is written in a cursive style with a long horizontal stroke underneath the name.

OBRAS GERAIS

Logo a editora deste livro, a Imprensa Nacional – Casa da Moeda, a pretexto da reedição, em fac-símile, das *Religiões da Lusitânia*, de J. Leite de Vasconcelos, acrescentou um 4º volume a que o seu autor, José Manuel Garcia, deu o título de *Religiões Antigas de Portugal. Aditamentos e observações às “Religiões da Lusitânia” de J. Leite de Vasconcelos. Fontes epigráficas* (1991), um *corpus* dos textos conhecidos, por vezes com outras leituras.

Eu próprio tive ocasião de fazer um balanço em «Divindades indígenas da Lusitânia», *Conimbriga* 26 1987 5-37, depois de, em *Inscrições Romanas do Conventus Pacensis* (=IRCP), Coimbra, 1984 (2ª edição, de 2013: <http://hdl.handle.net/10316/578>), ter analisado de novo os escassos númenes documentados nesse *conventus*, com especial destaque para *Endovellicus*. Em «A propósito de ‘religiões pré-romanas’», *Aurea Saecula* 10 1993, 129-138 [<http://hdl.handle.net/10316/26768>], tive ocasião de apresentar já algumas correcções e, em *Palaeohispanica* 10 2010 525-535, inseri nova reflexão de actualização, sob o título «Divindades indígenas sob o domínio romano em Portugal – 35 anos depois» (acessível em: <http://hdl.handle.net/10316/14476>).

E se as obras e artigos de José María Blázquez vão sendo constantes actualizações do que escrevera em anteriores trabalhos, os textos incluídos no catálogo da exposição *Religiões da Lusitânia* [RIBEIRO (José Cardim) [coord.], *Religiões da Lusitânia – Loquuntur Saxa*, Museu Nacional de Arqueologia, Lisboa, 2002] actualizam também, eloquentemente, toda essa problemática. Por seu turno, Alain Tranoy – em *La Galice Romaine*, Paris, 1981 – procurará dar a sua opinião acerca das divindades dessa área geográfica – e para as suas páginas remeteremos, em cada caso.

Citem-se, ainda, os livros de dois investigadores que directamente trabalharam comigo: Juan Carlos OLIVARES PEDREÑO, *Los Dioses de la Hispania Céltica*, Madrid, 2002; e Blanca María PRÓSPER, *Lenguas y Religiones Prerromanas del Occidente de la Península Ibérica*, Salamanca, 2002 (a sua investigação privilegia, como se disse, a análise linguística dos teónimos e traz, no final, oportuno auxiliar: a localização dos teónimos no mapa da Península Ibérica).

ACHEGAS PARA UMA ACTUALIZAÇÃO

* ABNA

TRANOY 1981 268.

Blanca PRÓSPER, «Der althispanische Götternamen Abne und idg. *ab- 'Wasser'», *Beiträge zur Namenforschung* [neue Folge] 32 (3) 1997 271-280.

AERNVS

TRANOY 1981 296.

LE ROUX (Patrick), «Deus Aernus: CIL, II, 2607 = 5651 reconstitué», *Conimbriga* 31 1992 173-180.

Juan Carlos Olivares Pedreño, «El dios *Aernus* y los Zoelas», *Iberia (Revista de la Antigüedad)* 5 2002 65-77.

REDENTOR (Armando), *Epigrafia Romana da Região de Bragança*, Lisboa, 2002, 46-50 e 227-228.

ALBOCELVS

TRANOY 1981 269.

* AMEIPICER

TRANOY 1981 269: na 1ª epígrafe, prefere ler *Caecicius* (em vez de *Classicius*) e dá outra versão do teónimo: *Ambieicer* e *Ambiorebis*.

* ANTISCREVS

TRANOY 1981 320 («texto problemático»).

APONIANICVS POLISCINIVS

Teónimo a excluir, porque se propõe a leitura: G(enio?) · S(uo?) · / APONIA NICO/POLIS GENIO / SACRVM / A(nimo) · L(ibens):

Jürgen UNTERMANN, «Los teónimos de la región lusitano-gallega como fuente de las lenguas indígenas», *Actas del III Coloquio sobre Lenguas y Culturas Paleohispánicas* (Lisboa 1980), Salamanca, 1985, 345-346.

José Cardim RIBEIRO, «*Aponianicus Poliscinius*: um falso teónimo», *Actas del IV Coloquio sobre Lenguas y Culturas Paleohispánicas* (Vitoria – Gasteiz, 6-10 de Mayo de 1985), Vitoria, 1987, 311-325.

ARACVS ARANIVS NICEVS

O epíteto deve ser interpretado *Arantoniceus*, quiça relacionável com o antropónimo *Arantonius*. Eu já corrigira a leitura para *Aranto* no *Roteiro Epigráfico Romano de Cascais*, Câmara Municipal de Cascais, ¹1994 e ²2001, 19-23. Amílcar Guerra sugeriu a junção do que se propusera como dois epítetos (*Arantus* e *Niceus*): «Teónimos pré-hispânicos e antroponímia», in J. Cardim RIBEIRO (coord.), *Religiões da Lusitânia – Loquuntur Saxa*, Lisboa, 2002, p. 64.

ARENTIVS

Um dos teónimos mais referidos, por se haverem descoberto mais epígrafes com novos epítetos e consequente interesse pela sua análise do ponto de vista linguístico. Citem-se:

Blanca PRÓSPER, «Ein Beitrag zur Vergöttlichung der Flüsse in der Antike: Arentiā, Arantiā», *Beiträge zur Namenforschung* [neue Folge] 35 2000 41-65.

Pedro SALVADO, João Mendes ROSA e Amílcar GUERRA, «Um monumento votivo a Arância e Arancio, proveniente de Castelejo (concelho do Fundão)», *Revista Portuguesa de Arqueologia* 7 (2) 2004 237-242.

ENCARNAÇÃO (José d'), «Eburobriga, 'cidade' do teixo», *Eburobriga* (Fundão) 5 2008 109-120.

Em <http://hdl.handle.net/10316/25934> (p. 266-267) abordam-se os problemas que devem ser encarados aquando se procede ao seu estudo.

ARANTIVS TANGINICIAECVS

Relacionável com o antropónimo *Tanginus*: Amílcar Guerra 2002 63-64.

ARENTIVS e ARENTIA:

A ara com a invocação desta divindade no seu 'rosto' masculino e feminino é proveniente de Ninho do Açor, desde 2013

sede da denominada União das Freguesias de Ninho do Açor e Sobral do Campo.

ARENTIVS CRONISENSIS

Zebras, local de proveniência desta ara, pertence à freguesia de Orca, concelho do Fundão. Mantém-se as dificuldades de leitura da epígrafe, dado o mau estado de conservação da superfície epigrafada; e mantém-se em aberto eventual discussão sobre o real significado do epíteto tópico *Cronisensis* (se esta leitura está correcta).

ARVS

A eliminar, porque se trata, afinal, da palavra *arola* (por *arula*).

Vide: Untermann 1985 344-345; Maria Manuela Alves DIAS, «O deus Arus (?) de Castro Daire, Viseu, Portugal (CIL, II, 5247), *Actas das IV Jornadas Arqueológicas (Lisboa 1990)*, Lisboa, 1991, 361-365; IDEM, «Epigrafia romana», in ARNAUD (José Morais) e FERNANDES (Carla Varela), *Construindo a Memória (As Coleções do Museu Arqueológico do Carmo)*, Lisboa, 2005, 231.

ATAEGINA

No território português, regista-se apenas, por enquanto, a ara que está no Museu de Évora, em que se identifica, mui verosimilmente, como *D(ea) S(ancta) Turubrige(nsis)* (IRCP 287). No entanto, não apenas este como outros testemunhos que lhe têm sido atribuídos carecem de confirmação. Raquel López Melero, ao comentar um novo achado, apresentou a lista dos monumentos, em seu entender, passíveis de serem dedicados a esta divindade (nem todos o serão, creio): «Nueva evidencia sobre el culto de Ategina: el epigrafe de Bienvenida», *Manifestaciones Religiosas en la Lusitania (Cáceres 1984)*, Cáceres, 1986, 93-112.

ATVRRVS

A anular. Tem no Museu Nacional de Arqueologia o nº de inventário: E 6303.

É, seguramente, um texto funerário, designadamente pela tipologia: Lambrino classifica-o como «cipo de calcário», com 108 x 59 x 65 cm. Curiosamente, a propósito de, na l. 6, as letras serem mais estreitas e mais apertadas, Lambrino atribui-as a «uma outra mão», que, «um pouco mais tarde, acrescentou o nome da mãe, que foi enterrada ao lado do filho» (p. 46). Esta observação bastaria para mostrar a distração do ilustre epigrafista, de que, na altura, não tomei consciência; aliás, a menção da idade do defunto seria também motivo bastante para afastar a hipótese de inscrição votiva.

AVGE

Confirma-se que é teónimo a eliminar do rol das divindades indígenas. Tranoy (1981 334) pensa na possibilidade de se tratar de um antropónimo e Untermann (1985 346) interpreta AVG(*usto*) GE(*nio*).

* BANDA

Mantém-se controversa a opção por um qualquer nominativo – *Banda, Bandis, Bandua*... – atendendo a que o teónimo surge, como é de uso, sempre em dativo e ostentando desinências diferenciadas a vincular um nominativo também diferente; daí, a razão do asterisco antes do nome.

Contudo, a questão principal prende-se com a interpretação que se dá a esta palavra: eu considero-a um substantivo próprio, o nome da divindade, que agrega a si um epíteto de acordo com os lugares ou os 'povos' de que é protector(a); há quem, ao invés preconize ser equivalente a *deus, dea*, ou seja, um substantivo comum, a servir de aposto ao verdadeiro teónimo, o epíteto. É o caso de Javier de Hoz, que, em «La religión de los pueblos prerromanos de Lusitania», *Manifestaciones Religiosas en la Lusitania* (Cáceres 1984), Cáceres, 1986, 41, depois de confirmar tratar-se de «una divinidad protectora y tutelar», escreve: «En todo caso se confirma el carácter genérico, no personal, de la apelación *Bandue*, y no necesitamos pensar que todas las dedicaciones a esa advocación se refieran realmente a una misma divinidad; sus aspectos individuales los debemos ver más bien en los epítetos» – e compara o termo, de seguida, aos *genii, lares, tutela*.

Ver também: PRÓSPER 2002 257-281; e SILVA (Armando Coelho Ferreira da), *A Cultura Castreja no Noroeste de Portugal*, Paços de Ferreira, 2007, 450-454, onde se dá conta de todas as ocorrências deste teónimo, com bibliografia exaustiva de cada um; em <http://hdl.handle.net/10316/25934> (p. 266), abordam-se os problemas que devem ser encarados aquando se procede ao seu estudo.

Há testemunhos de mais epítetos do que os mencionados na 1ª edição desta obra (em <http://hdl.handle.net/10316/10754> — sobre a epígrafe, em língua lusitana, de Arronches, em que há menção a *Bandi Haracui*); todavia, referir-me-ei apenas a eventuais dados novos sobre os que ali foram tratados.

BANDA BRIALEACVS

Apresenta-se foto desta ara (nº 73) e também do fragmento de uma outra (nº 73-A), identificada na cidade da Guarda: José d'Encarnação e Adriano Vasco Rodrigues, «Altar votivo a *Banda Brialeacus*, do Castro dos Castelos Velhos (Guarda)», *Praça Velha [Guarda]* 25 2009 227-238. Na posse de Francisco Geraudes, da Covilhã, tive oportunidade de ver, na década de 80, uma ara de granito, também procedente de Orjaís, cujo dedicante não logrei identificar (*Mantau?*) e que *a(nimo) l(ibens) v(otum) s(olvit) Bandei / Brialeai/cui*. A epígrafe mantém-se inédita.

BANDA RAEICVS

Tranoy 1981 279.

BANDIS ISIBRAIA

Maria Lourdes Albertos viu a terminação *-gui* na face lateral, pelo que a leitura correcta do epíteto, em dativo dito pré-céltico, é *Isibraiegui*: ALBERTOS (Mª Lourdes) e BENTO (M. Pires), «Testemunhos da ocupação romana na região de Meimoa (Beira-Baixa), in *XIV Congreso Nacional de Arqueología – Cronica*, Zaragoza, 1977, 1208.

BANDIS VORTEAECEVS

ENCARNAÇÃO (José d') e LEMOS (Francisco Sande), «Ara votiva a Bandu Vordeaecco», *Ficheiro Epigráfico* [= FE] 40

1992 nº 179: altar identificado em Carrazeda de Ansiães, dedicado por *Sulpicius Paternus*; PERESTRELO (Manuel Sabino G.), «Ara a Bando Vordeaco, da Meda», FE 71 2003 nº 315 [Foto 77-A]. Grafias como *Bandu Vordeaeo*, *Bandi Vordeaicui* e *Vortiaecio* mostram como haverá certamente muita influência da oralidade no momento de passar para a pedra os teónimos. No texto de 1992 (nota 3) se dá conta de que existiam, à altura, seis testemunhos do culto a esta divindade com este epíteto, um dos quais, *Bandi Vortaeacio*, de Penamacor, se mantém por publicar. Ver também: HABA QUIRÓS (S.), «La divinidad *Vortiacio*: Nuevos testimonios epigráficos hallados en la provincia de Cáceres», *Alcántara* 19 1990 125-128.

* BANDOGA

Em «Epigrafia da Museu Nacional de Arqueologia e Etnologia – Rectificação de leituras», *Actas das III Jornadas Arqueológicas 1977*, Lisboa, 1978, 213-214, optei pela hipótese, que se me afigurou mais viável, de ler BAND · OGE, relacionando o eventual epíteto com os *Ocelenses*. Blanca Prósper, chamando à colação a epígrafe de Sarreus (Orense) dedicada *Lari Ocaelaego*, propõe a possibilidade de se restituir *Ocelaeco* ou *Ocelensi*, relacionável com o topónimo *Ocelum* (2002, 110). No catálogo da exposição *Religiões da Lusitânia* atrás citado, segue-se essa proposta, na ficha do monumento: BAND(i) OCE(lensi) (p. 365). Recorde-se, ainda, que se documenta *Arantius Ocelaecus*, e M^a Lourdes Albertos debruça-se demoradamente sobre este epíteto in *Symbolae Ludovico Mitxelena Septuagenário Oblatae*, Vitoria, 1985, 470-474.

BANDVA

Armando Redentor 2002 50-51 e 228-229.

Virgínia Muñoz, «La *interpretatio romana* del dios prerromano *Bandue*», *Veleia* 22 2005 145-152.

BORMANICVS

Como Moralejo estudara esta divindade, aproveitei o ensejo do volume em sua homenagem para voltar ao assunto: «Viver, filosofar... viver!», in GARCÍA BLANCO, M. J., *et alii* (edit.),

Ἀντιδωρον, *Homenaje a Juan José Moralejo*, Universidad de Santiago, 2011, 167-171 [acessível em: <http://hdl.handle.net/10316/16438>].

Cf. Prósper 2002 329-331.

* BRIGVS

Argumenta Tranoy (1981, 280) que a simetria da paginação leva a pensar que A é a terminação de uma palavra da linha anterior. E propõe que a divindade aí referida seja *Bandua Bricus*. A dificuldade de se conjugar a terminação em -a com o dativo *Brico* fez com que J. M. Garcia (1991, 296-297) levantasse dúvidas; e se uma hipótese *A(ugusto) Brigo* é de rejeitar, a de um epíteto de *Bandua* também o é.

* CABAR

Não reapareceu esta epígrafe, que, aliás, já estaria bastante desgastada, pelo que as hipóteses de reconstituição carecem de ser validadas – e mui dificilmente o serão. Veja-se, a título de exemplo, que João Vaz (*A Civitas de Viseu – Espaço e Sociedade*, Coimbra, 1997, 200-202) sugere [BAN]DE ALABAR(aico?), enquanto que Patrick Le Roux (*L'armée romaine et l'organisation des provinces ibériques d'Auguste à l'invasion de 404*, Paris, 1982, 191) aponta: [...] *dea[e] Cabar[... ?]*.

* CAEPVS

Tive razão em fazer anteceder o teónimo de asterisco de dúvida. Outros testemunhos encontrados na região (v. g., FE 10 1884, inscrições estudadas sob o n.º 28) vieram permitir a correcção de leitura para LAEPO. Fantasiosa interpretação que surgiu em relação ao significado do monumento como «pedra parideira», de efeitos seguros contra a esterilidade feminina, levou-me a referir-me mais detidamente a esta epígrafe: vide *Praça Velha* [Guarda] 24 2008 200-202.

* CARNEVS ou * PTARNEVS

O monumento continua desaparecido, mas algo mais dele se sabe já e a leitura *Carneus* afigura-se viável: José d'ENCARNAÇÃO, «Divindades indígenas – os númenes das

nossas raízes!», in LOPES (Bruno) [org.], *Conversas à volta de Santana do Campo*, Associação Social Unidos de Santana do Campo (Arraiolos), Outubro de 2010, p. 27-38.

Ver também: IRCP 410, 411 e 412; GUERRA (Amilcar), «Algumas considerações sobre divindades e espaços sagrados, de período romano, na região eborense», in OLIVEIRA (Francisco), OLIVEIRA (Jorge de) e PATROCÍNIO (Manuel) [coord.], *Espaços e Paisagens – Antiguidade Clássica e Heranças Contemporâneas*, Coimbra, 2010, 111-114.

Quanto ao epíteto, em «Notas de arqueologia, epigrafia e toponímia – VI», *Revista Portuguesa de Arqueologia* 15 2012 133-134, Jorge de Alarcão disserta sobre «o vicus *Calantani*», partindo de um grafito onde Leite de Vasconcelos leu *Calantani*, nome a que atribui carácter etnonímico e observa, consequentemente: «Não temos de presumir um topónimo *Calantica*, mas apenas um caso de dupla sufixação: *-icus* e *-ensis*». ³ Apesar dessa opinião, em Arraiolos, na actualidade, *Calantica* já ganhou foros de ‘autenticidade’, como sendo o nome da localidade antiga de que a divindade era padroeira...

* CARVS

Por lapso, não foi citado Scarlat LAMBRINO, «Sur certaines divinités du Nord-Ouest de la Péninsule Ibérique» *Arquivo de Beja* 20-21, 1963-64 125-130, que se refere a esta divindade nas p. 125-127, propondo a seguinte leitura:

Face a: *Caro / Cons(ervatori) / Q P(ontius) M(acer)*

Face b: ... *v(otum) [s(olvit)]* ou *v(otum) [s(olverunt)]*.

Face c: *F(?) L(?) M I(Ibeas) I(aetus) d(edit)*

Considera que *Carus* significa «querido, amado» e que o epíteto *conservator*, geralmente atribuído a Júpiter ou a qualquer

³ Nesta primeira de várias citações que farei da referida série de textos do Doutor Jorge Alarcão, de que este artigo é o VI, não será despendendo transcrever o que observa, no III (*RPA* 8/2 2005 293), acerca destas revisões a que meteu ombros e da utilidade de se formularem hipóteses, atitude metodológica que não pode deixar de me merecer inteiro apoio: «Se acaso uma proposta de interpretação alternativa não reúne consenso ou é mesmo, com válidos argumentos, rejeitada, a demonstração, por outros, de que tomei o caminho errado e de que o caminho anterior era, afinal, o correcto é já um progresso na via da indagação histórica».

um dos deuses maiores do panteão romano acentua o carácter de «divindade todo-poderosa, protectora da tribo», denotando o nome do deus «que ele gozasse de particular devoção junto dos seus fiéis» (p. 127).

CASTAECAE ou CASTAECI

Blanca Prósper (2002, 333-334) estabelece algumas correlações linguísticas, não chegando, porém, a uma conclusão convincente, uma vez que o nome «conoce un cierto número de probables correspondências».

CORONVS

Apresenta-se ficha no catálogo da exposição *Religiões da Lusitânia*, p. 373-374, com fotografias. Compara-se com o epíteto *Corona*, de *Nabia*, presente na ara de Marecos (ver adiante, s. v. *NABICCA).

*** CORV... ABE**

Mantêm-se as dúvidas acerca do que poderão significar estas letras, não muito visíveis, aliás.

COSVS NENEOECVS

Cosus é divindade que, devido também ao facto de se lhe juntarem epítetos tópicos e de apresentar diversas grafias (v. g., *Cusei Paeteaico* – FE 70 – Foto 78), tem sido alvo de muitas reflexões acerca da sua natureza, que é a de divindade tutelar. Citem-se, entre outros, os seguintes estudos:

Blanca PRÓSPER, «La divinidad paleo-hispánica *Cossue/Coso* y el dios itálico *Consus*», *Annali del Instituto Orientale di Napoli sez. Lettere* 19 1997 267-302.

J. C. BÚA, «*Cosus*. Un exemplo de epigrafia e relixião», *Boletín Auriense* 33 2003 147-184.

Juan Carlos OLIVARES PEDREÑO, «Hipótesis sobre el culto al dios *Cossue* en El Bierzo (León): Explotaciones mineras y migraciones», *Palaeohispanica* 7 2007 143-160.

SILVA (Armando Coelho Ferreira da), *A Cultura Castreja no Noroeste de Portugal*, Paços de Ferreira, 2007, 455-457 (quadro de todas as ocorrências desta divindade).

O facto de, em ambas as epígrafes, não ser fácil ler o epíteto determina opções diversas. Cite-se, a título de exemplo, que no nº 24 152, que traz a inscrição da capela de São Bartolomeu do Vale de Ervosa, se indicar *Nemedeco*. A. C. F. da Silva lê *Nemeoeco* em ambas. Só o achado de outros testemunhos poderá dirimir a questão.

* COSVNEAE e FIDVNEAE

SILVA (2007, 437, nº 680) apresenta uma ficha completa desta epígrafe que designa «ara votiva rupestre» e lê:

A: *Numidi / Fidueneorum / hic*

B: *Cosuneae / h[ic] s(olvitur vel –uperfunditur?)*

A presença da palavra *hic*, «aqui», e o facto de as epígrafes ocuparem cada uma o seu lado de uma penedia faz-nos, porém, suspeitar que – a exemplo do que noutros casos acontece – poderemos estar aqui, de preferência, perante uma *limitatio*: «Aqui, os Númidos das Fidueneas»; aqui se localizam as Cosúneas». H S creio serem, mais facilmente, as siglas de H(ic) S(unt). Caso esta hipótese seja atendida, não seriam teónimos.

Registe-se que Blanca Prósper (2002, 188) seguiu a leitura *Munidi*, que tem por ser «a leitura mais razoável», mau grado classificar de «discutível a leitura do teónimo». Quanto a *Fidueneorum*, observa: «Desgraçadamente, não há maneira de estabelecer uma etimologia convincente» para este vocábulo.

* DAFA

Tranoy (1981, 274) viu bem: trata-se da palavra *Daea* (por *Dea*); por conseguinte, não cabe aqui a referência a esta epígrafe. Publico o desenho original oferecido por Manuel de Boaventura (Fot. 79).

DENSVS

PRÓSPER (Branca Maria) e REDENTOR (Armando), «Denso: uma divindade lusitana revisitada», *Conimbriga* 46 2007 251-265. É interpretada «como nume protector de um aglomerado populacional, apelidado em função de uma das suas principais qualidades: ser “dotado de força mágica”».

DII DEAEQVE CONIVMBRICENSIVM

Corrija-se, na l. 2, o desdobramento que propus: não é EQ(*uester*), mas EQ(*ues*).

Sendo o dedicante um cavaleiro da III coorte dos Lusitanos, foi incluído por Patrick Le Roux na sua tese sobre o exército romano atrás citada (data-a de antes do ano 43 d. C.), apontando, porém, *Sanecius* como *cognomen* de *Tiberius Claudius*, opção que já fora a dos autores de *Fouilles de Conimbriga II* (inscrição nº 3), vendo um nexu NE onde eu leio IL. *Sailcius* é nome indígena conhecido; *Sanecius* seria um *hapax*. O que mais interessa, no entanto, será manter, ou não, este *numen* – e a questão pôr-se-á em relação aos *genii*, *lares*, *tutela*e... seguidos de um epíteto locativo indígena ou do nome de um povo pré-romano. Opto pela manutenção, porque, embora colhido na mitologia romana (ou latina, se se quiser), o teónimo assume aqui uma conotação específica, local, directamente ligada a uma povoação e/ou às suas gentes.

F. Patrício Curado chegou a defender («A propósito de *Conimbriga* e de *Coniumbriga*», *Gaya* 6 1988-1994 213-234) que existiria uma *Coniumbriga* na zona de Freixo de Numão, sendo esse, concretamente, o nome do Castelo Velho de Monte Meão; Jorge de Alarcão considera, todavia, que é esta uma hipótese de trabalho, «ainda que muito credível» (em *Cóavisão* 7 2005 12).

Aproveito o ensejo para sublinhar, mais uma vez, que as divindades aqui veneradas se apresentam nos dois géneros, porque... os deuses não têm sexo e os Romanos amiúde referiam o masculino e o feminino, para não ferir susceptibilidades (dir-se-ia!...), que é como quem diz *sive deus sive dea*, ‘quer seja um deus ou uma deusa’. Veja-se: F. MARCO SIMÓN, «*Diis Deabusque*. A indefinição primordial do divino», in RIBEIRO (José Cardim) [coord.], *Religiões da Lusitânia – Loquuntur Saxa*, Museu Nacional de Arqueologia, Lisboa, 2002, 17-19.

DVRBEDICVS

A relação do teónimo com o facto de *Ladronus*, *Bracarus*, se identificar como natural *castello Durbede* (IRCP 122) é óbvia, a confirmar ser esta uma divindade tópica. Cf. Prósper

2002, 345. Sobre a localização deste *castellum*, leiam-se as considerações de Jorge de Alarcão em *RPA* 7/2 2004 204.

* DVRIVS

Apesar de Armando C. F. da Silva incluir esta epígrafe no rol das divindades (2007 439, nº 696 – com toda a bibliografia), mantenho a opinião de que se trata de uma hipótese por confirmar essa de ver aí uma referência ao teónimo identificativo do rio Douro divinizado, opinião partilhada com Tranoy (1981, 275).

ENDOVELLICVS

É, seguramente, uma das divindades que mais estudos tem suscitado, não só pela abundância dos documentos (e as recentes escavações na zona do seu santuário mais vieram proporcionar) como também pelo facto de o teónimo apresentar variantes de grafias que têm suscitado reflexões de ordem linguística.

Tive ocasião de procurar dar a conhecer todos os documentos epigráficos encontrados (IRCP 482-565) e de traçar uma síntese acerca do seu culto, em IRCP p. 800-805. A já referida exposição do Museu Nacional de Arqueologia *Religiões da Lusitânia* foi oportunidade que se aproveitou para, com excelentes fotografias, se apresentar a ficha de boa parte dessas epígrafes (p. 379-400) e para se revelarem novos estudos e interpretações: RIBEIRO (José Cardim), «*Endovellicus*», in RIBEIRO (José Cardim) [coord.], *Religiões da Lusitânia – Loquuntur Saxa*, Museu Nacional de Arqueologia, Lisboa, 2002, 79-90; DIAS (Maria M. Alves), «O chamado “Hino a Endovéllico”», *ibidem*, 91-92.

Em <http://hdl.handle.net/10316/25934> (p. 263-264 e 272-273), abordam-se os problemas que devem ser encarados aquando se procede ao seu estudo; em <http://hdl.handle.net/10316/9913> traça-se uma panorâmica acerca do estatuto social dos seus dedicantes.

Sobre as novas perspectivas abertas pelas recentes escavações, vejam-se (com mais bibliografia), de Amílcar GUERRA, «La documentation épigraphique sur *Endovellicus* et les nouvelles recherches dans son sanctuaire à S. Miguel da Mota», in HAESSLER (R.) e KING (A. C.) [edit.], *Continuity and Innovation in Religion in the Roman West*, Série suplementar nº

67, vol. 2, do *Journal of Roman Archaeology*, 2008, 159-167; e: «Algumas considerações sobre divindades e espaços sagrados, de período romano, na região eborense», in OLIVEIRA (Francisco), OLIVEIRA (Jorge de) e PATROCÍNIO (Manuel) [coord.], *Espaços e Paisagens – Antiguidade Clássica e Heranças Contemporâneas*, Coimbra, 2010, 114-119.

FROVIDA

Tranoy (1981, 278) identificou a lápide onde figuraria este teónimo com uma «grande ara actualmente depositada na “Quinta do Avelar”, em Braga», informando que «desse texto apenas subsiste de legível uma parte da 4ª linha: [F]LACC...». É, pois, divindade a eliminar.

GENIVS CIVITATIS BANIENSIVM

Creio não se ter posto em causa a possibilidade de a epígrafe ter sido dedicada não apenas a Júpiter Ótimo Máximo mas também ao génio protector da cidade dos Banienses, por surgir no texto o dativo *civitati*. Mesmo José Cardim Ribeiro, ao fazer a ficha do monumento (2002, 417, nº 81), ele que é habitualmente muito crítico, não tece sobre a ocorrência nenhuma consideração, tão clara lhe terá parecido também a leitura. E Tranoy (1981, 319) aproveita este caso para aludir à íntima relação que se observa entre os meios romanizados e indígenas, aqui patente na circunstância de haver uma dedicatória a Júpiter e a uma cidade indígena.

Tenho, hoje, ao invés, alguma dúvida, pois que o normal seria mesmo incluir a palavra *Genio* – e mesmo quando vem o nome da cidade, como na epígrafe de *Conimbriga* a que adiante se fará referência, há também nome de divindade (nesse caso, os respectivos Lares). Por isso, eu optaria, de preferência, por algo de mais condizente com o que se vê na pedra, que, para melhor compreensão, poria aqui numa ordem mais directa: *Sulpicius Bas(s)us d(ono) dedit civitati Baniensiu(m)*, ou seja, em meu entender, houve, da parte do dedicante, a oferta à cidade do monumento que ele dedicou a Júpiter, na intenção de a divindade proteger a *civitas*. Por isso, há-de ser banido do rol das divindades indígenas esse pretenso *genius*.

A epígrafe tem sido bastas vezes citada no sentido de se saber a localização e o nome da *civitas* (*Banium* ou *Bania*) e sua relação com as demais suas vizinhas, propondo Jorge de Alarcão (RPA 7/2 2004 200-202) que no sítio de Chão da Capela, onde a epígrafe se encontrou, tenha sido erguida a capital dos *Banienses*.

GENIVS CONIMBRICAE

Este altar foi estudado em *Fouilles de Conimbriga II – Épigraphie et Sculpture* (Paris, 1976, nº 6, p. 24-25). E aí se coloca – ainda que de forma não directa – a questão que atrás se abordara: a legitimidade de inclusão de este *Genius* no rol das divindades indígenas. Na verdade, os autores (Robert Étienne e Georges Fabre), depois de afirmarem que «estamos em presença de um culto romano que tanto exalta o génio de um indivíduo ou duma divindade, duma entidade moral como duma colectividade política [...] ou dum monumento» (p. 25) e, após sublinharem que apenas no *conventus Bracaraugustanus* e no Norte da Lusitânia se identificam génios «de tipo indígena», interrogam-se:

«Quererá isso dizer que os indígenas estão ausentes de um culto romano que poderia muito bem representar para eles uma transferência do culto tópico das cidades, uma vez que os Lares indígenas das cidades equivalem ao Génio, precisamente em *Conimbriga*», onde há uma epígrafe votiva *Flaviae Conimbrigae et Laribus eius* [Foto 81 A]?

Afigura-se-me, por conseguinte, que também os autores perfilham esta opinião: uma entidade divina, ainda que do panteão romano, pode revestir carácter indígena se tiver uma ‘invocação’ local.

* GENIVS COR

Por se referir, mui verosimilmente, ao génio de uma pessoa, carece de conotação indígena – e não deve ser aqui incluído. João Vaz (1997 307, est. CXXVII, que, com a devida vénia, aqui se reproduz – Foto 82) leu SE / NI / OC / OR, interrogando-se acerca da categoria atribuível a *Senio*: antropónimo? Teónimo?

* GENIVS DEPENORIS

Mantêm-se as dúvidas em relação à interpretação desta epígrafe, apesar de João Vaz (1997, p. 183-184) opinar que se deveria ler MART(is) / GENIO / DEPEN/ORI [...], tendo *Depenori* como etnónimo, que seria, no caso, o dedicante. Diz, de seguida, tratar-se de «uma divindade local identificada com o Marte romano». Tanto a reconstituição como esta eventual identificação são hipóteses a necessitar de validação. Por outro lado, uma vez que se refere, mui verosimilmente, ao génio de uma pessoa, carece de conotação indígena – e não deve ser aqui incluído.

Segundo João Vaz foi encontrada no Castro da Ucha, Figueiredo de Alva, S. Pedro do Sul.

GENIVS LAQVINIENSIS

Tranoy (1981, 302) lê *Laquinesi*; creio, porém, que o I está presente quase no rebordo da pedra. A ausência de n no sufixo – *ensis* não é invulgar: Hübner refere inúmeros exemplos em CIL II p. 1189, entre os quais este. Não se conhecem mais dados sobre um eventual topónimo *Laquinia* ou um povo designado *Laquinienses*, que este génio protegeria.

Como era de esperar, a epígrafe é amiúde citada por o dedicante se declarar *fullo*, ou seja, pisoeiro. Cf. GIMENO PASCUAL (Helena), *Artisanos y Técnicos en la Epigrafía de Hispania*, Universitat Autònoma de Barcelona, Bellaterra, 1988, 43.

GENIVS TIAVRANCEAICVS

O facto de a dedicante se identificar como *Talabrigensis* levou Jorge de Alarcão a referir-se, no âmbito da localização de *Talabriga* (RPA 7/1 2004 329). Blanca Prósper (2002, 313-315) propõe uma estreita relação do teónimo com a água; por esse motivo, J. de Alarcão afirma que «poderá tratar-se de um génio protector do rio Antuã ou do espaço entre os rios Antuã, Vouga e Caima, ou entre Antuã, Ínsua e Caima» (*ibidem*).

* GENIVS TONCOBRICENSIVM

A identificação, por Lino Tavares Dias, da cidade de *Tongobriga* (Cf. *Tongobriga*, Lisboa, 1997, de sua autoria) justifica a presença deste Génio como protector da *civitas* (cf. Tranoy 1981, 302).

HERMES DEVORIX

O estudo mais completo desta epígrafe, servido por excelente fotografia – que, com a devida vénia, aqui se reproduz (Foto 84) –, deve-se a Antonio Rodríguez Colmenero (*Aquae Flaviae. I. Fontes epigráficas da Gallaecia meridional interior*, Chaves, 1997, n.º 78, p. 107-109). Lê ERMAE EIDE/VORI; *Ermae* seria forma ‘corrupta’ (o adjectivo é meu) do dativo de *Hermes*, difícil de resolver para uma população incipientemente romanizada, e *Eidevori*, um epíteto em dativo. A interpretação mais corrente propõe *Ermaei*, mais consentâneo com um dativo levemente ‘estropiado’ pela linguagem falada – e daí ter-se pensado num epíteto do tipo *Devori*, dativo por regressão de um eventual nominativo *Devorix*, não documentado, porém, e quiçá relacionável com *devoratrix*. Recusa-se Rodríguez Colmenero a entrar na discussão, sem dúvida complexa, do eventual significado desse qualificativo, seguramente relacionável com os jogos, uma vez que o ex-voto é posto *ob eventum bonum gladiatorum muneris*, por ter sido bom o evento do combate de gladiadores, menção singular no âmbito da epigrafia peninsular ocidental.

Armando C. F. da Silva (2007, p. 440, n.º 697) põe *Eidevoris* (?). Tranoy (1981, 302) prefere *Devoris* e levanta a hipótese de o dedicante ser *G. Ceraecius Fuscus*, flâmine natural de Chaves que figura numa epígrafe de Tarragona (CIL II 4204). Em seu entender, estamos perante «uma interpretação local de um deus grego, mal conhecido no meio indígena, e assimilado, por isso, a uma divindade indígena». É nesse pressuposto que o mantemos, por enquanto, no rol das divindades indígenas.

IGAEDVS

As aras identificadas em Alcains (vide <http://hdl.handle.net/10316/14377>), em que *Asinia Poltucea* é divindade da *gentilitas Polturiciorum*, cujo fundador foi um

Polturius, não nos ajudam a responder à pergunta: *Igaeditani* provém do teónimo ou foram os *Igaeditani* que deram o nome de *Igaedus* à divindade que escolheram para os proteger? Em *RPA* 15 2012 117-118, Jorge de Alarcão disserta sobre «o nome de Idanha», mas não faz nenhuma referência a eventual relação do topónimo com o teónimo.

ILVRBEDA

Tive ocasião de fazer um balanço da investigação sobre esta divindade em «Octávio Veiga Ferreira – percursos em Cascais e pela Arqueologia Clássica», *Estudos Arqueológicos de Oeiras*, 16, 2008, 351-362 (<http://hdl.handle.net/10316/10762>). Aí cito HERNANDO SOBRINO (María del Rosario), «A propósito del teónimo *Iurbeda*. Hipótesis de trabajo», *Veleia* 22 2005 153-164. José Cardim Ribeiro identificou uma nova árula a esta divindade em Sintra: HÉp 6 1996 1061.

ISSIBAEVS

Foi publicada a comunicação que D. Domingos de Pinho Brandão teve a gentileza de me facultar ainda manuscrita: «Issibaeus – uma nova divindade do panteão lusitano-romano», *Actas das I Jornadas Arqueológicas*, I, Lisboa, 1970, 79-83.

Prósper inclui-a entre as divindades da paisagem (2002, 262) e põe a sua designação em paralelo com os epítetos *Isibraiegui* e *Isibraeo* (p. 363). Na verdade, pela terminação, *Issibaeus* poderia facilmente ser considerado o epíteto de uma divindade do género de *Bandis*, *Cosus*, *Arentius*, a exemplo do que se passou com a dedicatória a *Tueraeus* (p. 291-292), que reputo variante gráfica, isolada, de *Toiraecus*, epíteto que, noutra epígrafe do mesmo local (o castelo de Vila da Feira), acompanha *Bande Velugo* (p. 128-129). Essa também a razão por que, havendo um *Bande Picio* — que, nas p. 260-261, vem identificado como **Rannelpicius* — o considerámos venerado pelo dedicante que apenas o designou de *Picius* (p. 259-260) — vide p. 14-15 in: <http://hdl.handle.net/10316/24785>. Blanca Prósper (2002) dedica mesmo um capítulo, o XII, a estes «epítetos sem teónimo».

* IVNO MEIRVRNARVM

Não terão sido feitas diligências no sentido de identificar essas eventuais letras vistas, um dia, no monte de Cristelo. Não deixa de ser curioso que haja, no final do texto, a datação, como que a querer conferir-lhe autenticidade solene. Esses cônsules existiram, de facto, como já o Contador de Argote esclarecera: são *Plautius Quintillus* e *M. Statius Priscus Licinius Italicus*, do ano 159 d. C. Essa menção aos cônsules leva, por conseguinte, a pensar que não teremos a ver com uma inscrição votiva, mas sim, de preferência, com uma epígrafe de carácter administrativo, tanto mais que se trata de inscrição rupestre. A possibilidade de ser a indicação do território de um *populus* ganha viabilidade com a circunstância de haver, depois de um primeiro termo, um genitivo plural. Jorge de Alarcão (RPA 9/1 2006 137-139), sugere a leitura *Meruanae*, optando por propor que se interprete o texto como «dedicatória à *Iuno* dos *Meiruanæ*», interpretando-se *Iuno* como um «génio local feminino».

Explicita-se que a outra epígrafe rupestre a que se faz referência na p. 206 foi identificada e interpretada como *Assaniane(enses?) via(m) / fecerunt* (FE 48).

* IVNO VEAMVAEARVM

Jorge de Alarcão (in *Côavisão* 2005 12-13), mantendo-se muito embora no campo das hipóteses, sugere a possibilidade de termos, nesta inscrição rupestre, uma dupla dedicatória: à *Iuno* dos *Veamniae* e a *Tarbouma* (ou *Tarbouna*) *Nomunarum* (ou *Nomanarum*). Poderia ser este último, comenta, o genitivo plural de *Nomana*, vocábulo donde – através de formas registadas na documentação, *Noman* e *Nauman* – teria derivado o topónimo Numão. Resta saber, acrescenta, onde ficaria situado esse *castellum* ou *vicus Nomana* (ou *Naumana*).

Jorge de Alarcão voltou a debruçar-se sobre esta epígrafe em RPA 7/2 2004 209-212. E escrevi «voltou», porque, apesar de a data desta nota ser anterior à da *Côavisão* atrás citada, nela se afirma: «Publicaremos brevemente uma nota sobre esta inscrição», que é esta datada de 2004. Desenvolve aí o raciocínio expandido anteriormente, na tentativa – não isenta de escolhos – de obter uma

solução, que os escassos elementos de que dispomos muito dificultam.

IVPPITER ASSAECVS

Uma observação mais atenta do início da epígrafe levou Carlos Búa e Amílcar Guerra [«Nova interpretação de uma epígrafe votiva do Poço de Cortes, Lisboa (EO 144-E)», in VILLAR (F.) e BELTRÁN (F.) [eds], *Pueblos, lenguas y escrituras en la Hispania prerromana: Actas del VII Colóquio sobre Lenguas y Culturas Paleohispánicas* (Zaragoza, 12-15 de Marzo de 1997), Zaragoza, 1999, 329-338], a proporem que se lesse *Kassaeco*, pois que não se tratava de um *punctus* triangular em forma de V deitado, mas sim das hastes de um K.

Blanca Prósper (2002, 327-328) põe sérias reservas a esta interpretação: primeiro, porque «se podría suponer razonablemente que cuando se adoptó el alfabeto en Lusitania no se hizo uso de este recurso tradicional por lo demás inútil», seria esta a «epígrafe más occidental» em que apareceria um k; depois, porque, «en la cuarta línea se observan otras dos interpunciones angulares en forma de pequeñas <V>»; finalmente, «el angulito de <K> no solo es mucho más pequeño que el resto de las letras, que tienen un tamaño homogéneo en toda la línea, sino que la incisión tiene claramente mucha menos profundidad». Para além destes argumentos paleográficos, acrescenta Blanca Prósper um outro, de teor linguístico: não é lídimo que *Kassaeco* provenha «de un topónimo *Kasso-, -a o reproduciría un étnico *kassaeco- [sic]». No artigo de 2002 atrás citado, Amílcar Guerra apresenta também este caso como demonstrativo da relação dos teónimos com antropónimos: na base da formação de *Kassaeco* estariam uma «base antroponímica atestada unicamente sob as formas de feminino *Casa*, *Qasa*, mas que se apresenta igualmente nos seus derivados *Casius* e *Casia*» (p. 64).

Haveria, não obstante, que demonstrar o uso do K...

Por conseguinte, embora desdobrar I em I(ovi) possa parecer estranho à primeira vista, decerto não causará perturbação se atentarmos na fórmula habitual I · O · M. Vamos, pois, manter a interpretação inicial.

LAESVS

Trata-se de uma árula de pedra talco, muito bonita, de pequena espessura, ostentando o texto em linhas auxiliares. Armando Redentor teve ocasião de a analisar na sua dissertação de mestrado atrás citada: nº 8 (p. 56-57) e p. 229-230. Confirma o carácter teonímico do vocábulo (que fora posto em causa por José Manuel Garcia) e alvitra ser «o nume protector de uma comunidade ou de uma família alargada [...], associada a um povoado concreto» (p. 229).

LARES CAIRIESES

Embora seja esse o título, explica-se no final que deverá ler-se *Cairienses*, nome do povo de que estes lares eram protectores.

LARES CERENAECI

Vem no catálogo *Religiões da Lusitânia* (2002 366) a ficha da epígrafe; nada se adianta, porém, acerca de eventual identificação do grupo étnico indígena que estes lares protegiam.

* LARES CVSICELENSES

Rodríguez Colmenero (*Aquae Flaviae* 1997, 164-5) reproduz a gravura de Távora e Abreu. Em vez de *Flavinus* – o *cognomen* que, ainda que dubitativamente, Hübner propusera (CIL II 2469) – prefere *Ennius*, que não se regista como *cognomen*, mas sim como *nomen*.

Um dos casos em que constitui mero exercício académico procurar explicações linguísticas ou sugerir conjecturais leituras sem base de leitura credível. Em todo o caso, Jorge de Alarcão sugere que este epíteto «faz-nos supor um topónimo *Cusicelum* que poderia ter as variantes *Cusu celum* e *Cuso celum*» (RPA 7/1 2004 337).

* LARES ERREDICI

Rodríguez Colmenero (*Aquae Flaviae* 1997, 166) reproduz a gravura de Távora e Abreu, segue a leitura que tem sido apontada como viável e nada acrescenta.

Mais um dos casos em que constitui mero exercício académico procurar explicações linguísticas ou sugerir conjecturais leituras sem base de leitura credível.

* LARES FINDENETICI

Rodríguez Colmenero (*Aquae Flaviae* 1997, 166) reproduz a gravura de Távora e Abreu (é, estilizadamente, um paralelepípedo, tendo a epígrafe numa das faces menores), segue a leitura que tem sido apontada como viável e nada acrescenta.

Também um dos casos em que constitui mero exercício académico procurar explicações linguísticas ou sugerir conjecturais leituras sem base de leitura credível.

LARES LVBANCI

A epígrafe foi estudada por R. Étienne e G. Fabre (*Fouilles de Conimbriga* II nº 11). Consideram a possibilidade de o epíteto *Lubanci* poder relacionar-se com a etimologia do antropónimo *Lubaeus*; têm-nos por «divindades tutelares dum clã que se integrava na comunidade de linhagem dos *Dovilonici*» e salientam o facto de, «em pleno período romano se manter uma hierarquia de linhagens».

Observe-se que não estamos perante uma ara votiva, mas sim uma placa de calcário com 27,9 x 58,4 x 9,2/11,5 e o dedicante, um indígena (*Albuius Camali filius*), não manda gravar a habitual fórmula votiva, mas sim *sacrum*. Por outro lado, o nome dos deuses não está em dativo, mas em nominativo (o acusativo *Lubancos* em que Étienne e Fabre desdobraram *Lubanc* não parece ter consistência lógica). Por conseguinte – e essa é uma conclusão que ainda não terá sido sugerida – é bem verosímil a possibilidade de estarmos perante a epígrafe a colocar na frontaria de um templete, cuja erecção se deve a iniciativa particular. Recordaria o que se me afigura ser um paralelo claro, o do lintel ao imperador Augusto (com ampla conotação divina) mandado erigir por *Vicanus Bouti* em Alcácer do Sal (IRCP 184).

* LARES TARMVCENBAECI OECEAICI

Ambos os epítetos oferecem dúvidas de leitura. Tranoy (1981, 304) manteve a minha proposta em relação ao primeiro e preferiu *Ceceaeci* para o segundo, com base noutro testemunho, da Galiza (CIL II 2597), onde, mui verosimilmente, as divindades veneradas eram os *Dii Ceceaegi*. Acrescentarei, em abono desta lição, a ara de Castelo de Paiva, onde lemos (FE 116 2013 n.º 470) *Laribus Ceceaecis Ienaecis* [?]. Rodríguez Colmenero (o. c., 1997, 162-163) prefere *Inmucenbaeci Ceceaeci*, pois, para ele, *Tarmucenbaeci* é «infundada interpretação». Armando C. F. Silva (2007, p. 443-444, n.º 730) segue Tranoy e cita também a ara achada na igreja paroquial de Arcossó (Chaves), dedicada *Laribus Gegeigis* (*ibidem* p. 440, n.º 701). Blanca Prósper (o. c., p. 319) tece considerações de ordem linguística acerca de *Tarmucenbaeci* e de *Ceceaeci*.

* LARES TVROLICI

Dado que a fonte (o Contador de Argote) é duvidosa e a epígrafe não foi reencontrada, trata-se de mais um dos casos em que constitui mero exercício académico procurar explicações linguísticas ou sugerir conjecturais leituras sem base de leitura credível.

* LARISEFIVS

Armando C. F. Silva (2007, p. 443, n.º 726) assume a epígrafe como dedicada *Lari Sefio*. Contudo, em relação ao epíteto e uma vez que o monumento levou descaminho, eu preferia ver aqui mais um dos casos sobre que não vale procurar explicações linguísticas ou sugerir conjecturais leituras sem base de leitura credível.

LAROCVS

Ver neste epíteto uma alusão à Serra do Larouco, que desta forma se encontra deificada desde prístinos tempos, não sofre contestação, mormente a partir do achamento, em Baltar (Ginzio de Limia), da dedicatória a *Reva Laraucus*. Tranoy sintetiza bem (1981, 281) a importância deste culto, que inclusive terá sido assimilado ao de Júpiter Ótimo Máximo, uma vez que a

montanha exerce, ainda hoje, quotidiano fascínio sobre os habitantes «que têm para com a *serra* um apego profundo». Dai que, «desde cedo, tenham começado a prestar culto a esta força misteriosa que lhes comandava a vida»!

LVPIANAE (Nymphae)

Tranoy (1981, 304) recorda a grande devoção dos povos do Noroeste às Ninfas. Não admira, pois, que tenha havido esta tendência para as associar a uma divindade indígena, que, pelo seu radical *Lup-*, também está associada ao culto das águas.

Ver em *Religiões da Lusitânia* (2002 358) a ficha da epígrafe.

Para Amílcar Guerra (in *Palaeohispanica* 3 2003106), as Ninfas teriam recebido aqui, «naturalmente, um epíteto (*Lupianae*) baseado no topónimo correspondente, determinativo de formação paralela ao apelativo que designava os seus habitantes (*Lubaeni*)».

* LVRVNIS

O asterisco, aqui, serve apenas para indicar que não se tem uma certeza sobre o nominativo a adoptar. Afigura-se-me que poderá ser este (*Lurunis*), a partir do dativo *Luruni* que surge nas dedicatórias; mas também se sugeriu *Luru* ou *Luru(n)*.

João Vaz (1997) inclui as aras a esta divindade sob os números 27 a 30; ou seja, insere também a que foi dada a conhecer em FE 16 1984 (inscrição nº 71), consagrada *Luruni* por *Val(eria) Cattia*.

Blanca Prósper procurou encontrar uma etimologia para o teónimo (2002, 186-187); não creio, porém, que seja convincente. E mantenho a ideia – mesmo sem conhecermos o seu significado etimológico – de que será uma divindade venerada pelo povo que estanciou na região.

* MACARIVS

Fiz preceder o teónimo de asterisco, por se me afigurar esta uma leitura em dúvida. No catálogo *Religiões da Lusitânia* (o. c.) 2002 404, na ficha da epígrafe, José Cardim Ribeiro rejeita não apenas a proposta – que mantenho – de ver em *Macari* o dativo de um teónimo indígena, mas também as que procuraram desdobrar a

palavra em MA(*rti*) CARI(*ociaeco*), que são, de facto (confessemos), engenhosas. Cardim Ribeiro opta, pois, pela ausência de teónimo e interpreta MARICA RVFI (*filia*) como sendo a segunda dedicante, porque lê na pedra os nexos MA e VF. Continuo, porém, a considerar forçada esta hipótese.

Tranoy (1981, 275), além de aceitar o nominativo *Macarius*, sugere para a divindade a conotação «com um culto agrário ou um culto da vegetação». E debruça-se sobre a forma inusitada do suporte: «um grande pilar paralelepípedo [...] encimado por uma ara clássica com volutas, frontão e *focus*», estando o texto gravado não no altar mas no fuste do pilar, sugerindo que essa tipologia pode «reflectir um hábito de culto, ligado aos rochedos e às pedras». Um testemunho, pois, de visível aculturação.

MANDICEO

Já Francisco Diego Santos (*Inscripciones Romanas de la Provincia de León*, León, 1986), ao referir-se ao ex-voto feito por *L. Pompeius Paternus* à divindade *Mandica* (inscrição nº 61, de Ponteferrada), não hesita em comparar ambos os teónimos, cujo significado etimológico Blanca Prósper (2002, 337-338) relaciona com um radical que poderá ter o sentido de «monte, proeminência».

MARS BORVS

J. Cardim Ribeiro elaborou a ficha da epígrafe para o catálogo *Religiões da Lusitânia* (2002 359) e prefere interpretar o primeiro elemento como *Marati*, relacionável, em seu entender, com «a palavra *maros*, “grande”, frequente nas onomásticas gaulesa e ilíria». Quanto a *Borus*, opina que não deverá haver afinidade com os termos pré-romanos a que se tem atribuído o sentido de «ferver», «borbulhar» (patente, por exemplo, em *Bormanicus*), mas sim com o ilírio **bora*, “montanha”, “montanhês”. Dado que o monumento foi encontrado em Monsanto, a sua relação com a montanha era, por conseguinte, evidente.

MIROBIEO

Após ter identificado a epígrafe no Museu Nacional de Arqueologia, sou de opinião que devem manter-se sérias dúvidas quanto ao carácter teonímico deste vocábulo e, de resto, quanto a eventual intenção votiva desta inscrição rupestre, cuja paleografia aponta, de facto, para a época romana e em que poderá haver a referência a um *Apiobicensis*. Blanca Prósper refere-se-lhe (2002, 367), relacionando *Mirobieo* com topónimos como *Mirobriga*, mas considera a dedicatória «problemática»; Olivares (2002, 54-55) concorda com a minha opinião; no artigo «Los hidrónimos con *up- (*op-) "agua, río" en la toponimia prerromana hispana», *Palaeohispanica* 2 (2002) 277-291, Francisco Villar detém-se na análise desta epígrafe.

MVNIS

O carácter tutelar desta divindade é aceite sem reservas. Para além das duas epígrafes citadas, registou-se mais um testemunho em Celorico da Beira (Silva, p. 442, nº 716), releitura de CIL II 424. Na epígrafe, em língua lusitana, de Arronches, atrás citada, lemos *Munitie* (em dativo), vocábulo que poderá ser uma forma deste teónimo.

NABIA

Uma das divindades mais referidas, não só por também surgir grafada com *v* (*Navia*), mas porque se apresenta acompanhada de epítetos locativos. Citem-se, a título de exemplo:

MELENA (J.), «Un ara votiva romana en el Gaitán. Cáceres», *Veleia* 1 1984 233-660.

PRÓSPER (Blanca María), «El nombre de la diosa lusitana *Nabia* y el problema del betacismo en las lenguas indígenas del occidente peninsular», *Ilu* 2 1997 141-149.

RODRÍGUEZ COLMENERO (António), «Deuses da planície: *Nabia* e assimilados» in RIBEIRO (José Cardim), *Religiões da Lusitânia. Loquuntur Saxa*, Lisboa, 2002, 25-29.

SILVA (Armando Coelho Ferreira da), *A Cultura Castreja no Noroeste de Portugal*, Paços de Ferreira, 2007, 457-459: o quadro de todas as ocorrências deste teónimo.

Em <http://hdl.handle.net/10316/25934> (p. 267-268), abordam-se os problemas que devem ser encarados aquando se procede ao seu estudo.

* NABICCA

Tinha razão em apresentar sob a forma de dúvida este teónimo patente na ora bem conhecida ara de Marecos (Penafiel).

Em *Religiões da Lusitânia* (2002 371, com fotografia também na página seguinte) vem a ficha da epígrafe, que dá conta, em três faces, do sacrifício anual (neste caso, a 9 de Abril de 147 d. C.) em honra de várias divindades a que se fazem ofertas. Uma deles é, não *Nabicca*, mas *Nabia* com o epíteto de *Corona*. Valerá, pois, transcrever a tradução que aí se apresenta:

«À Excelente Virgem Protectora e Ninfa dos Danigos, *Nabia Corona*, uma vaca, um boi; a *Nabia*, um cordeiro; a *Iupiter*, um cordeiro, um vitelo; a (...) *urgus*, um pequeno cordeiro; a *Ida*, uma cornuda (cerva ou cabra). Procedeu-se aos sacrifícios para o ano e no santuário no quinto dias dos idos de Abril, sob os cônsules *Largus* e *Messalinus*, (sendo) ordenantes *Lucretius Vitulinus*, *Lucretius Sabinus* e *Postumius Peregrinus*».

Seguramente, um dos textos epigráficos de maior alcance no que concerne à religiosidade romana, onde coexistem os cultos romanos com os cultos indígenas, dando seguimento, em pleno século II, a uma tradição secular que radica na tradição pré-romana. E os ordenantes agiram aqui não a título individual mas em nome da comunidade: trata-se de um culto oficial.

* NETVS

R. Étienne e G. Fabre mantêm esta inscrição (*Fouilles de Conimbriga II*, nº 15, p. 35-36), considerando-a dedicada a Marte com o epíteto *Netoni* (em dativo), a exemplo de uma epígrafe de *Turgalium*, onde se leria *Netoni Deo*, o que parecia lhes garantir uma conotação indígena para o deus Marte. Expressamente contestam a minha opinião de o carácter votivo da epígrafe não estar «suficientemente demonstrado»:

«Nada prova estarmos em presença de uma inscrição funerária, uma vez que não há qualquer indicação de idade; por outro lado, as especificações indicadas acerca da origem dos

dedicantes sugerem, de preferência, que se terá a ver com uma inscrição solene» (p. 36, nota 128).

Mantenho, todavia, o meu parecer, até porque a citada epígrafe (perdida) que serviu de comparação (vide Julio ESTEBAN ORTEGA, *Corpus de Inscripciones Latinas de Cáceres. II. Turgalium*, Universidad de Extremadura, Cáceres, 2012, nº 727) continua a oferecer muitas dúvidas de leitura. E Julio Esteban cita a hipótese sugerida por Olivares de se ler *Netoniceo*, comparável a *Arantoniceo*, escreve Olivares, que, no que se refere à inscrição de Conímbriga, salienta (p. 40, nota 179) o seu carácter muito duvidoso.

NVMINA LAPITEARVM

Têm sido muito estudadas as inscrições do santuário de Panoias, encaradas dos mais variados pontos de vista. Chamei, em 2006, a atenção para a grande singularidade desse santuário, indicando bibliografia actualizada e referindo-me expressamente a estas divindades (vide: <http://hdl.handle.net/10316/24519>). Salientei, por outro lado, o papel ímpar do senador *Calpurnius Rufinus* que restabeleceu esses cultos, irmanando divindades romanas, mistéricas e divindades indígenas, de que estes *numina* protectores de uma etnia local, os Lapíteas, seriam um exemplo (vide: <http://hdl.handle.net/10316/24519>).

Outra é, contudo, a opinião de Amílcar Guerra («*Omnibus Numinibus et Lapitearum*: algumas reflexões sobre a nomenclatura teonímica do Ocidente peninsular», *Revista Portuguesa de Arqueologia* 5/1 2002 147-159), uma vez que, em seu entender, «na sua origem, *lapitearum* seria o qualificativo de um nome feminino e habitualmente usado no plural» (p. 157), pelo que «parece preferível admitir que no santuário de Panoias estão unicamente presentes entidades da esfera das religiões mistéricas, ainda que eventualmente associadas à natureza específica do lugar» (p. 158).

No mais recente artigo sobre o santuário (Maria João Correia SANTOS, Hugo PIRES e Orlando SOUSA, «Nuevas lecturas de las inscripciones del santuario de Panoias (Vila Real, Portugal)»,

Sylloge Epigraphica Barcinonensis XII 2014 197-224),⁴ opina-se (p. 221) que a expressão *Lapitearum* glorificaria o carácter ctónico do lugar e, por isso, «deverá ser considerada neste específico âmbito cultural, como já Guerra assinalara». Não se me afigura que essa glorificação do carácter ctónico do lugar contradiga – antes, a meu ver, acentua – a característica indígena que preconizo para os *numina Lapitearum*.

OCAERA

Em RPA 15 2012 125-126, refere-se Jorge de Alarcão a este teónimo, a propósito da designação *Aquae Ocerenses*. Dá conta da hipótese aventada por Blanca Prósper (2002, 339) de se ler *Ocaee* (o que lhe deu uma pista para considerar Ocaia o nome antigo da serra da Gardunha – *ibidem*, p. 126-130), lição que também Amílcar Guerra (in *Palaeohispanica* 3 2003108-110) já rejeitara, ao relacionar o teónimo com a (para si, verosímil) «antiga variante **Ogerensis*», donde teria derivado o nome da Serra do Gerês.

OCRIMIRA

Foto 59

Em IRCP 610, propus *Saturisca* para *cognomen* da dedicante (em vez de *Aturisca*, lido até então).

Blanca PRÓSPER, «Der althispanische Götternamen Ocrimira», *Beiträge zur Namenforschung* [neue Folge] 29/30 1994-1995 1-12. Em 2002, a autora inclui o teónimo no número das divindades de «montes, penhascos e vales», mas as considerações que tece, nas p. 195-196, não são nem peremptórias nem muito claras.

* PAISICAICVS

João Vaz (1997, 218-219) seguiu, de certo modo, a proposta que, embora mui dubitativamente, atrás (p. 257) se apresenta, vendo nesta inscrição rupestre uma dedicatória, lendo numas duas primeiras linhas o nome de um dedicante que *Paisicaicoeo* teria feito HA(n)C INS(*criptionem*), uma fórmula nada frequente.

⁴ Agradeço aos autores, nomeadamente a Hugo Pires, terem-me facultado a respectiva fotografia para esta publicação.

No decorrer do III Simpósio Ibero-Itálico de Epigrafia Rupestre, que se realizou de 3 a 5 de Abril de 1997, em Viseu, os participantes tiveram oportunidade de discutir *in loco* a leitura da epigrafe, não tendo cabido (aproveite-se o ensejo para informar, dada a polémica que Lidio Gasperini depois haveria de levantar quanto à primazia da interpretação — ver <http://hdl.handle.net/10316/12757>, nota 17, p. 91-92) a ninguém especificamente a interpretação que tenho seguido: *Paisicaicoi / hac finis* (com nexu *ini* — veja-se a foto 60), «este é o limite dos Paisicaicos». Estamos, pois, preferentemente, a meu ver, perante a *limitatio* do território dos *Paisicaici* (a terminação em *-oi* parece eco de uma desinência arcaica).

‘Númen’, por conseguinte, a eliminar do rol das divindades indígenas.

* PEINTICI

Apesar de algumas hesitações que surgem de vez em quando, esta interpretação, avalizada por Untermann, tem sido consensual. No livro sobre o castelo da Lousa — ALARCÃO (Jorge de), CARVALHO (Pedro C.) e GONÇALVES (Ana) [coord.], *Castelo da Lousa – Intervenções Arqueológicas de 1997 a 2002*, Mérida, 2010 — considera-se, a propósito do dedicante, que estamos perante, possivelmente, um «imigrante estabelecido em tempo das guerras sertorianas», «colono aventureiro fixado em área ainda insegura» (p. 32-33).

Ver também João Vaz 1997, inscrição n° 32 (p. 219-221).

PICIVS

Já atrás se referiu que *Picius* poderá ser, aqui, o epíteto de *Bande* noutras epígrafes registado: vide <http://hdl.handle.net/10316/24785> (p. 14-15) e FE 329 (<http://eda-bea.es/> n° 24 950) [Foto 62 A].

* RANNELPICIVS

Vide *Picius*.

* REMETES

A epígrafe foi estudada por R. Étienne e G. Fabre (*Fouilles de Conimbriga* II nº 18, p. 38-40). Para as linhas marteladas, onde constaria a identificação do dedicante (não é, como cheguei a sugerir, uma inscrição posterior), propõem a hipótese de *C. Ceius Eros*. No que concerne às divindades — aqui dotadas do epíteto *Aug(ustis)*, o que lhes dá uma conotação com o culto imperial — atribuem-lhes o carácter de divindades das águas, se levarmos em consideração que se trata, de facto, de uma epígrafe monumental, a colocar, eventualmente, na fachada dum balneário público. A circunstância de *Remetes* se documentar como etnonímico na Germânia levou os autores a dar à epígrafe uma importância invulgar, como sintoma da relevância que teve, em Conímbriga, «a herança religiosa céltica»:

«Em nenhum outro caso como neste documento se mede melhor a eficácia da política religiosa de Roma, que logrou não eliminar mas recuperar tais divindades, sem dúvida mal definidas mas alvo de um culto real, associando-as à exaltação da instituição e da pessoa imperiais» (p. 39).

* REVA LANGANITAECVS

Hoje, o asterisco já não tem razão de ser, porque se aceita sem objecção a existência deste epíteto em ambas as formas: *Langanitaecus* e *Langanidaecus*.

Divindade de que há mais epítetos do que o mencionado na 1ª edição desta obra, que foram alvo de bibliografia assaz abundante, de que destaco, a título de exemplo:

– VILLAR (Francisco), «*Marandicui*. Um nuevo epíteto de la divinidad lusitana *Reve*», *Beiträge zu Namenforschung* (neue folge) 29-30 1994-95 247-255; IDEM, «El teónimo *Reue* y sus epítetos. Die grösseren altkeltischen Sprachdenkmäler», *Akten des Kolloquiums Innsbruck 1993*, Innsbruck, 1995, 160-211.

– PRÓSPER (Blanca), 2002, 128-145 (no capítulo das divindades fluviais).

– SILVA (Armando Coelho Ferreira da), *A Cultura Castreja no Noroeste de Portugal*, Paços de Ferreira, 2007, 459-461: o quadro de todas as ocorrências epigráficas deste teónimo.

– PRÓSPER (Blanca) y VILLAR (Francisco), «Nueva inscripción lusitana procedente de Portalegre», *Emerita* 77/1 2009 11-13 [sobre *Reve Aharacui*].

– REDENTOR (Armando), «Testemunhos de *Reve* no Ocidente hispânico», *Palaeohispanica* 13 2013 219-235.

* RVNESIVS CESIVS

IRCP 374. Estudei o monumento no Seminário Maior de Évora, e não no Museu Regional da cidade, onde, na altura, o não lograra identificar. As dificuldades de leitura mantêm-se.

* SAVRIVM

Tem sido muito debatida desta epígrafe, atendendo, inclusive, ao facto de estar gravada numa pátera de prata e ter a representação da divindade em pose guerreira.

No catálogo *Religiões da Lusitânia*, vem, na p. 428, excelente fotografia com a legenda «fundo de prata consagrado a Marte». O comentário de J. Cardim Ribeiro ocupa toda a p. 429, optando pela seguinte «proposta interpretativa de tão controverso monumento, necessariamente também ela controversa e que ora submetemos à discussão»:

S(egomoni vel Sagato) · ARQVI(us) · CIM(ini filius) · L(ucio) · SAVR(io) · V(otum) · S(olvit) · L(ibens) · M(erito)

«A *Segomo* (ou a *Sagatus*), *Arquius*, filho de *Cimin(i)us*, por *Lucius Saurius* o voto cumpriu de bom grado e com razão».

Convenhamos que a proposta implica algum ‘malabarismo’, muito afastado da simplicidade, mais ligada ao texto e aos modelos habituais que a interpretação de Hübner, em CIL II 2373, comportava, seguida em <http://eda-bea.es/> n.º de registo 8190. Que a divindade – tenha ela a designação que tiver – detém características guerreiras prova-o a sua representação; que se trata de uma divindade indígena continua a afigurar-se-me bem provável.

TABVDICO

Na revista *Conimbriga* 35 1996 224-225, comentei o facto de a epígrafe ter a forma cilíndrica e relacionei-a com o *cognomen* do dedicante – *Viator*, o que viaja, mas também o que pode

presidir à construção de vias. A semelhança com um miliário e esse *cognomen* levaram-me a sugerir como atributo da divindade a protecção dos viajantes.

PRÓSPER 2002 344-345: afirma tratar-se de «um hidrónimo», ou seja, se bem se entende, o nome de um rio divinizado.

TAMEOBRIGVS

Não se têm levantado objecções, que eu conheça, quanto à possibilidade de o teónimo estar relacionado com o rio Tâmega divinizado.

Armando C. F. da Silva (2007, 443, nº 728) cita a epígrafe e sua abundante bibliografia.

TOGA

IRCP 611. Blanca PRÓSPER 2002 198-199: quatro epígrafes na Península Ibérica. Carácter tutelar confirmado. É certo que, em *Almae*, epíteto da divindade em Aramenha (a que se estudou nas p. 280-282), há o singular nexo *mae*; não creio, porém, que seja aceitável a leitura de Carlos Búa *Alene(n)s(i)*, a que Prósper se refere.

* TONGVS NABIAGVS

O asterisco continua a reflectir as inúmeras interpretações que esta epígrafe da Fonte do Ídolo tem merecido. De um modo geral, há uma aproximação do primeiro elemento *Tongus* da divindade *Toga*; e *Nabiagus* aponta para *Nabia*. A relação com as águas, tidas como de propriedades terapêuticas atribuíveis ao carácter divino da divindade aí representada, não sofre contestação, até pela presença da nascente; e a controvérsia gira em torno de como se há-de grafar o teónimo, se com dois elementos, se apenas com um (*Tongoenabiagoi*, em dativo); se poderemos ver aí reflexo de uma língua dita ‘lusitana’ ou não...

Na impossibilidade de enumerar todas as referências a este importante monumento epigráfico-arqueológico, citarei apenas o que se me afigura mais significativo e de que tive conhecimento:

TRANOY 1981, 283-285;

Blanca PRÓSPER, «Tongoe Nabiagoi: La lengua lusitana en la inscripción bracarense del ídolo de la fuente», *Veleia* 14 1997 163-176; IDEM, 2002, 154-166 (denso excuro de teor lingüístico);

OLIVARES PEDREÑO, 2002, 219-227 (no capítulo 'divindades masculinas de duvidosa tipologia', análise pormenorizada dos elementos constantes do conjunto monumental);

Armando C. F. SILVA, 2007, p. 444, nº 733 (com bibliografia extensa);

Ana Garrido ELENA, Ricardo MAR e Manuela MARTINS, *A Fonte do Ídolo*, nº 4 da série *Bracara Augusta – Escavações Arqueológicas*, Braga, 2008.

TREBARVNA

Nume com bibliografia mui abundante. Citam-se apenas alguns dos textos, onde, aliás, podem colher-se mais informações bibliográficas.

Francisco VILLAR, «Un elemento de la religiosidad indoeuropea: Trebaruna. Toudopalandaigae. Trebopala. Pales. Vispála», *Kalathos* 13-14 1993-1995 355-388.

Blanca PRÓSPER, «El teónimo paleohispánico Trebarune», *Veleia* 11 1994 87-196 (propõe, a dado passo, que se considere o nominativo *Trebarunis*).

Em <http://hdl.handle.net/10316/25934> (p. 268-271), abordam-se os problemas que devem ser encarados aquando se procede ao seu estudo, referindo-se, por exemplo, as diversas grafias do teónimo: *Trebaronna*, *Triborunis*...

TVERAEVS

Mantenho a opinião, já atrás indicada, de que considero esta apenas uma grafia diferente da mencionada em epigrafe proveniente do mesmo local, dedicada *Bandi Velugo Toiraeco*.

TVRIACVS

Divindade que, pela sua etimologia, tem sido alvo de bastantes considerações: veja-se Armando C. F. SILVA, 2007, p. 444, nº 736.

Corrija-se a leitura para *Turiaeus*, pois na altura me não apercebi do nexa AE, que só uma boa fotografia (nº 101) permite detectar. Trata-se, é bem de ver, de uma terminação mais consentânea com os epítetos dos teónimos indígenas.

Tranoy (1981, 278) acentua o facto de termos mais um testemunho do culto prestado também por soldados aqui em serviço a divindades indígenas; e apoia a minha opção de não haver certeza quanto à possibilidade de se tratar de uma divindade das águas.

Dado que o culto é prestado por um *miles legionis VI Victricis*, Patrick Le Roux insere a epígrafe no seu *corpus* (1982, 182-183). Chama a atenção para a antiguidade do texto, uma vez que o nome da divindade vem no final e não no início, como será de norma mais tarde, e sugere que *Silvanus*, o dedicante, poderá ser da zona oriental da Península. Na p. 353, data a epígrafe da época de Cláudio (Tranoy referira que a legião VI saíra da Península Ibérica por ocasião da crise de 69-70)

Prósper (2002, 342) segue ainda a leitura anterior e atribui ao teónimo uma derivação a partir do hidrónimo **Turya* (temos, a atravessar a cidade de Valência, o rio Turia).

TVTELA TIRIENSIS

Veja-se, em *Religiões da Lusitânia*, 2002 366, a ficha da epígrafe. A foto aí apresentada mostra com clareza ser preferível a leitura *Liriensi*. Deverá, pois, corrigir-se. O epíteto, seguramente tónico, não terá, certamente, nada a ver com a cidade de *Liria*, sita perto de *Valentia*, na Bética. Ver também J. ALARCÃO, *RPA* 11/1 2008 109; em *RPA* 7/2 2004 201, sugerira que fosse *vicus* (eventualmente *vicus Liria*) o local onde a epígrafe foi encontrada.

Rodríguez Colmenero (1997, nº 77, p. 106-107) mantém a leitura *Tiriensi* e, no que concerne aos dedicantes, afirma – correctamente – serem «escravos ou libertos» de *Pompeius*. Na ficha atrás referida, escreve-se: «Aparentemente é apresentada uma lista de dedicantes, porventura de índole servil»; e a tradução reflecte alguma perplexidade de interpretação, inclusive pela pontuação adoptada:

«À Tutela *Liriensis* (os filhos, ou os escravos) de *Pompeius*, *Clitus*, *Corinthus* (e) *Calvinus*, segundo o voto». Ou, então, «À

Tutela Liriensis, segundo o voto de *Pompeius, Clitus, Corinthus* (e) *Calvinus* (colocaram)».

Afigura-se-me muito mais singelo ler o que está na pedra: «Os Pompeus Clito, Corinto, Calvino – por voto». Ou seja, o *nomen*, que é comum, precede a identificação individual. Dado que dois detêm nomes etimologicamente gregos (*Clitus* e *Corinthus*), não me repugna optar por lhes atribuir a condição de libertos; aliás, não é invulgar que libertos do mesmo senhor se juntem para erigir altar a uma divindade que não será apenas da sua devoção, mas também da do senhor.

* VASECVS

Confirma-se: a árula está na Academia das Ciências de Lisboa, onde tive ocasião de a fotografar (Foto nº 102).

Veja-se, de José Cardim Ribeiro, o circunstanciado texto «O teónimo Vasegus» (*Conimbriga* 28 1989 121-156), onde justifica a leitura *B(ene) MER(enti) VASEGO*. Deve, portanto, corrigir-se para *G* a grafia. Relaciona *Vasegus* com *Vosegus*, teónimo na Gália, mas mantém em aberto a viabilidade de uma identificação.

Blanca Prósper, citando diversos linguistas, opta por considerar *Vasecus* ‘um hidrónimo’, ou seja, se bem se entende, o nome de um rio divinizado (2002, 344).

* VIBONIS

Já tive ocasião de referir (art. cit., 1993, 124-125) que se trata do patronímico do dedicante, *Flaccus* de seu nome. O teónimo está omissa, porque a árula se destinava a ser colocada no santuário da divindade a que era dedicada.

Veja-se, a confirmá-lo, Armando Redentor (2002, 57-59 e 231-232).

CONCLUSÕES

Publicada em 1975, *Divindades Indígenas sob o Domínio Romano em Portugal* dá conta dos resultados da investigação levada a efeito em 1968 e 1969 para a dissertação de licenciatura defendida na Faculdade de Letras de Lisboa, a 19 de Janeiro de 1970.

Nesse mesmo ano de 1975, vinha a lume, em Madrid, o *Diccionario de las Religiones Prerromanas de Hispania*, de José María Blázquez.

Estava-se, por conseguinte, no início da pesquisa sobre um tema que teria, de seguida, grande desenvolvimento, sobretudo com a realização periódica dos Colóquios sobre Línguas e Culturas Paleo-hispânicas, cujo I, em Salamanca, data justamente de Maio de 1974.

O objectivo aqui visado foi não o de se apresentar um *corpus* e o correspondente estudo epigráfico das inscrições votivas a divindades indígenas identificadas em território ora português, mas sim o de, através do 'retorno à pedra', determinar a forma como se escrevera o teónimo, a fim de, a partir desse dado concreto, se lograrem definir os seus atributos específicos.

Longo caminho se percorreu, entretanto, sempre, porém, com um pressuposto linguístico que se nos afigura válido: os nomes das divindades derivam, etimologicamente, de vocábulos com significado concreto, pertencentes ao fundo comum do indo-europeu. Novos teónimos indígenas se identificaram, no mundo romano e na Península Ibérica; de novos epítetos tivemos conhecimento; e maior relação se descobriu entre esses nomes divinos e as designações de pessoas, individualmente ou estruturadas em «organizaciones suprafamiliares», para usar uma expressão da saudosa Maria Lourdes Albertos, plasmada em publicação também de 1975. Ou seja, divindades, sim; mas em estreita ligação aos homens que nelas, um dia, pensaram e lhes deram nome.

E longo caminho há por percorrer. Aqui se fez, agora, tentativa de actualização de conhecimentos acerca do que se publicara em 1975, ou seja, há 40 anos atrás!... No desejo de que possa servir de um apoio mais para essa árdua, mas sempre deveras aliciante, caminhada!

ÍNDICE

Prefácio	9
Nota prévia	15
Introdução	17
Quadro das abreviaturas bibliográficas	21
Bibliografia por autores	25
Bibliografia das publicações periódicas e obras de conjunto	61
Dicionário das divindades:	
Abna	77 e 384
Aernus	79 e 384
Albocelus	85 e 384
Ameipicer	85 e 384
Antiscreus	88 e 384
Aponianicus Poliscinius	91 e 384
Aracus Aranius Niceus	92 e 385
Arentius:	
A) Arantius Tanginiciaecus	98 e 385
B) Arentia et Arentius	101 e 385
C) Arentius	103 e 385
D) Arentius Cronisensis	104 e 386
Arus	108 e 386
Ataegina	110 e 386
Aturrus	117 e 386
Banda:	
Considerações gerais	119 e 387
1) Banda Brialeacus	125 e 388
2) Banda Raeicus	126 e 388
3) Banda Velugus Toiraecus	128
4) Bandis Arbariaicus	129
5) Bandis Isibraia	131 e 388
6) Bandis Oilienaicus	132
7) Bandis Tatibeaicus	134
8) Bandis Vorteaecus	137 e 388
9) Bandoga	138 e 389
10) Bandua	139 e 389
Conclusões	140

Bormanicus	143 e 389
Brigus	148 e 390
Cabar	151 e 390
Caepus	153 e 390
Carneus Calanticensis	154 e 390
Carus	156 e 391
Castaecae ou Castaeci	157 e 392
Coronus	160 e 392
Coru... abe	162 e 392
Cosus Neneoecus	164 e 392
Cosunea e Fiduneae	169 e 393
Dafa	172 e 393
Densus	173 e 393
Dii Deaeque Coniumbricentium	175 e 394
Durbedicus	177 e 394
Durius	179 e 395
Endovellicus	181 e 395
Frovida	185 e 396
Genius Civitatis Baniensium	186 e 396
Genius Conimbricae	188 e 397
Genius Cor	189 e 397
Genius Depenoris	190 e 398
Genius Laquiniensis	191 e 398
Genius Tiauranceaicus	192 e 398
Genius Toncobricentium	195 e 399
Hermes Devorix	197 e 399
Igaedus	199 e 399
Ilurbeda	200 e 400
Issibaeus	203 e 400
Iuno Meirurnarum	204 e 401
Iuno Veamuaerum	205 e 401
Iupiter Assaecus	206 e 402
Laesus	209 e 403
Lares Cairieses	210 e 403
Lares Cerenaeci	211 e 403
Lares Cusicelenses	212 e 403
Lares Erredici	213 e 403
Lares Findenetici	214 e 404

Lares Findenetici	214 e 404
Lares Lubanc	216 e 404
Lares Tarmucenbaeci Oeceaici	217 e 405
Lares Turolici	219 e 405
Larisefius	220 e 405
Larocus	222 e 405
Lupianae (Nymphae)	224 e 406
Lurunis	226 e 406
Macarius	230 e 406
Mandiceus	232 e 406
Mars Borus	233 e 407
Mirobieus	235 e 408
Munis	237 e 408
Nabia	240 e 408
Nabicca	244 e 409
Netus	248 e 409
Numina Lapitearum	250 e 410
Ocaera	253 e 411
Ocrimira	255 e 411
Paisicaicus	256 e 411
Peintici ou Peinticae	257 e 412
Picius	259 e 412
Rannelpicius	260 e 412
Remetes	262 e 413
Reva Langanitaecus	263 e 413
Runesus Cesius	268 e 414
Saurium	270 e 414
Tabudicus	274 e 414
Tameobrigus	276 e 415
Toga	280 e 415
Tongus Nabiagus	282 e 415
Trebaruna	288 e 416
Tueraeus (= Banda Velugus Toiraecus)	291 e 416
Turiacus	293 e 416
Tutela Tiriensis	294 e 417
Vasecus	296 e 418
Vibonis	298 e 418

Conclusão:	
Os resultados obtidos	299
A distribuição geográfica das aras	300
Os dedicantes das lápides	301
Perspectivas da futura investigação	302
Apêndices:	
Locais onde as aras se encontraram	307
Mapa de localização	310
Localização actual das epígrafes	315
Lista dos antropónimos	321
Guia fotográfico	327
Proveniência das fotografias	378
<i>Addenda et corrigenda</i>	379
Palavras prévias	381
Obras gerais	383
Acheias para uma actualização	384
Conclusões	419
Índice	421

